

TOMO II – ANEXOS E APÊNDICE

Esta é a segunda parte da tese de autoria de Paulo César da Silva Gonçalves, 2023, cujo título é Entre ABCs, glórias, pelejas, encontros e desafios: os significados socioculturais da capoeira pela literatura de cordel encontrada em Salvador (BA). São 33 (trinta e três) obras, distribuídas entre 13 (treze) cordelistas.

Antônio Alves da Silva. O valente João Corta-braço e o negrão endiabrado.

Antonio Carlos de Oliveira Barreto. Mestre Bimba capoeira, vida e emoção.

Antonio R. da Conceição. (Bule-Bule). Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro.

Antonio R. da Conceição. (Bule-Bule). Do Pelourinho a Los Angeles Mestre Pastinha brilhou.

Antônio Vieira. A valentia justiceira de Besouro de Santo Amaro.

Antônio Vieira. A briga memorável do Capoeira com o Carroceiro por causa de uma prostituta.

Antônio Vieira. O encontro de Besouro com o valentão Doze Homens.

Franklin Maxado. O Folclore do Mestre Muritiba não morreu.

Isa da Rocha Mulatinho. Mestre Mulatinho: a Capoeira de uma vida.

Isa da Rocha Mulatinho. Capoeiragem no Recife dos Brabos.

Isa da Rocha Mulatinho. Histórias da Capoeira Pernambucana.

João Sabino Nascimento. Bahia, Eterna Bahia.

Kitute de Licinho. Grupo de Capoeira Regional Porto da Barra.

Kitute de Licinho. Capoeira do Século.

Leandro Tranquilino Pereira. De Zumbi ao G.C.A.P.

Olegário Alfredo. Capoeira que golpe é esse?

Olegário Alfredo. (Gaio). O encontro de um Angoleiro com um Regional.

Olegário Alfredo. (Gaio). Capoeira: a peleja do Mestre Cavaliere com o Mestre Gaio.

Olegário Alfredo. (Gaio). A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha.

Olegário Alfredo. (Gaio). O encontro do Mestre Pastinha com o Mestre Bimba no céu.

Renato Almeida. Capoeira em cordel e poesias em bordel.

Sérgio Bahialista. Mestre Zé do Lenço: 70 anos de ginga e sabedoria.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). O encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no céu.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). A peleja de Lampião com Besouro Mangangá.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). Mestre Camisa: 50 anos de lutas e vitórias.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). Histórias e bravuras de Besouro o valente capoeira.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). Zumbi e Bimba: símbolos da resistência afro brasileira.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). Manduca da praia: o Lendário Capoeira do Rio Antigo.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). ABC da Capoeira para crianças.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). Nascimento Grande: Um Gigante da Capoeira Pernambucana.

Victor A. Itahim Garcia (Lobisomem). A peleja de Boa voz com o Cantador Misterioso.

Zumbi Bahia; AVESTRUZ. História da capoeira no Recife.

GONÇALVES, Paulo César da Silva. Título: Entre ABCs, glórias, pelejas, encontros e desafios: os significados socioculturais da capoeira pela literatura de cordel em Salvador (BA). Tese de doutorado. 256 páginas. Doutorado em Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2023.

ANEXOS

ANTÔNIO ALVES DA SILVA

Antônio Alves da Silva veio ao mundo em um dia especial, Dia das Musas, entidades mitológicas inspiradoras dos artistas. Nascido em 7 de junho de 1928 e faleceu em 14 de agosto de 2013. Antônio Alves da Silva “extraordinário romancista, dominava todas as formas fixas do verso popular e tinha no humor seu traço mais marcante”. (HAURÉLIO, 2013). Natural do município de Mata de São João, no recôncavo baiano, nasceu de parto natural em uma casa de taipa, coberta de palha de pindoba, na Rua do Veludo, nos arredores do centro da cidade, tendo como genitores Ambrósio Prudêncio da Silva (motorneiro de bonde) e Leonor Ives do Nascimento (lavadeira).

Ficou órfão de mãe aos 5 anos e, aos 7, quase morreu afogado no rio Jacuípe, vindo a ser salvo por uma jovem veranista, da capital, evento esse que veio a ser tema do folheto intitulado: “O drama da minha vida”. Em meio a uma vida simples, Antônio só frequentou a escola até a 3ª série primária. Mudou-se para Salvador e, em consequência dos poucos recursos financeiros, não conseguiu prosseguir com os estudos, vindo a ser um autodidata.

Antônio residiu em Salvador – BA e no Rio de Janeiro – RJ, onde trabalhou ao lado do legendário Mestre Azulão, vindo a fixar-se em Feira de Santana – BA. Foi casado e teve seis filhos.

O estilo literário vindo de Portugal e acolhido na Bahia, unido às tradições populares oriundas do lugar onde nasceu, forjou o gosto do poeta, que aos 18 anos começou a escrever cordéis e tendo suas primeiras obras adquiridas pelo poeta alagoano radicado em Salvador – BA, Rodolfo Coelho Cavalcante.

Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/11/25/poeta-antonio-alves-da-silva-sintese-biografica/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

CORDEL EM DESTAQUE:

O valente João Corta-braço e o negrão endiabrado

AUTOR:
ANTONIO ALVES DA SILVA

O VALENTE JOÃO CORTA-BRAÇO
E O NEGRÃO ENDIABRADO



NUCLEO DE PESQUISA
E CULTURA DA LITERATURA DE CORDEL

Caros admiradores
Desta minha curta lida
Vou despertar minha musa
Que estava sucumbida
Nos labirintos ocultos
Da laboriosa vida.

Nossa passagem na Terra
Tão depressa se desfaz,
Pois o relógio do tempo
Não dá volta para trás.
As coisas que já passaram
Por certo não voltam mais.

Mas enquanto vive, o homem
Nesta vida transitória
Ama, sofre, luta e vence,
Chega no porto da glória
Deixando seu nome escrito
No panteão da história.

Vou apresentar em versos
Sem ter nenhum embaraço
A estória de um moço
Que tinha o peito de aço
Natural de Salvador,
Chamado João Corta-Braço.

Este rapaz era filho
De gente muito bacana!
Porém ele só vivia
Nos bares tomando cana,
Era desses que brigavam
Sete dias por semana...

Por morar no Corta-Braço
Lhe puseram este apelido.
Brigava com a polícia
Andava sempre escondido
Deixou muito pai chorando
Muita mulher sem marido...

Nesse tempo a Liberdade
Era lugar sem futuro...
Não havia calçamento
E em cada beco escuro
Só se via crime e roubo
E namoro em pé de muro.

De noite no Corta-Braço
Só valentão ia lá!
O couro comia solto
No Alto do Canzuá
Com jogo de dominó,
Vinte e um e bacará.

No Canzuá existia
Negro bom na capoeira!
Me lembro bem de Nagé
Moleque bom na madeira
Valdemar e outros mais
Que brincavam na Ribeira.

Nos batuques de Mãe Preta
No Alto do Curuzu,
Cabra com pinta de brabo
Que fazia sururu,
Chegava lá bem vestido
Voltava correndo nu...

João Corta-Braço chegava
Lá no Mercado Modelo
Comia sem ter dinheiro
Pegava um fio de cabelo
No fim botava no prato,
E fazia um desmantelo.

A velha Feira do Sete
Também ainda existia
E em Água de Menino
Tinha feira todo o dia,
No Cais Dourado e na Rampa
O couro solto comia...

Os Poetas de Cordel
Eram atração constante
Lá na Praça Cairu,
Cada qual o mais vibrante!
Me recordo de Cuica
E Rodolfo Cavalcante.

João Corta-Braço vagava
Por todos estes lugares.
Do Elevador Lacerda
Até o Largo dos Mares
Qual uma águia valente
Flutuando pelos ares.

No Posto da Liberdade
Havia um tal Cabo Lanha
Que andava com um praça
De nome Zé Fura-Banha,
Era desses que na luta
Tanto bate como apanha!...

Cabo Lanha tinha fama
De brabão e caceteiro.
Quando prendia um sujeito
Dava uma pisa primeiro
Depois esfregava urtiga
Na porta do fogareiro.

O cabra saía doido
Com os fundilhos ardendo
Desvairado pelas ruas
Bem alto se maldizendo...
Tem deles, que só de medo
Hoje ainda está correndo!

Cabo Lanha com seu coito
Quando chegava num samba
Bagunçava o ambiente,
Metia os pés na moamba,
E deixava todo mundo
Dançando na corda bamba.

Depois de comerem muito
E se encherem de pinga
O Cabo Lanha na sala
Tirava a tampa do binga
Tomava pó e espirrava
Bem na boca da moringa.

Fazia o povo beber
A tal água catarrenta.
Se via negro engulhando
Aquela água nojenta,
E Cabo Lanha empurrando
Pela boca e pela venta.

Zé Fura-Banha dizia:
O samba está de colher!
Homem vai dançar com homem
Mulher dança com mulher
Sem parar a noite toda...
Cai no pau quem não quiser.

Para não entrar na pela
Macho com macho dançava,
Cada negrão com o outro
Na sala se agarrava
E Cabo Lanha num canto
Sorria que se acabava.

Meia noite tinha gente
Com os suvacos fedendo
Quando suspendia os braços
Subia um mau cheiro horrendo
Se gambá chegasse ali,
Fugia doido correndo...

Só às cinco da manhã
Davam por fim o pagode
Os cabras saíam tontos
Dizendo: briga quem pode...
Enquanto outros gritavam:
Eta catinga de bode!...

Porém este mundo gira.
Quando um perde o outro ganha
E foi assim que deu zebra
No jogo de Cabo Lanha,
E ele quase se lasca...
Com o tal Fura-Banha.

Irei falar no rapaz
Que tinha o peito de aço
E nas lutas desta vida
Nunca topou embaraço
Conhecido na estória
Como João Corta-Braço.

Ele tinha um grande amigo
De nome Antônio Foguete
Que derrubava dez homens
Somente com um soquete!
Para ele, brigar era
Mesmo que tomar sorvete.

Eles quando se juntavam
Em nada faziam fé
Faziam pau no Terreiro
Depois na Praça da Sé
Jogavam negro no tacho
Da negra do acarajé.

Um dia, João arranjou
Uma bela namorada
Que tinha olhos azuis
Boca de flor perfumada,
Se parecia com Vênus!
Ao romper da madrugada...

Se chamava Carolina
Vivia do seu emprego.
João Corta-Braço também
Resolveu ter um sossêgo
Deixou a vida de brigas
Só por causa do chamego.

Tornou-se homem direito
Começou a trabalhar
De noite estudava sempre
Só a fim de se casar,
Mas antes de vir a sorte
Primeiro vem o azar.

Na rua do Corta-Braço
Esta moça residia
E quando fez vinte anos
Promoveu grande folia
A fim de comemorar
Aquele bendito dia.

Convidou muitos amigos
E de noite, no banquete
João Corta-Braço levou
O amigo Antônio Foguete
Dizendo: Quem bagunçar
A gente mete o cacete...

Tarde da noite, o pagode
Estava muito animado.
E João dançava feliz
Com sua noiva de lado.
Também Antônio Foguete
Com outra estava grudado.

Neste momento, surgiu
Uma confusão danada.
De lá de fora gritaram:
Debanda rapaziada...
Que lá vem o Cabo Lanha
Com sua corja malvada.

Quando deram este aviso
Houve grande confusão.
Os convidados da festa
Corriam sem direção
Uns se batiam nos outros,
Caía o rolo no chão.

Nisto Cabo Lanha entrou
No salão com seus soldados.
Nesse medonho alvoroço
O resto dos convidados
Espirram como ratos
Dali por todos os lados.

Só dois casais no salão
Não correram do perigo.
Foi ele João Corta-Braço
Junto com o seu amigo
O tal Antônio Foguete
Que nunca temeu castigo.

A noiva de João coitada
Pegou a se lastimar
Mas ele disse: meu bem
Não é preciso chorar.
Olhe que você agora é noiva
Vai ver a cobra fumar.

Nisto Cabo Lanha deu
Um berro feito leão
Dizendo: me tragam logo
Mulher, bebida e pirão
Para mim e meus soldados,
Ou jogo tudo no chão.

E olhando para João
Ao lado do companheiro
Perguntou: Por que vocês
Não deram no pé ligeiro?
Disse João: porque pretendo
Lhe dar uns tapas primeiro...

Há muito tempo que ouço
Falar num tal Cabo Lanha
Que só briga com mulher
Junto de outro meganha
Que também não é de nada...
Chamado Zé Fura-Banha.

Me chamo João Corta Braço
Brigo de toda maneira.
No punhal ou no supapo,
Na cabeçada e rasteira,
Tiro facão ou cacete,
Luta livre ou capoeira.

E o meu amigo aqui
Se chama Antônio Foguete.
Tanto sangra de peixeira,
Como mata de cacete,
Com um tiro longo, acerta
A cabeça dum alfinete...

Estamos às suas ordens
Para o que der e vier...
Tens tudo que exigiu
Pirão, bebida e mulher,
Se o cabo tem coragem
Eis a faca e a colher.

Antônio Foguete disse:
Não suporto desaforo...
De repente meu revólver
Vai lhe mandar um besouro,
Só atiro na cabeça
Para não perder o couro...

Cabo Lanha ficou mudo
Que só um pinto de gogo
Ouvindo isto exclamou:
Vai dar zebra neste jogo...
Mas eu faço treze pontos
Ou me queimo neste fogo.

Chamou o Zé Fura-Banha
Para ir em seu socorro
Mas este lhe disse: Cabo
Eu indo lá sei que morro...
Se barulho fosse bom
Não sobrava pra cachorro.

Cadê sua valentia?
Lhe perguntou Cabo Lanha.
Me diga por que você
Se chama Zé Fura-Banha?
E só vive no quartel
Contando tanta façanha...

Zé Fura-Banha lhe disse:
Muita gente lá se engana...
Eu peguei este apelido
Lá em Feira de Santana
Só porque matava porco
Em todo fim de semana.

Quando me vi apertado
Abandonei o sertão
Aqui entrei na Polícia
Só para ganhar o pão.
Por causa disso, ganhei
A fama de valentão.

Hoje me vi apertado
Que só um pinto no ovo
Vou dar baixa da Polícia
E regressar com meu povo
Para Feira de Santana,
E matar porco de novo.

Ó cabra frouxo danado!...
Cabo Lanha disse assim:
E chamou outro soldado
Dizendo: Vem, Serafim.
Mas ele disse: Só jegue
Espera tempo ruim...

Cabo Lanha chamou outro
Um tal Gil Acaba-Festa
Para prender os rapazes
Mas este franziu a testa
E disse: não vou lá não...
Homem que briga não presta.

O Cabo Lanha insistiu
E chamou Pedro Jacu
Para topar os dois homens
Mas ele disse: Vai tu...
Porque em festa de pombo
Ninguém convida urubu.

Cabo Lanha foi chamando
Os soldados um a um
Mas todos se recusavam
Entrar no ziriguidum.
No fim sobrou um negrão
Mais preto do que anum.

Media quase dois metros
Parecia um chimpanze.
Sua cabeça era grande
Na forma duma coité,
Tinha um metro em cada braço
Dois palmos em cada pé!

Ninguém nunca tinha visto
Este negro no quartel,
Que do próprio Satanás
Era uma cópia fiel...
E vestiu-se de soldado,
Mas era um monstro cruel.

Cabo Lanha chamou ele,
Ali o negrão sorriu.
Tanto que o Cabo disse:
Do inferno este saiu!...
Se não for ele o Capeta
Satanás nunca existiu...

Cabo Lanha disse: Negro
A parada vai ser dura...
Ele respondeu: Que nada!
Lutar comigo é loucura...
Eu tenho um punhal de fogo
Tanto queima como fura.

Vamos pegár os dois homens:
O Cabo falou baixinho,
Mas o negro disse: Deixe
Que eu pego os dois sozinho
Pois não gosto de deixar
Serviço em meio de caminho.

O negrão dizendo isto
Partiu feito uma pantera
Pegou Antônio Foguete
Dizendo: Você já era!...
João Corta-Braço por trás
Agarrou a besta fera.

Antonio Foguete disse:
Negro da cor de urubu,
Eu rasgo a tua barriga
Puxo o bofe e como cru...
Se você é onça brava
Eu sou tigre canguçu...

Aí meteu-lhe o punhal
Para descobrir o fato
Mas o negrão dava pulos
Passando lição no gato!
O rapaz também saltava
Feito macaco no mato.

Dizia o negro na luta;
Eu levo vocês agora...
Porém o João Corta-Braço
Na parede fez escora
Meteu o punhal no negro,
O pedaço voou fora!

Ali os três se trançaram
Numa luta carnicreira
Quebrando tudo da casa,
Mesa, fogão cristaleira,
O Cabo Lanha lá fora
De medo deu tremedeira.

O negrão lançava fogo
pior do que maçarico!
Quebraram prato e panela
Do bule largou o bico
Dos objetos da casa
Ficou inteiro um penico.

João aí meteu-lhe o ferro
Dizendo: Negro eu lhe acabo.
Cortou a calça do negro
Mostrando a ponta do rabo
O moço aí conheceu
Que o negro era o Diabo.

Antônio Foguete disse:
O que é que a gente faz?
Se existe Deus no Céu
Como falavam meus pais
Este negrão na verdade
Só pode ser Satanás...

O negrão mandou um soco
Jogou o rapaz no chão
E partiu para cravar
As unhas no coração,
Porém João gritou: Oh, Deus
Vem nos dar a salvação...

Pelo sangue que teu filho
derramou por nós na cruz
Vem nos livrar deste monstro
Enviando a tua luz...
Pois o satanás não pode
Combater contra Jesus.

Disse o negrão: Desse jeito
Não posso ser cabra macho...
Quando eu vencia a luta
Vocês vêm com cambalacho
Chamando por esse homem
Tudo foi por água abaixo...

Ao dizer estas palavras
De raiva o negrão gemeu
Deu um estouro tão grande
Que a casa estremeceu,
Feito um rolo de fumaça
Dali desapareceu...

Antônio Foguete disse:
Saltamos uma fogueira!...
Nunca mais quero saber
De briga nem bebedeira...
João Corta-Braço falou:
E eu da mesma maneira...

Cabo Lanha correu doido
Com esse acontecimento
Deixou de ser valentão
Foi promovido a sargento
Morreu já bastante velho
Sem ser mau nem violento.

O tal Antônio Foguete
Que era ateu declarado
Começou a crer em Deus
Depois do caso passado
Casou-se com linda jovem
Foi viver em outro estado.

João Corta-Braço também
Casou-se com Carolina
Se mandou do Corta-Braço
Foi morar em Amaralina.
Quem quiser seu endereço
Venha que o poeta ensina.

O enredo dessa estória
É uma invenção fugaz
Porém alguns personagens
Viveram anos atrás.
Alguns lugares existem,
Outros não existem mais.

Veio o progresso e trouxe
O nosso velho Mercado,
Depois Água de Meninos
Sem falar no Cais Dourado.
Resta somente na alma
A lembrança do passado...

FIM

ANTONIO BARRETO

Antonio Carlos de Oliveira Barreto, conhecido artisticamente como **Antonio Barreto**, nasceu em 10 de julho de 1955 na fazenda Boa Vista, Santa Bárbara-BA e reside em Salvador desde 1975. Ainda criança, ali no sertão baiano, teve o privilégio de conviver com as mais variadas formas de manifestações populares.

Professor, poeta e cordelista com vários trabalhos publicados em jornais, revistas e antologias. Publicou dois livros de poesia: **“Uns versus Outros e Flores de Umburana”**, fez a adaptação do conto de Machado de Assis **“A Cartomante”** para o cordel, pela editora Nova Alexandria, além da publicação de quatro cordéis ilustrados: **“O cravo brigou com a Rosa”**, **“Atirei o pau no gato”**, **“Pai Francisco entrou na roda”**.

Já publicou mais de 200 folhetos de cordel, com destaque para dois cordéis intitulados: **“O caipira e a delegada”**, publicado pela editora Luzeiro e **“Big Brother Brasil um programa imbecil”** (pela Editora Vento Leste), tendo grande repercussão no país inteiro. Escreveu pelepas com os poetas-amigos, Franklin Maxado, Jotacê Freitas, Bule-Bule, Creusa Meira, José Walter Pires, Elton Magalhães, Pilô Pires, Carlos Joel e Gilmar Cláudia.

Em agosto de 2016, Antonio Barreto publicou **“Literatura Brasileira em Cordel”**, que é um resumo de todas as escolas literárias no Brasil, pelo “Selo Editorial Castro Alves”, projeto do vereador Everaldo Augusto.

De forma inédita, já que no Brasil até então ninguém houvera escrito cordel para colorir, Barreto publicou em 2017 **“Forró dos Animais – cordel para colorir”**, um cordel lúdico, ilustrado por Valdério Costa, em que as crianças além lerem o texto interagem com a história mostrando sua criatividade através do lápis de cor.

Os temas abordados no cordel de Antonio Barreto são: crítica social, educação, futebol, humor, biografias, espiritualidade e cultura popular.

Faz palestras, recitais e oficinas nas escolas, universidades e outras instituições, além de participar de colóquios, seminários, congressos e festivais de poesia e cultura pelo mundo afora, tendo participado de eventos culturais na França, Colômbia, Uruguai e Paraguai.

Ver mais obre o autor em: www.barretocordel.blogspot.com

Contatos: (71) 3329-3237 - (71) 99196-4588 abarretocordel@hotmail.com

Contato pelo facebook: **Antonio Barreto Cordel**.

CORDEL EM DESTAQUE:

Mestre Bimba capoeira, vida e emoção.



Antonio Carlos de Oliveira Barreto, natural de Santa Bárbara-Ba., reside em Salvador. Professor, poeta e cordelista, com mais de 150 folhetos de Cordel publicados.

Contato para oficinas, palestras e recitais:

E-mail: abarretocordel@hotmail.com

Telefone: 3329-3237 - 99196-4588

Literatura de Cordel

MESTRE BIMBA

capoeira, vida e emoção



Antonio Carlos de Oliveira Barreto
2ª edição

Edições Akadicadikum

Um pouco da capoeira
Agora vou lhe contar
Nesses versos de cordel
Da cultura popular
Então preste atenção
Se quiser pode anotar.

A mão de obra africana
Processo mais que brutal
Instalou-se no Brasil
Através de Portugal
De uma forma desumana
Pela força imperial.

É no século XVI
Que essa arte então decola
Através dos africanos
Que chegavam de Angola
E mais tarde a capoeira
Se transforma numa escola.

Nos engenhos de açúcar
Surge essa tradição
Misturando dança e música
Com muita descontração.
Era assim que os escravos
Buscavam sua proteção.

E além de proteção
A capoeira trazia
Benefícios a saúde
Ou seja, uma terapia
Ao estresse do trabalho
Que o escravo exercia.

Essa arte marcial
Era disfarçada em dança
Que a princípio era vista
Com muita desconfiança
Mas aos poucos foi ganhando
Muito crédito e confiança.

Essas lutas ocorriam
Dentro do "capoeirão"
Eram terrenos baldios
Ao lado da plantação.
Daí a origem do nome
Capoeira deste então.

Até o ano de trinta (1930)
A prática era proibida.
A polícia repressora
Fazia sempre batida
Para afastar os escravos
Dessa arte tão luzida.

Eis que surge Mestre Bimba
Manuel dos Reis Machado
Capoeirista baiano
Que merece ser louvado
Pela sua competência
Pelo seu grande legado.

Justo em 1900
Na capital da Bahia
Engenho Velho de Brotas
Nosso mestre então nascia
Em 23 de novembro
Para nos dar alegria.

Cidadão filho de escravos
Jamais esteve sozinho.
Com doze anos de idade
Era aluno de Bentinho
Seu mestre de capoeira
A lhe indicar o caminho.

Bimba nunca teve estudo
De escola ou academia
Mas brilhava em sua arte
Com beleza e maestria:
Um "Doutor Honoris Causa"
Que honrou nossa Bahia.

Dedicado e inteligente
Na luta de capoeira
Percebeu que a inovação
Era a sua companheira
Daí pôde transformar
Essa arte brasileira.

Consciente em seu labor
Tornou seu sonho real
E impediu que capoeira
Fosse arte marginal
Pois na época era crime
Em nosso código penal.

Mestre Bimba muito atento
Bela atitude tomou:
De pronto a Getúlio Vargas
A capoeira mostrou
E o presidente então
No ato se apaixonou !

O Presidente Getúlio
Logo deu o seu aval
Transformando a capoeira
Em esporte nacional
Patrimônio valioso
De tradição cultural.

Foi pensando em mudança
Que mestre Bimba brilhou
Adaptando outras técnicas
Logo, logo ele criou
O estilo Regional
Que a todos encantou.

Ele, atento, enxergou
Além do convencional
Sistematizando então
A famosa Regional
Um tipo de capoeira
De fama internacional.

Mestre Bimba ganhou fama
No Brasil e além-mar.
Foi documentado por
Luiz Fernando Goulart
Com um filme que exalta
A obra desse avatar.

Havia código de ética
Para todo o aspirante
Pois na sua Academia
Precisava o estudante
De autorização dos pais
Pra poder ir adiante.

O grande mestre prossegue
Com esforço e disciplina
Atraindo até pessoas
Na área de Medicina,
Intelectuais, artistas
Ensinando a sua doutrina.

Bimba jamais excluiu
O povo da sua cor
Sempre fora generoso
Homem mais que acolhedor
Admirado e querido
Por todos de Salvador.

No dizer dos seus alunos
Que é longa a sua lista
Mestre Bimba não foi só
Um simples capoeirista:
Pai, amigo, educador
Um baiano futurista.

Quando Bimba aprimorou
O seu grande aprendizado
Ao Palácio do Governo
O seu método foi levado
A Juracy Magalhães
Que aprovou o seu legado.

Foi então que Juracy
O interventor baiano
Permitiu que mestre Bimba
Levasse avante o seu plano
De ensinar a capoeira
Livre de censura e dano.

O espírito criador
Desse mestre altaneiro
Permitiu que a capoeira
Seguisse outro roteiro
Pois seu método inovador
De todos foi o primeiro.

Dessa forma mestre Bimba
Facilmente atraía
Para serem seus discípulos
Com grandeza e maestria
Doutores e gente simples
Da capital da Bahia.

Sabemos que a capoeira
É uma arte eficaz
Única modalidade
Diferente das demais
Pois tem acompanhamento
De instrumentos musicais.

Tem o toque do pandeiro
Tem o som do berimbau
As cantigas ritmadas
Como se fosse um sarau
E as faixas multicores
Que dependem do degrau.

Existe muita polêmica
Em torno da capoeira
Porque nosso Mestre Bimba
Levantou sua bandeira
Com muitas inovações
Nessa arte prazenteira.

Na cidade de Goiânia
Em 05 de fevereiro (1974)
Despediu-se dessa vida
Nosso mestre altaneiro
Manuel dos Reis Machado
Da capoeira um guerreiro.

Barreto aqui permanece
Sentado na escrivaninha
Para dar prosseguimento
Seguindo essa mesma linha
Pra falar de outro mestre:
O grandioso Pastinha !

FIM

Salvador, agosto 2011

ANTÔNIO VIEIRA

Antônio Vieira, baiano de Santo Amaro da Purificação, é compositor, poeta e cordelista. Seu trabalho denominado “O Cordel Remoçado”, une música e literatura popular numa linguagem simples e contemporânea. Suas histórias e seus personagens retratam a forma de viver criativa e peculiar do povo brasileiro, tendo o seu foco na cultura nordestina. Nas suas andanças pelo Brasil o artista foi catalogando diversas histórias, contos e causos cujos ele presenciou e vários que lhes foram relatados. Da sua juventude na terra dos canaviais e do bonde, o cordelista traz preciosas vivências que transformou em versos trágicos, engraçados e surpreendentes.

O trabalho do cordelista Antônio Vieira é conhecido em diversos países, principalmente nos de língua portuguesa e dentre estes, em especial, Portugal – onde foi convidado pela companhia de teatro Cena Lusófona, no ano de 2004, para fazer apresentações e publicar um de seus livretos, o cordel “Popó do Maculelê de Santo Amaro”.

Em Salvador, na Bahia, onde reside, o autor já lançou dois livros – O Cordel Remoçado: histórias que o povo conta/volumes 1 e 2 –, dezenas de livretos de cordel, gravou o Cd “O Cordel remoçado”, gravou um especial para a TVE-Bahia com entrevista e performance do show “O Cordel Remoçado”; além de participar de programas televisivos voltados para a cultura popular e entrevistas para diversos meios de comunicação impressos e virtuais.

Em 2004, o cordelista consolidou a importância do seu trabalho ao ser convidado e diplomado como membro efetivo da Academia de Cultura da Bahia, assumindo assim uma cátedra nesta importante instituição que reúne personalidades de notório significado para a discussão acerca da cultura no Estado da Bahia.

Outro ponto que marca o trabalho deste cordelista, são suas constantes intervenções nas universidades, escolas e instituições ligadas a cultura do Estado da Bahia e do Brasil, participando de discussões, palestras e ministrando cursos; todos circundando o enfoque histórico-social do cordel e sua importância para a formação dos indivíduos.

Disponível em: <https://poemia.wordpress.com/2008/09/29/sobre-antonio-vieira/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORDÉIS EM DESTAQUE:

A valentia justiceira de Besouro de Santo Amaro.

A briga memorável do Capoeira com o Carroceiro por causa de uma prostituta.

O encontro de Besouro com o valentão Doze Homens.

Antonio Vieira

E o pior disso tudo
É que na atualidade
Se comentem os mesmos crimes
Em nome da liberdade
Quando, no fundo, no fundo
Os poderosos do mundo
Querem ouro e autoridade

Luiz Gonzaga das Virgens
João de Deus do Nascimento
O soldado Lucas Dantas
Os mártires do movimento
Todos saídos do povo
Manoelzinho era o mais novo
Sofreram esartejamento

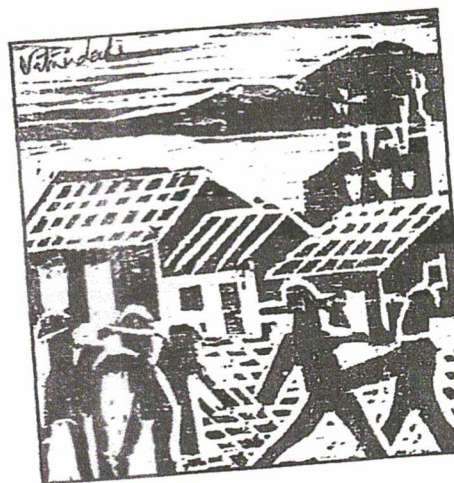
A liberdade é um bem
Natural como é a vida
Tentar tirá-la do homem
Ou coisa mais descabida!
Não se pode cerceá-la
Impedi-la, sufocá-la
O homem por ela briga

Viva Manoel Faustino
Insurreto contra o rei
Eta menino danado!
Inteligente, cortez
República existe, hoje
A base, ele quem fez.

Literatura de cordel

A VALENTIA JUSTICEIRA
DE BESCOURO DE
SANTO AMARO

Autor: Antônio Vieira



Abril de 2003

Aos Leitores

Besouro foi valente e só o mataram à traição... Ele lutava contra os barões, condes, viscondes, marqueses que eram e são os donos dos engenhos, dos campos verdes de cana, que estabeleciam as tabelas de fretes para os saveiros e canoas, ele invadia os engenhos, tirava um pouco do que era deles e dividia pelas viúvas, pelas crianças cujos pais morreram no mar. Os barões, viscondes, marqueses e condes faziam discursos no Parlamento, conversavam com D. Pedro II, bebiam vinhos caros, defloravam escravas, surravam negros, tratavam os saveiros e canoeiros como criados. Mas de Besouro tinham medo, era o diabo para eles, nome que não gostavam de ouvir. Botaram polícia, botaram homens e mais homens contra ele. E não puderam com Besouro porque não havia mulher no cais, no rio, nas cidades do Recôncavo que não pedisse por ele a Iemanjá. E não havia saveiro, não havia canoa e batelão que não lhe desse guarida. Tremiam os barões, tremiam os viscondes de Santo Amaro, pediam por Deus a Besouro que poupasse suas terras e por isso foram poupadas algumas negras, alguns negros, alguns marítimos. Porque os senhores tinham medo de Besouro.

Santo Amaro é a terra de Besouro. Não importa que aqui tivessem nascido nobres do Império, senhores de escravos inúmeros, não importa, marinheiros. Aqui nasceu Besouro, o homem do mar mais valente que já navegou nessas águas. Barões, condes, viscondes, marqueses dormem junto às ruínas dos castelos feudais em túmulos fechados que o tempo vai comendo. Mas Besouro brilha no céu, é uma estrela, derrama sua luz sobre o saveiro de Guma que parte rápido em busca de Lívia. Um dia Besouro voltará, marítimos de todo o mundo, então todas as noites serão para o amor, haverá novas canções no cais e no coração das mulheres.

Texto extraído do livro Mar Morto Jorge Amado (Pgs. 114/115)

Eu disse que a liberdade
É um bem como é a vida
Tentar tirá-la do homem
É uma coisa descabida
Não se pode cerceá-la,
Impedi-la, sufocá-la
O homem por ela briga.

Liberdade

Disse também que a história
É uma mestra sem igual
Sobretudo quando ela
Retrata o original
Sem tendências para um lado
Sem ajustes e agrados
Quando é imparcial

É comum a quem escreve
A história oficial
Exaltar a quem domina
Ainda que seja mau
E excluir de seu todo
Alguém saído do povo
Mesmo um excepcional

Há quem ou
do poder
preconceito
por...

Outro erro clamoroso
Cometido pela história
É denegrir a imagem
Daquele que está por fora
Da panela que domina
Que dá as cartas, assina
Entra nela a toda hora

Antonio Vieira

Esse fato é lastimável
Diria até: um estorvo
Mesmo tendo consciência
De não ser um fato novo
É uma agressão brutal
Daí caráter oficial
À revelia do povo

A reação natural
Contra esse tipo de abuso
Vem em forma de apatia
O povo alheio, confuso
O anti-herói, o contraste
Vira Pedro malazarte
Um malandro, absurdo

É importante lembrar
Que a história oficial
Também sofre influência
Do código mor de moral
Do objetivo e da meta
Predominante na época
Considerado normal

Aí quem não se enquadra
No pré-estabelecido
É posto à margem da lei
É preso ou perseguido
O dominante o escorraça
A história o descarta
Mesmo que tenha existido

Histórias que o povo conta

Muitos fatos importantes
Tem se perdido ao léu
Em função de nossa história
Não cumprir o seu papel
De registrar só o fato
Inda bem que esse ato
Faz a trova de cordel

Não fosse isso eu não sei
Como seria, então
Que a maioria do povo
Sobretudo do sertão
Tomaria conhecimento,
De pessoas e eventos
De pouca divulgação

A imagem do herói
No conceito popular
É diferente daquela
Que a elite quer passar
O ante-herói é pro povo
A esperança, algo novo
Porque é seu similar

Não é o caso daqueles
Que viveram sempre em cima
E de repente a história
Seus atos super-estima
Tornando-os grandes heróis
Endeusados, super-boys
Cantado em versos e rima

Memória
&
registros

Inferno
pelo cordel

O ante-herói
é similar a
povo.

Antonio Vieira

E o povo que não sabe
Ou melhor, é induzido
A aceitar o pacote
O prato que lhe é servido
Se limita a bater palma
Mesmo que, na sua alma
Desabone o indivíduo

Foi preciso dizer isso
Definir bem a história
Para que nosso leitor
Clareie bem a memória
Faça a sua seleção
Diante da indução
Vinda em sua trajetória

No início, da República
Depois da abolição
Toda a cultura negra
Foi vista com restrição
Como prática grosseira
Candomblé e Capoeira
Viraram contravenção

A justiça proibiu
O liberto de jogar
A Capoeira, na rua
Sob pena de mandar
Prender o capoeirista
Embora ele fosse artista
Acrobata popular

Histórias que o povo conta

E como o Candomblé
Não tinha pernada e jinga
Juntou-se à Capoeira:
"Me defenda e Mãe, ensina!"
A reza, pra proteger
Fazer patuá Malê
Corpo fechado, mandinga

A mandinga que Besouro
Aprendeu de mestre Alípio
Que lhe livrou muitas vezes
De balas e precipícios
Usados por inimigos
Todos por terra, caídos
Sem concluírem o serviço

Contam que Manoel Henrique
Quando estava a lutar
Contra muitos inimigos
Que queriam lhe pegar
Dava um nega no seu corpo
Se transformava, num sopro
No besouro mangangá

Assim desaparecia
Mesmo o inimigo olhando
Contudo a ele não via
Já estava em outro plano
E ele assim disfarçado
Saía ileso, alado...
Por cima deles, voando

Antonio Vieira

– Eu cheguei a implorar,
Pedir desculpas ao moço
Ele me disse: - rapaz!
O seu já botei no bolso:
Chamei, não me respondeu
Por isso, você perdeu
Todo trabalho e esforço!”

Besouro ao ouvir aquilo
Na mesma hora traçou
Um plano pra receber
A grana do lavrador
Pega o facão e se manda
Vai para o corte de cana
Onde o outro trabalhou

Na hora de receber
O dinheiro que ganhou
Ao ouvir chamar seu nome
De propósito, calou
Esperou por um instante
Só depois, mais adiante
Ele se pronunciou

Dirigiu-se ao gerente
Dizendo: - estou aqui!”
O gerente respondeu:
– O seu não vai mais sair.
Você passou foi batido,
Devia ter respondido
Na hora que eu pedi!

Histórias que o povo conta

Mal ele fechou a boca
O facão tava na goela
A outra mão de Besouro
Segurou sua lapela
Besouro o arrastou
Pro escritório e cobrou
Gritando como uma fera:

– Sujeito, eu fiz de propósito
Não respondi o chamado
Somente pra conferir
O que me tinham falado
Agora eu acredito
No que me haviam dito
Você é mesmo safado!

– Vá tratando de me dar
O meu dinheiro, contado
Quero receber, também
Aquele que não foi pago
A um companheiro meu
Que também, não respondeu,
Na hora que foi chamado!

E o gerente, que estava
Por Besouro, sufocado
Pedi com dificuldade:
– Me solta que eu lhe pago!
Quando Besouro o soltou
Ele, fundo, respirou
Abriu o cofre, apressado

Antonio Vieira

Isso ele fez muitas vezes
No cais, na rua, na usina
Mas somente ele sabia
O porquê de sua sina
Na verdade aquilo era
Muita fé no que fizera
Reza, oração, mandinga

Dessa forma ele enfrentava
Quem lhe fizesse agressão
Capoeiras, delegados
Polícia e valentão
Metia o facão pra dentro
Dava pernada em sargento
Batia até em patrão

Aquele que o destratasse
Ou viesse com besteira
Pensando encontrar um mole
Enquadrá-lo com carteira
Entrava na taca, cedo
Besouro não tinha medo
Enfrentava até peixeira

Contudo, por outro lado
Era um sujeito humano
Tinha compaixão do pobre
Só detestava o tirano
Admirava criança
Adorava encher-lhe a pança
Queria vê-la brincando

Histórias que o povo conta

Dizem que em Maracangalha
Na festa da padroeira
Mandava que as crianças
Procurassem as doceiras
Comessem doce a valer
Depois viessem dizer
Quanto foi a brincadeira

E ele pagava tudo
Não deixava pendurado
Contudo, tinha um detalhe
Isso deve ser contado
Se as doceiras engrossassem
E as crianças, maltratassem
Ele ficava zangado

Uma coisa que o deixava
Muito furo com a polícia
Era vê-la praticar
Qualquer tipo de injustiça
Aí ele entrava duro
Pontapé, facão e murro
Usava sua malícia

Um lavrador, certo dia
Lhe disse: - fui enganado,
Cortei cana, na usina
Mas não fui remunerado
Quando chamaram meu nome
Não respondi ao homem
Meu salário não foi pago!"

Antonio Vieira

Aí, pegou o dinheiro
Que já estava contado
E entregou a Besouro
Dois pacotes, amarrados
Besouro o trancou na sala
Dizendo: - você me paga,
Cabra ladrão, descarado!...

Desse dia em diante
O gerente espertalhão
Pagava ao trabalhador
Sem lhe roubar um tostão
Mesmo quem não respondia
Na chamada ele insistia
Até lhe dar seu quinhão

Um dia, um cidadão
Chegou em um armazém
Comprou açúcar, farinha
Macarrão, milho, xerém
E fez com isso uma carga
Capaz de ser embarcada
Num caminhão ou num trem

Mas pra surpresa de todos
Testemunhas do absurdo
O sujeito carregou
Tudo num lombo de um burro
Esse, quando recebeu
O peso todo, cedeu
Escanchou-se e deu um urro

Histórias que o povo conta

O dono do animal
Não teve o que fazer
Vendo o burro caído
Sem condições de se erguer
Pegou uma taca trançada
Fazendo muita zoadá
Se pôs, no burro, a bater

Deu-lhe muitas chicotadas
O burro mal se mexia
Vez por outra o chutava
Pra ver se ele se erguia
Mas o muar, carregado
Sob o peso, imprensado
Bufava, obrava e gemia

Foi quando Besouro, então
Que presenciara tudo
Saltou pra cima do homem
Foi em defesa do burro
Tomou-lhe a taca da mão
Deu-lhe um forte pescoção
E completou com um murro

Aí gritou: - ajoelha!
Fique aqui de quatro pés
Vou lhe botar essa carga
Você vai ver como é...
O que esse burro sofreu
E por pouco não morreu
Vou multiplicar por dez!

Antonio Vieira

O homem obedeceu
Besouro aproveitou
Tirou a carga do burro
Em seu lombo, colocou
Depois, meteu-lhe o relho
Ele ficou bem vermelho
E quase que desmaiou

Quando Besouro sentiu
Que tinha dado a lição
Desatou o nó das cordas
O homem se ergueu do chão
A carga ficou na rua
A culpa foi toda sua
Por não ter compreensão!

O homem buscou transporte
Pra carregar seu bagulho
A carga foi transportada
Não ficou nem um embrulho
E o burro espaduado
Foi levado pra um roçado
Pra comer milho, maduro

Com exceção da polícia
Que sempre o enfrentou
A história não registra
Quem com Besouro brigou
A não ser o Doze Homens
Que por isso até fez nome
Mas a briga não ganhou

Histórias que o povo conta

Ele brigava por tudo
Por coisa séria ou banal
Não tolerava insulto
Nunca corria do pau
Um dia, em Salvador
Com a polícia brigou
Por causa dum berimbau

Contou-me um santo-amarense
Que foi seu contemporâneo
A briga não procurava
Não era esse seu plano
Contudo, não enjeitava
Quem com ele se engraçava
Em breve estava apanhando

Era seu temperamento
Eu diria: seu mau jeito
De revidar agressão
De exigir seus direitos
De lutar contra a opressão
Racismo, perseguição
Apartheid, preconceito

Mas Besouro, vez por outra
Passava uma temporada
Trabalhando de vaqueiro
Na usina Maracangalha
Ali, em Caçarangongo
Ele aplicou muito tombo
Em quem lhe desagradava

Antonio Vieira

Até que um certo dia
Dizem que alguém mandou
Preparar uma tocaia
Em casa de um lavrador
Fizeram um samba de treita
A mandinga foi desfeita
E Andrezinho o furou

Seu fato veio pra fora
Demoraram socorrer
Levaram pra Santo Amaro
O ferimento a doer
E ali, na Santa Casa
Misericórdia, que nada!
Deixaram, à míngua, morrer

Várias vezes se livrara
De bala de arcabuz
Ao enfrentar a polícia
No antigo Largo da Cruz
Na cruz ele abria os braços
E a chuva de balaios
Riscava o ar, como luz

Fingindo que estava morto
Um cabo acreditou
Se aproximou sem cuidado
Num clima de já ganhou
Em dado momento, certo
Besouro saltou, esperto
E sua arma, tomou

Histórias que o povo conta

Depois ele o obrigou
A tomar muita cachaça
O cabo, que não bebia
Teve que beber, na raça
Foi bebo para o quartel
Irritando o coronel
Que botou tropa na caça


Acusavam a Besouro
De não ser homem de bem
Mas aquele que tem boca
Diz tudo que lhe convém
Duma coisa certo estou:
Besouro nunca roubou
E nunca matou ninguém

Vem daí a nossa tese
De que sua valentia
Era na realidade
A Justiça que queria
Contra a discriminação
A prepotência, opressão
Os atos de tirania

Contra os atos arbitrários
Vindos das autoridades
Dos senhores de engenhos
Da elite da cidade
Do tipo: bater em negro
Capoeira, levar preso
Apenas por crueldade

Antonio Vieira


Essa atitude era praxe
Estava na constituição
Candomblé e capoeira
Somente com permissão
Besouro não aceitava
Com valentia, enfrentava
Essa hostil situação



E além da capoeira
Do saveiro e da canoa
Besouro era do tipo
Que não ficava à toa
Cavaquinho e pandeiro,
Tocava boi, o vaqueiro
O recôncavo em pessoa

Andrezinho de Quibaca
Não venceu Besouro, não
Tirou foi a sua vida
Obedecendo o patrão
Nada tinha a ver com ele
Incoerência a dele
O matou à traição *

Veio todo preparado
Interessado em propina
E com faca de ticum
Infalível pra mandinga
Rasgou ventre de Besouro
Aquilo foi sua sina



Literatura de cordel

A BRIGA MEMORÁVEL
DO CAPOEIRA COM O
CARROCEIRO POR CAUSA
DE UMA PROSTITUTA

Autor: Antônio Vieira



Janeiro de 2003

Aos Leitores:

As reações humanas são resultado não só da personalidade de cada indivíduo; mas também de seu caráter, do meio onde vive, de seus costumes, de seus conceitos, de seus preconceitos, de sua sensibilidade e, sobretudo, de seu senso de justiça e de moralidade. Dessa forma, aquilo que para uns constitui um insulto para outros, não passa de uma situação normal, sem importância ou poder de inquietá-lo.

Na história: A BRIGA MEMORÁVEL DO CAPOEIRA COM O CARROCEIRO, POR CAUSA DE UMA PROSTITUTA – vimos claramente a veracidade de nossa afirmação, porquanto o motivo da briga foi uma chacota, um desatato feito por uma mulher da vida, que foi encarada como uma ofensa moral. Quem sabe, para outra pessoa, as palavras daquela mulher não passasse de uma pilhéria, brincadeira, e o desfecho não fosse totalmente outro?... Por outro lado, a reação do pai de santo àquilo que considerou insulto, embora fosse uma ameaça à mulher, foi respeitosa com o carroceiro, que, em defesa de sua amada, lançou um desafio a seu oponente. Na realidade prevaleceu a ignorância, o machismo, a prepotência, a maneira reacionária de tratar, sobretudo a mulher e, a prostituta, execrada pela sociedade.

Essa história me foi contada por meu tio Propércio do Nascimento, em uma das muitas andanças que fizemos juntos, pelas ruas de Santo Amaro. Ele era um santo-amarense da gema, apaixonado por sua terra, e parece que me contava as histórias na esperança de que eu, um dia, as eternizasse. E eu assim o fiz, através da Literatura de Cordel. Já contei o encontro de Besouro com Doze Homens e, agora, conto a briga do CAPOEIRA com o carroceiro. Essa é uma forma de homenageá-lo.

Antônio Vieira

São duas coisas distintas
E quem não sabe se passa
Pensa ser a mesma coisa
Mas se confunde de graça
A diferença é sutil
Têm quase o mesmo perfil:
A briga e a arruaça

As duas têm, normalmente
A mesma motivação
Uma musa inspiradora
Pra provocar a ação
Só que uma exige raça
Algo mais que a cachaça
Pra criar a confusão

Deixemos as arruaças
Para outra ocasião
E falemos de uma briga
Famosa na região
Entre dois cabras valentes
Ambos muito "bons de gente"
Como diz, no Maranhão

Um deles, o carroceiro
De apelido, Baiano
Homem forte, entroncado
Beirando uns trinta anos
Pegava peso de dia
Mas à noite, na orgia
Vivia o lado profano

Antonio Vieira

O outro, um capoeira
Homem fechado e sisudo
Era muito respeitado
De briga sabia tudo
Usava bem a rasteira
E quando usava a peixeira
Era aquele absurdo!

Todo mundo na cidade
Sabia de sua fama
De homem sério, exigente
Daqueles que não enganam
Tratasse ele direito
Porque se não, o sujeito
Apanhava ou ia em cana

Em termos de desaforo
Aí é que complicava
Ele tirava a limpo
Não os levava pra casa
Insultá-lo era fatal
Um gesto quase mortal
Na acepção da palavra

No tempo dele, a cidade
Setenta anos passados *
As prostitutas viviam
Ali pertinho do mercado
Quando o comércio fechava
Elas se apresentavam
Para ganhar seus trocados

Histórias que o povo conta

Muitas delas tinham homens
Fregueses de todo dia
Que lhes mantinham de tudo
Desde a cama à padaria
Viviam maritalmente
Muito juntinhos, bem rentes
Mas só, à noite, se viam

Um dia, tarde da noite
O capoeira passava
Por uma porta de rua
Onde um casal se amava
E quando a mulher lhe viu
Mandou-o "à puta que pariu"
Por essa ele não esperava

O capoeira parou
Olhou com cara de fome
E a mulher atrevida
Gritou: "caia fora, some!..."
Ele disse: "descarada"
Não lhe dou uma bofetada
Porque está com homem!

Nessa hora o carroceiro
Que ainda não falara
Disse para o capoeira:
- Prossiga, dê-lhe na cara!
Você pode bater neia
Mas aguarde o que lhe espera
Pra ver se você encara!

Antonio Vieira

Aí não deu outra coisa:
Nesse instante, o pau quebrou
O pai de santo bateu
A mulher não agüentou
Gritou: - mamãe, tenho sede!
Se esbarrou na parede
Caiu e no chão ficou

O carroceiro que também
Não era de brincadeira
Sacou de uma pistola
Dois tiros e uma carreira
Atirou nele, num flanco
Que se encolheu em um canto
Depois puxou a peixeira

E com dois tiros no corpo
Sangrando para valer
Partiu para o adversário
Que nem pensou em correr
E esse, cuja pistola
Já sem bala disse: - agora,
Vai acabar de morrer!

E enquanto o capoeira
Dava seus golpes de faca
O outro se defendia
Com a arma contra-ataca
Encarando o adversário
Seu corpo era puro talho
Sangrava que nem cascata

Histórias que o povo conta

E a luta prosseguia
Pela madrugada a dentro
O capoeira furando,
Faca cortando no vento
Com o cabo da pistola
Baiano entrava de sola
O pau comia no centro!

A rua estava deserta
Os dois sozinho brigavam
A mulher, pivô da briga
Ali não mais se encontrava
Os contendores, cansados
Feridos, um atirado
A luta continuava

Até que em dado momento
Esgotados, quase mortos
Cada um caiu pra um lado
No chão jaziam dois corpos
O capoeira, num esforço
Levantou, partiu pro outro
Pra matá-lo sem remorso

De posse de uma madeira
Que arrancou dum caixote
Ergueu-a quase sem forças
Pra dar o último golpe
Foi quando um guarda noturno
Que rondava, taciturno
Correu a todo galope

Antonio Vieira

Sacou de sua pistola
Apitou, ao ver aquilo
Deu uma voz de comando:
– Pare, homem!...Eu lhe exijo!
Abaixei a mão, devagar
Se a esse homem, matar
Eu juro que lhe atiro!

O capoeira cedeu
O golpe não concluiu
Ferido e muito cansado
Pendeu pra um lado e caiu
O guarda pediu socorro
Aos gritos, chamou o povo
Que logo lhe acudiu

Levaram os dois pro hospital
Logo foram atendidos
E após algumas horas
Já não corriam perigo
Por milagre escaparam
Dizem que quando saíram
Tornaram-se grandes amigos

Assim acabou a briga
Ninguém perdeu nem ganhou
Tiveram muitas seqüelas
O prejuízo ficou
Nunca mais eles brigaram
Inda muito se falaram
O velho Pro me contou

Histórias que o povo conta

Viveram por muitos anos
Isentos de qualquer rixa
Extravasaram bravura
Ignorância e malícia
Resolveram a peleja
À revelia da polícia

Literatura de Cordel

O ENCONTRO DE BESOURO COM O VALENTÃO DOZE HOMENS

Antônio Vieira



4ª edição
Setembro de 2002

Aos leitores:

Besouro Mangangá ou Cordão de ouro (Manoel Henrique), nascido na cidade de Santo Amaro da Purificação - Bahia, provavelmente entre 1885 e 1888, e falecido em 1927, é o maior representante da capoeira, luta usada como arma de defesa e ataque, porque viveu exatamente no período em que essa arte era proibida pelo código penal da República (1890 a 1937), quando a capoeira e o candomblé foram duramente perseguidos. Em função de não aceitar a marginalização daquilo que aprendeu com mestre Alípio (escravo africano) e com os mais velhos de sua classe. Besouro se mostrava agressivo, sobretudo com a polícia, que cobrava o cumprimento do código penal e com os nobres (barões, viscondes, marqueses, senhores de engenho, autoridades...), cujas ações em detrimento dos mais fracos, eram olhadas com vistas grossas, tanto pelos representantes da lei, quanto pelos poderosos; isso quando não eram aceitas como medidas disciplinares ou de direito. Devido a sua reação contrária a esse tipo de abuso de poder, Besouro foi considerado marginal, por aqueles que mandavam e que, também, engendraram sua morte, através de uma emboscada, em terras da então usina Cinco Rios (Maracangalha), no Recôncavo Baiano. Diante dessa realidade, o poeta, também nascido e criado na cidade de Santo Amaro da Purificação, e que, desde cedo, ouviu de seus avós, de seus pais e, principalmente de seu tio Propércio (fã incondicional de Besouro), as histórias fantásticas desse capoeirista, resolveu levar ao público, através do cordel, a versão heróica de Besouro Mangangá, "um capoeira valente que o massapê concebeu"; que não se rendeu à submissão imposta pelos poderosos, pagando com a própria vida sua sede de liberdade, e tendo seu nome manchado proposital e preconceituosamente pela tarja da marginalidade, embora nunca tenha roubado ou matado alguém.

Antônio Vieira

O ENCONTRO DE BESOURO COM O VALENTÃO DOZE HOMENS

Antônio Vieira

Esta é uma história
De natureza bahiana
Que envolve o Recôncavo
O massapê e a cana
O engenho, a usina,
O candeeiro de manga,
O carreiro que conduz
A junta de boi de canga

O facão de folha larga
A enxada e a estrovcnga
A foice de roçar pasto
O pau-de-arara e a venda
A fundição de Pitanga
A caldeira e a moenda
A candeia que alumia
Para vovó fazer renda

O côco que dá o leite
No massapê tudo dá
O jenipapo, o bambu
A "corana" pra rezar
O "mulungu" dá gamela
Pra botar água e lavar
O barro deu a panela
Para Belém cozinhar



A mandioca, a farinha
A massa enxuta na prensa
O bolo de massa pua
O lelé de sinhá Vicença
O aipim cozinhado
Gostoso por excelência
O milho bem debulhado
Marcando a sua presença

O chá de erva cidreira
O raizeiro e a crença
A folha de bom pra tudo
O curador de doenças
O sabugueiro, o milho
Para cachumba ou papeira
Pegando menino à beça
Mamãe Bebé, a parteira

A canoa, o vapor
O motriz e o saveiro
O trem para Monte Azul
O mel, que trouxe o melciro
O bonde puxado a burro
Carregando passageiro
O trole que vinha atrás
Com, Popó, de motomeiro

O caranguejo no mangue
O sirí de muitos nomes
O aratu, o mapé
O caldo que mata a fome
Peixes, crustáceos, moluscos
Frutos do mar, que o homem
Seja ele pobre ou rico
Quando tem na mesa, come

Moqueca apimentada
Capeba, bredo, taioba
A feijoada completa
Sarapatel, maniçoba
Dendê, azeite, bambá
O caldo de mocotó
Galinha de molho pardo
É pra comer sem ter dó

O candomblé nos terreiros
Tudo quanto é sagrado
Os orixás e os santos
Os ebós encomendados
As procissões, as igrejas
Promessas e batizados
Depois de muita pejeja
O sincretismo arranjado

O lindro amor, a folia
E o bembé do mercado
Negro fugido e samba
Bumba-meu-boi amuado
Maculelê, capocira
Nego por todos os lados
As retretas nos coretos
Por maldade, derrubados

Ela envolve uma cidade
Bem antiga da Bahia
Um de seus protagonistas
A ela é que pertencia
Me refiro a Santo Amaro
A cidade de Besouro
Negro valente, danado
Que não levava desaforo



Besouro estava sentado
Dentro do bar de Bubu
Tomando sua cachaça
Num dia de céu azul
Era um domingo à tarde
O papo estava animado
Suas histórias de briga
Muitas já tinha contado

Falava das aventuras
Das mulheres que ele tinha
Do cavaquinho que tocava
Do savciro e da rinha
Do samba que acabara
Lá pras bandas de Candeias
Do panaço de facão
Que deu em Chico Lamprea

Falava da aversão
Que tinha pela polícia
Não podia ver soldado
Ou qualquer um da milícia
Contava suas façanhas
Seus fãs prestavam atenção
Vez por outra interrompia
Para dar explicação

De repente eis que surge
Saído não sei de onde
Um cidadão arrogante,
Vindo talvez lá do Conde
Que após olhar pra todos
E estudar o ambiente
Pedi ao dono do bar
Duas doses de aguardente

O dono do bar, então
Que estranhou o pedido
Sem fazer contestação
Nem querer ser atrevido
Por dever da profissão
Botou em copo de vidro
Duas porções de cachaça
Para o desconhecido

E esse ao ver a cachaça
No copo, sobre o balcão
Olhou detalhadamente
Pra quem estava no salão
E com ar de autoridade
Todo cheio de razão
Apontou o indicador
Para um certo cidadão

E com o dedo em riste
Ele disse: venha cá!
Para a pessoa apontada
Querendo lhe comandar
Depois lhe mostrou o copo
E falou quase a gritar:
"Essa cachaça é sua.
É para você tomar!"

Não sabia ele ainda,
Aquele a quem escolheu
Para tomar a cachaça
Por puro capricho seu
Simplesmente era Besouro
Que pra briga já nasceu
Um capoeira temido
Que o massapê concebeu



Besouro Cordão de Ouro
Valente de profissão
Que muitas vezes usara
A mesma provocação
Diante daquela ordem
Arretou-se e então
Respondeu pro forasteiro:
"Não pedi cachaça, não!"

Normalmente os valentões
Para mostrar valentia
Onde não eram conhecidos
Onde seus nomes não iam
Sempre achavam um pretexto:
Pegavam um e batia.
Surravam alguém do trecho
Brigavam e sempre venciam.

O pretexto mais comum
Era oferecer cachaça
Se o outro recusasse
Era desfeita e pirraça
A cachaça ia na cara
Nego ficava cabreiro
Ou partia para a briga
Ou saía sorrateiro

Se o cabra aceitava
Era humilhação na certa
Era uma prova de medo
Era gozação à beça
Aí, não tinha remédio
Nem pedido de terceiro
Tomava tapa na cara
E pontapé no traseiro

O cabra que ofereceu
Pra Besouro a bebida
Não gostou e ficou brabo
Com a resposta obtida
Então, para intimidá-lo
Fazê-lo maldizer a vida
Anunciou o seu nome
Famoso por ser de briga

O sujeito disse: "cabra,
Eu vou lhe dizer meu nome
Pra você se botrar todo
Se arrepender de ser homem
Malcriação desse jeito
No meu facão dá é fome
Saiba quem está falando
E seu patrão: Doze Homens!"

Aquela apresentação
Foi a gota que faltava
Pra Besouro se irritar
Sair e vir pra calçada
Arretar-se de uma vez
E dizer: "eu lhe encaro
Venha cá pra conhecer
Besouro de Santo Amaro!"

Ao dizer isso, ele deu
Uns três saltos para trás
E já de facão, na mão
Destemido e audaz
Esperou por Doze Homens
Que também estava armado
E gritando: "vem que tem
Você vai sair cortado!"



E os dois se engalinharam
Numa luta de gigantes
O tinido dos facões
Podia se ouvir distante
O povo estupefato
Assistia a contenda
Sem saber quem venceria
Aquele luta horrenda

Depois, um quarto de hora
Da luta ter começado
Facão comendo no centro
Olho no olho, ferrado
Nenhum dos dois contendores
E isso é coisa bem rara
Estava sequer ferido
E nem da briga largara

É bem no auge da luta
Os dois querendo vencer
Uma pessoa gritou:
"Vem polícia, vou correr"!
Besouro não se assustou
Mas Doze Homens correu
E Besouro só foi preso
Porque ali permaneceu

Dizem que Besouro, ainda
Propôs para Doze Homens
Suspenderem a peleja
Enfrentarem juntos, os homens
Botá-los para correr
Mostrar que o couro come
E, depois de os vencer
Lutar de homem pra homem

Mas Doze Homens não quis
E a polícia chegou
Prenderam logo Besouro
Que fingindo se entregou
Doze Homens não foi preso
A polícia ainda tentou
Escafedeu-se no brejo
Nunca ninguém o achou

Daqui pra frente, a história
Toma rumo diferente
Porque a briga acabou
Com a polícia, presente
Besouro seguia preso
E Doze Homens corria
A partir daquela hora
Os dois jamais se viriam

Besouro ia escoltado
Bem no meio da patrulha
Mas, na ponte das maringas
Deu um nega, fez firula
A polícia não esperava
A reação e só viu
Quando Besouro saltou
Da ponte dentro do rio

Contam que um tal soldado
Que queria vê-lo preso
Tentou puxar a pistola
Mas recuou, teve medo
Besouro feriu-lhe a mão
Bateu-lhe com o cotovelo
Deu-lhe mais um safanão
Quase lhe arranca um dedo



Mas Besouro não esqueceu
Da luta com Doze Homens
Queria vê-lo de novo
Passar a limpo seu nome
E quase que passa fome
Andando a sua procura
Mas nunca mais conseguiu
Encontrar essa figura

Depois de deixar pra lá
Dar o caso por encerrado
Voltou à vida normal
Trabalhando contratado
Tocando seu cavaquinho
No savciro, embarcado
De vaqueiro, na fazenda
Amansando burro brabo

Mas um dia, numa sede
Da usina Maracangalha
Assumiu uma postura
Que lhe valeu a mortalha
Pra punir um desaforo
Aplicar uma lição
Fez montar num burro brabo
O filho de seu patrão

E o rapaz que não tinha
Traquejo com montaria
Mal montou e foi pro chão
Era assim que acontecia
No burro mal se montava
Ele todo se encolhia
Burro de primeiro salto
Derrubava e não saía

O rapaz adoeceu
Seu pai ficou irritado
Não atirou em Besouro
Pois tinha o corpo fechado
Então tramou sua morte
Com jagunço contratado
Não demorou, o serviço
Foi logo executado

E apesar da mandinga
Besouro não teve jeito
Excesso de confiança
Foi o seu grande defeito
Prepararam a espárela
Ele foi pego, no ato
Teve seu ventre cortado
Botaram fora seu fato

Fizeram um samba de treita
Em casa do povoado
Esperaram por Besouro
Tudo estava preparado
A qualquer hora, na certa
Ele apareceria
Ou para acabar o samba
Ou para fazer folia

Jagunço sabendo disso
Esperou bem paciente
Quando Besouro chegou
Elegante e valente
Mau adentrou o recinto
O candeciro apagou
É uma faca de ticum
Sem dó, seu ventre cortou

As tripas vieram fora
Mas o socorro não veio
Levaram pra Santo Amaro
Houve demora, eu creio
Mas a ordem era deixar
Que ele morresse à míngua
Para o fato parecer
Fatalidade ou sina

Porém, na realidade
Ele foi assassinado
Aquilo era vingança
Por seu castigo pesado
A honra estava lavada
Fora morto à traição
Mas se fosse o contrário
Quem vingava era o facão

Assim se acabou Besouro
Num clima de desamparo
Tendo seu fato de fora
O castigo custou caro
Na busca de um perdão
Invocou com devoção
O nome de Santo Amaro

Viveu à sua mancia
Irreverente e brabo
Egresso do massapê
Inteligente, arretado
Reconcavamente, foi
Altamente, autenticado.

Fim



Foto: M. Tym

Antônio Viera
Nasceu em Santo Amaro
Tem sobrenome do pai
O nome, a mãe deu, é claro
No ano de 49
Introduziu-se no orbe
Onde faz o seu trabalho

Viajou pelo Brasil
Investigou um bocado
Escreve em seus cordéis
Imagens que lhe marcaram
Resgate de personagens
Anônimos e consagrados



Direitos reservados a

Coracy S. T. Vieira

Tel: (71) 3321-2867 / 88474784

antoniovieira.cordel@ig.com.br

Myspace:

<http://www.myspace.com/antoniovieiracordel>

BULE-BULE

Antônio Ribeiro da Conceição, nome artístico Bule-Bule, nasceu no dia 22 de outubro de 1947 no município de Antonio Cardoso. Músico, escritor, compositor, poeta, cordelista, repentista, ator e cantador, ao longo dos seus 51 anos de carreira gravou seis CDs (Cantadores da Terra do Sol, Série Grandes Repentistas do Nordeste, A Fome e a Vontade de Comer, Só Não Deixei de Sambar, Repente não tem Fronteiras e Licutixo), quatro livros editados (Bule Bule em Quatro Estações, Gotas de Sentimento, Um Punhado de Cultura Popular, Só Não Deixei de Sambar), mais de 80 cordéis escritos, participação em vários seminários como palestrante, várias peças teatrais e publicitárias, agraciado pelo Prêmio Colunista, além de milhares de apresentações durante a sua carreira. Atualmente ele é diretor da Associação Baiana de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia e da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel. Recentemente foi premiado com o Prêmio Hangar de Música no Rio Grande do Norte junto com Margareth Menezes e Ivete Sangalo.

Legítimo defensor de gêneros musicais nordestinos como chulas do sertão, cocos, martelos, agalopados, xote, marche de pé de sina e repentes, Bule-Bule é escritor de cordéis, sinônimo de celebração nordestina em alta voltagem, mas desplugado da tomada. Ele cresceu sob a influência do samba rural do sertão e do Recôncavo, além dos repentistas sertanejos. Criado numa região que fica na entrada do sertão e próximo ao Recôncavo, Bule-Bule mergulhou no samba rural derivado da região sertaneja, mas com ligeira influência da chula do Recôncavo.

Disponível em: <https://www.last.fm/pt/music/Bule-Bule/+wiki>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORDÉIS SOBRE CAPOEIRA

Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro.

Do Pelourinho a Los Angeles Mestre Pastinha brilhou:

EM 17.07.2004



LICEU

130 anos



FUNDAÇÃO CULTURAL
ESTADO DA BAHIA

IRÊNIO ALBUQUERQUE BRANDÃO

Mestre Borracha
Discípulo do Mestre Bimba - 1943-1947
Capoeira Regional

Grac

id6



Res. R
JDM. Jagt
Plat

mail: irenioab@boi.com.br

Residência:

Rua Luciano Pacheco, 2 - Salvador - Bahia

Tel.: (071) 249-0324 - CEP: 41610-090 - Piaçã

*Horizonte
de viver
e atividades
Salvador*



OS NEGROS LUTAM
SUAS LUTAS MISTERIOSAS

Foto: Emilia Biancini

BIMBA ESPALHOU CAPOEIRA NAS PRAÇAS DO MUNDO INTEIRO

Autor - Bule-Bule
1ª edição
novembro de 1992

FILHOS DE BIMBA - LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DA BAHIA

Quem que a árvore do bem
Tem galhos pra todo lado
Dá sombra pra todo mundo
O fruto é bem procurado
E dá produto excelente
Quando industrializado

Manoel dos Reis Machado
É nossa árvore do bem
Nosso grande mestre Bimba
Nome que até hoje vem
Famoso na capoeira
Por não perder pra ninguém.

Engenho Velho de Brotas
Local do seu nascimento
O alvador sua cidade
Onde alegria e tormento
Lhe deram vivacidade
Força, coragem e talento.

Seu Luis Cândido Machado
Pai consciente e bondoso
Jona Maria Mártinha
Mãe de cuidado extremo
São os pais de Mestre Bimba
Capoeirista engenhoso.

A parteira e a gestante
Estavam em discussão
Fizeram até uma aposta
Se era menino ou não.
Na hora do nascimento
Surgiu a grande expressão.

Era para anunciar
Na hora do nascimento
A mãe sofria feliz
Aguardando o seu rebento
E a parteira convicta
Pelo seu conhecimento.

A mãe dizia é menina
Dizia a parteira é macho
Quando surgiu o neném
A comadre olhou por baixo
E disse ganhou a aposta
O cabra tem bimba e cacho

Nasceu com ele esse nome
Bimba nasceu pra vencer
Cresceu juntou ganhou fama
Os pais gostavam de ver
O futuro batuqueiro
Lá na rede a se mexer.

O pai seu Luis Machado
Foi campeão de batuque
Tinha gingado no corpo.
Bastante força no muque
Obrigou bons plequeiros
Se estenderem no estuque.

Em batuque o pai de Bimba
Nunca perdeu pra ninguém
Bateu baú com durões
Mas sempre se saiu bem
Coxa lisa, encruzilhada
E banda solta também.

Batuqueiros do seu tempo
É bom que lembrando vá
Tiburcinho, Bexiga Braba
Também Zeca de Sinhá
Ninguém mais viu coisa igual
Daquele tempo pra cá.

O mestre Nozinho Bento
Também chamado Bentinho
Foi mestre do mestre Bimba
Mostrou o reto caminho
Aprender com um bom mestre
É melhor do que sozinho.

Bentinho velho africano
Foi quem ganhou direito
De dar as primeiras aulas
Viu o aluno perfeito
E disse: esse menino
Vou preparar do meu jeito.

Bimba tinha o tipo físico
De uma rocha escarpada
Muito alto, andar dançante
Seguro em cada passada
Olhos grandes, ombros largos
E sempre dando risada

Olva sempre os olhos
olhando o inimigo
o multô de charuto
gasse era um perigo
em levava a melhor
quando consigo.

Praticou bem a angola
Aprendeu com quem sabia
Depois criou outra luta
Com mais garra e valentia
Pôs o nome regional
Representando a Bahia:

Aprendeu com Retinho
e, a ginga, a malícia
ouco tempo sabia
com grande perícia
pronto pra briga
sãsa ou com polícia

Tem os melhores sequências
Buscava sempre aplicá-las
Suas pernas em capoeira
Eram como duas balas
Elas fizeram durões
Calrem e perderem a fala.

levou desaforo
o camaradeiro
ador de amizade
afiado e ligeiro
brava em uma esquina
a ganhar dinheiro.

Nos Idos de 36
Mestre Bimba foi cercado
Por um bando de soldados
Que estava chefiado
Por seu Lúcio Barra Preta
Bêbado, valente e armado.

pra andar armado
modo de pensar
ra capoeirista
complicar
com andar com ferro
ismo é saber usar.

Pancada estava sobrando
Quem fosse perto apanhava
Um inocente sofria
Na hora Bimba passava
Foi defender sem pensar
Que a bagunça aumentava.

Na vida, contudo
vão, cortou madeira
licheiro e carpina
or de primeira
que fez com mais classe
gar capoeira.

Cairam em cima do Mestre
Agredindo em alto estilo
Uns de sabre outros de murro
Sem darem o menor vacilo
Como dez frangos de raça
Querendo pegar um grilo.

meio a fazer
rte profissão
ira academia
da organização
matricula ao diploma
z na lição.

Na luta Bimba tomou
O sabre de Barra Preta
Com ele se defendeu
Terminou tudo porreta
Pois carne humana não gosta.
De ponta de baioneta.

enfrentou com seus golpes
erras mundiais
a escravidão
ões policiais
ou a capoeira
s altos pedestais

Na Vila Laura ficaram
Os fincapés na ladeira
A TARDE deu uma nota
Dizendo desta maneira
Ninguém pense que é fácil
Se pegar um capoeira.

Quando o chefe de polícia
Teve toda informação
Chamou Bimba para ser
Inspetor de Quarteirão
Pra botar ordem no bairro
Reprimindo alteração.

Hoje o mundo reconhece
Todos seus ensinamentos
Através dos novos mestres
Com amplos conhecimentos
Marcando uma nova época
Revestidos de talentos.

Mestre Bimba agradeceu
O convite recebido
Dizendo: jamais eu fico
Contra o meu povo sofrido
Pra comer no mesmo prato
Com quem nós tem oprimido.

Citando alguns alunos
Que seguiram o seu caminho
Camisa Roxa e Borracha
Itapoan e Edinho
Eziquiel e Amadeu
Flecha, Dodo e Chiquinho.

Se qualquer país do mundo
For um dia publicar
Os gênios da capoeira
Quem vier catalogar
No Brasil encontra Bimba
Sempre em primeiro lugar.

Tem Vermelho 27
Na antiga Academia
Xáreu, Julio 29
Luis, Bolão, Alegria
Acordeon, Camisinha
Augusto São Pedro e Gia.

Bimba organizou seu grupo
Para apresentação
Se apresentou pra Getúlio
Presidente da nação
Depois foi pelo Brasil
Conquistando multidão.

Saci, Formiga e Nenei
Muniz, Jair, Luisinho
Salário Mínimo e Preguiça
Todos com muito carinho
Ajudaram ao Mestre Bimba
Por a iuna no ninho.

No auge da luta livre
Bimba em São Paulo chegou.
Enfrentou com seus alunos
Quem a lutar se arriscou
Perdeu somente uma luta
As outras ele ganhou.

Quando a capoeira era
Censurada em alto meio
À Academia de Bimba
Um certo convite veio
Do governo do estado
Bimba atendeu com receio.

Para o apêfeioamento
Da luta regional
Bimba contou com o apoio
De um grupo fundamental
Aperfeiçoando golpes
E cuidando de pessoal.

Por ser muito conhecido
E ter bronca pra sobrar
Avisou aos seus alunos
Governo mandou chamar
Se me prederem vocês
Procurem ir me soltar.

Amigos como Rosendo,
Gigante, Bráz e Crispim
Zé Pequeno e Atenilo
Clarindo, Rosa enfim
Foram instrumentos-base
Desta lâmpada de Aladim

Quando chegou no palácio
Foi tratado dignamente
Cortejado como artista
Respeitado como gente
Contratado para um show
Pra governo e presidente.

1943
DIPLOMA DO EX
1946
EXPERIÊNCIA
1947
MESTRE
1995

Jardim de glória
ão da idade
lta de apolo
iça e maldade
o obrigado
ssa cidade.

No ano 74
A 5 de fevereiro
Bimba fechou seu arquivo
Deu adeus, ao mundo inteiro
Entrou de férias na terra
Foi ver Deus, Pai verdadeiro.

us alunos fez
nestre um triste plano
r da Bahia
para o chão goiano
ar provelto
ênio baiano.

Os berimbaus soluçaram
Alunos botaram luto
O dia é relembrado
Como uma data de culto
Hoje os livros e os filmes
Representam o seu produto.

o diplomado,
cademia
casa e comida
ama mácia
alxo colocou
la covardia

Fez tudo e morreu sem nada
Pouco gozou do império
Quando saiu pra Golânia
Disse com todo critério
Se não gozar da riqueza
Gozo do seu cemitério.

ba pra Goiás
ssa Bahia
ço maldoso
o Mestre caia
jindo da fome
itar que sofria.

Hoje o nome Mestre Bimba
Na cultura é muito forte
Largo, caminho, alameda
Rua e praça de esporte
Tanta miséria na vida
E tanta honra na morte.

q entristecido
esente de grego
ue antes da hora
buscar sossego
decepção
o e desemprego.

Luis Gonzaga foi rei
Cantando mulher rendeira
Pelé foi o rei da bola
Com melão e com chutela
E Mestre Bimba sem dúvida
Foi o rei da capoeira.

o o pulo do gato
o pode ensinar
elho de Bimba
ndo se mirar
sconfiando
m passar.

Bimba, a memória do povo
Lhe prestará homenagem
Enquanto os poderes públicos
Faltam respeito e coragem
Nos lembramos com pesar
A sua última viagem.

ndo vem ao mundo
m a mão vazia
o cheio de sonho
úsica ou poesia
te ou esporte
losofia.

Adeus Planalto Goiano
Adeus Bahia altaneira
Adeus a Roça do Lobo
A Liberdade, a Ribeira
Adeus, adeus Mestre Bimba
Nosso rei da capoeira.



CAIXA POSTAL 717 — Agência Central — CEP 60001-970
Fortaleza — Ceará — Brasil
Tel.: (85) 217-2891 — E-mail: tupynanquim@ibeuce.net

Autor (Author): Antônio Ribeiro da Conceição (Bule-Bule)

DO PELOURINHO A LOS ANGELES MESTRE PASTINHA BRILHOU

(FROM PELOURINHO TO LOS ANGELES MESTRE PASTINHA SHINED FORTH)



Illustration: Steven D. Antonson

Literatura de Cordel

TUPYNANQUIM Editora — 1.ª Edição — Fortaleza - Ceará - Brasil, abril de 2003

Lampião rei do Cangaço
O Pelé é rei da bola
Roberto Carlos na música
É rei e criou escola
E mestre Pastinha é
Rei da capoeira angola

A mão de obra africana
Deu riqueza pra nação
Mas envergonhou o mundo
A malvada escravidão
Que tratava o ser humano
Sem a menor distinção

Sempre um senhor desumano
Tinha um feitor desalmado
E um capitão-do-mato
De coração empedrado
Que dava surra e matava
A quem desse um passo errado

Pastinha sabia muitas
Histórias de antigamente
Respeitava a capoeira
Como um filho ou um parente
Ou melhor, um órgão vivo
Que mexe dentro da gente

Lampião¹ king of bandits
Pelé king of soccer
Roberto Carlos in music
Is the king and created a school
And Mestre Pastinha is
King of capoeira angola²

The sweat of Africans
Gave wealth to the nation
But shamed the world
Evil slavery
That treated human beings
Without the least bit of dignity

Always a cruel master
Had a ruthless foreman
And a capitão-do-mato³
With a calloused heart
Who gave beatings and killed
Whomever made a wrong move

Pastinha knew many
Stories of the past
He respected capoeira
Like a child or relative
Or better yet, a living thing
That stirs our insides

¹ He was a famous bandit of the Brazilian Northeast. He kept the police at bay for many years. He was feared and loved by the people.

² The Angola style of capoeira which is considered to be the most traditional. Capoeira angola is an African Brazilian dance/martial art.

³ An individual whose job was to capture runaway enslaved Africans.

*Mestre Pastinha sabia
Tudo da capoeiragem
Se defendia com técnica
Tinha bastante coragem
Malícia e sabedoria
Amor à arte e bagagem*

*Juntando boa vontade
Idealismo e coragem
Amor e patriotismo
Está formada a bagagem
Para a pessoa fazer
A mais distante viagem*

*Nosso Vicente Ferreira
O grande mestre Pastinha
Rei da capoeira angola
Venceu porque ele tinha
Esperança, amor e fé
Na trajetória que vinha*

*Muitos têm honra de mestre
Ocupando o seu lugar
Mas Pastinha é nosso rei
Nesta arte popular
Chamam rei por não ter posto
Mais alto pra lhe dar*

Mestre Pastinha knew
Everything about the art of capoeira
He defended himself with precision
With great courage
Craft and wisdom
Love for the art and for knowledge

With goodwill
Idealism and courage
Love and patriotism
His artistry is formed
Letting the person make
The most distant journey

Our Vicente Ferreira
The great Mestre Pastinha
King of capoeira angola
He prevailed because he had
Hope, love, and faith
On his road in life

Many have the honor of "mestre"
In the place they occupy
But Pastinha is our king
In this folk art
They call him king for they don't have
A higher honor to give him

Sábio é o homem que investe
Na construção de uma escola
Pastinha se dedicou
Tanto à capoeira angola
Hoje é pra a capoeira
O que Pelé é pra bola

Pastinha formou Vermelho
Com primazia e bitola
Deu malícia e rapidez
Como que tivesse mola
E Vermelho se esmerou
Preparando o mestre Angola

Vermelho deu a Angola
Diploma e conhecimento
Angola ganhou nas rodas
Respeito pelo talento
E fundou sua academia
Que é Corpo e Movimento

Vermelho foi pra Pastinha
Seu contra-mestre de fé
Ajudou organizar
Toque, canto, ritmo e até
A semelhança que tem
Entre angola e candomblé

It is a wise man who invests
In the construction of a school
Pastinha dedicated himself
So much to capoeira angola
That today he is to capoeira
What Pelé is to soccer

Pastinha educated Vermelho
With perfection and standards
He offered craft and speed
As if he had springs
And Vermelho took great care
Preparing Mestre Angola

Vermelho gave to Angola
Diploma and knowledge
Angola earned in the rodas¹
Respect for his talent
And founded his academy
Which is Corpo e Movimento²

Vermelho was for Pastinha
His faithful assistant-mestre
He helped him organize
Playing instruments, singing, rhythm, and more
The similarity which exists
Between [capoeira] angola and candomblé³

¹ The circle or space where capoeira is practiced.

² Associação de Capoeira Corpo e Movimento (Body and Movement Capoeira Association)

³ An African-Brazilian religion.

*Quem planta em terreno fértil
Tem a colheita segura
Nisso Pastinha acertou
Investindo em criatura
E além de honrar seu nome
Defende a sua cultura*

*Preparado para a guerra
Pelo ar ou pelo chão
Pastinha se sustentava
Numa dupla de João
Chamava um Cobra Mansa
E o outro Gavião*

*Falava de dois alunos
Cada mandando um terreno
Gavião era João Grande
Cobra Mansa João Pequeno
Os dois juntos numa roda
Passava um grau de veneno*

*Assim o mundo absorve
Pastinha e a sua escola
Com João Grande e João Pequeno
Vermelho e o mestre Angola
Dando a Jim e seus alunos
Perfeição, ritmo e bitola*

He who plants in fertile ground
Has a certain harvest
Pastinha got this right
Investing in individuals
And beside honoring his name
He defends his culture

Prepared for war
In the air or on the ground
Pastinha gained support from
A pair of Joãos (Johns)
One was called Cobra Mansa¹
And the other Gavião²

He spoke of the two students
Each ruling their area
Gavião was João Grande (Big John)
Cobra Mansa was João Pequeno (Little John)
The two together in a roda
Were a potent poison

In this way the world embraces
Pastinha and his school
With João Grande and João Pequeno
Vermelho and Mestre Angola
Giving Jim and his students
Perfection, rhythm, and standards

¹ Nickname: Tame Snake
² Nickname: Hawk

*Quem aprendeu com Pastinha
Ou leu sobre o seu passado
Na roda da capoeira
Lembra um conselho dado
No ataque ou na defesa
O mestre sempre é lembrado*

*Não menospreza inimigo
Não dê as costas a ninguém
Não dobre esquina de noite
E nem de dia também
O perigo sempre existe
Ninguém sabe quando vem*

*E foi lá no Pelourinho
Onde tudo começou
Hoje americano ginga
Como Pastinha ensinou
Do Pelourinho a Los Angeles
Mestre Pastinha brilhou*

*Los Angeles mandou seu filho
Para a terra brasileira
Jim foi parar na Bahia
Lugar de muita ladeira
Aonde teve contato
Com a nata da capoeira*

Whoever learned with Pastinha
Or read about his past
In the capoeira roda
Remembers a piece of advice
While attacking or defending
The mestre is always remembered

Do not scorn enemies
Do not turn your back to anyone
Do not go around corners at night
Nor even during the day
The danger always exists
Nobody knows when it will come

At #19 Pelourinho¹
Where everything began
Today Americans move with ginga²
As Pastinha taught
From Pelourinho to Los Angeles
Mestre Pastinha shined forth

Los Angeles sent her son
To the land of Brazil
Jim went to Bahia
A place of many hills
Where he had contact
With the cream of the crop of capoeira

¹ Address of Mestre Pastinha's academy in Salvador, Bahia, Brazil.

² *Ginga* means to dance or walk with a swagger. It is also the basic movement of capoeira

*Foi a Festa do Bonfim
E a Lagoa do Abaeté
No Terreiro de Jesus
Pelourinho, Praça da Sé
E na Cantina da Lua
Vê capoeira o que é*

*Foi no Mercado Modelo
Falou com mestre De-Mola
Viu como faz berimbau
Escutou som de viola
Até se encontrar um dia
Com o grande mestre Angola*

*Lá no Mercado Modelo
De tudo achou à vontade
Com Bobô dos Berimbaus
Fez uma grande amizade
Não muda pra Salvador
Mas sente muita vontade*

He went to the Festa do Bonfim¹
And the Lagoa do Abaeté²
To the Terreiro de Jesus [public square]
Pelourinho³, Praça da Sé [public square]
And in the Cantina da Lua [bar]
To see what capoeira was

He went to the Mercado Modelo
Spoke with Mestre De-Mola
Saw how to make a berimbau⁴
Heard the sound of the viola⁵
Until he met one day
With a great Mestre Angola

There at the Mercado Modelo
Everything he found with ease
With Bobô the berimbau maker
Made a great friendship
He is not moving to Salvador
But he feels a great desire to

¹ Address of Mestre Pastinha's academy in Salvador, Bahia, Brazil.

² *Ginga* means to dance or walk with a swagger. It is also the basic movement of capoeira.

³ It is the religious celebration at the Bonfim Church in the Bonfim neighborhood.

⁴ Abaeté Lagoon

⁵ It is the historical district of Salvador, Brazil. It is where slaves were whipped and sold during the years of slavery. It literally means "pillory."

*Mestre Angola levou Jim
Para a sua academia
Lhe abraçou como um filho
Encheu de sabedoria
Transformou num angoleiro
Como um dos bons da Bahia*

*Mestre Angola se orgulha
Ter vindo de boa escola
A dinastia Pastinha
Na academia rola
Pastinha um deus pra Vermelho
E Vermelho um deus pra Angola*

*Tem o mesmo seguimento
Agora ficou assim
Los Angeles está parecida
Com o bairro do Bonfim
Que Vermelho achou Angola
E Angola encontrou Jim*

*Em um curso de folclore
O aluno Antônio Albino
Prende a atenção de Maurício
Professor de grande tino
Que resolveu investir
Na formação do menino*

Mestre Angola took Jim
To his academy
He embraced him as a son
He filled him with wisdom
Transformed him into an angoleiro⁶
Like one of the Bahian greats

Mestre Angola prides himself
Of having come from a good school
The Pastinha dynasty
Goes on in the academy
Pastinha is a god to Vermelho
And Vermelho a god to Angola

They continue down the same path
Now it's like this
Los Angeles is becoming like
The neighborhood of Bonfim
'Cause Vermelho found Angola
And Angola encountered Jim

In a folklore course
The student Antônio Albino
Catches the attention of Maurício
A very sharp Professor
Who decided to invest
In the training of the young boy

⁶ A wooden, bowed percussion instrument used primarily in capoeira. A wire is attached from one end to the other, and has a gourd attached to resonate the sound. It produces a mysterious, eerie sound.

*Vermelho que viu Pastinha
Por ele se interessar
Se achou na obrigação
De também se dedicar
A um jovem de futuro
Que ele pode encontrar*

*Por ser magrinho e tranqüilo
E ter o corpo de mola
Um destaque no seu curso
Um mascote para a escola
Vermelho muito inspirado
Lhe batizou de Angola*

*Com este nome africano
Ele prestava homenagem
Ao homem negro que veio
De tão distante paragem
E a capoeira angola
Ritmo, raiz e coragem*

*Vermelho formou um grupo
Viajou o mundo inteiro
Divulgando em toda a parte
O folclore brasileiro
Mestre João Grande e Angola
Foram dois pés de dinheiro*

Vermelho who saw Pastinha
Show interest in him
Believed himself obliged
To also dedicate himself
To a young man with a future
Who he found

Being skinny and calm
And having a spring-like body
A stand-out in his class
A mascot for the school
Vermelho very inspired
Baptized him with the name of Angola

With this African name
He gave homage
To black men that came
From such a distant place
And to capoeira angola
Rhythm, roots, and courage

Vermelho created a group
He travelled the entire world
Everywhere he promoted
Brazilian folklore
Mestre João Grande and Angola
Were two money-makers

*João Grande uma lenda viva
Da nossa capoeiragem
A cabeçada mais forte
Angoleiro de coragem
Que a imprensa do mundo
Tem divulgado a imagem*

*E Vermelho se tornou
Folclorista respeitado
Coreografando shows
Foi bastante premiado
Nas artes representou
O Brasil e o seu Estado*

*Jim tem crescido na arte
Da sua capoeiragem
Duas, três vezes por ano
Ele faz longa viagem
Pra o Nordeste do Brasil
Somando a sua bagagem*

*Pesquisa o samba de roda
Música viva, toque e instrumento
Conversa com antigos mestres
Sempre descobre um talento
Conquista um Brasil de arte
Pra mostrar no seu evento*

João Grande is a living legend
Of our art of capoeira
The strongest headbutts
Courageous angoleiro
The media of the world
Has publicized his image

Vermelho became
A respected folklorist
Coreographing shows
He won a lot of awards
In arts he represented
Brazil and his state

Jim has grown
In the art of capoeira
Two, three times a year
He makes a long journey
To the Northeast of Brazil
Adding to his artistry

Researching samba de roda¹
Live music, rhythms, and instruments
He speaks with old mestres
He always discovers a talent
He conquers the Brazil of arts
To include in his shows

¹ A samba dance style from the state of Bahia, Brazil.

*Um novo tempo nas artes
Hoje Los Angeles revela
A capoeira baiana
Desfila na passarela
Não traz a Bahia inteira
Mas traz boa parte dela*

*Traz vatapá e cordel
A viola e o repente
A chula, o maculelê
Ritmos que antigamente
Nos terreiros das fazendas
Entreteram muita gente*

*Ver mestre Jim numa roda
Vadiando em alto plano
Fazendo cruz se benzendo
Beijar patuá de pano
Aposta com qualquer um
Que o menino é baiano*

A new era for the arts
Today in Los Angeles reveals
Bahian capoeira
Parades on the stage
He doesn't bring all of Bahia
But brings a great part

He brings vatapá² and cordel³
The viola and the repente⁴
The chula⁵, and maculelê⁶
Rhythms that formerly
In the patios of the haciendas
Animated many people

To see mestre Jim in a roda
Vadiando⁷ on a high level
Making the sign of the cross for a blessing
Kissing a cloth amulet
You could bet anyone
That the young boy was Bahian

² African dish made of palm oil, manioc flour, dried shrimp, and peanuts.

³ A poetic writing style that depicts life. This text is written in the style of cordel literature.

⁴ Improvisational singing style of the Brazilian Northeast

⁵ A style of singing with one long verse and no chorus.

⁶ Stick fighting tradition that emerged in the Recôncavo region of Bahia, especially in Santo Amaro.

⁷ Terms used in earlier times referring to practicing capoeira. Today, most people use the term "play capoeira."

Bobô disse: - "Bule-Bule,
Jim é um mestre angoleiro
Aluno de mestre Angola
Nem parece estrangeiro
O corpo é americano
Mas o sangue é brasileiro

É leve no seu gingado
Seqüência bem aplicada
Só se defende coberto
Tem uma forte pegada
Prova que o mestre Angola
Não faltou lhe ensinar nada"

Jim, me aguarda em Los Angeles
Que chegarei com a viola
Com o pandeiro e com o cordel
Junto a Vermelho e Angola
Com permissão de Pastinha
Patrono da sua escola

Abril de 2003
Executou-se o projeto
Angola ganhou um filho
Vermelho ganhou um neto
E Pastinha o mestre maior
Recebeu mais um bisneto

Bobô said, "Bule-Bule
Jim is a mestre angoleiro
Student of Mestre Angola
He doesn't even seem like a foreigner
The body is American
But the blood is Brazilian

And light in his ginga
Well applied sequences
He only defends himself with a counter attack
He has a strong strike
He proves that Mestre Angola
Did not fail to teach him anything

Jim, wait for me in Los Angeles
'Cause I will arrive with the viola
With the pandeiro¹ and with the cordel
Together with Vermelho and Angola
With permission from Pastinha
Patron of your school

April of 2003
The project began
Angola has gained a son
Vermelho has gained a grandson
And Pastinha the greater mestre
Received yet another great-grandson

¹A tambourine with a goat skin, or plastic, head on one side.

*Eu, como amigo dos quatro
Me ocupei em versar
Telefonar pra os de longe
Aos de perto visitar
Louvar todos os vencedores
E entregar aos senhores
Uma obra popular*

I, as a friend of the four,
Became occupied with putting into verse
To call those faraway
To visit those nearby
To praise all of the winners
And to hand to all of you
A simple piece of folk art

FIM

ATENÇÃO
ESTE AGORA É O NOVO ENDEREÇO
DA TRIPINICE EDITORA
Av. Bezerra de Menezes, 2077 — SL 208
Fortaleza — Ceará — Brasil
CEP 60325-004 — Tel.: (85) 3217-2891
E-mail: kleviana@ig.com.br

FRANKLIN MAXADO

Franklin de Cerqueira Machado, Maxado Nordestino, nasceu em Feira de Santana, Bahia, em 1943. Formado em direito e jornalismo, Maxado, após quinze anos trabalhando em jornais de São Paulo, retornou a sua terra natal onde hoje se dedica integralmente à xilogravura e à poesia de cordel. Sua relação com o jornalismo é visível nos seus folhetos. Escritos em uma linguagem nova e direta, voltados, principalmente, para os temas da atualidade, seus cordéis abordam assuntos sociais e políticos quase sempre pelo viés satírico. O comportamento feminino é alvo de inúmeros folhetos de sua autoria, como, por exemplo: “Eu quero ser madamo e casar com feminista”, “Debate de Lampião com uma turista americana”, “A madame sulista que foi no mangue baiano”, “Aventuras duma doutora carioca e feminista”. Além de centenas de folhetos, é autor de livros básicos sobre cordel, entre os quais: “O que é literatura de cordel” e “O cordel televisivo – futuro, presente e passado da literatura de cordel”, ambos editados pela Codecri (RJ), de sua propriedade.

Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/janela_perfis.html. Acesso em: 26 jun. 2023.

[...] Falou em Cordel, do Oiapoque ao Chuí com pouso em Portugal e países lusófonos o nome de Franklin é citado.

Franklin deve ter a maior coleção de cordéis do Brasil. Tenho a impressão que ganha para a que tinha, dizem, Ariano Suassuna.

Maxado mora em Feira, onde fundou e dirigiu o Museu Casa do Sertão, da Uefs, faz música, escreve cordel, artigos, mexe com Academia de Letras, continua atuante e ativista.

Anda sempre pela banca de cordel de Jurivaldo, no Map, e cuida de uma pequena fazenda no histórico distrito de São Simão do vizinho município de Coração de Maria.

É um danado. E eu não podia deixar de abraçar o mestre, por aqui, neste dia municipal da literatura de cordel em Feira de Santana!

Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Franklin-Maxado-e-a-literatura-de-cordel.html&id=8&link=secom/noticias.asp&idn=27244>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORDEL EM DESTAQUE:

O Folclore do Mestre Muritiba não morreu.

Op. 15 F6

Autor: Franklin MAXADO Nordestino

O FOLCLORE DO MESTRE MURITIBA NÃO MORREU

Tinha quase 50 anos
Com mais de 20 de guarda.
E 25 na Feira,
Onde era o camarada
Para excursão de turismo,
Pescaria e caçada.

Quebrava o galho de quem
Queria um motorista,
Um conserto de sapato,
Uma atração pra turista.
Por isso tudo, sua morte,
Foi lamento pessimista.

Rendo o pranto de amigo,
Que é quase um irmão.
Abraço seus 11 filhos,
Que estão em privação.
Peço ao feirense pra ter
Maior consideração.

Muritiba está em paz.
Descança como um justo.
Se ele tivesse dinheiro,
Na certa, já teria busto.
Mas, como foi mestre pobre,
Ao rico, só causou susto.

- M- ofino foi Muritiba,
- A- pesar da Capoeira.
- X- amava todos de irmãos,
- A- chando até ser besteira
- D- esconfiar de alguém
- O- u do seu povo de Feira.

Feira de Santana, junho de 1985.

Preços especiais para colecionadores e
revendedores de Literatura de Cordel



PEDIDOS: Rua Augusto, 1.524 - loja 36
Tel. 289-6725 São Paulo - SP.

001965

O FOLCLORE DO MESTRE
MURITIBA NÃO MORREU

ex-15
F61

O FOLCLORE DO MESTRE
MURITIBA NÃO MORREU

O povo e o seu folclore
Continuam violados
Pelo poder do dinheiro
E por seus apadrinhados
Que praticam os desmandos
Sem que sejam justicados.

Ainda agora mataram,
Sem motivo relevante,
Nosso Mestre Muritiba,
O maior representante
Do Folclore da região
Onde era atuante.

Ele era sempre alegre.
Não bulia com ninguém.
Ajudava todo mundo,
Procurando fazer bem.
Era mestre de Capoeira
Mas era um guarda também.

Servia à Prefeitura
Na Guarda Municipal.
Há muitos anos na farda
Para o patrimonial
Resguardar dos desordeiros,
Mantendo a ordem geral.

Por defender nossa lei,
Contrariando filhinho
De papai ou gente fina,
Foi que faleceu sozinho
Após o ataque covarde
Duma trinca em seu caminho.



MURITIBA NÃO MORREU

2
Não lhe concedeu nem tempo
Pra lutar ou reagir.
Um logo lhe deu um tiro,
Deixando o corpo a cair.
Os três entraram no carro
E trataram de fugir.

Até agora, a Polícia
Não sabe ou não pegou,
Ajudando a malandragem
A matar quem não matou.
Se o crime não compensa,
Este aqui contrariou.

Os bons são os que se acabam,
Vaso ruim não rebenta.
Muritiba foi embora
Numa agonia lenta.
Porém sua alma hoje
Nosso folclore alimenta.

Não chegou nem a gravar
Disco, apesar de bamba.
Só ficou pelo Nordeste,
Curtindo o nosso samba.
Também não foi à tevê
Por não transar a muamba.

Caranto:se o Boldrin
Soubesse, o botaria
No "Empório Brasileiro",
Representando a Bahia.
Ou então no "Som Brasil"
E sua arte gravaria.

3

Ele só ficou em Feira,
Sendo um grande festeiro.
Se apresentava em Santana
E no Alto do Cruzeiro.
Na festa da Kalilândia
E em rezas de terreiro.

Lora disso, ele saiu
Fazendo apresentações
Pelas cidades vizinhas
E por outras regiões,
Indo até a capital
Pro meio de figurões.

Também, ensinava a ginga
Da Capocira de Angola
Na sede do Ali Babá,
Clube onde tinha escola.
E, como bom brasileiro,
Gostava de jogar bola.

Sabia entrar e sair,
Tinha o seu gabarito.
Respeitava as famílias
E religioso rito,
Indo em igreja católica.
Respondia seu bendito

Algumas vezes, saiu
Como se fosse passista
Em trios, escolas de samba.
Chegou a ser ritimista
No Carnaval e Micareta.
Era um folião artista.

4
Muito embora não tivesse
Estudos ou instrução,
Não era ignorante
E tinha educação.
Aquele que é de nascença
É não de ocasião.

Desse modo, sem ter cursos,
Tinha nata sabedoria,
E muitas aptidões
Que eram como magia,
Encantando as pessoas
Com artes e cortezia.

Batia o Candomblé,
Cantiga Santamarense.
A Xula de Boiadeiro
Da região jacuipense.
Compunha Sambahs de Roda,
Conhecidos do feirense.

Tocava bem a viola,
Pandeiro e berimbau.
Reco-reco e atabaque
Agogô e o timbau.
Insinuava a Capoeira
E Maculelê com pau.

No berimbau, era o Cão.
Tocava com maestria.
Tinha uma grande voz,
Todos os toques sabia
E os golpes de Capoeira
Regional da Bahia.

5
Ele também fabricava
O berimbau de baiano.
Tinha um Bumba-Meu-Boi,
Que saía todo ano,
É o Folgado da Velha,
Que era feita de pano.

Nisso, era acompanhado
Por Cacau ou sua gente,
Por sua mulher, Railda
E por Paulo Boca Quente.
As vezes, com Mãe Socorro,
Fazia dupla excelente.

Acompanhou o Zé Malta,
Cantor Antonio Moreira,
Ainda Silvério Silva
Em "shows" e rádios de Feira.
E, sem ter televisão,
Era um astro na ribeira.

Em São Paulo, ele foi
E mostrou ser grande artista.
Insinou a Capoeira
Até ao capoeirista.
Nos teatros e na praça,
Deslumbrou o irmão paulista.

Ele tinha ido lá
Dentro dum "show" musical,
Chamado "Terra de Lucas",
E mostrou que era o tal,
Encantando as platéias
Com seu jeito original.

6
E, principalmente, quando
Dançava com a baiana
Rosinha de Iansã,
Dando bundada sacana,
Infeitando assistência
Com sua bossa e gana.

Fez escola em São Paulo,
Encontrando seus parentes:
Mestre Joel, Quebra-Ferro,
Zê, Gerson e outras gentes
Que gravaram sua imagem
Para sempre em suas mentes.

Tirando, na voz, os cantos,
Dava aú e a rasteira,
Chapa de costas, martelo,
A bênção de pã ligeira,
A tesoura voadora
Na difícil Capoeira.

O salto mortal de gato,
Coice de mula, armada,
Pulo de sapo, meia-lua,
Bananeira, cabeçada,
Rabo de arraia, bicuda
Chave de cruz, umbigada.

Mas, tudo isso foi nada
Pra quem anda em boa fê.
Três caras lhe apareceram
Antes que tomasse pã.
Lhe deram um tiro certoiro
Sem perguntarem: "quem é?"

7
Pegaram de corpo aberto
Quando ia trabalhar
No tal Mercado do Fato,
Perto do seu simples lar
Que, no Tanque da Nação,
É junto do "Ali Babá".

Os três covardes fugiram
Em um carro acelerado,
Deixando ele no chão,
Com o bucho atirado,
Sem tempo pra defender-se,
Pois estava desarmado.

Isso se deu em 15
Daquelo mês de abril
Quando o nosso povo estava
Sofrendo em todo Brasil
Com a doença de Tancredo,
O Presidente civil.

O mestre foi operado
Para retirar a bala.
Mas, foi perdendo as forças
Até ficar sem a fala.
Ficou no Pronto-Socorro,
Hospitalizado em sala.

O Dom Pedro de Alcântara
Precisa ser saneado.
Muritiba, ali exposto,
Ficou infeccionado.
Lhe deu uma diarreia,
Tendo de ser aparado.

Os médicos sô diziam
Que ele ia escapar.
Intretanto, o seu estado
Sô fazia piorar
Sem que as autoridades
Fossem lá verificar.

E, no dia 23,
Deixou nosso mundo cão
Pra, no dia 24,
O povo levar seu caixão
Ao cemitério local
Como numa procissão.

Se falei de Muritiba,
Neste meu Cordel de feira,
Aproveito pra mostrar
A justiça verdadeira
A fim de ser respeitada
A gente que é ordeira.

O seu nome já é lenda,
Fazendo assombração.
Tenho dô dos matadores
E da sua aflição.
A justiça da alma
É que faz a danação.

Bartolomeu Dias era
O seu nome de verdade.
Muritiba era apelido
Por ser daquela cidade
De onde saiu em 60,
Ainda na mocidade.

(continua na contra-capas)

ISA MULATINHO

Isa da Rocha Mulatinho, mestra Isa Mulatinho, capoeirista desde os anos 1980, representa um importantíssimo segmento de nossas tradições, O FEMININO. Precursora Feminina, fundadora do Grupo Malê, da ACAJAGUAR (que funcionou no quintal de sua casa por 17 anos), e da Federação Pernambucana de Capoeira. Árbitra Nacional e Estadual, Competidora Tri-Campeã Pernambucana – Categoria Monografia. Toca, canta e joga. Palestrante, Fundadora do Conselho Pernambucano de Capoeira em 04/01/2009, promotora de Batismos, Graduações e Competições, sendo em todos esses aspectos PIONEIRA PERNAMBUCANA, sem direcionamentos à Grupos, Associações ou Federações.

Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/noticias-atualidades/graduacao-da-lo-mestra-pernambucana-de-capoeira/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CORDÉIS EM DESTAQUE:

Mestre Mulatinho: a Capoeira de uma vida.

Isa da Rocha. Capoeiragem no Recife dos Brabos.

Isa da Rocha. Histórias da Capoeira Pernambucana.

MESTRE MULATINHO



Mestre Neném

Pai mim é uma
honra contribuir
com este singelo

cordel para o
acervo do grande
Mestre Bimba.

Obrigado, Obrigado
que Deus abençoe
você e que ilumine

como sempre seu Pai.
Um abraço.

João Mulatinho

04/09/08.

João Mulatinho

A história que vou contar
de todas é a mais valente,
de um tal João Mulatinho
que da luta fez vertente.

Seu signo já previa
o que agora vou contar,
Ariano ele seria,
sempre disposto a lutar.

Pedia à mãe com renitência
pra na academia entrar,
mas ela só se esquivava
mandando ele estudar.

Mas seu anelo era forte,
venceu muitos preconceitos.
Todos, então, se renderam
ao pulsar do sonho em seu peito.

Não faltou a nenhum treino
foi sempre aluno exemplar
dele, nem seus professores,
conseguiam uma só vez ganhar.

Aventurou-se no boxe
Kickboxe e jiu-jitsu,
sendo sempre admirado
por sua garra e seu viço

Venceu vários desafios
no taekwondo e judô.
Foi justo na capoeira
que ele se fez doutor.

Também é doutor da Lei
Se formou em Advogado
Faculdade de Direito de Recife
Tem o Seu nome estampado.

Foi no Rio de Janeiro
onde menino ele viu
o jogo da Capoeira
e amor ele sentiu.

Com certeza aquela imagem
no seu coração ficou
no seu peito de menino
a Capoeira guardou.

la e voltava a pé
fazia qualquer sacrificio
pra pagar seu professor
e aprender aquele oficio.

Mosquito era seu Mestre,
foi ele quem lhe ensinou
que na Capoeira e na Vida,
deve o homem ter valor.

Seu Mestre foi pequenino
grande no conhecimento,
aprendeu com Mestre Bimba
a passar os fundamentos

Com agilidade e destreza
as seqüências ensinava,
preparando o seu aluno
para o que o esperava.

Chamou um dia o menino
para no morro subir
e lá jogar Capoeira
pra jogar até cair.

Encontrou então Dentinho
foi ele quem o batizou
pra nunca mais esquecer
cabeçada ele levou.

O Mestre Mosquito era forte
de um grupo mais forte ainda
Senzala era o seu nome
grandes Mestres reunia.

Lembrei do Mestre Gil Velho
ele também o ensinou,
raçudo, valente e ligeiro
ao menino impressionou.

Mestre Adilson, amigo leal,
também foi seu professor
na Capital Federal
quando ele por lá morou.

E o tempo foi passando
na corda do Berimbau,
no batuque do atabaque
foi ficando maior.

O menino Mulatinho
Foi crescendo e se formou.
Recebeu da mão do Mestre
Que o fez seu sucessor:

Corda Vermelha e abadá,
carta de orientação
pra cuidar da Capoeira
e ensinar a lição.

Que na vida só se leva
o que está no coração.
por isso o mundo cabe
na palma da sua mão.

Muito forte e aguerrido
lutador e jogador
no Berimbau ele é bamba.
na porrada: Professor.

Depois foi morar em Brasília
na Capital Federal,
mas voltou num belo dia
pra sua Cidade natal

E recriou no Recife
a ginga pernambucana,
mostrou que o Leão do Norte
bem merece a sua fama.

Ensinou a muita gente
que queria aprender,
plantou a boa semente
fez a capoeira crescer.

Com garra e muita coragem
no jornal anunciou,
quem conhecer capoeira
me procure, sim senhor.

No dia e hora marcados
no SESC compareceram,
dos quatro cantos chegaram
e eles se conheceram.

A Capoeira Pernambucana
foi por ele transformada,
com gosto de cana caiana
com cheiro de terra molhada.

Com muita dedicação
ele tudo organizou,
fundou a Associação
que a Federação chegou.

Batismo, Graduação,
Indumentária e Campeonato
mudar de corda era um sonho
desejado e conquistado.

Na Graduação sete fases
do negro representava,
de escravo à liberto
a luta continuava...

Fazia exame de conhecimento
exame físico e emboscada,
muita valia ainda tem
uma corda por ele dada

Incentivava os alunos
a história do Brasil estudar,
pra saber de onde viemos
e onde é nosso lugar.

Capoeira sempre foi
sinônimo de liberdade
da luta, da resistência
do fraco por igualdade

Mestre de grande respeito
bastante considerado
no Brasil e mundo afora
é muito admirado.

Nas rodas, esteve sempre
porque lá era sua casa,
impondo muito respeito
sua lenda criou asas.

Jogar capoeira de Rua
no Diário, na Pracinha,
na Igreja de Piedade
recitava a Ladainha.

No Recife todos sabem
quem foi esse Mulatinho
e há sempre um novo caso
pois na briga ele era espinho.

Mas há também quem conheça
sua fama de bom moço
sincero, justo e honesto
também era generoso.

Temente à Deus revelava
a luz que ao Pai agradava
aos alunos ensinava
a ler a Bíblia Sagrada.

E não há um só que diga
que nele bateu ou venceu
há muitos casos e fatos
dos que dele já correu...

E esse tal Mulatinho
é o Mestre dos Mestres.
E esse tal Mulatinho
é o orgulho do Nordeste.
E esse tal Mulatinho
foi também meu professor
E a ele, hoje, eu dedico
os meus versos com amor.

A Capoeira de uma
Vida.

Cordel em Homagem
ao nosso querido

Mestre Mulatinho.

por seus alunos:

Isa Mulatinho e

Tito Bênio Bisboa.

Recife, 04 de maio de

2007.

Pernambuco/Brasil.

CAPOEIRAGEM



No
Recife
dos BRABOS

Fare Mestre,
Ne não
com um grande
abraço.
João Umbelino
04/09/88.

A CAPOEIRAGEM

No Recife dos Brabos.

Praticada pelos Brabos
e Valentes nas entocas
com rasteiras e pernadas
desafios pelas Docas...

Em todas as festividades
lá estavam os Capoeiras
em Comícios, Pastoris
Carnavais, São João e Feiras.

De longe já se ouvia
com grande agitação
frente às Bandas Marciais
"Moleques da Música" em ação.

Saltando, fazendo piruetas
acotovelando-se entre eles
dançando, soltando pilhérias
com bengalas e cacetes.

Foi aí que iniciou
grande atitude rival
entre o Quarto Batalhão
e a Guarda Nacional.

O Quarto da Artilharia
O Espanha, Guarda Nacional
com rimas e enfrentamentos
a agressão era geral.

"Viva o Quarto! Morra Espanha!
Cabeça Sêca é quem apanha!"

E compondo seus refrões
criaram provocação
embrionando as marchas
e letras do frevo-canção.

Na forma coreográfica
de maneira original
surgiu o "passo do frevo"
essência do Carnaval.

Assim foram os Capoeiras
dando contribuição
prá cultura popular
da nossa grande nação.

Com bengalas e cacetes
de quiri bem fabricados
chapéu-de-sol na cabeça
com elegância trajados .

Horda de turbulentos
dados à vadiagem
ao crime, às arruaças
Mestres na Malandragem.

Luta subversiva
instrumento de vadiação
arte de agilidade
defesa contra opressão.
Excelentes no arrastão
no manejo da navalha,
na faca-de-ponta e cabeçada
também no rabo-de-arraia.

E os Capoeiras seguiam
assim suas trajetórias
de façanhas, de desordens
provocações e de glórias.

Temidos e admirados
Heróis da contravenção
amados e odiados
tremenda contradição.

No início do século vinte
governando Sigismundo Gonçalves
a perseguição aos Capoeiras
foi ideal concretizado.

E assim os Capoeiras
sofreram proibição
por um Decreto de Lei
foram parar na prisão.

Quem fosse visto nas ruas
em movimento de capoeiragem
era recolhido pela milícia
por prática de malandragem.

Julgados e condenados
foram então penalizados
a Fernando de Noronha
muitos foram enviados.
Recolhidos ao Xadrez
ou mandados a lutar
na Guerra do Paraguai
a meta era acabar...

Com essa tal resistência
chamada Capoeiragem
coisa de escravos e de pardos
na luta por liberdade.

E a Capoeira até hoje
é símbolo de persistência
da cultura popular
por sua sobrevivência.

Popular pois vem do Povo,
da ralé, dos "sem prestígio"
se pudessem exterminar
não deixariam vestígios.
Mas a memória ancestral
não reside num papel
que o fogo pode queimar
virando cinzas ao léu...

A Capoeira expressou
sua força e identidade
mostrando a sua cara
lutando por igualdade.

Esse é o grande elo
que une a capoeiragem
exemplo de resistência
a nossa CAMARADAGEM!

X.X.X.X.X.

08

Homenagem aos Brabos e Valentões
do Recife - Por uma vida de CORAGEM
e ATITUDE!

- . Nascimento Grande
- . Jovindo dos Coelhos
- . Nicolau do Poço
- . A Dama
- . Floriano Peixoto
- . Frei Caneca
- . Dom Hélder Câmara
- . Mestre Tibúrcio Metralhadora
- . Mestre Salustiano
- . Robertinho do Recife
- . Lia de Itamaracá
- . Aurinha do Côco
- . Alceu Valença
- . Lenine
- . Maracatu Leão Coroado
- . Roger de Renor

- . Bloco da Saudade
- . Bloco das Flores
- . Caboclinhos 7 Flechas
- . Mestre João Mulatinho
- . Mestre Gil Velho
- . Mestre Pirajá
- . Mestre Corisco e Dani
- . Mestre Birilo e Bitá
- . Mestre Teté
- . Mestre Barrão e Aurinha
- . Mestre Mago e Bel

E a outros RESISTENTES,

HERÓIS POPULARES

que vivem no
anonimato...

Recife, 27 de novembro de 2007.

Isa da Rocha Mulatinho.

Cordel elaborado para participar
do XXVIII Campeonato Pernambucano
de Capoeira - Categoria Monografia.

CAPOEIRA

Pernambucana



**HISTÓRIA
em 101 partes**

Mestre Nenê
agradeço pela
sua vinda ao
Recife, esperando
vê-lo muitas
outras vezes.
com carinho
João Muletinho
04/09/08

História da Capoeira Pernambucana.

Uma das Partes...

Em 1890 proibida por Decreto
A Capoeira sai de cena
resistindo em secreto...
Essa grande repressão
teve grave consequência
dela não mais se falava
apesar de sua existência.

Sabe-se que permanecia oculta
sorradeira, marginal
nos terreiros, pelo Cais
nas troças de Carnaval.

A Capoeira então, não morreu,
silenciou.

E seus bravos desafios
à surdina confinou.

Alguns mais velhos sabiam das façanhas de alguns "Brabos" mas nem sequer comentavam pois logo eram censurados.

Hoje eu sei que poderia uma outra história contar, mas num domingo de tarde vi meu destino mudar.

Conheci Mestre Mulatinho e com ele a Capoeira meu irmão Zé Radiola treinava com ele nas feiras segunda, terça, quarta, quinta e também nas sextas-feiras.

Aos sábados e domingos apresentavam a Capoeira nas escolas e nas festas nas praças e nas ladeiras onde houvesse reboliço lá estava a Capoeira.

Prá fazer Roda-de-rua ou uma apresentação pegava de casa em casa fazia baldiação enchia o carro de gente completava a lotação a outros dava a passagem, não tinha desculpa, nao.

Fazia Roda nas praças, no Diário, Na feirinha em Boa Viagem e Piedade em frente da Igrejinha. Na Sé de Olinda e no Carmo também em Porto de Galinhas.

Assim Mestre Mulatinho reuniu e organizou fez Batismo, Graduação indumentária usou. Até o "Salve Capoeira" essa nossa saudação criou ele para expressar dela a destinação: "Zum, zum, zum, Capoeira Salva um!

Prá juntar os Capoeiras
espalhados pelo Estado
anunciou no Diário
encontro em Santo Amaro
No dia e hora marcados
no SEESC se encontraram.
E foi um importante marco
Mulatinho e Zumbi
Bigode e Coca-Cola
festa igual nunca vi.

De todos os lados vieram,
Paulo Guiné, Pirajá
Lázaro, Luiz de Olinda,
muita história prá contar.
Meia-noite, Teté, Branco
Lospra, Corisco
Géo, Vavau, Birilo
e outros ilustres capoeiras
que ainda eram meninos...

Recordei do Boi Castanho
no bairro de Casa Forte
Antônio Nóbrega treinava
e traçava sua sorte
de ser um grande expoente
na Cultura Nacional
com a Capoeira, o Frevo
e sua arte musical
Avestruz cantou de galo
é tradição no nosso Carnaval.

Iniciamos assim,
uma grande trajetória
sem perceber registramos
nossos nomes na História.

E a Capoeira do Recife
foi renascendo aguerrida
com os traços do Senzala
de Sinhozinho e de Bimba.
Assim sendo, nossa linha
vem do Mestre Mulatinho
Discípulo do Mestre Mosquito
batizado por Dentinho.

Que em 1970
no Clube ASA em Botafogo
começou o treinamento
da Capoeira e seu jogo.

Mestre Mosquito porém,
partiu sem lhe avisar.
Com seu "Berimbau de Ouro"
foi no céu capoeirar,
passando a seu discípulo
missão de continuar.

Mestre Gil Velho, então
prosseguiu no ensinamento
do Senzala e seus Gigantes
passou-lhe o fundamento.
Do vigor da Capoeira
objetiva e ligeira
de beleza sem igual
mas que não marca bobeira.

Em Brasília Mestre Adilson
também foi seu professor
lhe dando orientação
no tempo que lá ficou
vindo então para o Recife
nossa história começou.

Voltando à Pernambuco
foi morar em Piedade
Deu aulas de Capoeira
no Salão do Clube Aliado
Foi sua primeira Turma
que relembro com saudade.

No início dos anos 80
Associação fundou
nos "Ex-Alunos Maristas"
o Grupo Malê formou.
E foi o Grupo Malê:
Irradiação que vem da mata...
o primeiro grande Grupo
reunindo da Capoeira - a nata.

No Malê o Capoeira
aprendia por inteiro
a arte, a dança e a luta
do Berimbau ao Pandeiro.
Aprendia a cantar
e dançar conforme o tom
"Marcou touca cai de bôca"
nesse lema ele era o bom.

E a Capoeira Pernambucana
marcava sua presença
respeitada em todo o Brasil
pela sua competência.

Nem Angola, nem Regional.
Quem ditava nosso jogo
era o som do Berimbau.
Toque lento - jogo calmo.
Toque rápido - acelerar!
"Adeus, Adeus - boa viagem..."
É hora de terminar.

Mas a vida não transcorre
da maneira que se quer
os filhos deixam a casa
ainda sem ter mulher...

Foi então, que do Malê
começaram a sair
criando seus próprios Grupos
dos seus jeitos - a fluir...

Vocês podem perguntar...
E a Mulher na Capoeira,
onde era o seu lugar?
Eu vou responder agora
com muita propriedade,
onde existe Capoeira
existe Mulher de verdade.
Nesse momento da história
eu fui mesmo a pioneira,
a primeira mulher em Recife
a treinar e jogar Capoeira.

Muita atenção chamava
quando na Roda eu entrava.
Tocava pandeiro, cantava,
prá jogar era disposta
com certeza não deixava
provocação sem resposta.

Depois veio Miroca.
Cláudia e Resana chegaram.
E com elas muitas outras
por nosso Grupo passaram.
Betty da Academia Studio
Maria de Capoeiras,
Cheng e Pá as chinesas
graduadas com destreza
provaram que lugar de mulher
é mesmo na Capoeira.

Em muitas academias,
Capoeira virou moda.
Treinavam todos os tipos
de Maloqueiro à Dondoca.
Aprendendo a nossa arte de
dança-luta manhosa.

Cresceu como mato ralo.
Se espalhou a Capoeira.
Cruzou mares,
venceu ares
ampliou suas fronteiras
foi prá países longínquos
de gente de língua estrangeira.
Porém vou repetir o dito
que repito com verdade.
Capoeira correu mundo
atingiu maturidade,
mas o que a sustenta e garante
é a velha CAMARADAGEM!

X.X.X.X.X.X.

Recife, 04 de maio de 2008.
Isa da Rocha Mulatinho

Nesse Cordel quero homenagear e relembrar importantes capoeiristas que fizeram parte da nossa Capoeira e que se foram dessa Vida muito cedo.

- . GRANDÃO - Nova Divinéia Prazeres.
- . LINGUADO - Carioca, mas Recifense de Coração.
- . MORCEGO - Irmão do Mestre Bigode.
- . CAVEIRA - Recifense. O capoeira mais divertido e irreverente que conheci.

Nossa Eterna Saudade!

1ª Turma de Capoeira do Mestre Mulatinho.

Local: Aliado Futebol Clube em Piedade. Jaboatão.

Ano: 1977

Alunos: Moradores e Veranistas da Praia de Piedade.

2ª Turma de Capoeira do Mestre Mulatinho.

Local: Aliado Futebol Clube em Piedade - Jaboatão dos Guararapes,

Ano: 1978 a 1980.

Alunos (ordem alfabética)

- | | |
|---------------------|----------------|
| . André Maia | . Luizinho |
| . Amaral | . Lospra |
| . Barraca | . Mamac Maia |
| . Celinho | . Mocarongo |
| . Clivandir | . Neno Maia |
| . Eduardo | . Paulo Guiné |
| . Falcon | . Risadinha |
| . Flávio Moca | . Titela |
| . Foca | . Tony/ Nelson |
| . Gaudino | . Vavau |
| . Geo | . Zé Luiz |
| . Grandão (memória) | . Zé Radiola |
| . Isa | |

JOÃO SABINO NASCIMENTO

João Sabino do Nascimento nascido em Alagoas, chegou menino à Bahia. Além de cordelista, é pintor. Conhecido por JOSAN, tem por principais obras: Bahia, Eterna Bahia e Lampião, o justiceiro de Nordeste. Com a obra Bahia, Eterna Bahia participou do livro Antologia Baiana de Literatura de Cordel, em 1997.

Esta Antologia do cordel brasileiro vem comprovar a qualidade da literatura de cordel no Brasil. Os cordéis reunidos neste livro, escritos por poetas cordelistas de diferentes gerações, foram selecionados por Marco Haurélio, um dos nomes de maior destaque na literatura de cordel na atualidade.

CORDEL EM DESTAQUE:

Bahia, Eterna Bahia.

BAHIA, ETERNA BAHIA

Autor: João Sabino Nascimento (JOSAN)

1990

Bendita sejas Bahia
Pelos teus encantos mil,
Com seus campos verdejantes
E o teu céu côr de anil,
Seus filhos lhe enobrece
E a musa lhe enaltece
Em seres Mãe do Brasil.

A Esquadra de Cabral
Quando sentiu calmaria
Pensou que estava perdida
Rezaram a Santa Maria,
Surgiu o Poder Divino
Pela força do destino
Mostrando nossa Bahia.

Pensando ser uma ilha
Deram um nome popular:
Terra de Santa Cruz
Outro engano singular,
Cantaram louvores mil
Batizaram o Brasil
Na madeira do lugar.

Terra das mil aventuras
Das Invasões Holandesas,
Quando Sórora Joana Angélica
Com bravura e com grandezas
Guarda o Convento da Lapa
Com unha, dentes e tapa
Daquelas sutis vilezas.

Bahia das cachoeiras,
Do rio Paraguaçu,
Onde houveram contendidas
E o General Labatut,
Um militar valoroso
De brio reto e garboso,
Enfrentou todo lundu.

Também Maria Quitéria
Nossa maior heroína
Mulher valente e audaz
Vendo a carnificina
Entrou no auge da guerra
Defendendo a nossa terra
Outro poder não domina.

O poeta Castro Alves
Um rapaz inda tão novo
O Defensor dos Escravos
Da poesia um renovo;
E por todos estimado
O seu nome é consagrado -
Maior Poeta do povo!

Bahia - de Rui Barbosa
Onde o saber não desmaia,
Foi grande conferencista,
Levou de início uma vaia...
Com seus modos eloquentes
De verbos inteligentes
Foi ele: - O Águia de Haia!

Vamos deixar os heróis
Em sua eterna morada,
Falar das coisas atuais
Desta Bahia adorada,
Por esses fatos reais
Não esqueçamos jamais
Esta terra encantada.

Falando nos coqueirais
Da formosa Itapuã,
Vê-se o Sol beijando a brisa
Sob o rubor da manhã
Aonde Calazans Neto
É o seu rei predileto
Tendo a praia como irmã.

Mário Cravo também tem
O seu nome nas alturas,
Suas obras aparecem
Como primor de esculturas,
Já preparou seu reinado
É um vulto consagrado
Com inspirações mais puras.

Foi Genaro de Carvalho
Aqui dentro da Bahia
Um grande Artesão do povo
Que o mundo conhecia,
Na arte de Tapeceiro,
Um artista Brasileiro -
O Rei da Tapeçaria.

Ao Escritor Jorge Amado
O nosso Historiador
Tem o seu nome gravado
No País, no Exterior,
Jamais será esquecido
Por este povo querido
Que lhe dá todo valor.

Falando em Caribé
Grande Pintor da Bahia
Merece nosso respeito
E a nossa poesia,
O seu nome na história
Esta coberto de glória
Por tudo que ele cria.

Dorival Caymmi ganhou
Do povo toda afeição
Pelos seus sambas bonitos
Que enternecem coração,
É Rei de toda platéia
Por sua divina idéia
Que nasce da inspiração.

Menininha do Gantois
Em seu reino predileto
Também Olga de Alaqueto
Do povo tem seu afeto,
Tem ambas a primazia
Na cultura da magia
Por todo valor correto.

A Bahia tem de tudo
Que todo baiano quer:
Festa todos os dias,
Cachaça boa e mulher,
Cada mulata faceira,
Do Abaeté à Ribeira
Enlouquece um qualquer.

Hoje o Mercado Modelo
É a maior atração.
A Banca dos Violeiros
Apresentando o baião,
É lá onde a poesia
Faz exaltar a Bahia
Pelo Vate do sertão.

É a terra hospitaleira
Repleta de tradições
Com milhares de igrejas
E muitas religiões,
Onde o Reino da Umbanda
E o outro da Quimbanda
Congrega suas Nações.

Gilberto Gil e Caetano
Nossos artista de fé
Também Gal Costa e Betânia
Trazendo o samba no pé
Levando o povo pra Praça
Pelo Imperador da massa
Nosso Raimundo Sodré.

Firmino de Itapuã
Chocolate da Bahia
Ederaldo, Edil Pacheco,
Cantando com alegria
No teatro do Ferrão
Tem Balbino do Rojão
Com cartaz e simpatia.


O Camafeu de Oxóssi
Nosso verdadeiro Aedo
Fazendo pratos gostosos
Pois conhece todo enredo
O Menu tem mais sabor
Seu tempero de valor
Pois ele sabe o segredo.

Aqui se faz maniçoba
Com as folhas de Aimpim
E outros pratos bacanas
O caruru e o xinxim
Só vindo para comer
E logo depois dizer
O Menu não é ruim.

Quem não conhece não sabe
A moqueca de Arraia
Com molho bem ardiloso
Da pimenta arriçaia,
Se não for acostumado
Sinto pena do coitado
Pela rua leva vaia.

A feijoada baiana,
O bacalhau de angu,
O siri e o caranguejo,
Papa fumo e aratu
Até mesmo quem morreu
Ainda não esqueceu
Do caldo de sururu.

Nossas baianas que vendem
Acarajé, abará,
Tem tabuleiro enfeitado
Com camarões, vatapá,
Outras tantas iguarias
Nos vendem com cortesias
Os quitutes de Iaiá.



Escolas de capoeira
No bairro de Maciel
Que descendo à Frei Vicente
Se chega no São Miguel
Onde ali o Mestre Bimba
Com sua astúcia e tarimba
Tinha Diploma e Anel.

Mestre Pastinha também
Seguiu a mesma carreira
Ao lado de "Caiçara"
Outra figura altaneira,
Esses são os Maiores
E conhecidos demais
Na arte da Capoeira.

Hoje em dia "Mestre Galo"
Como Mestre é sustentáculo,
Em toda festa de largo
Não encontra obstáculo
Pra todo turista vê
Capoeira, Maculelê,
É um verdadeiro Oráculo.

Rodolfo C. Cavalcante
O Senador do Cordel
Encontrou dificuldades,
O Saudoso Menestrel
Na poesia - formado
Podia ser Deputado
Ou um Dr. Bacharel.

Ninguém poderá dizer
Que eu faltei a verdade,
Existem mil maravilhas
Nesta bonita cidade
Tudo que falei é pouco,
Falando mais fico rouco
Sem falar nem a metade.

Nem tenho estro de Vate
Para exaltar a Bahia
Falar de tudo que tem
O meu livro não cabia,
Por ser pequeno demais
Bahia tem seu cartaz
Porque ela é Poesia!

KITUTE DE LICINHO

“Kitute de Licinho” é nome artístico de Antônio Marcos Carneiro Coelho. Ele é servidor público municipal e ex-presidente da Casa da Cultura de Irará. Desde 2003 escreve cordéis, através dos quais mistura realidade e ficção ao narrar os “causos” dos seus personagens.

Pela qualidade do seu trabalho, Kitute já é uma das referências na área de literatura de cordel na Bahia. O cordelista tem representado Irará em diversos eventos, a exemplo da virada cultural de Maragogipe em 2012.

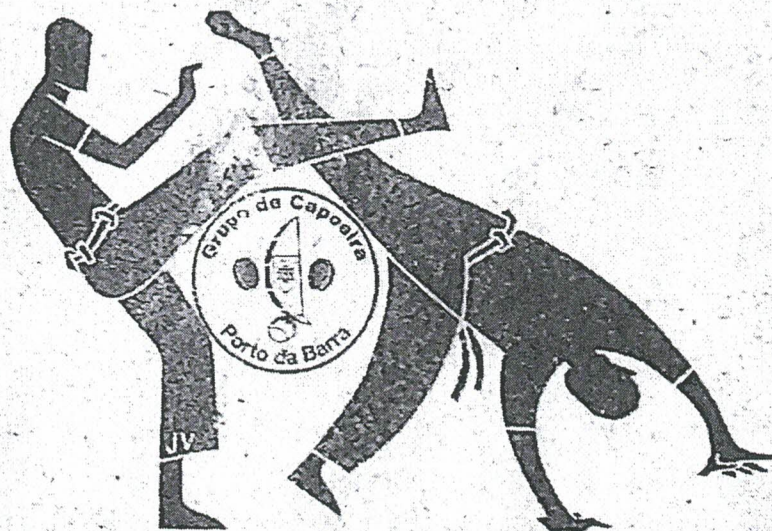
Disponível em: <https://iraraense.wordpress.com/2014/04/18/iraraense-apresenta-kitute-de-licinho-como-colunista/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

CORDÉIS EM DESTAQUE:

Grupo de Capoeira Regional Porto da Barra.

Capoeira do Século.

**GRUPO DE CAPOEIRA REGIONAL
PORTO DA BARRA
EM CORDEL**



**15 anos de existência e integração cultural
Mestre Cabeludo
Irará - Bahia**

Kitute de Licinho

Marcos Antonio Carneiro Coelho (Kitute).
Nasceu em 21 de março 1972, em Irará BA,
onde estudou e concluiu o ensino médio.
Trabalha como servidor público, além de
cordelista é poeta e membro da Casa da
Cultura de Irará.

Procura trazer em seus verso o universo
iraraense, misturando figuras e situações
reais com a ficção.

*Tiragem especial para o evento
"Capoeira do Século 2010" em
Salvador-BA-Brasil.*

**GRUPO DE CAPOEIRA REGIONAL
PORTO DA BARRA EM CORDEL**

POR: Kitute de Licinho

Capoeira é a arte
Começada na Bahia
Espalhou-se no Brasil
E o mundo contagia
Música, dança e luta
Corpo ginga e disputa
Força, honra e valentia

Veio o povo africano
Num navio acorrentado
Trazido pra Salvador
Só pra ser escravizado
O índio não quis ser boi
Por isso seu povo foi
Brutalmente assassinado

Substituindo o índio
Que nunca quis ser cativo
O branco trouxe o negro
Forte sem ser agressivo
Mas negro que não se solta
Se rebela e se revolta
Passa a ser fugitivo

Força e agilidade
O seu trabalho lhe dava
Mas pra fugir com sucesso
Uma arma precisava
Criou-se a capoeira
Nome da grama rasteira
Onde o escravo jogava

Capoeira deixa o negro
Ligeiro como o vento
Várias lutas misturadas
Mas com um só pensamento:
Uma fuga de resposta
Lagarto, cobra e onça
Mostraram o movimento

Do meio da capoeira
Saia o desacato
O corpo era a arma
Contra capitão do mato
Maturada no quilombo
Cada rasteira um tombo
Agilidade de gato

Depois da abolição
A luta ficou mal vista
A polícia perseguia
Sempre o capoeirista
Que se fosse bem treinado
Surrava qualquer soldado
Fugindo sem deixar pista

Foi da capoeira mãe
Também chamada Angola
Que se criou a doutrina
E no Brasil fez escola
Nas ruas de Salvador
O negro um sofredor
Aprendeu entrar de sola

Arte disciplinadora
Mensagem universal
Preservou no povo negro
Alto estima e alto astral
Da Angola se afastou
E Mestre Bimba criou
Capoeira Regional

Disputada mais no alto
Com um toque mais lgeiro
Cheia de mandinga e salto
Chute forte e certeiro
Tapa, soco, cabeçada
Malícia mais apurada
Na batida do pandeiro

No centro do Pelourinho
Histórica Salvador
Sobrevive a cultura
De um povo lutador
Mantida pela cozinha
Mestre Bimba e Pastinha
Do candomblé o tambor

Do estilo regional
Bimba mais que criador
Foi um líder natural
E um moralizador
Na roda do seu terreiro
Não entrava bagunceiro
Foi o melhor professor

Hoje a capoeira é vista
De um modo diferente
É símbolo da Bahia
Representa nossa gente
Bimba foi o responsável
E isso é inegável
Homem sábio resistente

Mestre Bimba faleceu
Deixando grande lacuna
Deixou seus ensinamentos
A sua maior fortuna
A roda ainda chora
Por ele ter ido embora
Quando toca a lúna

Mas a Associação
Com seu nome foi fundada
Para que a capoeira
Pudesse ser ensinada
E o estilo regional
A matéria principal
Que por Bimba foi criada

Bimba ensinou a muitos
De idoso a pivete
Com capoeirista bom
Só quem é doido se mete
E o seu melhor aluno
Virou um mestre gatuno
O Vermelho 27

E Vermelho 27
Procurou ensinar tudo
Pois capoeira requer
Treino, atenção, estudo
E ficou impressionado
Com o aluno dedicado
Chamado de Cabeludo

Surf, boxe, ciclismo
E caça submarina
Cabeludo desde cedo
Gostou de adrenalina
Na roda ao comandar
Passou a se destacar
Pela sua disciplina

E também o mestre Bamba
Ensinou a cabeludo
Do Maculelê ao samba
Fazer do corpo escudo
Ser frio e paciente
Astuto e resistente
Mestre bravo e raçudo

E o seu primeiro mestre
Ensinou manha sem marra
Seu Rodolfo o seu pai
De quem herdou toda garra
E lhe fez seguir em frente
De forma independente
Criou o Porto da Barra

O grupo Porto da Barra
Mestre Cabeludo cria
Fazendo a capoeira
Crescer mais a cada dia
Conhecimento profundo
Espalhou-se pelo mundo
Com seu irmão Mestre Cia

Sua mãe Dona Nailda
É filha de Irará
A arte da capoeira
Sempre existiu por lá
Ranailda sua tia
Jogava e aprendia
Tava no seu sangue já

Em Irará tem um caso
Que merece ser citado
Foi quando o Zé Tapera
Deu um AU num soldado
O golpe pegou de jeito
O pezão bateu no peito
Quase mata o coitado

Conheceu Mestre Pastinha
Zé Américo Moraes
Aprendeu suas lições
Não esqueceu nunca mais
João Portela e Barrão
E Pedro de Filipão
Também jogavam demais

Alvinho do Cajueiro
Natalino e Periquito
Nas ruas de Irará
Também jogavam bonito
Vem Carrasco e Cristóvão
Que levantam e inovam
Fazendo um bom agito

No Grupo Porto da Barra
Só tem mestre com mandinga
Mestre Coe, Mestre Reinaldo
Mestre Cia rei da ginga
O mestre Caramuru
Forte guerreiro zulu
É o Mestre Pititinga

27 de novembro
Do ano noventa e sete
Antonio Marcos "Pé Quente"
O peito e a cara mete
O Grupo Porto da Barra
A Irará se agarra
E gruda como chiclete

Infância e adolescência
Vividas nessa cidade
Só faz com que Cabeludo
Se sinta mais a vontade
Pois além da capoeira
Tem a família inteira
E os laços de amizade

O Grupo Porto da Barra
Capoeira Regional
Resiste em Iará
Com uma força vital
Alunos que representa
São duzentos e cinquenta
Sede e zona rural

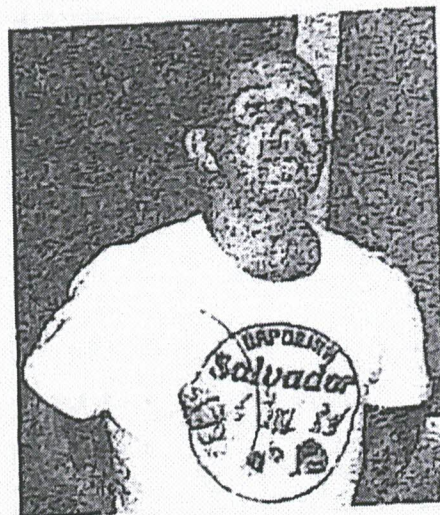
A atual linha de frente
Turma que impressiona
Com o formando Cabaça
Guerreira Musa Negona
Kabeça e Negão colado
Também tem o Mascarado
Equipe que funciona

Porto da Barra nos trás
Muito mais que capoeira
Nos ensina lições fortes
Que ficam pra vida inteira
Liberdade consciente
Respeitar meio ambiente
De toda e qualquer maneira

E o Mestre Cabeludo
Corre atrás do sonho dele
Porto da Barra cresceu
Hoje não é mais aquele
Desenvolvendo seu dom
Esse menino é bom
Batam palmas pra ele

FIM

CAPOEIRA DO SÉCULO



Kitute de Licinho

CAPOEIRA DO SÉCULO
Os Grandes Mestres e a Trajetória da Capoeira Regional
Por Kitute de Licinho

Do grupo Porto da Barra
Já falei mais de uma vez
Deu música e cordel
Mas eu conto pra vocês
A fonte de inspiração
Pra essa revolução
Que o Cabeludo fez

Falar do mesmo assunto
Duma forma diferente
Desafio que contagia
E atica nossa mente
Pra não trair a memória
Vou inverter a história
Que contei de trás pra frente

Pois o Mestre Cabeludo
Praticou todo esporte
Que tivesse adrenalina
E que o deixasse forte
Isso o amadureceu
Trabalhou lutou venceu
A honra é seu suporte

Se encontrou na Capoeira
Não descansou um segundo
Até se aprimorar
E levar ela pro mundo
Difícil levar pançada
Mas fácil de dar porrada
Em vacilão vagabundo

O Grupo de Capoeira
Porto da Barra foi feito
A luta mais brasileira
Sendo ensinada direito
Cidadania, destreza
Respeito à natureza
E desprezo ao preconceito

O filho de seu Rodolfo
E pai da menina Brisa
Começou treinar com o pai
Esta arte tão precisa
Conhecido por "Grisalho"
Seu pai previu o trabalho
Que hoje o filho realiza

O Rodolfo Sousa Freire
É da família Carvalho
Junto a capoeiragem
É chamado de "Grisalho"
Com dona Nailda Pinho
Deram bem mais que carinho
Caráter sem ato falho

"Grisalho" treinou com Bimba
Aprendeu a resistir
Ensinou a Cabeludo
Qual melhor trilha seguir
Cabeludo ser silvestre
Recebeu corda de mestre
Do grande Mestre Gení

Força no Porto da Barra
Vem também do seu patrono
O Vermelho Vinte e Sete
Mais que mestre, mais que dono
Inspirou tese e estudo
Pela Regional fez tudo
A tirou do abandono

Cada mestre aqui citado
Merecia um cordel
Na luta da capoeira
Tiveram o seu papel
Ferro Velho, Boa Gente,
Mestre Bahia decente
E Vermelho Boxel

O Centro de Capoeira
Regional da Bahia
Teve também Mestre Bando
Mais um que contribuía
Mestre Bamba atualmente
Do Centro tomou a frente
Dando muita energia

Fizeram a capoeira
Respeitada como luta
Cada mestre tão ligeiro
Tanto bate quanto chuta
Percorriam os estados
Em torneios acirrados
E venciam a disputa

E vermelho vinte e sete
Grande Mestre da Bahia
Jovem com vinte e três anos
O seu treino inicia
Nascido em trinta e seis
No ano cinquenta e três
A Mestre Bimba seguia

O mais fiel seguidor
Do imortal Mestre Bimba
No estilo Regional
A sua marca carimba
"Maluco por Capoeira"
Se levasse uma rasteira
Armava uma "pinimba"

No lugar de Mestre Bimba
Que partiu para Goiás
Vermelho assume tudo
E seu destino refaz
Outros mestres ajudaram
E o Centro conservaram
Pra Bimba seguir em paz

O Vermelho Vinte e Sete
Nunca foi de armar treta:
"-Botei número no nome
Porque acho ele "porreta"
Fica diferente e forte
Alem disso me dá sorte
Quando eu joga na roleta."

Mestre Bimba um guerreiro
Criador da Regional
O maior Mestre de todos
Já deu muita surra e pau
Em sargento e soldado
Sempre que era caçado
Por ser luta ilegal

O Mestre Bimba nasceu
Lá por mil e novecentos
Bairro do Engenho Velho
Cedo mostrava talentos
Aprendeu lutar Batuque
Usou cérebro e muque,
Pra vencer os maus momentos

Filho de Luis Machado
Um caboclo lá de Feira
E de Maria Martinha
Mulata de Cachoeira
Pai campeão de Batuque
Já encheu Bimba de truque
Pra aprender capoeira

Batuque era uma luta
Mãe da Capoeira Angola
Um treino tão violento
Que qualquer couro esfolava
Mas Bimba se dedicou
O Batuque dominou
Sem deixar cair a bola

Começou na capoeira
Com um Mestre africano
Seu nome era Bentinho
Valoroso ser humano
E Bimba se destacou
Logo Mestre se tornou
Do estilo angolano

Clube União de Apuros
Lugar de gente amiga
Bimba ensinou dez anos
"A Capoeira Antiga"
Sendo severo demais
Era um homem de paz
Mas não fugia de briga

Alabê no Candomblé
Zelava pelo terreiro
Bimba trabalhou bastante
Pra poder ganhar dinheiro
Nas docas e no carvão
Encarou toda função
Também foi bom carpinteiro

Nunca deixou de treinar
Todo dia da semana
Angola com o Batuque
Soube misturar com gana
Dois pandeiros, Berimbau
Criou-se a genial
Luta Regional Baiana

O estilo Regional
Tomou conta da cidade
Salvador viu nessa luta
A sua identidade
Bimba de toda maneira
Lutou e a capoeira
Entrou na legalidade

Afinal a capoeira
Foi descriminalizada
Na Bahia em todo canto
Se via roda formada
Bimba feliz conseguiu
Legalizar no Brasil
Sua arte tão amada

Mas Bimba no fim de vida
Estava triste demais
Por descaso dos governos
Apoio não tinha mais
Um convite então surgiu
Bimba aceitou, partiu
E foi viver em Goiás

No ano setenta e quatro
Um derrame ele sofreu
Num hospital de Goiânia
Mestre Bimba faleceu
Digno de monumento
Mas sem reconhecimento
O nosso herói morreu

A grande missão de Bimba
Nessa terra foi cumprida
Com Vermelho Vinte e Sete
Deu sangue, suor e vida
Criou e levou a frente
O seu Mestre mais valente
A luta mais destemida

Os dois olham lá do céu
E valorizam a garra
Junto com Mestre Pastinha
Fazem roda, fazem farra
Louvam todas as ajudas
Pras "Crianças Cabeludas"
Do Grupo Porto da Barra

A Capoeira do Século
Chegou para coroar
A luta desses heróis
Pra capoeira brilhar
No Forte Santo Antonio
Fizeram o matrimônio
Capoeira e luar

E vermelho Vinte e Sete
Preservou ela de pé
Cabeludo se mantém
Na capoeira com fé
Essa missão lhe compete
Pra Vermelho Vinte e Sete
Manda "Aquele Axé!"

LEANDRO TRANQUILINO PEREIRA

Leandro Tranquilino Pereira, repentista, natural da cidade de Candeal (BA). Atualmente reside em Lauro de Freitas (BA), Região Metropolitana de Salvador.

Por muito tempo e fez parceria (dupla) com Bule-Bule, Antônio Queiroz, Paraíba da Viola e Zé Pedreira. Eles trabalharam juntos por muito tempo na Banca dos Trovadores, na Praça Cairu, criada por Rodolfo Coelho Cavalcante.

Tem por principais obras: Um passeio inesquecível a Onha. O Drama da Ecologia e a Revolta da Natureza, A Grande Vitória do Povo Enviado a Sarney e De Zumbi ao G.C.A.P.

Leandro foi presidente da Ordem dos Poetas da Literatura de Cordel (OBPLC), também criada por Rodolfo.

OBRA EM DESTAQUE:

De Zumbi ao G.C.A.P.

DE ZUMBI AO G.C.A.P.

Autor: **Leandro Tranquilino Pereira**



ZUMBI - O 1.º LÍDER NEGRO DAS AMÉRICAS

Este folheto é registrado na Ordem Brasileira
dos Poetas de Literatura de Cordel.

1.ª Edição - Novembro de 1995

Apresentação

Quando nós da GCAP pensamos este trabalho, sabíamos do desafio que estávamos enfrentando, pois, falar de Zumbi dos Palmares em um livreto de cordel com certeza teríamos que limitar a história do nosso herói ao máximo, apesar de reconhecermos a capacidade de abstração e pesquisa literária do mestre Leandro Tranquilino Pereira.

Com esta obra tentamos fazer uma mostra sucinta da "hereditariedade" entre Zumbi dos Palmares e o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, o qual vem tentando continuar a luta iniciada por Ganga Zumba, mesmo sabendo da existência, ainda dos "Domingos Jorge Velhos" que, diferente daquele outro, usam armas mais modernas em lugar dos arcabuzes e garruchas, além de cercearnos o direito de viver dignamente, como cidadãos. Tudo continua como antes, só mudaram as formas.

A nossa luta continua em direção à liberdade total, porque para nós do GCAP Zumbi não morreu, só está dando um tempo. Ele voltará em breve!

Mestre Moraes

AUTOR : LEANDRO TRANQUILINO PEREIRA

Me ajude Deus divino
Para que eu não derrape
E faça que novas rimas
Desta minha mente escape
Dê-me talento e poder
Ciência pra escrever
De Zumbi ao G.C.A.P.

Já contam trezentos anos
Que uma guerra, sem radares
Dava fim ao Herói
Do Quilombo dos Palmares
Conhecido Rei Zumbi
Que perdeu a vida ali
Pelos seus familiares

1655
Nasceu o líder primeiro
Para defesa dos negros
Do nordeste brasileiro
Foi tido como selvagem
Tinha por si a coragem
E o Santo Deus verdadeiro

pois ~~se~~ ele trouxe consigo
O instinto lutador
Foi criado por um padre
Mas não seguiu o pastor
Preferiu entrar na briga
Lá da Serra da Barriga
Pra defender sua cor.

ex. 216
FY

1655

A primeira expedição
Do Governo Chico Brito
Perseguindo ao negão
Seu Bráz da Rocha Cardoso
Achou um neném choroso
Era Zumbi nosso irmão.

Aproveitar o menino
Ele assim pensou e fez
E deu pra família Lins
Que também por sua vez
Não deixou com sua gente
Deu o neném de presente
A um padre português

E o Padre Antonio Melo
O recebeu com carinho
Deu escola e batismo
Ao bendito negrinho
Pois lhe deu o nome Francisco
Tentando tirar o risco
Que cruzasse seu caminho.

O padre. em 82
Foi chamado em Lisboa
Pra cumprir outra missão
Porém não o deixou atoa
E de lá sempre escrevia
mas a notícia não ia
Do negrinho seu ex coroa.

Com dez anos o menino
Já era seu coroinha
No Português no Latim
Era da primeira linha
Não demonstrava ser bravo
Mas igual aquele escravo
No grupo dele não tinha.

Disse o padre. que o menino
Era muito inteligente
Com dez anos já falava
O Português facilmente
E no Latim era franco
Que não viu em nenhum branco
Tanta pureza na mente

O menino que passou
Nas mãos da família Lins
Segundo o Historiador
Seu Oliveira Martins
Era mesmo um bom cristão
Na fé e na oração
Pra quase todos os fins

Mas quem vem predestinado
Para ser um guerrilheiro
Traz uma bíblia na mão
Como Antonio Conselheiro
Porém não foge da guerra
Pra defender sua terra
Um santo vira guerreiro.

E assim com quinze anos
Zumbi foi pro outro lado
Pra defender sua gente
Como foi predestinado
Vendo seu tio na disputa
Foi também entrar na luta
Tomou conta do reinado.

O padre ficou sabendo
Mesmo lá em Portugal
Que em Porto Calvo, três vezes
O negrinho general
Lhe procurou por ali
Com o nome de Zumbi
Aí o padre achou mal.

O rei da guerra divina
Seu nome Zambe ou Zumbi
Suprema autoridade
Chamada de Nzambi
Quem Francisco era seu nome
E hoje como Nyme
rei Zum ou Nyambi.

Zumbi aos dezoito anos
Já era cabo de guerra
E na luta dos Palmares
Defendia a cor e a terra
com fama até na Europa
Ele expulsava tropa
De lá de cima da serra.

Antonio J. Bezerra
Com ele não aguentou
Recolheu-se com seu povo
Pra o seu lugar voltou
Ganga Zumba admirado
O fez mais condecorado
E a negrada cantou

No ano 77
Contava vinte e dois anos
E já era Comandante
De assombrar os tiranos
Demolia expedição
Foi castigo pra Fernão
Nos torrões Alagoanos.

Derrotou Fernão Carrilho
Com todo seu pessoal
Aquele mestre de campo
O mais novo General
Ganga Zumba no comando
Findaram tangendo o bando
Daquela zona rural.

Ganga Zumba e seu sobrinho
Formaram um dupla rara
Lá da Serra da Barriga
Pra Serra do Pajuçara
Negros potentes guerreiros
Que fizeram os carniçeiros
Levarem cipós na cara.

Zumbi General das armas
Comandante da milícia
Manoel Lopes. Galvão
Não pode gozar delícia
Ouvindo do Rei do mato
Aqui lhe sobra mal trato
sou eu daqui a polícia.

Foi um combate sangrento
Que nesse dia travaram
Se tombaram muitos pretos
Muitos brancos viajaram
entre pedras e barrancos
Lá os carniçeiros brancos
Nas pernas lhe acertaram

Mesmo coxo de uma perna
Não se cansou de lutar
Quanto mais ele lutava
Ficava mais popular
Com espingardas estéricas
O grande líder das Américas
Lutou até se acabar

Ganga Zumba baleado
Por uma expedição
Se entregou com. Ganazona
Seu companheiro e irmão
Ao governo dali
Queixaram contra Zumbi
Falando em conspiração.

E o governo mandou
O Gana Zona voltar
Ao povoado macaco
Pra tentar negociar
Com o grande Herói Zumbi
Que deu lhe a resposta ali
Eu não vou me entregar

Primeiro Freitas da Cunha
Andou muito por ali
Até Gonçalo Moreira
Segundo livros que li
Usando de falsidade
Prometendo liberdade
Tentando pegar Zumbi.

Aíres de Souza formava
Pacto com Roque Paim
Sargento Mor. André Dias
Também lhe diziam assim
Zumbi tem autoridade
Retire esta liberdade
Ele tem que levar fim.

Aí deram quatro meses
Pra Zumbi deixar os lares
Com o seu tio Gana Zuna
E os seus familiares
Diziam pra se entregar
Ameaçando mandar
Dura guerra aos Palmares.

Sargento Mor em 80
Com Sebastião Pinheiro
Em combate com os negros
Se perderam no roteiro
Fizeram cartas de mão
Dizendo ao Rei Camarão
Matemos, Zumbi Guerreiro.

Enquanto Marques das minas
Atacava na Bahia
Matando nove centenas
Dez mil e tantos. prendia
Souto Maia cá por trás
Com Zumbi tentava a paz
Zumbi não. o atendia

Até D. Pedro segundo
Para Zumbi escreveu
Que queria o receber
Juntamente ao povo seu
Zumbi não quis a proposta
Fez na integra a resposta
E não a ofereceu.

Aí o rei ordenou
Souto Maior a tentar
Fazer as pazes com ele
Zumbi não quis aceitar
Por ser negro experiente
Sabia que essa gente
Queria lhe enganar.

O rei então revoltado
Resolveu se vingar
Mandou o Governador
Ao Paulista convidar
E abrir guerra aos Palmares
Quilombo, negros e lares
Não era para escapar.

O Domingos Jorge Velho
Um sanguinário algoz
Nas terra do Piauí
Contra o índio foi veloz
Nos contratos sem recibos
Vivia atacando as tribos
Oruajas e Tapajós.

O índio como defesa
Só tinha a flecha na mão
A espingarda e o arco
Deus vivo e a oração
Contra o vil monstro tirano
Que jorrava o sangue humano
sem piedade no chão.

E Jorge Velho topou
Trocar sangue por centavos
Foi à Serra da Barriga
Matar e prender escravos
por não ser brancos nem nobres
Só negros escravos pobres
Mas que eram homens bravos.

Então em noventa e um
Jorge Velho abriu mão
E queixou a Monte Belo
Que faltava munição
Mas aquela criatura
Temia a mandiga dura
Das rasteiras do negrão

Jorge Velho no recuo
Sem coragem se pelando
Já sobrava munição
Nada mais estava faltando
Pra Monte Belo acalmar
Disse não posso atacar
O rio está transbordando

Antonio P. Arco Verde
Homem dos encarregados
Viu que tinha em Jorge Velho
Roupas, munição, soldados
Sobrava-lhe campo e brechas
Mas ele temia as flechas
dos índios domesticados.

O Jorge teve reforço
De índio e mameluco
Reforços de Alagoas
Bahia e de Pernambuco
Com a negrada lá dentro
Mandando o tapa pra dentro
Deixando o grupo maluco.

O terrível Jorge Velho
de bumbum nos calcanhares
No caminho do Recife
E os negros nos seus lares
Também o André Furtado
Se sentia indignado
de Porto calvo a Palmares

Com cinco homens apenas
Aí Jorge Velho afrouxa
O governo lhe mandou
Navarro, e Cristovão Rocha
Bartolomeu e Pinheiro
Os cabras do cativeiro
Uns põem no canto e acocha

No ano noventa e cinco (1695)
Aos vinte e três de janeiro
Foi mandado três Exércitos
Entre serra e marmeleiro
Jorge Sebastião Vieira
Caiu tudo na madeira
Do grupo negro guerreiro

E no dia vinte e nove
Jorge Velho novamente
Com Sebastião e outros
Tentaram fazer corrente
Para invadir os ranchos
Foram recebidos a ganchos
Chumbo grosso e água quente.

E aí ficaram ilhados
Pela noite e não saiu
Ninguém lá do cerco negro
O socorro não surgiu
Mas o cansaço atropela
Cochilou o sentinela
Qual foi cercado e não viu.

Do dia quatro para cinco
Zumbi havia deitado
Sem saber que o sentinela
Cá havia cochilado
O inimigo notou
E quando o negro acordou
Se encontrava cercado.

Aí Zumbi reclamou
Do sentinela os cuidados
Tu deixaste o homem branco
A nos fazermos cercados
Vão morrer os nossos brilhos
Nossas mulheres e filhos
Tornaram-se escravizados.

Porém uns dezoito metros
Haviam ficado abertos
Ao lado dos escombros
Dos mais terríveis desertos
Entre cipós e ramagens
Mas serviram de passagem
Para os negros serem libertos.

Só dá pra descer na corda
Assim mesmo o grupo fez
Às duas da madrugada
Do dia cinco pra seis
Com punhal e espingarda
Atacou a retaguarda
Do inimigo outra vez

E começou abrir fogo
Um agente de Vieira
Deram fim a muitos negros
Mais de uma companheira
O sanguinário Maltez
Achava que dessa vez
Vencia toda barreira.

No dia seis o João
Botava fogo em barraco
Achando ele que tinha
Eliminado Macaco
E dia sete partiram
Felizes se exibiram
Foi só pensamento fraco

E espalharam a notícia
De morte por toda parte
Mas no Rei Zumbi sobrava
Mandinga idéia e arte
Um negro de tantas vidas
Foram notícias perdidas
Da morte do baluarte..

Melo e Castro celebrou
Aquele acontecimento
Jogou dinheiro para o povo
Que passava no momento
E mandou celebrar missa
Mas foi só encher linguça
Quem foi para aquele evento.

Para o Governo Geral
Na Bahia terra boa
Enviaram a notícia
E da Bahia. Lisboa
Pra o rei lá na comarca
Saber do fim do monarca
Mas deram notícia a toa.

aí em noventa e quatro
Dezembro precisamente
Disseram Zumbi tá vivo
A notícia foi ardente
Em que estado e setor
Fazendo o Governador
Lhe procurar novamente

A sua cabeça a prêmio
Foi posta na mesma hora
Jorge Velho foi chamado
Pra correr quilombo a fora
Haja gente a procurar
E nada de encontrar
O negro era çaipora.

No ano noventa e cinco
Já no meado do mês
Nas terras de Alagoas
Foi visto a segunda vez
Entocado nas casernas
E coxo das duas pernas
Devido as lutas que fez.

Se encontrava em Penedo
O grande herói dos Palmares
Com o seu grupo que tinha
Por chefe Antonio Soares
Um mulato de Recife
Que não passou de patife
Invadiu-se ao seus lares

Quando o mulato foi pego
Pelo povo de Penedo
Ia preso pra Recife
Para descobrir segredo
Segundo o que entendi
Foi ele quem fez Zumbi
Perder a vida mais cedo

Quando em meio. do caminho
Soares foi retomado
Por cento e cinquenta homens
Do Senhor André Furtado
Que lhe fez engolir fogo
Terminou abrindo o jogo
E Zumbi foi derrotado.

Lá na Serra Dois Irmãos
Pelo meado do mês
O grupo chegou à noite
Zumbi dormia talvez
Dos seus vinte homens quentes
Catorze estavam ausentes
Na hora só tinha seis.

E o que o grupo fez
Ficou escondido ali
De manhã disse a Soares
Agora saía daqui
Se quer escapar da morte
Abra o peito e grite forte
Zumbi. Zumbi. Zumbi.

Zumbi conhecendo a voz
Depressa se fez presente
Soares lhe abraçou
Rindo traiçoeiramente
O Rei Zumbi enganado
Terminou sendo varado
No punhal do seu tenente.

Rei Zumbi mesmo ferido
Ainda lutou um bocado
Mas não deu pra vencer
Pois estava bem furado
Morreu o herói valente
Que não foi pego de frente
Por quem lhe fez procurado.

Nem Jorge Velho. nem mor
Conseguiu bom resultado
Fernão Carrilho. ou Cristovão
Sebastião nem Furtado
Venceram ao rei negrão
Se não fosse a traição
Zumbi não era pegado.

Deram prova de sua morte
Já em vinte de novembro
Conduziram-o para a praça
Lhe arrancaram o braço e membro
Degolaram-lhe a cabeça
Quem ler que jamais esqueça
Pois o que li eu me lembro.

Quinze furadas de bala
Arma branca e ferro torto
Lhe penduraram a cabeça
Buscando fama e conforto
Os covardes negativos
Espírito de porcos vivos
Matando quem tava morto.

Sumiu com quarenta anos
Porém deixou seu efeito
De vinte e cinco de luta
E virilismo e conceito
Tem história em todo arquivo
Rei Zumbi ainda está vivo
Pra quem luta do seu jeito.

1995

Trezentos anos de glória
Da batalha de Zumbi
A qual versei a História
Que foi derrota pra uns
Mas pra ele foi vitória

Porém não parou a luta
De defesa dos negões
Ainda padeceram tantos
Nas forcas, nos correntões
E no chicote que tora
Algum negro inda chora
Escondidos nos porões.

Lutaram muito. Nabuco
Tobias. Osvaldo Ourico
Patrocínio. Castro Alves
Nosso Antonio Frederico
Domingo Gama. outro bravo
Mas não tiraram. o escravo
Da unha do homem rico.

Lutou muito o Conselheiro
Afrânio Peixoto e Franco
Lampião o Virgulino
Volta seca. negro Zanco
Ainda falta justiça
Na escravidão mestiça
Padece o preto e o branco.

E a luta de Zumbi
Foi forte de tal maneira
Na coragem no talento
No jogo de capoeira
Partiu sem dever favores
Deixou-nos por defensores
Da sua imensa bandeira.

O primeiro exemplo foi
Pastinha. um bom cidadão
Um tudo em troca do nada
Aqui na face do chão
Gênio de amor profundo
Viveu dando a mão ao mundo
E o mundo negou-lhe a mão.

Aquele mestre franzino
Em quase tudo capaz
Angoleiro de verdade
Que partiu para nunca mais
Ao meu Brasil propagar
Pastinha. ensinou João Grande
JOão Grande. ensinou MORAES.

Um rei no jogo de corpo
De maior visão na mente
E de muitos capoeiristas
Pastinha foi diferente
Homem de praça e salão
Mestre cheio de visão
Que morreu sem vê a gente.

Defendendo a nossa luta
Nós temos muitos Zumbis
Mestre Bimba foi um Ganga
Lá na Francisco Muniz
Também Mestre Benedito
Que tem o seu nome escrito
Dentro e fora do País.

O Mestre Besouro Prêto
Cobrinha Verde também
Valdemar e Cangiquinha
João Grande ainda tem
Santa mandinga na sola
No gingado da Angola
Nunca perdeu para ninguém.

Moraes muito admirou
Ao bom mestre Cobrinha
Porém seguiu a João Grande
E não se perdeu na linha
Ganhou de João o projeto
Mas na capoeira é neto
Do grande Mestre Pastinha

Nosso mestre foi embora
Deu adeus ao Pelourinho
Enquanto vida. Moraes
Nunca o deixou sozinho
Aqui no globo terrestre
Tem botado para seu mestre
Muitas flôres no caminho.

MORAes fundou o G.C.A.P
Lá no Rio de Janeiro
Depois trouxe para Bahia
Graças a Deus verdadeiro
Para não deixar a Angola
Jogo que a nós consola
Em mãos de escarniceiro.

Quem conhece a capoeira
Se vê aonde passar
Uns certos grupos metidos
Que se diz mestres jogar
Saíu de perto chorando
Pois estão assassinando
Precisa alguém ajudar.

E foi por este motivo
Que o G.C.A.P nasceu
Porque Zumbi foi embora
Seu Pastinha faleceu
Peço a Deus Moraes escape
Para não morrer o G.C.A.P
Como Pastinha morreu.

Mestre Pastinha. acabou-se
Sem boa morada e cego
E Mestre Moraes falou
Esta carga dele eu pego
Moraes diz diariamente
Descanse em paz Senhor Vicente
Que sua cruz eu carrego.

O G.C.A.P hoje tem
Filial no mundo inteiro
Tem no Estado de Minas
Olinda. Rio de Janeiro
E tem como voz ordeira
Defender a Capoeira
O nosso jogo primeiro.

Tem nos Estados Unidos
Mais de uma filial
Mestre João Grande. e Moraes
Estão mostrando moral
Moraes por ser mestra mola
Foi defender a Angola
Na Nigéria e Senegal.

O Grupo de Capoeira
Angola Pelourinho
Foi criado pra crescer
Tem Moraes no seu caminho
Mostrando a realidade
Sem distinção de idade
Que seja jovem ou velhinho.

Eu muito tenho pedido
A quem gosta de jogar
Angola e Regional
Para não assassinar
Esta arte pura e bela
Que os criadores dela
Nós devemos respeitar.

Eu peço em nome de Bimba
De João Grande. e Pastinha
João Pequeno e Moraes
Besouro e Mestre Cobrinha
Seu Caiçara e De MOLA
Regional e Angola
Mestre Gagé e Manchinha

Ser um Mestre Valdemar
Não ficou pra toda gente
Pois a sua capoeira
Da de hoje é diferente
Que os Mestres antigos roguem
Pra que os mais novos joguem
A capoeira decente.

Quem tanto lutou pra ter
Ela por jogo e defesa
E que viu por alguns anos
Com tamanha boniteza
Se vê hoje pela rua.
Uma capoeira crua
Faz e chorar de tristeza

Que os novos jogadores
entendam a mensagem minha
Preservem a capo ra
Sempre na primeira linha
Filhos da terra de Castro
Não joguem lixo no rastro
Do nosso Mes' e Pastinha.

Lutador igual a Zumbi
Tá difícil aparecer
Jogador igual Garrincha
Nunca mais nós vamos ter
Se não for loucura minha
Outro Mestre igual Pastinha
Só Deus mandando fazer.

Do meu ponto de visão
Angola e Regional
Por muitos estão misturadas
Como luta corporal
Cabeça, braço, barriga
Mas a Geração Antiga
Exige a sua moral.

Um bom exemplo é João Grande
Longe das terras baianas
Tem da Universidade
Das terras americanas
Sendo simples lutador
Tem diploma de doutor
Como Ciências Humanas

Peço desculpas ao leitor
Dos erros da obra minha
Imploro aos capoeiras
Aos Mestres ou capoeirinhas
Que construam novos templos
E que sigam os exemplos
De Zumbi e de Pastinha.

Direitos reservados ao G. C. A. P. e ao Autor
Determinantemente proibida a reprodução sem autorização dos mesmos.

Endereço do Autor:
Caixa Postal, 916 - CEP 40001-970 - Salvador - Bahia - Brasil

OLEGÁRIO ALFREDO

Olegário Alfredo da Silva, também conhecido como mestre Gaio, é mineiro de Teófilo Otoni. Reside em Belo Horizonte desde 1969. É poeta, escritor, haicaísta, contador de histórias, xilogravurista e cordelista. Membro titular da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel, titular da Cadeira nº 9 e membro da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni, cadeira nº 18. É mestre de capoeira e grande parte de sua produção literária dialoga com as expressões da cultura popular brasileira. Possui livros publicados pelas editoras Crisálida, Fino Traço, Rolimã, Nandyala, Mazza Edições e MRN Editora.

Participações:

- Participou com convidado pelo IPHAN do Tombamento da Capoeira mineira e da Literatura de Cordel no Brasil (2008 e 2018),
- Meu nome consta no Dicionário Biobibliográfico dos escritores mineiros – Ed. Autêntica (2010).
- Dicionário Biobibliográfico dos Cordelistas Contemporâneos, Nordestina Editora (2020).
- Possui dezenas de diplomas e certificados, tanto de literatura, poesia e cordel, como também de capoeira.
- Luthiêm construção de rabeças.

Disponível

em:

<http://www.olegarioalfredo.com.br/biografia.html#:~:text=Oleg%C3%A1rio%20Alfredo%20da%20Silva%2C%20tamb%C3%A9m,de%20hist%C3%B3rias%2C%20xilogravurista%20e%20cordelista>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORDÉIS EM DESTAQUES:

Que golpe de Capoeira é esse.

O encontro de um Angoleiro com um Regional.

Capoeira: a peleja do Mestre Cavalieri com o Mestre Gaio.

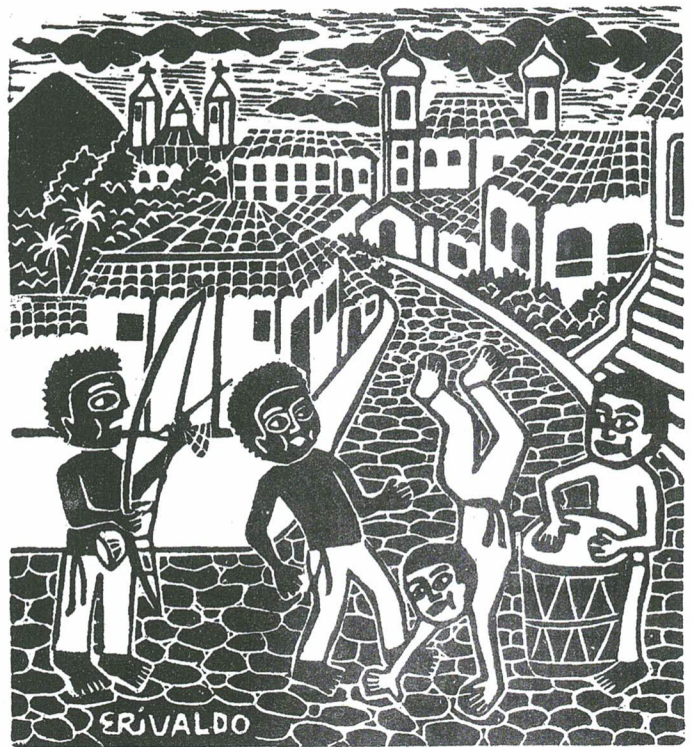
A ladainha do Mestre Bimba com o Mestre Pastinha.

O encontro do Mestre Pastinha com o Mestre Bimba no céu.

Autor: Olegário Alfredo (Mestre Gaio)

CAPOEIRA QUE GOLPE É ESSE?

Cordel



MG- 2010

QUE GOLPE É ESSE?

CORDEL É UMA POESIA
DENTRO DA LITERATURA
CORDEL TAMBÉM É UMA CORDA
QUE SE BOTA NA CINTURA
NO JOGO DA CAPOEIRA
NA HORA DA FORMATURA.

NO JOGO DE JOGAR VERSOS
AGORA VAMOS BRINCAR
TUDO SOBRE A CAPOEIRA
A VOCÊS VOU PERGUNTAR
DAREMOS UM BERIMBAU
PARA AQUELE QUE ACERTAR.

É UM GOLPE PERIGOSO
QUANDO NÃO MATA, DESMAIA
E POR ISSO NUNCA FAÇA
SEU PARCEIRO DE COBAIA
É UM BELO MOVIMENTO
DE NOME? RABO-DE-ARRAIA.

ESTE GOLPE É COMUM
NA CAPOEIRA DE RUA
TEM DE FRENTE E DE COMPASSO
E PELO AR ELA FLUTUA
NO JOGO DA CAPOEIRA
SEU NOME É A? MEIA-LUA.

SEM TER ESTE MOVIMENTO
A CAPOEIRA NÃO SE VINGA
EM QUALQUER TIPO DE JOGO
ELA É SEMPRE O CORINGA
ELA É A BASE DA CAPOEIRA
CONHECIDA COMO A? GINGA.

É MOVIMENTO DE DEFESA
QUE SE PRÁTICA EM ESQUIVA
PROTEGIDO O CAPOEIRA
AO CONTENDOR OBJETIVA
PRATICADO PELO CHÃO
ESSA DEFESA É A? NEGATIVA.

É BONITO VER NO JOGO
NA RODA DE CAPOEIRA
QUANDO O GOLPE APLICADO
VEM DA PERNA BEM CERTEIRA
TEM DE FRENTE E TEM DE COSTAS
O GOLPE QUE É A? RASTEIRA.

MOVIMENTO TRAIÇOEIRO
NO JOGO DA CAPOEIRA
EVITE SEMPRE DE USÁ-LO
EM FORMA DE BRINCADEIRA
PARECIDO COM A BÊNÇÃO
O GOLPE QUE É A? PONTEIRA.

MÃOS NO CHÃO PERNAS PRO AR
E É BONITO PRA CHUCHU
CONHECIDO CO O ESTRELA
E SE RIMA COM BAÚ
É UM MOVIMENTO DE FUGA
CONHECIDO COMO? AÚ.

SAI DO COMPASSO DA GINGA
ESTE GOLPE ESTONTEANTE
APLICADO COM A MÃO
NÃO TEM NADA DE ELEGANTE
CONFUNDIDO COM O TAPÃO
MAS ELE É O? GALOPANTE.

É MOVIMENTO ELEGANTE
DE MANEIRA CRIATIVA
NO JOGO É VINGADOR
POIS AO CABRA DESATIVA
SÓ MESTRES SABEM SAFAR
DA TRAVA DA? VINGATIVA.

ESTE GOLPE DE DEFESA
É DE MUITA COMPETÊNCIA
AFASTA-SE PELO CHÃO
PROCURANDO REFERÊNCIA
MUITOS GOLPES SEI QUE SAI
É DA TAL DA? RESISTÊNCIA.

ESTE GOLPE É OFENSIVO
DE FORMA SINCRONIZADA
TEM DE FRENTE E VOADORA
DENTRO DA CAPOEIRADA
NA RODA SE USA BASTANTE
O GOLPE QUE É A? ARMADA.

ESTE GOLPE SEMPRE SURGE
DE MANEIRA INESPERADA
QUEBRA O QUEIXO DA PESSOA
NÃO ESTANDO PREPARADA
A CRIANÇA GOSTA MUITO
DE PRATICAR A? QUEIXADA.

MUITO DESEQUILIBRANTE
E DE FORMA DURADOURA
QUEM FOR PEGO NESTE GOLPE
VAI DIRETO PRA SALMOURA
PERNAS ABERTAS PELO CHÃO
É QUE SE APLICA A? TESOURA.

DE COSTAS E MÃOS NO CHÃO
SENDO ASSIM NINGUÉM DERRAPA
A POTÊNCIA DESTE GOLPE
JÁ TIROU ALGUÉM DO MAPA
TAMBÉM É GOLPE DE BASE
CONHECIDO COMO A? CHAPA.

É NOME DE FERRAMENTA
BATE PREGO EM PARALELO
ESTE GOLPE NA CAPOEIRA
É TÃO FORTE COMO BELO
SAI DO CHÃO SOBE NO AR
ESTE GOLPE QUE É O? MARTELO.

MÃOS NO CHÃO PERNAS PRO AR
EQUILÍBRIO DE PRIMEIRA
O TIPO DO MOVIMENTO
TAMBÉM É DA CAPOEIRA
TEM O NOME DE PÉ DE FRUTA
QUE SE CHAMA? BANANEIRA.

MOVIMENTO DE FIRULA
FEITO POR NEGRO VELHACO
TEM NOME DE BICHO ESPERTO
QUE NÃO PÕE A MÃO NO BURACO
NA CAPOEIRA É TÃO LINDO
VER O PULO DO? MACACO.

CAPOEIRA É JOGO SÉRIO
E TAMBÉM É BRINCADEIRA
ESTE GOLPE PEGA O AMIGO
QUANDO ESTÁ NA BANANEIRA
JOGA O CARA PARA CIMA
CAI NO? TOMBO-DA-LADEIRA.

É UM GOLPE MEIO SUMIDO
SEI QUE ELE É UM ESTOURO
A PERNA CIRCULATÓRIA
CORRE SOLTA COMO UM TOURO
NO JOGO É CONHECIDO
DE NOME? CHAPÉU-DE-COURO.

MOVIMENTO DE DEFESA
QUE SE AGACHA DEPRESSINHA
A MÃO NO CHÃO EQUILIBRANDO
PARA APLICAR A RASTEIRINHA
PARECE BICHO ACUADO
E SE CHAMA? COCORINHA.

NÃO GOLPE NÃO SE USA
NEM A MÃO NEM A PERNADA
É UM GOLPE PERIGOSO
APLICADO NA JOGADA
COM A TESTA É QUE SE DÁ
A VIOLENTA? CABEÇADA.

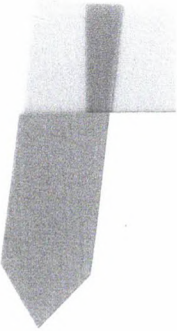
MOVIMENTO MALICIOSO
QUE MALTRATA O CIDADÃO
BATIDO COM RAPIDEZ
NA HORA DA DISTRAÇÃO
NUNCA QUEIRA ENTÃO LEVAR
A PANCADA DO? PISÃO.

COM AS MÃOS POSTAS PELO CHÃO
FEI? TO ANIMAL QUE CALCULA
JOGANDO AS PERNAS PARA TRÁS
O CAPOEIRA SIMULA
ACERTAR O CONTENDOR
NO GOLPE? COICE-DE-MULA.

MOVIMENTO DEFERIDO
DE SURPRESA NO GINGADO
ELE SERVE PRA ATACAR
MESMO SENDO FLOREADO
É CHAMADO DE DUPLO S
O CERTO É O? «S» DOBRADO.

QUANDO O GOLPE LHE FALTAR
NÃO PRECISA IR PRA CASA
CAPOEIRA É TRAIÇOEIRA
E NA MANDINGA ELA ARRASA
UMA PEDRA VOADORA
SE CHAMA? POMBO-SEM-ASA.

OUTRO GOLPE PERIGOSO
PRATICADO COM A MÃO
TENDO OS DEDOS COMO PRESAS
QUE SE IMITA AO FERRÃO
SERVE PRA FURAR OS OLHOS
O GOLPE QUE É O? ZANGÃO.



FEITO DE UMA CORDA SÓ
COM ARAME PELO PAU
ELE ESTÁ NA CAPOEIRA
E PRA MIM É O MAIORAL
TEM O SOM METALIZADO
O SEU NOME É O? BERIMBAU.

É DE ORIGEM AFRICANA
DO TEMPO DO BISAVÔ
SE TOCA NA CAPOEIRA
NO TERREIRO DE XANGÔ
PARECIDO COM CINCERRO
O INSTRUMENTO É O? AGOGÔ.

A BÊNÇÃO FICOU DE FORA
SEM AS RIMAS ENCONTRAR
TUDO É DISTRAÇÃO
BRINCADEIRA DE ENSINAR
NO JOGO DA CAPOEIRA
MEU DEUS VAI TE ABENÇOAR.

DEUS ME ENSINOU A BONDADE
E MEU MESTRA A MALANDRAGEM
AGORA AGRADEÇO AOS DOIS
PELA BOA APRENDIZAGEM
PEÇO PAZ E HARMONIA
PARA SEGUIR MINHA VIAGEM.

Olegário Alfredo que também assina mestre Gaio é poeta atuante como escritor de cordel. Ministra palestras, oficinas e exposições sobre literatura popular e xilogravura. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e Academia de Letras de Teófilo Otoni-MG.

www.olegarioalfredo.com.br
olegarioalfredo@gmail.com

Contato
(031) 999152177

Apoio:



www.ablc.com.br

Olegário Alfredo que também assina Mestre gaio, é pesquisador das tradições populares brasileira e membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel com sede no Rio de Janeiro. Possui cerca de 80 títulos de cordéis publicados sobre vários temas. Gaio iniciou-se na capoeira em 1970 com o Mestre Toninho Cavalieri no Bairro Nações Unidas em Sabará - MG.

SOBRE O CORDEL

A literatura de cordel chegou ao Brasil trazida pelos portugueses e data do século XVII, muito apreciada no nordeste brasileiro e com uma enorme ascensão para o resto do país e do mundo. O termo cordel deve-se ao barbante em que usavam para pendurar os livretos e serem vendidos nas feiras livres.

Contato com o autor: (31) 3374 1456

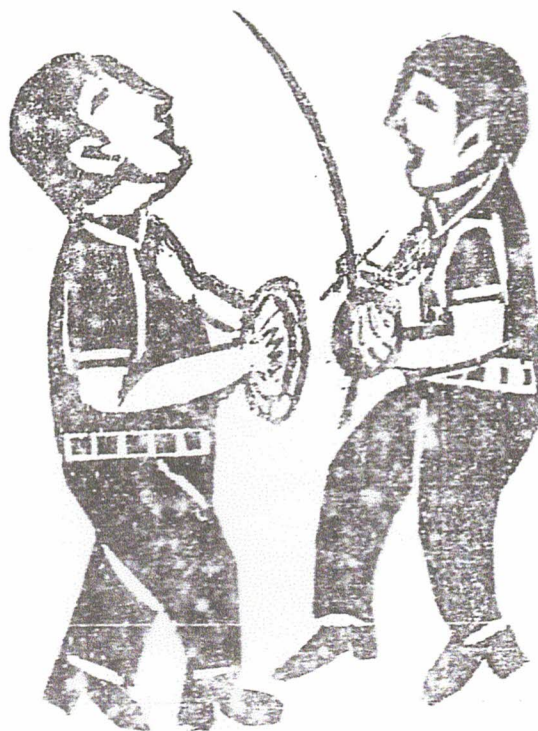
Visite o site: www.abc.com.br



www.abc.com.br

Autor: Olegário Alfredo (Mestre Gaio)
Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel

O ENCONTRO DE UM ANGOLEIRO COM UM REGIONAL



Editora
Cordel de Minas

Xilo: Costa Leite
Italo Horizonte / MG - 2002/2005

O ENCONTRO DE UM ANGOLEIRO COM UM REGIONAL

O mundo da capoeira
É um traçado pessoal
Cada qual sabe de si
Dentro da justa moral
O caminho pela terra
Não tem reta final.

Eu só sou faço poesia
Dentro da lua crescente
Quero meu verso tratado
Como se fosse uma semente
Os frutos amadurecidos
Colheremos lá na frente.

Trate bem seu semelhante
Como se fosse seu irmão
Todo mundo tem o direito
De receber educação
No mundo não cabe mais
Haver discriminação.

*Será mesmo que
Bimba e Pastinha
Pastinha e Bimba eram
mesmo opostos se o que
separava era a cor da
pele?*

O caso que conto agora
Aconteceu em Sabará
Foi na década de setenta
No fundo dum mafuá
Dois capoeiristas opostos
Truaram no bafafá.

Um deles era comprido
Já o outro um tamborete
Começaram o bate-boca
Por causa de um alcagüete
Que entregaram o comprido
Pro chefe do Gabinete.

O chefe do gabinete
Se escorregou no quiabo:
- Discussão de capoeira,
Vai lhe dá lá com o diabo,
Aqui na delegacia
Só resolvo se for pago.

Negócio de capoeira
É coisa de mandingueiro
Procure o Cavalieri
Ele que entende de terreiro
O buraco aqui comigo
Não é casa de arengueiro.

Lá se foram pelo caminho
O Angoleiro e o Regional
Cada qual de debatendo
Ao soar do berimbau
A discussão foi aumentando
De maneira gradual.

02

O angoleiro não queria
Ofender o camarada
O regional arrogante
Disparava no pandeiro
Não admitindo que a angola
Fosse só jogo rasteiro.

O angoleiro paciente
Disse para o regional:
- A serpente para andar
Se enrodilha em espiral
Depois traça seu caminho
Rasteiro pelo quintal.

- Deixa de filosofar
Seu angoleiro cafumango
Se o cabra não for ligeiro
Ligeiro como um calango
Com certeza vai ficar
Sem dinheiro para o rango.

Dinheiro é consequência
De que tanto vem e tanto vai
Quanto mais o cabra tem
Mais sus vida subtrai
É só na hora do aperto
Que recorre ao Grande Pai.

03

Beir x Mal
Educado x ignorante

- Vamos mudar de toada
Retrucou o regional!
Quero te ver no repente
Com pandeiro e berimbau
Vou te botar no poleiro
Com a galinha no quintal.

- É mais fácil o mar secar
Do que um tolo xibungo
Trejeitado e valentão
Se passar por vagabundo
Bã na frente dum angoleiro
Mandigueiro e rubicundo.

- Não me venha com insulto
Seu porco de cafubira
Eu arrebeno seu cabelo
Como uma corda de embira
Amarro no meu tambor
Pra tocar lá na catira.

- Comigo você não vai
Tirar uma de sisudo
Dentro da capoeirada
Menino leva cascudo
Mando logo para escola
Vê se aprende com o estudo.

04

regional
o novo

Novo e velho

A minha sala de aula
É na roda da capoeira
Aprender o beabá
Acho uma grande besteira
O jogo da regional
É a verdade mais certa.

- Não se iluda camarada
Capoeira é distração
Na hora da brincadeira.
Mas na hora do ganha pão
Ela deixa de ser jogo
Para ser consagração.

- Eu já vi que o companheiro
Não dá cauda pra nambu
No angoleiro de verdade
Não se gaga o urubu
Eu vivo na teimosia
Ainda quebro seu tabu.

- O saber da capoeira
Vem de dentro dos animais
As jogadas vão surgindo
De maneiras naturais
Os segredos das malícias
Não se revela jamais.

05

Sendo
alusão
ao NGOLE, a dança d
ZEBRAS?

Na roda quando se diz:
- Galo cantou camarada!
É que o galo simboliza
O nascer da madrugada.
Assim também é a capoeira
Na sua longa caminhada.

Logo após a ladainha
Vem vindo a volta ao mundo
O capoeira se prepara
Para o próximo segundo
É hora é, camarada!
Capoeira cai no mundo.

Veja bem o que foi dito
Nos versos anteriores
Quem parte para batalha
Regozija de sabores
Assim funciona a angola.
Como um jogo de valores.

Jogo da capoeira
É como o barco a navegar
Se formos contara a maré
Poderemos naufragar
O ligeiro come cru
Porque não sabe esperar.

06

Apertado x aberto

*crítica aos b...
zodas no cop...
ra*

No jogo da regional
Eu te digo, companheiro!
A capoeira está cheia
De piaba e sarobreiro
Batizado hoje em dia
É pancada no terreiro.

Umás gírias da capoeira
Deixo aqui neste cordel
Se você tiver bagagem
É tão forte o teu plantel
Mas se está a vacilar
Não é cumprido o seu papel.

Não se usa na capoeira
Pau-de-fogo nem cabubo
Já jungar é covardia
Trastejar é dá no cubo
Sarandage vai na frente
Ou se resvaia pelo tubo.

Capoeira que é traíra
Leva banho de-fumaça
Nem Senhora-da-cadeira
Quer gente desta raça
Cangüete e chicotão
Boto fora desta praça.

07

Urucungo berra-boi
Quebra cana camarada!
Aí vem todo requebrado
Carrapeta na pegada
Valha-me Senhora Palma
Do Tinhoso pela estrada.

Vou-me embora vou correndo
Minha casa é a angola
Levarei junto comigo
Meu pandeiro com a viola
Fique quieto no seu canto
Não quero que me amola.

Com toda prosopopéia
Acabou-se o dilema
Regional com angoleiro
No traçado teorema
Vão de braços dados
A beber uma jurema.

Deus me ensinou a bondade
E meu mestre a malandragem
Agora agradeço aos dois
Pela boa aprendizagem
O cordel chegou ao fim
Da trilha desta viagem.

O CORDEL

Este tipo de literatura deu-se no Nordeste brasileiro vindo da oralidade para a escrita.

Em Minas Gerais, é mais comum a prática do cordel no Norte do Estado, devido à chegada dos nordestinos vindos em busca de riquezas minerais através do Rio

São Francisco e, que por ali se alojaram com suas tradições populares.

O cordel chegou ao Brasil trazido pelos portugueses (primeiro na oralidade ou nas folhas soltas escritas à mão).

O termo "cordel", deve-se ao barbante em que os folhetos ficavam dependurados para a venda nas feiras, mercados e praças.

OLEGÁRIO ALFREDO é mineiro de Teófilo Otoni residindo em Belo Horizonte.

É poeta, escritor, pesquisador da cultura popular e mestre de capoeira.

Possui mais de 40 títulos de cordéis publicados.

Vendas: - Livraria e Ed. Crisálida - Ed. Maleta
- Centro Mineiro de Artesanato do Palácio das Artes.

Recanto do Capoeira - Mercado Central
Banca Nacional do Cordel Fortaleza - Ceará.

Contato: (031) 3374 14 56



*Deus me ensinou a bondade
e meu mestre a malandragem,
agora agradeço aos dois
pela boa aprendizagem.*

Gaio

Autor: Olegário Alfredo (Mestre Gaio)

O ENCONTRO DO MESTRE PASTINHA COM O MESTRE BIMBA NO CÉU



literatura de corde

Capa: Evaristo Barbosa
Belo Horizonte - 2003 - MG

O ENCONTRO DO MESTRE PASTINHA COM O MESTRE BIMBA NO CÉU

Deus me ensinou a bondade
E meu mestre a malandragem
Agora agradeço aos dois
Pela boa aprendizagem
Vou seguir o mundo afora
Levando esta mensagem.

O mundo que nos rodeia
É feito de brevidade
O bem que vem de Deus
Corre longe da maldade
Seja simples e fiel
Largue de lado a vaidade.

Na volta que o mundo deu
Na volta que o mundo dá
Não se iluda camarada
Permaneça onde está
Na hora da despedida
O bom Deus te julgará.

Nossa bendita Senhora
Mãe de Deus da Conceição
Nas cordas deste cordel
Me dê justa proteção
Mestre e Bimba e Pastinha
Bem merecem louvação.

Sou mineiro lá do norte
Teófilo Otoni é a cidade
Não tenho medo de faca
Nem pratico a falsidade
Mas se pisar em meu pé
Fico cego de verdade.

Capoeira é do Brasil
Todos sabem, meu senhor!
Esta luta libertária
Muito rápida se espalhou
Atravessou os sete mares
Até no céu ela chegou.

Mestre Bimba foi o primeiro
E São Pedro brincalhão:
- Quero ver você entrar
sem a minha permissão,
mestre Bimba deu um Aú
foi parar com o Chefão.

O Chefão de quem eu falo
É meu Deus Onipotente
Ele rindo de São Pedro
Num gesto muito contente
Disse a Pedro no momento:
- Mestre Bimba é meu presente.

Deus dizendo para os anjos
- Vocês têm o que fazer
Mestre Bimba veio da terra
Pois cumpriu o seu dever
Capoeira veio ensinar
Eu também quero aprender.

São Pedro naquele instante
Foi largando a portaria
Aprender a capoeira
São Pedro também queria
Um tinindo berimbau
Do cajado ele faria.

Assim foi que a capoeira
Chamada de Regional
Encantou o Paraíso
O lugar celestial
Era roda todo dia
Com pandeiro e berimbau.

Sendo a roda pela noite
O escuro atrapalhava
Santa Bárbara protetora
Com os raios clareava
Mestre Bimba satisfeito
Numa nuvem descansava.

Mil novecentos e setenta
Com mais oito sem igual
Mestre Bimba aqui na terra
Pendurou seu berimbau
Foi ensinar capoeira
Na moradia natural.

Até mesmo o satanás
Quis por gente se passar
Foi tentando entrar no céu
Sem ninguém cumprimentar
Uma "banda" do Pedrão
Para o inferno foi parar.

Além de luta e esporte
Capoeira é diversão
Vejam bem o apelido
De São Pedro bonachão
São Pedro dono do céu
Agora é Seu Pedrão.

Três anos no firmamento
Houve roda regional
Anjos, santos e cristãos.
Divertiam sem igual
Mestre Bimba na berimba
Comandava o pessoal.

Mil novecentos e oitenta
E mais um lá na Bahia
Com noventa e dois anos
O Pastinha Falecia
A capoeira de Angola
Naquele dia entristecia.

Como Deu sabe de tudo
Após Pastinha morrer
Deu conforto seus parentes
Aliviando o sofrer
E todos capoeiristas
Uma lição de viver.

Como Deus não é nada bobo
E tava bom na regional
Ele sabendo que Pastinha
Na Angola era o maioral,
Avisou para São Pedro:
-Abra logo este portal.

E Deus continuou dizendo:
- Capoeira mãe, é a Angola,
daqui mesmo do meu Céu
vou benzer a toda hora
os capoeiristas da terra
e os do céu, eu benzo agora.

E Pastinha sorridente
Quis ao Bimba abraçar
Perguntando a São Pedro
Onde eu posso lhe encontrar,
Foi São Pedro respondendo
Mestre Bimba foi jogar.

Capoeira com os santos
No Paraíso do Adão
A roda lá é das melhores
Tem maculelê e facão.
Aquele que lá cair
Não bate a bunda no chão.

Pastinha entusiasmado
Correu lá para o Paraíso
Jesus disse então ao Patinha
Que primeiro era preciso
Pedir Deus a sua bênção
E pra ter muito juízo.

O Pastinha vendo o Bimba
Abraçou-o com emoção
Os anjos bateram palmas
E um puxou uma ladainha
- Viva o Bimba com Pastinha!
repetiu logo o refrão.

Um joguinho rasteirinho
Bem ao pé do berimbau
Mestre Bimba com Pastinha
A jogar lá no local
Jesus Cristo foi dizendo:
- Que jogo fenomenal!

Vejam bem como no céu
A harmonia é total
A capoeira se uniu
Na Angola e Regional
Deus bondoso disse então
- Aqui no céu é tudo igual.

Pastinha na malandragem
Deu no Bimba uma rasteira
Bimba fez que foi no chão
Com firula mandingueira
Os mestres sorriram tanto
Da gostosa brincadeira.

Mestre Bimba por sua vez
Num corrido original
Fez sinal para Jesus
Ajoelhou no berimbau
Pastinha na mandingagem
Como o Bimba, fez igual.

A roda muito animada
Todos queriam jogar
-Dá licença Mestre Bimba
Disse o Santo Baltazar,
Não me chame assim de mestre
Mestre é Deus neste lugar.

O Pastinha concordou
Pois o Deus é o maioral
Em fogueira de São João
Não mete colher de pau
O mestre da capoeira
É o instrumento berimbau.

O céu todo em alegria
Bateu palmas sem parar
São Pedro apagou a luz
Foram todos descansar
Amanhã sendo outro dia
Quero ver quem vai chegar.

Escrevi este cordel
Com alegria no coração
Agradeço à Santa Bárbara
Que me deu inspiração
E a todos capoeiristas
O meu aperto de mão.

Olegário Alfredo é mineiro de Teófilo Otôni. Estudou Letras, é poeta, escritor, contador de histórias, cordelista e mestre de capoeira. Já publicou, entre outros, os seguintes livros:

De Cavacos e Picumãs, Como se Tece Uma Manhã, UniVersos de Versos, Cintura Fina, O Rei da Navalha, O Escravo Chico Rei.

.....

"O cordel representa uma excelente ferramenta paradidática na sala de aula, não só pela sua importância cultural e rica estrutura de ritmo, métrica e rima, como também para destacar e debater as formas populares de falar e pensar, reatando definitivamente os laços do aluno com a verdadeira cultura brasileira."

O termo cordel deve-se ao barbante em que os folhetos ficam dependurados em exposição para a venda.

Belo Horizonte - MG
F. 3374-1456



CAPOEIRA

A PELEJA DO MESTRE CAVALIERI COM O MESTRE GAIO



BH - MG - 2001

Capa: o autor

Literatura de Cordel



A PELEJA DO MESTRE CAVALIERI COM O MESTRE GAIO

Olorum, meu Orixá
Desta mesa eu não saio
Até escrever a peleja
De Cavalieri e o seu Gaio
São eles capoeiristas
Veloze como um raio.

Mestre Gaio é discípulo
Amigo de bom valor
Joga uma boa capoeira
Cavalieri lhe ensinou
Mas na peleja dos versos
Derruba qualquer doutor.

Cavalieri na capoeira
É uma fera assanhada
O mestre Gaio também
Resolve qualquer parada
Nenhum matuto agüenta
Os dois na capoeirada.

Esta peleja se passou
Aqui em Minas Gerais
Terra de capoeirista
Que não mija para trás
Quando leva uma rasteira
Escorrega mas não cai.

A minha veia poética
Agora ela está completa
Cuspo rima sem parar
Minha boca não aquieta
Giro rápido o pensamento
Como um raio de bicicleta.

Meu leitor com atenção
Vai indo agora viajar
Na peleja dos dois mestres
Feita na horinha agá
Ela é boa e verdadeira
E você vai escutar:

Gaio:
Cavaliere te agüenta
Começar já comecei
Vou te pegar pela perna
Vou te partir pelo meio
Comigo ninguém bole
Nem o bonito nem o feio.

Cavaliere:
Menino, me respeite
Eu que sou o mestre seu
Venha mais devagarinho
Peça-me bênção, seu ateu
Senão quebro-lhe o focinho
Te mando pro Zebedeu.

Gaio:
É mais fácil o mar secar
bola quadrada até rolar
Chupar cana com a casca
Comer bolo sem assar
Do que um cabra frajola
O focinho me quebrar

Cavaliere:
Olhe aqui, meu camarada
Deixe de ser um valentão
Dou-te um rabo-de-arraia
Vai-te com a bunda no chão
Valentim morreu de susto
Valentão na minha mão

Gaio:
Não temo raio nem corisco
A culpa é toda do senhor
Quando eu era pequenino
A capoeira me ensinou
Agora nego, me atolere
Sou chato como um pastor.

Cavaliéri:
Para chato tem remédio
É meia-lua pela venta
Vê se agora não me amola
Meu nervo já não agüenta
Vais levar uma cabeçada
Vais virar uma polenta.

Gaio:
Vou acabar sua façanha
É bom que me obedeça
Hoje dou-lhe um castigo
Vê se não me aborrece
Obrigo você a vestir
As calças pela cabeça.

Cavaliéri:
Sua peleja bem que é fraca
Seu gaio só tem é boato
De costa vindo machuco
De frente rasgo seu fato
Vindo de lado derreto
E se correr eu lhe mato.

Gaio:
Cavalo não tem pé
Cavalo tem é pata
Por isso na carreira
Você não me mata
Quero te ver tonto
Só com um de meu tapa.

Cavaliéri:
Com jogador de capoeira
Sei que nunca levo vaia
Se eu apanhar de você
Vou procurar uma saia
Quebro até meu berimbau
Pois você não me atrapalha.

Gaio:
Você assim que pensa
Distraído companheiro
Vou triturar devagarinho
O teu corpo por inteiro
Quero ver você descer
Pelo ralo do banheiro.

Cavaliéri:
Vai pro oco do inferno
Vê se não me atrapalha
Quem gosta de chicote
É burro de cangalha,
Então prepare o lombo
Que lá vai navalha.

Gaio:
Meu mestre de capoeira,
Vou agora te dar ouvido
Vi que você não tropeça
Nos meus versos atrevidos
Vou mudar este mote
Pra um mais divertido.

Cavaliéri:
Então eu te proponho
A falar de capoeira
Regional ou angola
Pelas terras brasileiras
Quero ver o teu saber
Lá em terras estrangeiras.

Gaio:
No meu jogo de dentro
Já bati num grandalhão
Ele era um convencido
Nem lhe dei a atenção
Com apenas uma rasteira
Pus o cabra pelo chão.

Cavaliéri:
Agora vou dar risadas
Nada na cabeça esqueço
Te lembra daquele dia
Quando você era travesso
Te enfiei a mão na goela
Quase te viro pelo avesso?

Gaio:
em minha goela nada entra
O meu dente é de ferro
Quem põe o dedo em minha boca
Dá um grito feito um berro
Chuto-lhe o "pai-de-todos"
E mando tudo pro inferno.

Cavaliéri:
Olha aqui, mestre Gaio
Você é um desabusado
Não lhe ensinei capoeira
Pra você ficar safado
Abaxe logo este topete
Senão apanha aí sentado.

Gaio:
Tudo comigo é no princípio
É no fim é no começo
De todo jeito lhe topo
E nunca me compadeço
Para pisar no meu pé
Até hoje não conheço.

Cavaliéri:
É isso aí, meu colega
Agora te dou valor
Quem é bom não escorrega
Isto eu digo ao senhor
É melhor ser humilde
Do que ser enganador.

Gaio:
Dizem todos que você
Na capoeira não erra
Já jogou com os índios
Também com os sem-terra
Já apazigou na favela
Capoeira em pé de guerra.

Cavaliéri:
É verdade verdadeira
Jogo em qualquer lugar
Não temo um vagabundo
É tão firme o meu pensar
Mas se a barra apertar
Meto eu bala pro ar.

Gaio:
Capoeira hoje em dia
Anda muito é mudada
Me diga, Cavaliéri
Para que tanta porrada,
O jovem ficou maluco
Me diga, meu camarada?

Cavaliéri:
Capoeira de verdade
Não se muda não senhor
O que andam aí fazendo
Não tem nada de valor
O que acabou na capoeira
Foi a falta de amor.

Gaio;
O mestre na mestreza
Sabe o erro onde está
O poeta na poesia
Sabe o verso onde está
O picareta na capoeira
Não presta nem pra cagar.

Cavaliéri:
Só agora, mestre Gaio
A inteligência te pegou
Falou como um profeta
Parabéns para o senhor
Como mestre de capoeira
Dou-lhe o título de doutor.

Gaio:
Obrigado de verdade
Falou o meu coração
Te convido pra mudar
De toada meu irmão
O bom pelejador
Tem assunto feito o Cão.

Cavaliéri:
Concordo, meu camarada
A toada então já mudei
Quero ver você cantando
A louvação como eu sei,
A louvação que eu falo
Está embaixo ou no meio?

Gaio:
Deixe comigo, mestre meu
Vou louvando sem parar
Louvando Jesus ajuda
Ninguém a desanimar
Nos meus versos já pensei
Vou agorinha começar.

É em cima, é embaixo
É no meio, é no chão
Em primeiro lugar
Louvo Deus do coração
Ele é o maior mestre
Que habita o coração.

É no meio, é no chão
É embaixo, é em cima
Louvo Bimba e Pastinha
Que cumpriram sua sina
Com Deus e os anjinhos
Eles moram lá em cima.

É embaixo, é no chão
É em cima, é no meio
Louvo Mestre Cavalieri
Que não faz papel de feio
Ele sabe que na terra
O ouro está no veio.

É em cima, é embaixo
É no meio, é no chão
Montado no planetário
Vou louvando com a razão
Louvo o Gaveta e louvo o Pi,
Louvo Noventa e louvo o João.

É no meio, é no chão
É embaixo, é em riba
Louvo o Dunga e Gilmar
Luís Mineiro e o Biba
Agostinho também louvo
Como louvo o meu beriba.

É em cima, é embaixo
É no meio, é no chão
Louvo o Rominho do mercado
Pois é ele o nosso irmão
E louvo o Walter e o Catatau
E o Celinho em questão.

É em cima, é embaixo
E é no chão, e é no meio
A todos capoeiristas
No pensamento louvarei
Só não louvo o picareta
Não faz parte deste meio.

É em cima, é embaixo
É no meio, é no chão
Vou ficando por aqui
Até uma outra ocasião
Um abraço aos capoeiras
Esta é minha louvação.

Fim

Olegário Alfredo ou Mestre Gaio é mineiro de Teófilo Otoni residindo em Belo Horizonte. Além de poeta é escritor e pesquisador das tradições populares brasileiras. Na década de 1970 foi formado em capoeira pelo Mestre Toninho Cavalieri. Estudou Letras pela PUC-MG. Possui mais de 50 títulos de cordéis publicados com temas variados, destacando-se mais o folclore brasileiro.

Contato: (031) 3374 1456

Autor: Olegário Alfredo (Mestre Gaio)

A LADAINHA DO MESTRE BIMBA COM O MESTRE PASTINHA

literatura de cordel



Belo Horizonte – MG – 2003

Capa: Evaristo Barbosa

PAL-F 07/184

A LADAINHA DO MESTRE BIMBA
COM MESTRE PASTINHA

CX. 80
F17

Certa vez lá na Bahia
Na festa da Conceição
Estava o Mestre Pastinha
Na maior vadiação
Quando chegou Mestre Bimba
Com um berimbau na mão.

Pastinha neste momento
Fez parar o berimbau
Entoou uma ladainha
Junto com o Pelo Sinal
Mestre Bimba no silêncio
Concentrou no ritual.

Acabado a ladainha
Houve um grande clamor
Os presentes deram salvas
Num gesto respeitador
Mestre Bimba agradecido
Ergueu os braços ao Senhor.

Pastinha na gentileza
Ofereceu o seu lugar
Mestre Bimba então sentou
Num banco retangular
Onde se joga capoeira
Com os mestres do lugar.

Pastinha foi imaginando
Qual o significado
Do Bimba chegar ali
Sem ser ele convidado
Pois se veio a propósito
Vou-lhe pôr no interrogado.

Interrogatório de mestre
Cá no Estado da Bahia
Só acontece se for feito
Dentro da diplomacia
Quem não tiver competência
Se esparrela na bacia.

Desta feita aconteceu
O convite do Pastinha:
- Mestre Bimba te proponho
A cantar em ladainha
O mestre de capoeira
Não pode fugir da rinha.

Mestre Bimba foi dizendo:
- Com você topo parada
É na chula ou no corrido
Ou na quadra martelada
Se quiser dentro da roda
O meu jogo é camarada.

M.P.
- Eu percebo Mestre Bimba
Que tu és bamba pra chuchu
Dentro da capoeirada
Não dar cauda pra nambu
Mas se eu quiser faço de ti
Um agouro de urubu.

M.B.
- É mais fácil o mar secar
Faltar coco na Bahia
Mineiro não comer queijo
Paulista te dar bom dia
Do que um capoeirista
Me igualar com porcaria.

M.P.
Eu não sei se tens tamanco
Lenço preto ou navalha
Para mim você não passa
De um burro de cangalha
Se você vier beijudo
Te transformo em migalha.

M.B.
- Pastinha vamos mudar
Agora nossa toada
Este papo de ofender
Não nos vai levar a nada
É melhor o povo ouvir
Um papinho camarada.

M.P.

- É verdade meu colega
Você falou eu boto fé
Um mestre da capoeira
Não faz como São Tomé
Que só acredita se ver
Mesmo o cara estando em pé.

M.B.

- Pastinha já percebi
Que no papo tem dendê
Em matéria de repente
És um craque no abecê
Vamos para a natureza
Debaixo do mucujê.

A partir daquele instante
A contenda começou
Pastinha saiu na frente
Pois no toco tropeçou
Bimba só no silêncio
Feito sombra que passou.

M.P.

- É tão bela a natureza
Em perfeita harmonia,
Como pode a borboleta
Que é tão leve como o dia
Bater asas e voar
Perante uma ventania?

M.B.

- Estas coisas Seu Pastinha
Extrapolam a razão
Veja tu meu capoeira
Dentro da classificação,
Como uma pulga domina
A braveza do leão?

M.P

- Foi dos próprios animais
Que surgiu a capoeira
Da zebra veio a cabeçada
Da cascavel a rasteira
Do peixe o rabo-de-arraia
Do macaco a bananeira.

M.B.

- Observe Seu Pastinha
A força da plantação
Uma simples sementinha
Semeada pelo chão
Pode matar toda fome
Da pobreza da Nação.

M.P.

- O gavião é um pássaro
Destemido e assustador
Pega pinto, pega cobra
Com suas garras de terror
Mas quando vê um bem-te-vi
Caga de medo e de pavor.

M.B.

- Meu caro Mestre Pastinha
Você é poeta de verdade
A capoeira de Angola
Lhe ensinou a caridade
Pois vamos nós falar nela
Com toda sinceridade.

M.P.

-Mestre Bimba tu tens mérito
Como um monge ocidental
Você que saiu da Angola
Para criar a Regional
A capoeira desta forma
Ganhou fama mundial.

M.B.

- Muito bem Mestre Pastinha
É de mais o seu saber
Tu és mestre da observação
Mesmo não podendo ver
Sabe bem dos perigos
Quando ta pra acontecer.

M.P.

- Eu levo a minha vida
De maneira mandingueira
Todos têm sua derrota
Nesta vida corriqueira
A derrota do capoeira
É ter vida trapaceira.

M.B.

O mundo sabe girar
Dentro da ordem natural
Certos elementos vis
Fogem do eixo central
Resvalam pela tangente
Da corda do berimbau.

M.P.

- O que agora vou dizer
Guarde bem na cachola
Capoeira para mim
É a capoeira de Angola
Se o Mestre não gostou
Bota o saco na viola.

M.B.

- Pensando que a capoeira
Poderia se dar mal
Então na contrapartida
Vim criar a Regional.
Fique o Mestre sossegado
A evolução é natural.

M.P.

Mestre Bimba fez bem feito
Dentro dos traçados planos
A evolução é pertinente
Mas provoca desenganos
A dor que maltrata mais
Vem de dentro dos humanos.

M.B.

- A volta a simplicidade
Ainda hei de ver chegar
A ganância é que atola
Os passos do caminhar
Quando mais penso que ando
Nunca saio do lugar.

M.P.

- Eu faço coisas dormindo
Que ninguém faz acordado
O que o Bimba faz em pé
Eu faço mesmo é deitado
Não quero viver correndo
Eu já nasci descansado.

M.B.

A roda da capoeira
Se faz dentro do compasso
No círculo que a protege
Se brinca no contrapasso
O jogo fora do chão
É o jogo do fracasso.

M.P.

- O espaço da capoeira
É o traçado circular
Quem um dia nele pisou
No sagrado quis entrar
Capoeira não desaparece,
Se esconde nalgum lugar.

RENATO ALMEIDA

Renato Almeida foi Musicólogo e Folclorista, nasceu em 6/12/1895, em Santo Antônio de Jesus (BA). Faleceu em 25/1/1981, no Rio de Janeiro (RJ).

Ainda adolescente, migrou com a família para o Rio de Janeiro. Em 1915, formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Trabalhou como advogado e jornalista. Colaborou em diversos periódicos, como Monitor Mercantil e América Brasileira, do qual chegou a redator-chefe. Em 1926, foi nomeado diretor do Lycée Français (hoje Colégio Franco-Brasileiro) do Rio de Janeiro. Por essa época, ingressou no Ministério das Relações Exteriores, chefiando por um longo período o serviço de documentação do Itamarati, representando-o também em missões oficiais no exterior. No ano de 1947, foi um dos fundadores da Comissão Nacional do Folclore. Nos anos seguintes, entre 1947 e 1952, promoveu em vários estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Alagoas, a Semana do Folclore. Foi membro de várias associações culturais brasileiras e estrangeiras. Foi nomeado diretor-executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Publicou vários livros sobre música e folclore: “História da Música Brasileira” (1926/RJ); “Compêndio de História da Música Brasileira” (1948/RJ); “Inteligência do Folclore” (1957/RJ); “O Folclore na Poesia e na Simbólica do Direito” (1960/Miami-USA); “Tablado do Folclore” (1961/SP); “O I.B.C.C. e Os Estudos de Folclore no Brasil” (1964/RJ); “Manual de Coleta Folclórica” (1965/RJ); “Música e Dança Folclórica” (1968/RJ); “Danses Africaines en Amérique Latine” (1969/RJ) e “Vivência e Projeção do Folclore” (1971/RJ), quase todos com reedições. Foi membro-fundador efetivo do Conselho Superior de Música Popular Brasileira do Museu da Imagem e do Som (MIS), a partir de 1966.

No ano de 1951, foi o Promotor do Primeiro Congresso Brasileiro do Folclore, na cidade de Curitiba, Paraná. Ainda neste ano, organizou e presidiu o Congresso Internacional do Folclore, que reuniu representantes de 35 países, por ocasião do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Pouco tempo depois, organizou a Exposição Interamericana de Artes e Técnicas Populares e o Festival Brasileiro de folclore, no qual se apresentaram cerca de 2.000 dançarinos populares de várias regiões do Brasil.

Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/personalidade/renato-almeida/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORDEL EM DESTAQUE:

Capoeira em cordel e poesias em bordel.

RENATO ALMEIDA

**CAPOEIRA EM CORDEL
E POESIAS EM BORDEL**

XILOGRAVURAS DE ADEMAR LOPES



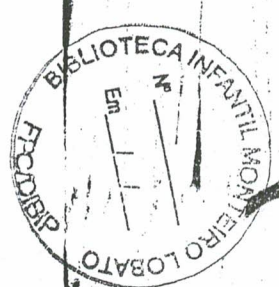
NÚCLEO DE PESQUISA E CULTURA DA LITERATURA DE CORDEL

BIBLIOTECA DE LINGVISTICĂ ȘI CERCETĂRI DE LINGVĂSTICĂ DE COȘBET

BIBLIOTECA DE LINGVISTICĂ ȘI CERCETĂRI DE LINGVĂSTICĂ DE COȘBET

BIBLIOTECA DE LINGVISTICĂ ȘI CERCETĂRI DE LINGVĂSTICĂ DE COȘBET

BIBLIOTECA DE LINGVISTICĂ ȘI CERCETĂRI DE LINGVĂSTICĂ DE COȘBET



O CORDEL OPERÁRIO DO POETA DO POVO

A Iris aguçada de Renato Almeida terminou por transformá-lo num dos mais importantes escritores contemporâneos de cordel do Nordeste.

Essa força interior para a criação não vem tão somente do berço, não é apenas hereditária. É um produto de sua vivência, de suas andanças; um menino que um dia percorreu a rota dos reitores em busca do teste de vida na cidade grande, a paulicéia desvairada.

As lutas do povo seriam o sustentáculo de sua subida ao palco. O teatro de balro revelaria um ator no caminho da literatura de cordel.

O cinema nacional não deixaria escapar seu texto. Foi-lo municipalizado para a trilha de Caxundé. A mesma trilha percorrida pelos homens sem terra e sem teto, hoje no êxodo que o próprio Renato experimentara nos dias de juventude. Assim volta a São Paulo através de sua obra e Caxundé ganha o prêmio do festival Jornal do Brasil/Shell.

Custou-lhe caro o exercício da luta popular, o combater no mundo urbano, obrigando-lhe a recuos táticos para, no amanhã, um passo à frente.

Quem o conhece pelos caracteres dos bonitos álbuns publicados, ou pelos tipos móveis à Gutenberg dos livretos de feiras, circo ou quermesses, não pode imaginar o potencial que possui e o alcance de sua visão; a panorâmica que descortina das grandes lutas do seu povo, enfrentando hoje os grilleiros urbanos, amanhã o próprio cerne do Poder.

Não se trata de um versejador gratuito. É a pena contra o poder, denunciando a opressão e revelando as grandes armas ao povo. Capoeirista das letras, aperfeiçoou a forma de sua mensagem, enriquecendo-a em conteúdo.

Pesquisador tão paciente, quão militante irrequieto, Renato Almeida jamais esperaria que de animador cultural de bairros populares, onde ferve o sangue proletário, poderia um dia se transformar numa estrela de primeira grandeza. Nunca. Daí sua humildade, a simplicidade de sua conduta, o quase anônimo a que se coloca.

Como classe, Renato Almeida se dissolve na multidão. Reatância é escrever sobre este amigo; o mais é pedir que os seus primeiros versos sejam lidos. Você vai a é o fim, sempre bem acompanhado por este poeta do povo, do cordel operário, ilustrado por Astemar Lopes.

AURÉLIO VELLAME

PARA OS MEUS AMIGOS
QUE VAGAM NA NOITE

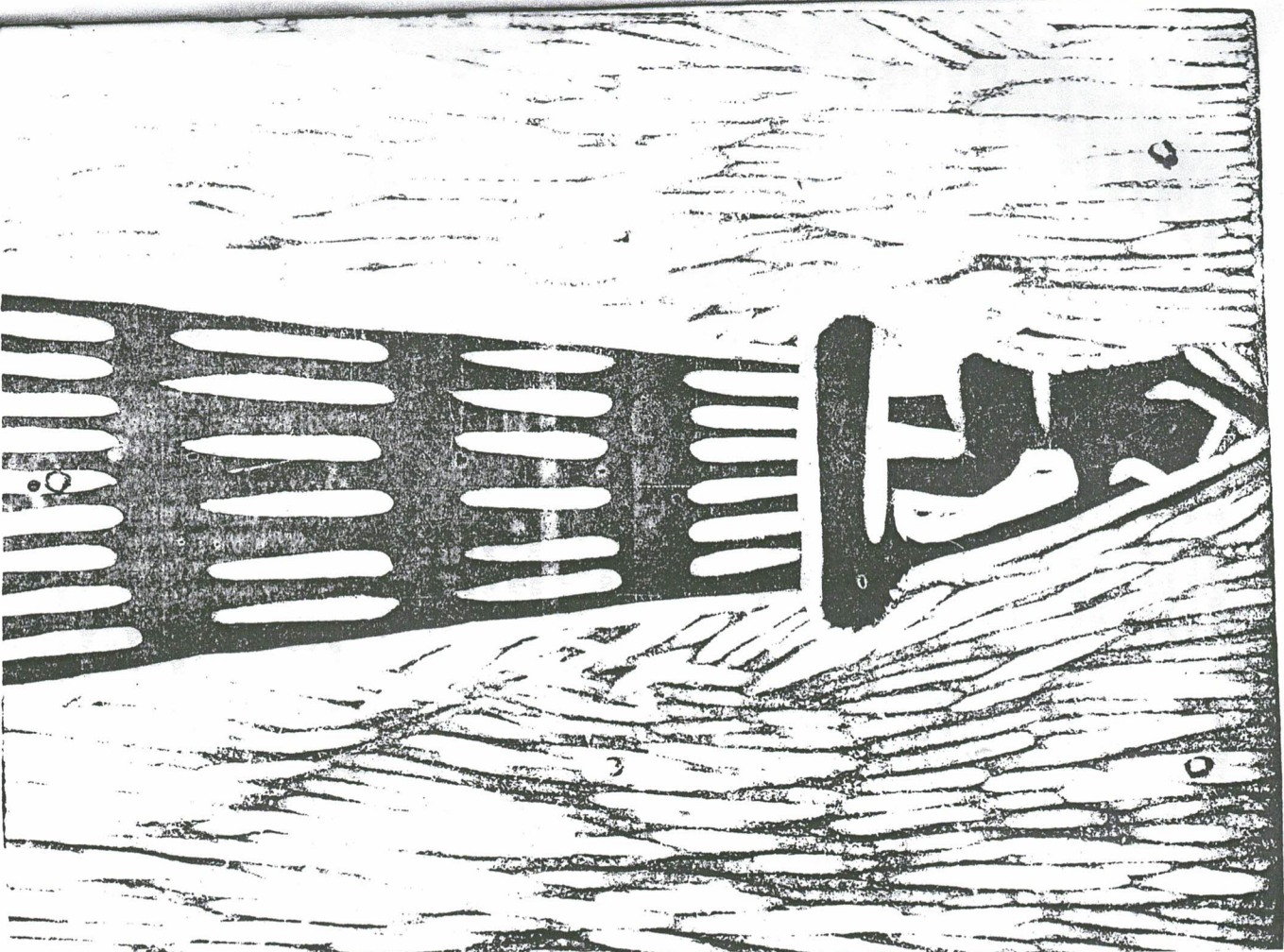
Bêu Machado
Menandro Ramos
Humberto Vellame
Jehová de Carvalho
Silva Filho
Esmeraldo
Sívio Mendes
Rémulo Pastore
Cravo na Lapela
Talo Verde, Valmir Palma
Vander Prata
Telma Ribeiro.

Essas mesas dos bares!!
Tribuna dos homens fracassados,
Das discussões sem fim
Dos protestos desperdiçados.
Do vagabundo, do doutor,
Do homem trabalhador
Onde bebe os desgraçados....

A um velho Lobo do mar.
Lisboa, que encaihou na Boca do Rio.

"A S ANONIMAS QUE DIVAGAM
NESSA CIDADE"

Uma cama sem patente,
Um velho colchão descascado,
Uma imagem de São Jorge
Um patuá pendurado.
Velas acesas prá chamar *home*
Ou ela morre de fome.
Deus perdoa seu pecado...



Zambi ó Deus em Angola
Cai meu bom professor
Me deixe contar em versos
Me dê licença senhor:
— A capoeira Angola
Hoje ensinada em escola
Cum diploma e professor.

Capoeira é da Bahia
Angola, ou de que lugar?
Se não tem documentos
Como é que vamos falar,
Eu faço interrogação,
Não vou dar informação
Se não posso comprovar.

E sem desvendar nenhum enredo
Capoeira era folgado
Criado pelo negro
Como que fosse brincado
E servia pra defesa
Cum toda sua beleza
Nego brigava sem medo.

Nas folgas que davam ao negro
Nas festas, na procissão
O nego cum a capoeira
Dava sua exibição,
Berimbau, Ganzá, Pandeiro
Arruaças, bom tempoiro
Navalhada, confusão.

E se um nego era ferido
A rede vermelha levava,
E se um nego morreu,
Na branca mesmo enterrava,
Procissão cum banda musical
Reunia o pessoal
Que capoeira jogava.

Mas o grande Raul Barbosa
Querendo a coisa limpar,
Tudo que falava em negros
Reuniu, mandou queimar
Deixou poucos elementos
Ficou poucos documentos
Pra poder se pesquisar.

E cum uma boa navalha
A arma mais preferida
Era nego cum fato de fora
Cum a bariga ferida
E sofria os capoeiras
No Bonfim ou na Ribeira
Dessa Bahia querida.

E os negros esqueciam
Dos açoites das torturas
No dia da sua folga
Tiravam toda amargura
Tam brincar de capoeira
Uma luta ou brincadeira
Daquelas pobres figuras.

Mesmo assim conseguimos
Alguna coisa arrastar
Velo mais negros de Angola
Do que de outro lugar
É por isso que o Angoleiro
Poderá ser o pioneiro
Só não podemos é provar.

E a origem da capoeira
Ficou difícil de achar,
Se foi inventada na Bahia,
Angola, ou de lá pra cá
Se não existem documentos
Não existem elementos
Que possamos afirmar.

Capoeira foi muito perseguida
Aqui na nossa Bahia
Porque até as leis da época
Não lhe tinha simpatia,
Era preso e agóitado
O nego, pobre, cotado
Que capoeira fazia.

E segundo os pesquisadores
Pedrito, o mau delegado
Perseguiu os capoeiras
Pra espáncar e cotado
Al ficava no ditelro
Um tocador verdadeiro
AVISANDO AO CAMARADA.

E aí cum muita astúcia
Toque e aviso foi inventado
De lá de cima do oiteiro
Quando ele via o camarado
E batendo num berimbau
Lê lê je-je-je lá láu
O alarme tara-dado

Também toque Cavalaria
Que hoje é pouco usado
Avisava que a montada
Tava chegando: Cuidado
Tocava cavalaria
Quando o nego presentia
Que vinha chegando um montado

Em mil novecentos e vinte
Pedrito o famigerado
Que chegava em candomblé
Deixando tudo acabado
O tocador original
Dava o toque pessoal
Todo mundo espantado.

E Pedrito entrou no folclore
Ainda hoje é cantado.
Cuidado cum Pedrito
O delegado malvado
Não existia academia
Jogavam onde bem queria
E hoje joga-se fechado.

Nas feiras, nas quitandas
Os capoeiras ajuntava
Nos domingos, feriados
Boa cana não faltava.
Uma infusão de dandá
Na quitanda da Yá-yá.
Todo nego saboreava.

No toque do capoeira
A infusão era pedida.
E o quitandeiro conhecia
A infusão pretendida.
Ouvindo o toque levava
O bom nego-se esquentava
Cum sua cana querida.

A capoeira hoje mudada
É jogada em lugar fechado
Cum outros tipos de toques
Por muitos mestres inventado
Faz parte da inovação
De quem joga prá dirão
Ou prá o turista, coitado.

E capoeira é uma só
Cum toques e seus gingados
Toda capoeira é angola
E isso tou bem informado
Bimba criou a regional
Prá mostrar ao pessoal
Que é preciso cuidado.

E na minha opinião,
De poeta popular
A capoeira da Bahia
Tão tentando anarquizar.
No Terreiro de Jesus
Se ver hippies quase nus
Pulando prá faturar.

É verdadeira aberração
Desrespeito a tradição
Já vi até estrangeiro
Fazendo apresentação.
Hippies sujos e maus artistas
Pegando a grana dos turistas
Sem nenhuma informação.

Eu não sou contra ninguém
Mas respeitem a tradição.
Respeitem as memórias do Bimba
Que morreu um pobreão.
E foi quem deu a Bahia.
A primeira academia.
E saiu daqui prá o chão

E tem muita gente sabida,
Faturando muita grana,
Usando a capoeira
Em apresentação bacana,
Contando mentira a turista,
Dando até grande entrevista
Esse a mim não engana.



E na inovação da capoeira
Existe muita confusão
Cada mestre de capoeira
Cria seu golpe padrao
Já é até brincadeira
Onde se vê muita besteira
E tá causando confusão

É difícil o capoeira
Seguir os golpes que aprende
Porque na hora do jogo
Ele cria e não entende
Cria golpe que nunca viu
E depois quem assistiu
Se conhece compreende.

Assim como inovam os golpes
Os toques são inovados
É difícil classificar
Vários nomes são chamados
Cada mestre tem diferente
Ou bota um nome prá frente
Dos nomes já explorados.

Portanto não vou dá nomes
Porque me falta lugar
São tantos toques e golpes
Que não dá nem prá contar.
Só tou falando da inovação
Não vou causar confusão
Prá depois atrapalhar.

E as classes médias burguesas
Foram ver a capoeira
De roupa nova, colorida
A Bahia, a pioneira
Cum a capoeira regional
Bimba deu ao pessoal
Uma luta verdadeira.

Inovação na capoeira
Originou a deturpação.
A decadência da original
Uma total transformação.
Não tem mais roda de capoeira
No Bonfim ou na Ribeira
Dando a tal exibição.

É muito bem cotada.
E cara a apresentação,
Num filme sobre a Bahia
Num restaurante, atração,
A capoeira é misturada
Cum samba, dança umbigada,
Correndo da tradição.

E ainda existe na Bahia
Um defensor da capoeira
Professor Waldeloir
Que é contra a molequeira.
Pesquisador na Bahia
Do candomblé da magia
Que usam prá brincadeira.

E o saudoso mestre Bimba
Cum sua inovação
Criou os golpes cinturados
Verdadeira aberração
Porque liga o capoeira
Parece luta estrangeira
E eu não sei a razão

Se assim foge ao estilo
Da capoeira Angola.
Onde ninguém se liga
Igual a jogo de bola
Bimba criou a regional
Pra defesa pessoal
Onde pulam que nem bola.

Usou os golpes, batuque
Banda armada, Banda fechada
Rapa, Cruzé de Carreira,
Batu e encruzilhada
Cinquenta e dois golpes criou
O grande mestre mostrou
A luta modernizada.

E pegou a capoeira
Botou em recinto fechado
Tirou a capoeira da rua
Deu outro significado
Cum nova forma de ensinamento
Formando até elemento
E dando certificado.

Se a capoeira era marginal
Não existia academia.
Jogavam em qualquer lugar
Sem mestres sem mordomia,
E Bimba como pioneiro
Foi o que nos deu primeiro
A primeira Academia.

E esse grande mestre Bimba
O Mancel Reis Machado
No Engenho Velho de Brotas
Lutou e foi registrado,
Sua academia regional
Fugindo da original
Do angoleiro afamado.

A MUSICA DA CAPOEIRA

E um pergunta, outro responde
Em forma de Indagação
Feito desafio de violeros
Desse lá do sertão.
Mas no fim dessa cantiga
Tem uma estrofe antiga
Estrofe de saudação.

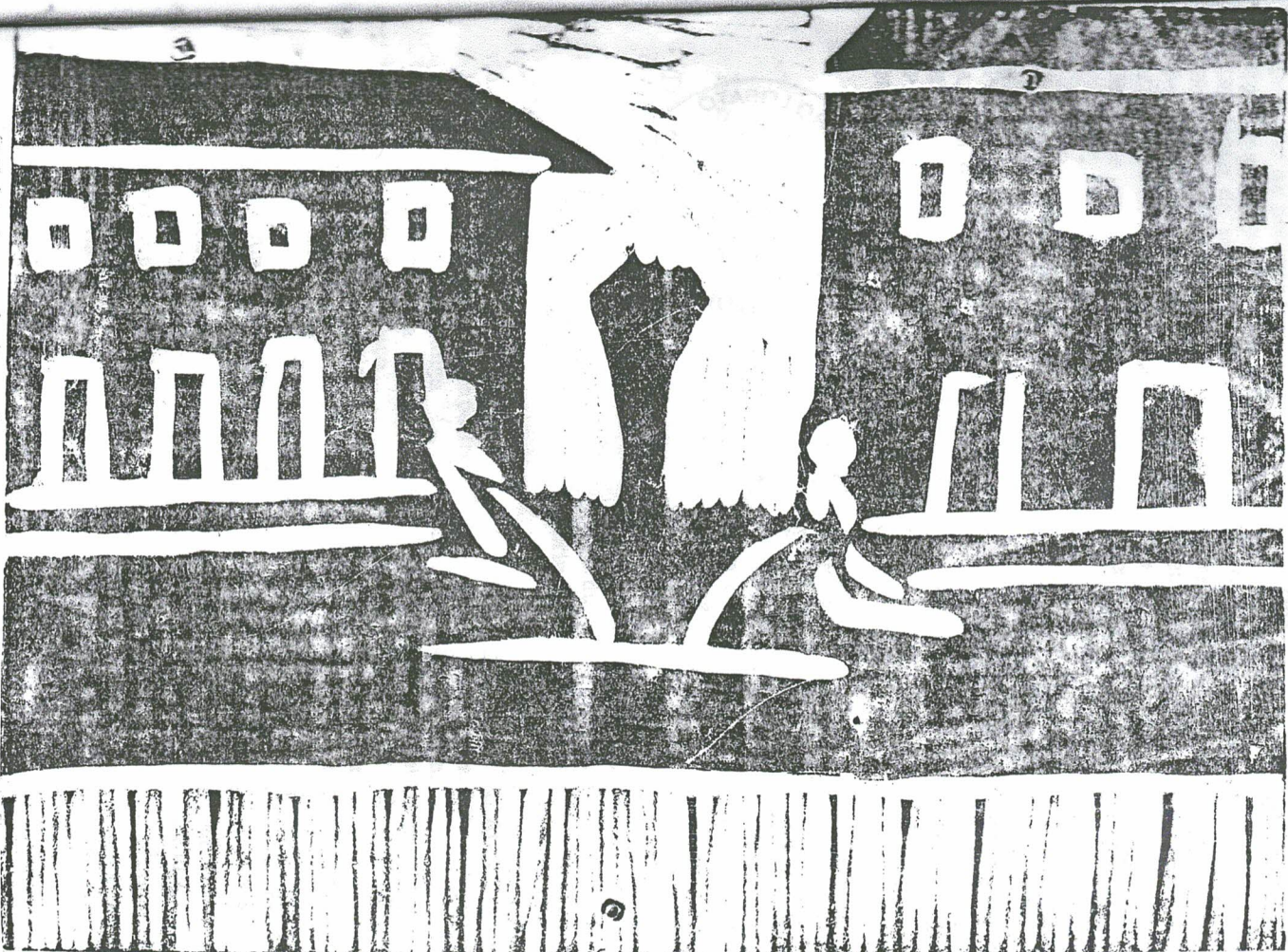
Como exemplo dá no negro
Que é muito bem cantado
Essa estrofe, o capoeira
Já está acostumado.
E quando criam a letra,
O nome do negro ou preta
Tem que ir acompanhado.

E sendo naquele tempo:
A capoeira marginal,
E tida como maldragem
Ou como coisa anormal,
Anormal à sociedade,
Bem pertinho da cidade
Bimba abriu sem ter rival.

Isso em trinta e sete
Em plena perseguição
Deram direito ao mestre
De ser um tal cidadão,
Cidadão da capoeira
O mestre da luta matreira
Cum toda autorização.

Não tem cantiga preferida
Quando estão em ação,
Fala-se do velho mestre
Religião, tradição
Um diálogo dos presentes
Cum outras pessoas ausentes
Em forma de Indagação.

E as cantigas de capoeira
De rima rica ou pobre
Igual a desafio de viola
Onde a malícia descobre
Mesmo sendo improvisado
O final já tá gravado
Cada qual que se descobre.



Segundo os pesquisadores
Toalha e lenço na goela
Um lenço de seda pura
Bofado como arrozela.
Seda, navalha não cortava
E o negro não se importava
Se calasse em esparrela.

E usava em volta do pescoco
Um lenço de seda pura
Prá proteger da navalha
A alha da pele escura.
E esse lenço hoje é usado
Prá botar no diplomado
Na festa de formatura.

Na formatura do capoeira
Na academia de Bimba
Ele botava esse lenço
No capoeira tarimba
O lenço antes cotado
Hoje é tão desusado
Só capoeira carimba.

E tem muita inovação
É difícil de informar.
Falo da capoeira padrão
Sua forma popular
Embora do outro lado
Tem coisa aproveitado
Que dá até pra falar.

INSTRUMENTOS DA CAPOEIRA

É sendo o berimbau
Instrumento principal da capoeira
Pode ser chamado de gunga
E o bom não vende na feira
Se faz cum um fio de aço
Madeira seca no traço
Cabaça da cabaceira.

Entre o fio e madeira,
Faz-se uma marcação.
Cum meia cabaça seca
Segura firme o dobrão
Batendo cum um pau fininho,
Cum força ou devagarinho,
Caxixi firme na mão.

Tem outros instrumentos
Que fazem acompanhamento,
Depende da academia
E do seu comportamento.
Instrumentos bem cotados
Vou dar os nomes citados
Origem e comportamento.

Tem o de nome Árabe: O Atabaque,
Vou dar os nomes citados
O caxixi feito de palha
Ganza, Agogo, Pandeiro,
Atabaque é um pau óco
Tem som um pouco rouco
O couro é de Carneiro.

O Agôgô africano,
Seu som um tanto sereno.
Dois sinos de ferro ou zinco
Um é grande, outro é pequeno
Ganza reco-reco falado
Gomo de bambu cortado
Toca-se até sem treino.



E a roupa do capoeira
Nunca teve o seu padrão
Porque não era acelta
Pelos homens de galão
Era considerado marginal
O jogador original
Malandro e sem colação.

Da forma que estava vestido
O nego jogava capoeira
Podia ser de calção
Ou até de dominguinha
Não podia se destacar
Prá a polícia não pegar
No calis dourado ou na feira.

OS ARTISTAS DO TERREIRO DE JESUS

A cantora popular Margarida,
Tão popular quanto o cordel
De dia canta no Terreiro
A noite no Meydel.
Cum sua voz sertaneja
Por dez mil reis ou cerveja.
Desempenha o seu papel.

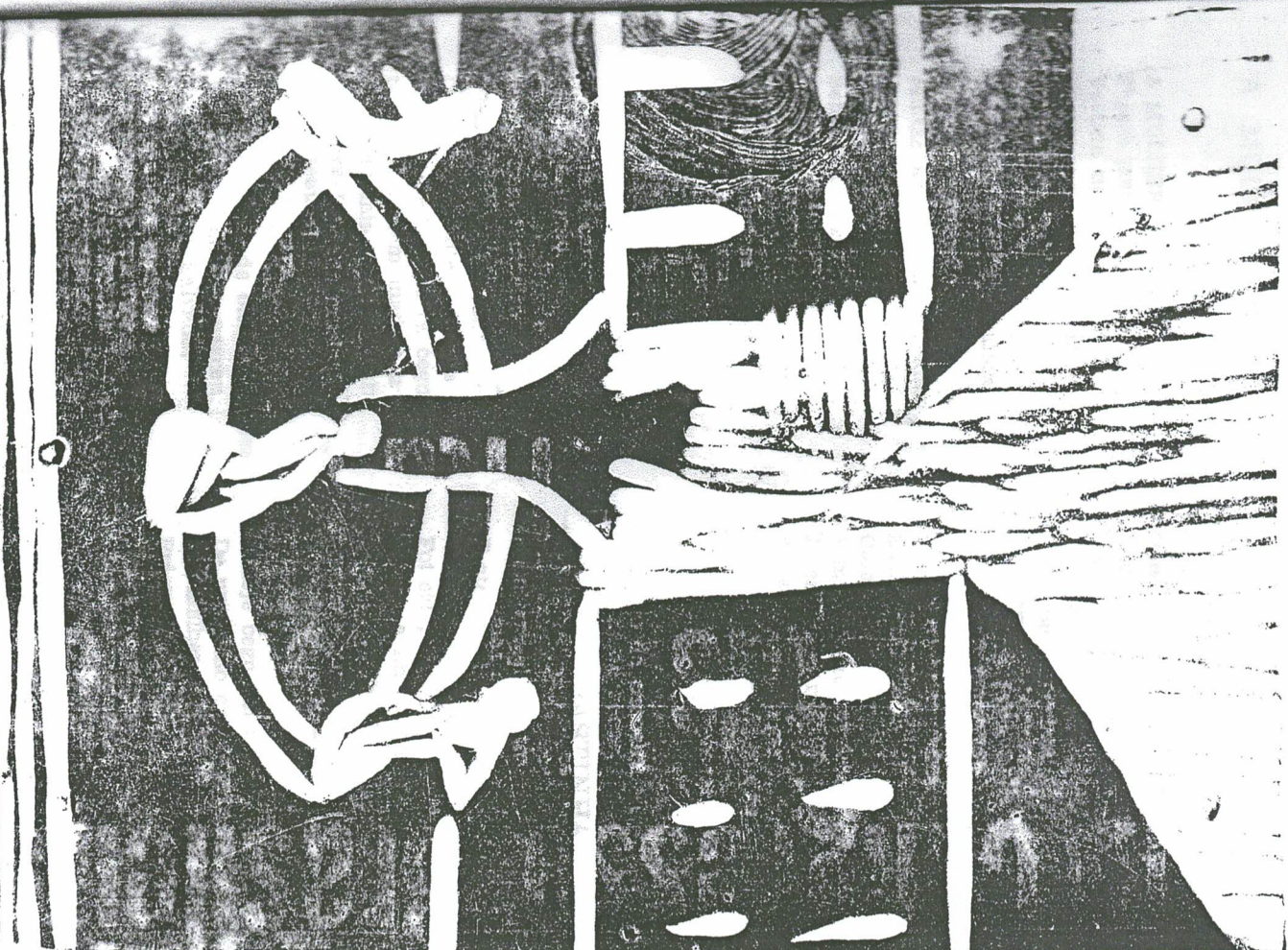
Cantora dos operários
Que discos não podem comprar,
Fazem toda no Terreiro
Prá ver sua flor cantar.
Quando a chuva tá danada
Ela prá comer colhada
Vai prá cama variar.

Embora o nego gostasse
De andar todo de branco,
Cum uma toalha no pescoço
Nos pés, um par de tamanco
Por isso que certa academia
Tem no branco simpatia
Só não usa mais tamanco.

Portanto hoje é usada
Roupa de listra berrante
Cada um tem seu padrão
Do veíno ao principiante
Faz parte do modernismo
Prá se mostrar ao turismo,
Carnaval a todo instante.

Gingibre do Terreiro
Ou Gingibre homê da cobra,
Vende óleo de Baleia
Remédio prá curar sogra
E cum seu palavreado
Vende até leite de cágado
E jura que né manobra.

E tem muita gente curada
Por esse dotô do Terreiro.
Eu acho que a fé cura
Também não sou o primeiro.
Remédio caro engorda lombriga
Prá colorir a barriga
Esse dotô verdadeiro.



A MULHER DE ROXO

A MULHER DE ROXO

Figura popular da cidade
Vestida de roupas exóticas.
Nas ruas pedindo caridade
Bastante explorada
Karinha e não diz nada
Quando lhe fazem maldade

Muitas lendas são contadas
Sobre essa figura popular.
Todo dia sai matéria
Sem muita coisa contar.
Fotografada pelos turistas
Pintada pelos artistas
Nas ruas a destilar.

Cum uma cruz no pescoço
Roupa suja e pesada
Ninguém sabe quem costura
Pois vive sempre calada
Já foi peça de teatro
Teve em cartaz seu retrato
Não viu, e não sabe nada.

Parece uma religiosa
Essa Deusa sem noção.
Calma e de passos firmes,
Tem um livro em uma mão.
Já esgotou a mocidade
Andando pela cidade
E ninguém sabe a razão.

PASTINHA

O bom Vicente Ferrelra
Ou simplesmente Pastinha
O velho mestre que tá cego
Sem ajuda, sem madrinha
Sua academia no Pelourinho,
Que teve tanto carinho
Hoje é teatro de linha.

E até quando tinha luz
O velho mestre jogou.
Foi obrigado a parar
Porque a luz lhe faltou.
A academia desapropriada
Ao mestre não deram nada
Tudo que tinha acabou.

Cinco de abril de oitenta e nove
Foi que esse homem nasceu.
E na cidade do Salvador
A capoeira aprendeu.
Ensinou no Pelourinho
Cum dedicação e carinho
E ninguém reconheceu.

E hoje cego em um quarto
De um velho casarão,
Sua mulher vende acarajé
Prá poder lhe dar o pão.
E quem passa no Pelourinho
Nem se lembra do velinho
Da Bahia, a tradição.

A PESCA DO ARRASTÃO

Sustentou muita gente,
Hoje já desaparecida
Homem, meninos e mulheres
Nessa Bahia querida.
A pesca de arrastão
Do Xaréu em Armação
Já tá até esquecida.

Foi regulamentada a profissão
Os donos de redes cum redeo
De recolher INPS,
Vir e não é brincado!
Acabou o arrastão
Tirando da loca o pirão
Dos seguntiores de Pedro.

MISTER BLAK

Professor Mister Blak
Ou Houdini do Terreiro
Seu circo não cobra ingresso
Esta correr o pandeiro
Desaparece dinheiro mulher
Quebra relógio de quem quizer,
Cum um sópro deixa inteiro.

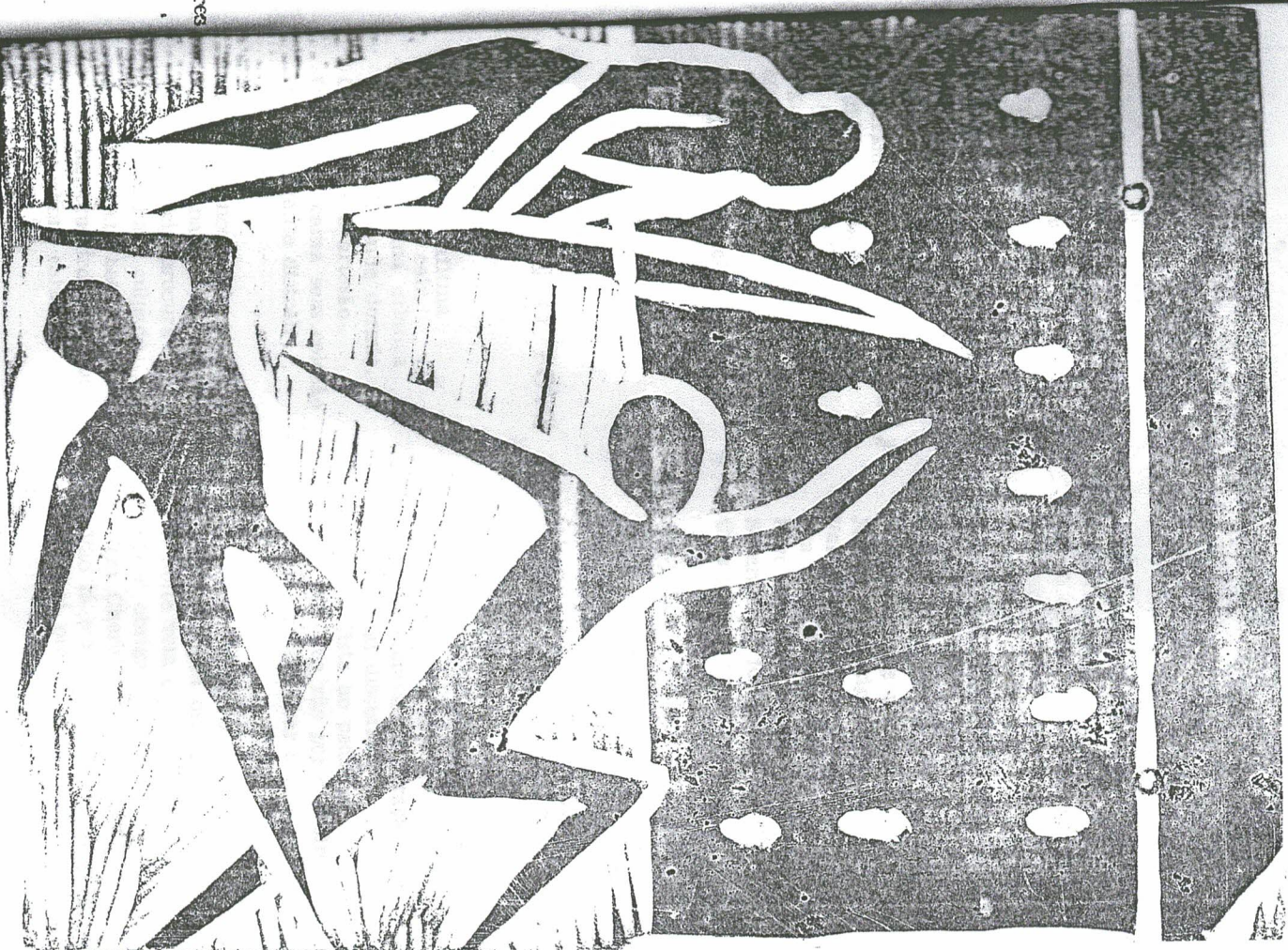
Todo dia vai a força
Mas nunca foi enforcado
Junta mais de vinte homens
Prá ver o velho matado
Naquela cena macabra
Ele diz abracadabra...
O laço é desarmado.

Era bonito e sustentava
Muita gente na Bahia,
Cantando para dar força
Nego prá branco trazia
E o Xaréu quase acabou
A rede nego deixou
Por ser puxada todo dia.

Eu puxei muitas redes
Na praia de Armação.
E ganhei muito Xixarro
Do bom mestre Damião.
Ouví Bobó mergulhador
Contar que já mergulou
Da Barra até Armação.

Leal o elegante engraxate
Cum sua flor na lapela,
Uma figura do Terreiro
Ou criador de novela.
De palitô, gravata, colete
Ou terno da cor de leite
Uma vistosa fivela.

Tá na sua cadeira, ou nos bares
Essa figura popular,
Dizendo eu sou Lial
E bebe de quem chegar.
Nunca throu o palitô
Seu companheiro maior,
Sapato sempre a brilhar.



O POVO, O BREGA E A CRENÇA

Povo que vai ao São Miguel
E compra folha de elevente,
Toma banho de sal grosso
Na encruza passa distante.
Meio dia despacha a porta
Cum pomba ou pau-de-resposta
Mas em Deus tá confiante.

E pararam a vida de uma cidade.
E dia de procição.
As suas velhas figuras,
Piguram de chapéu na mão
Muito respeito ao passar...
Até na porta do bar.
Ele faz sua oração!

— Larga o copo de fubuta
Na porta vem espiar,
Tira o chapéu da cabeça
Faz psiu manda calar.
Val lá e toca no andor
Tira uma flor donde for
Pede outra pinga no bar.

— Agora mais reforçada,
Já fez sua obrigação.
Vai discutir com o caxeiro
Seu respeito e devoção.
Povo fanático retado!!!
Se criou ou foi criado.
Cum reza e cum oração.

O BREGA E O POVO

Onde a velha cafitina
Vê seu casarão cair,
Onde chora uma criança
Por não ter onde dormir.
Onde nasce o artesão
Onde uma cama sem colchão
Dá prá a gente distrair.

Onde o menor é pivele
Ou garoto abandonado,
Onde a polícia procura
E nunca acha o culpado.
Onde ninguém bate ponto
Onde um cruzelro é um conto
Onde se chora calado.

É uma mistura de raça
Uma miscigenação,
São várias classes na praça
Numa total discursão,
Do jornalista ao pedreiro
Mulheres que vão por dinheiro
Prá poder comprar o pão.

E Suzana fecha o brega
Vai presa pra descangar,
A noite vem cabo Wilson
Ela é obrigada a dar.
Venm Chero Mole e Chapéu
Vão lá e solta um papel.
Ela sai pré passear.

DIALOGO DO BREGA

“Hoje teve uma briga
Cortaram a tal Luchete!!!
Menina sabe por que?
Ela deu prá o Mariete”.
O gigolô é disputado
Quem não é homem é viado
Ali onde o fierte é frete.

Onde maero ventre é berço.
E gescarnados braços para dormir,
Seios quase infantis dão a inventos
Polícia é prá perseguir.
Onde uma boneca desnuda
Representa a própria vida
Não adianta pedir.

É CARNAVAL NO BREGA

E volta a lua prá discuir.
Neginho pode até brigar,
“Você me viu na avenida?
Quale rapaz vai prá lá.
Meu bloco tava bem legal
Saiu até no jornal
E o seu não deu prá chegar”.

O outro até conta estórias:
— Diz que com o corpo fechado
Ele chegou na avenida
Se cruzou foi incensado.
No terreiro de Menininha
Tomou banho de galinha
Até Bode foi matado.

Esse a vida para no Terreiro
No Maciel continua.
As velhas radioas de fichas
Só dá Valdik, ou bom Lua.
Já tem até delegacia...
Quase ninguém aprecia
Só Suzana fica nua.

— Um moço bonito lhe deu
Ela pagou com a virgindade.
Saiu do interior
Ganhou na grande cidade.
Nos braços finos cantando baixinho
Na noite vendendo carinho
Por pura necessidade.

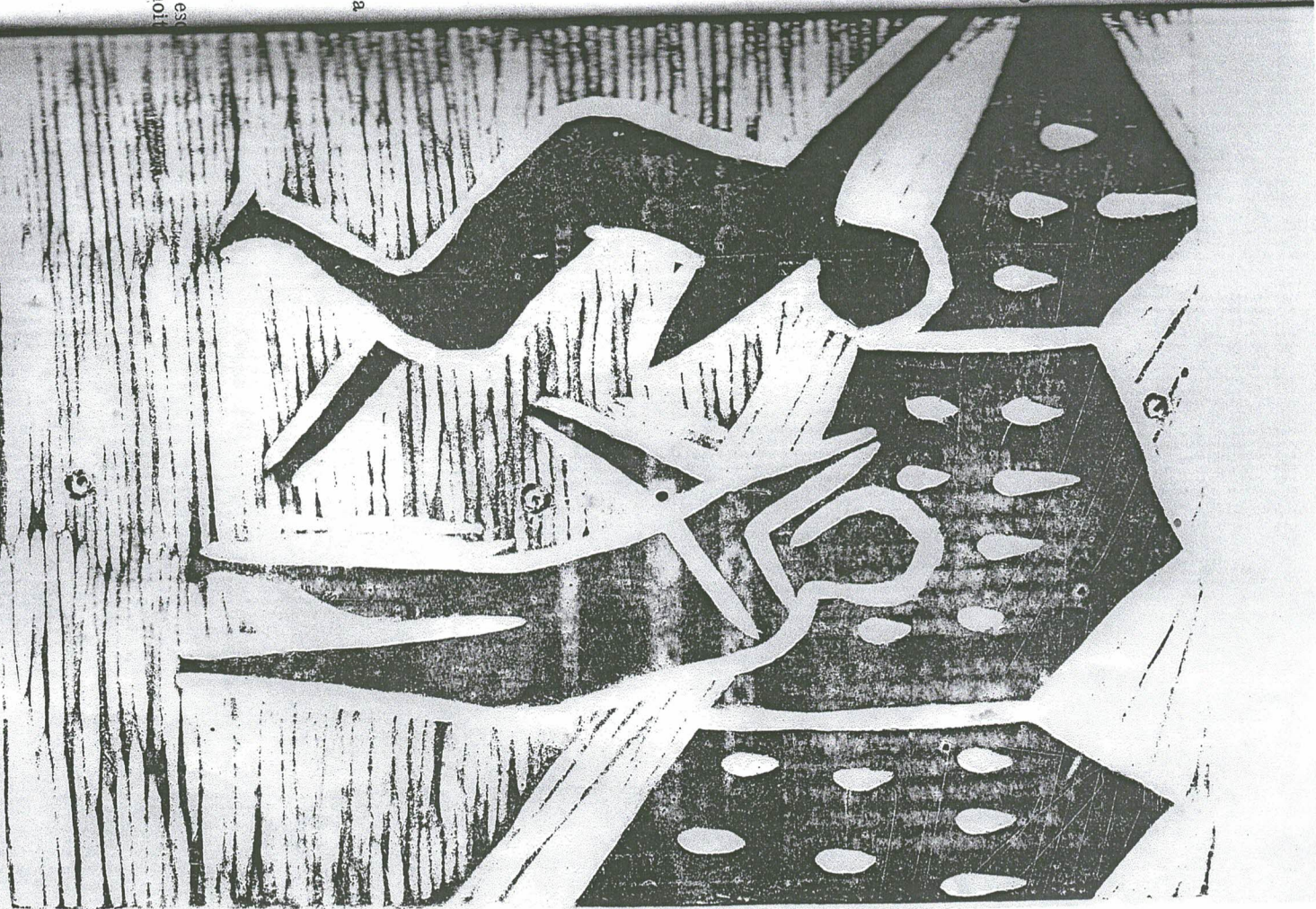
Encontros noturnos e proibidos
Medo da repressão social,
Em uma sociedade violenta
Que não respeita o marginal
É classe e é oprimida,
Tem vida mas faz a vida,
Com uma profissão ilegal.

OS EXPLORADORES DO BREGA

Onde outro veio do berço de outro
Em braços gordos foi embalado
Deixou seu rico tesouro
Veio aqui ser castigado.
Sofre açóites no Peourinho
Em busca de amor e carinho
Suje rolo e mal tratado.

Uma experiência de vida
Vontade de mudar a sociedade
Volta prá casa e não mudou nada
Só ganhou inimidade.
Veste seu palitô e gravata
Esquece que arrastou lata
É contor em outra cidade.

Tyrinho no Terreiro de Jesus
Tomo café e um alpin no far da es
Com uma mulher que venceu a noi
E ainda é menina.
Aqui eu vou terminar
Tudo isso vai acabar
Já que o progresso domina.



SÉRGIO BAHIALISTA

Sergio Ricardo Santos da Silva, Sérgio Bahialista, nasceu em 23/01/1980 em São Paulo. Aos 3 anos mudou-se para Salvador e não mais saiu da cidade. Define-se como “solteiro no civil mas comprometidíssimo com BELA Flor”.

Pedagogo, psicopedagogo por formação e arte educador/Agente de Histórias por essência.

Cordelista que está sempre escrevendo sobre temas polêmicos e atuais também desenvolve a arte de ser músico. “O cordel veio a partir de um encontro magnifico com a poesia, com a aventura da palavra, através do Poeta Zeca de Magalhães – Um cabra que se veste com a Literatura”.

Tornou-se Agente de Histórias a partir do CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescente. Também é pesquisador do PRODESE – Programa Descolonização e Educação, do CNPQ, da UNEB.

Disponível em: <https://poesiabaiana.wordpress.com/2010/06/09/perfil-sergio-bahialista/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORDEL EM DESTAQUE:

Mestre Zé do Lenço: 70 anos de ginga e sabedoria

Se for copiar, por favor, tire o grampo

“Enquanto existir Deus
no céu, urubu não
come capim”

Jose Alves - O Mestre Zé do Lenço

Contato:

www.sergiobahialista.com.br

@bahialista

REALIZAÇÃO

DA TERRA DO
LENÇO

**Mestre Zé do Lenço:
70 anos de ginga
e sabedoria.**



Autor: Sérgio Bahialista



Setembro / 2019

Mestre Zé do Lenço

Mestre Zé do Lenço: 70 anos de ginga e
sabedoria.

Autor: Sergio Bahialista

Salve, salve minha gente
Que "ta" na ginga da vida
Dando rabo de arraia
Nesta vida tão sofrida
E buscando entender
Bucho cheio do viver
Que dá sustança na lida

Um
grande
Abrace

E seguindo essa ginga
O cordel dá um AÚ
Pra contar 70 anos
Lá do fundo do baú
Do nosso Zé do Lenço
Cansaço? Logo venço
Passando de norte a sul

Deu

Mimesis

Então, sem mais delongas
Começo nossa viagem
Sobre a vida desse Mestre
Poesia pede passagem
Pra falar com respeito
E com orgulho no peito
Dessa vida de coragem

E em 27 de Julho
Lá de quarenta e nove (1949)
Nasceu o tal José Alves
Pra que a vida se renove
Pois nasceu em Irará
Esse grande camará
Que sabedoria promove

E José Alves chegou
Lá na Fazenda Grande
Do Retiro e encontrou
Um camará que expande
A arte da Capoeira
Um saber de primeira
Contra mande e desmande

De nome Espinho Remoso
Era o mestre que Deus deu
José Alves se juntou
Aos seus filhos e creu
Na capoeira primeiro
Na Jaqueira do Carneiro
Onde tudo aconteceu

E em uma casa velha
Onde a roda acontecia
Do Senhor José do Vale
Era essa moradia
Sem energia elétrica
E com roda assimétrica
Tinha é pancadaria!

No matadouro de boi
No largo do Retiro
Tinha lá um cidadão
Cabra bom que me refiro
Bom violeiro em Salvador
E também bom sambador
José do Lenço, admiro.

José Alves era amigo
Na verdade quase irmão
Dos filhos do sambador
José do Lenço de expressão
Na ginga e na dança
A turma viu semelhança
Logo fez comparação

E saíram só dizendo:
"Ah! José Alves gingando
Parece seu Zé do Lenço
Quando está sambando!"
Muita risada gerava
Ubirajara confirmava
E o povo só resenhando!

Logo nosso José Alves
Zé do Lenço passa a ser
A comunidade reconhece
O seu notório saber
De mestre passa a chamar
Por a todos ensinar
Pela arte o proceder

E Mestre Zé do Lenço
Agora assim é chamado
Nas rodas de capoeira,
No vira-mundo virado.
Morou sem dar bobeira
Ladeira das Pitangueiras
Seu lugar tão amado

E a capoeira de Angola
Traçou o seu existir
E há mais de 30 anos
Um grupo veio surgir
É uma Associação
De capoeira, meu irmão
Que vive para reluzir

Uma associação
De capoeira Angola
Relíquia Espinho Remoso
Muito saber na cachola
E tem o Mestre Bobó
E a seresta de Totó
Tudo de bom é que rola!

Zé do Lenço nesta vida
Fez parceiros Norte a sul
Mestre Augusto, Mestre Ciro
Mestre Deco de Omolú
Mestre Iran Boaventura
Segue a linha doce e pura
Sem caroço nesse angu

6

E tem Mestre Lua Rasta,
Mestre Faisca danado!
Esses e mais uns tantos
No cordel são recontados
Tem Manoel da Barraca
No giro dessa catraca
Que é a vida no gingado

Já são vinte e tantos anos
No mercado São Miguel
Na Baixa do Sapateiro
Que nosso Mestre é fiel
Mas pergunto ao governo
O Mercado tão enfermo
Cadê a reforma, seu cruel?

7

Zé fabrica os próprios
Instrumentos musicais
O cabra é danado
É um dos maiores!
Arrasa no berimbau
Feito ele, sem igual
Esse cabra é demais!

E o cordel vai seguindo
Sua sina de rimar
Contar coisas incríveis
Sobre o ser e estar
Na aventura do viver
De Zé do Lenço nascer
E a todos encantar!

Vida longa, Mestre!

"Enquanto existir Deus no céu, urubu não
come capim"

Mestre Zé do Lenço

LOBISOMEM

Victor Alvim Itahim Garcia, Victor LobisOMEM, nasceu em 21/12/1973, no Rio de Janeiro (RJ). É músico, compositor, cordelista, cantor e capoeirista.

Na adolescência tocava instrumentos de percussão em rodas de samba.

Em 1992 entrou para a academia de capoeira de Mestre Camisa. Por esta época, começou a compor ao berimbau. Deste convívio com o universo da capoeira do Rio de Janeiro, recebeu a alcunha de LobisOMEM, que passou a usar como nome artístico.

Em 2007 foi eleito para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, por ter lançado os seguintes títulos no gênero:

No ano de 2012 publicou cordéis na revista do GRES Acadêmicos do Salgueiro que apresentava o enredo “Cordel Branco e Encarnado”.

No ano de 2015 foi citado como verbete no “Dicionário da História Social do Samba”, de Nei Lopes e Luiz Antônio Simas, publicado pela Editora José Olympio.

Em 1992, com o percussionista do Grupo de Capoeira do Mestre Camisa, apresentou em espetáculos e aulas. Por esta época passou a integrar, como percussionista, grupos de samba, apresentando-se em bares e festas.

No ano de 1999 participou, como percussionista, da gravação do CD em homenagem ao centenário do capoeirista Mestre Bimba. Por essa época, passou a ser convidado pelo Grupo Abadá-Capoeira para outras gravações de músicas de capoeira em CD, como intérprete, compositor, instrumentista e produtor.

No ano de 2005, sua composição “Água pra viver”, em parceria com Cebolão, foi tema da encenação “Água de beber”, do grupo teatral Intrépida Trupe. No ano posterior, em 2006, participou como ator e músico do musical “Besouro Cordão de Ouro”, de Paulo César Pinheiro, com direção musical de Luciana Rabello, vencedor do “Prêmio Shell”, na categoria de “Melhor Música” naquele ano. O espetáculo ficou sete anos em cartaz por 20 estados do Brasil. Três anos depois, em 2009, lançou o primeiro CD solo intitulado “Capoeira popular brasileira”, no qual mesclou instrumentos tradicionais da capoeira ao cavaquinho e ao violão. No ano seguinte, em 2010, participou tocando berimbau e viola em todas as faixas do CD “Capoeira de Besouro”, de Paulo César Pinheiro. O disco foi indicado ao “Grammy Latino” e ganhador do “22º Prêmio da Música Brasileira”, na categoria “Melhor Álbum Regional”.

Em 2014 lançou o segundo disco de nome “Tem Capoeira no Samba”, com composições próprias e regravações de clássicos do samba que abordam a temática da capoeira.

Em 2018 e 2019 participou como músico dos shows “70 Anos de Paulo César Pinheiro” e “50 Anos da Música Lapinha”.

Como percussionista atuou em estúdios e shows acompanhando Mestre Siqueira, Glória Bomfim, Luciana Rabello, Wagner Nascimento e Gabrielzinho de Irajá.

Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/victor-lobisomem/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORDÉIS EM DESTAQUE:

O encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no céu.

A peleja de Lampião com Besouro Mangangá.

Mestre Camisa: 50 anos de lutas e vitórias.

Histórias e bravuras de Besouro o valente capoeira.

Zumbi e Bimba: símbolos da resistência afro brasileira.

Manduca da praia: o Lendário Capoeira do Rio Antigo.

O debate de Padre Cícero com Mestre Caiçara no céu.

ABC da Capoeira para crianças.

Nascimento Grande: Um Gigante da Capoeira Pernambucana

A peleja de Boa voz com o Cantador Misterioso



PATROCÍNIO:



Associação de Apoio
ao Museu da República



Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem) ex. 96
F1



O Encontro de
LUIZ GONZAGA

com

MESTRE WALDEMAR

no Céu

PHL - F 07511

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

ex. 36
F1

O Encontro de

**LUIZ
GONZAGA**
com
**MESTRE
WALDEMAR**
no Céu

PROJETO



LITERATURA DE CORDEL

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões e outros, a literatura de cordel já existia, tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). O verbete cordel se refere ao cordão ou barbante em que eram pendurados os folhetos para a venda.

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador, primeira capital do Brasil. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. Os primeiros livretos impressos no Brasil datam do final do século XIX como "A PELEJA DE MANOEL RIACHÃO COM O DIABO" escrito por Leandro Gomes de Barros.

Bastante difundidos e vendidos nas feiras nordestinas, os livretos de cordel apresentam um gênero literário popular em forma de poesia.

CAPOEIRA E LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel exerce grande fascínio e influência sobre os capoeiristas. Trechos de folhetos famosos como "A Peleja de Riachão com o Diabo", "A Vida de Pedro Cem", "O Valente Vilela", "A Donzela Teodora" entre outros são cantados desde, pelo menos o início do século passado pelos velhos mestres baianos como Bimba, Pastinha, Traira, Cobrinha Verde, Waldemar da Paixão e outros.

XILOGRAVURA

A xilogravura é a arte de gravar em relevo na madeira. Depois de gravada a matriz recebe uma camada de tinta que possibilita a impressão sobre papel. São muito usadas para ilustrar as capas dos folhetos de cordel brasileiros.

O Encontro de **LUIZ GONZAGA** com **MESTRE WALDEMAR** No Céu

Ouvi contar uma história
Que vou narrar pra vocês
Um fato inusitado
Que alguém duvide talvez
Um encontro dos dois poetas
Que aconteceu certa vez

Dois homens bem renomados
Na cultura popular
Amavam seus instrumentos
Eram mestres no tocar
E a vida do nosso povo
Descreviam ao cantar

Mil novecentos e doze
Luiz Gonzaga nascia
E quatro anos depois
Waldemar quem chegaria
Gonzaga em Pernambuco
E Waldemar na Bahia

Luiz Gonzaga na sanfona
Foi um mestre sem igual
E Waldemar da Paixão
Foi mestre no berimbau
Nasceram com este dom
Do talento musical

Luiz Gonzaga e Waldemar
Passaram a vida cantando
O baião e a capoeira
Pelo Brasil divulgando
A sanfona e o berimbau
Sempre lhes acompanhando

Nunca tive a informação
Que houvessem se encontrado
Tiveram muito em comum
Mas cada um no seu lado
Se pudesse eu teria
O encontro realizado

Depois de muito cantar
E cumprir sua missão
No ano de oitenta e nove
Partiu o rei do baião
Foi se encontrar com São Pedro
Santo Antônio e São João

E aproximadamente
Um ano depois partiu
Waldemar da Pero Vaz
Da Terra se despediu
No rastro de Luiz Gonzaga
Para o céu também subiu

Foi aí que ocorreu
Este acontecimento
Waldemar e Luiz Gonzaga
Sem marcar apontamento
Acabaram se encontrando
Lá dentro do firmamento

Luiz Gonzaga, o famoso
O grande rei do baião
Encontrou-se com o mestre
Seu Waldemar da Paixão
Resultando em cantoria
De alegrar o coração

Waldemar quando chegou
Foi muito bem recebido
Pois Jesus Cristo sabia
Que pro bem tinha vivido
E São Pedro o recebeu
Como um filho querido

Com seu berimbau na mão
Waldemar no céu entrou
Avistou Luiz Gonzaga
E dele se aproximou
Disse: - Lua eu sou seu fã!
E a sua mão apertou

Luiz Gonzaga respondeu:
- De você já ouvi falar
E eu também sou seu fã
Saiba disso Waldemar
O meu sonho sempre foi
Um dia lhe ouvir cantar!

O mestre Waldemar disse:
- Assim fico acanhado
Luiz Gonzaga eu estou
Um tanto emocionado
De ter a oportunidade
De estar aqui ao seu lado!

Luiz Gonzaga disse assim:
- Waldemar isso é verdade
Eu sempre sonhei ir vê-lo
No bairro da Liberdade
Mas com a vida corrida
Não tive a oportunidade

Waldemar então falou:
- Não sei nem o que dizer
É grande a satisfação
De poder lhe conhecer
E espero que a sua
Amizade eu possa ter

Com os olhos mareados
Luiz Gonzaga disse: - É sorte
Desfrutar dessa amizade
Mesmo que depois da morte
Waldemar venha aqui
Me dê um abraço forte!

E os dois se abraçaram
Transbordando de alegria
Logo depois decidiram
Fazer uma cantoria
Tiraram "cara ou coroa"
Pra ver quem começaria

Luiz Gonzaga pegou
A sanfona e foi primeiro
Cantou "Baião", "Pau de Arara"
"Assum Preto" e "Juazeiro"
A "Moda da Mula Preta"
"Pé de Serra" e "Boiadeiro"

Waldemar gostava muito
Não parava de sorrir
Quando Luiz terminou
Começou a aplaudir
Disse: - Agora é minha vez
De poder retribuir!

Waldemar então pegou
Seu instrumento querido
O “Ás de Ouro” empunhou
Seu berimbau preferido
E disse: - Luiz Gonzaga
Pode fazer seu pedido!

Luiz Gonzaga pediu
“A Peleja de Riachão”
Os versos de um cordel
Na forma de uma canção
Uma linda ladainha
Cantada com o coração

E depois do “Riachão”
Gonzaga pediu também
“A Donzela Teodora”
E “A Vida de Pedro Cem”
Pois os versos de cordel
Waldemar canta tão bem

Waldemar cantou mais uma
Foi “O Valente Vilela”
Luiz Gonzaga aplaudiu
Gostava muito daquela
Estrofe que se tornou
Ladainha da mais bela

São Pedro vinha passando
Parou para escutar
E depois disse: - Meninos
Vou ter que lhes confessar
O meu sonho sempre foi
Ver vocês dois a cantar!

Luiz Gonzaga e Waldemar
Se olharam admirados
Com a confissão de São Pedro
Ficaram lisonjeados
Continuaram o canto
Ainda mais animados

São Pedro lhes perguntou:
- Posso fazer um pedido?
E os dois lhe responderam:
- São Pedro santo querido
Seu pedido é uma ordem
De pronto será atendido!

São Pedro disse: - Lá vai
O meu pedido então
Quero ver Luiz Gonzaga
Com Waldemar da Paixão
Cantando a “Asa Branca”
Que é o hino do sertão

- Com berimbau e sanfona
“Asa Branca” irão tocar
Chamarei todos os santos
Para virem escutar
Também um coral de anjos
Para lhes acompanhar

Waldemar e Luiz Gonzaga
Começaram a tremer
O pedido de São Pedro
Teriam que atender
Refletiram e responderam:
- Não temos o que temer!

Todos os santos vieram
Para ouvir a sinfonia
Veio até Jesus Cristo
Com a mãe Virgem Maria
E um coral com cem anjos
Que a eles se juntaria

E o céu ficou em festa
E parou todo pra ver
Ao pedido de São Pedro
Que a dupla ia atender
Era coisa imperdível
Pra nunca mais esquecer

Luiz Gonzaga na sanfona
Puxou a introdução
Waldemar no berimbau
Foi fazendo a marcação
E os dois cantaram juntos
Em frente a uma multidão:

“Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do Céu
Porque tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do Céu
Porque tamanha judiação”

O grande coral de anjos
Acompanhava cantando
Ao clássico “Asa Branca”
Que iam interpretando
E uma grande luz se fez
A todos iluminando

São Pedro bem satisfeito
Realizado sorria
E a grande multidão
Que a tudo assistia
Emocionada e de pé
Todo tempo aplaudia

Lá no meio da platéia
Januário e Gonzaguinha
Januário orgulhoso
Daquele filho que tinha
E Gonzaguinha gritava:
- Que bela família a minha!

Os mestres Bimba e Pastinha
Amigos de Waldemar
Com os olhos mareados
Começaram a lembrar
Os bons tempos da Bahia
Ao ouvirem seu cantar

Ao fim todos aplaudiram
Tomados pela emoção
Foi assim que aconteceu
A grande apresentação
No encontro de Luiz Gonzaga
Com Waldemar da Paixão

FIM
Janeiro/2007

O AUTOR

Victor Alvim Itahim Garcia nasceu no Rio de Janeiro em 21 de dezembro de 1973.

Iniciou-se na capoeira nas aulas ministradas por Mestre Camisa no bairro das Laranjeiras, onde recebeu o apelido de "Lobisomem", sugerido pelo saudoso amigo Pantalona.

Além de capoeirista, compositor e cantador, vem também se dedicando a escrever folhetos de literatura de cordel, sempre procurando divulgar e elevar o nome da capoeira e da cultura popular brasileira.



Mestre Waldemar

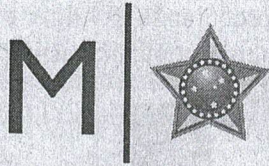
Lobisomem

Luiz Gonzaga

Este cordel foi publicado
com recursos do projeto:



PATROCÍNIO:



MUSEU DA REPÚBLICA



**Associação de Apoio
ao Museu da República**

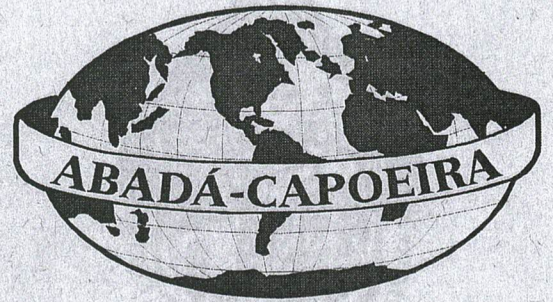


PETROBRAS

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



**Associação Brasileira de Apoio e
Desenvolvimento da Arte Capoeira**

Rua Visconde de Inhaúma, 39/105 – Centro
CEP: 20.091-007 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel/Fax: (21) 2263-8202 / 2263-8209

www.abadacapoeira.com.br



Academia Brasileira de Literatura de Cordel

Rua Leopoldo Froes, 37 – Santa Tereza

CEP: 20241-330 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel: (21) 2232-4801 – contato@ablc.com.br

www.ablc.com.br



PATROCÍNIO:



Associação de Apoio
ao Museu da República



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA
MINISTÉRIO
DA CULTURA



Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem) *cx. 36*
F2



A Peleja de
LAMPIÃO
COM
BESOURO
MANGANGÁ

PHI-FOE512

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

ex. 96
F2

A Peleja de
LAMPIÃO
com
BESOURO
MANGANGÁ

PROJETO



LITERATURA DE CORDEL

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões e outros, a literatura de cordel já existia, tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). O verbete cordel se refere ao cordão ou barbante em que eram pendurados os folhetos para a venda.

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador, primeira capital do Brasil. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. Os primeiros livretos impressos no Brasil datam do final do século XIX como "A PELEJA DE MANOEL RIACHÃO COM O DIABO" escrito por Leandro Gomes de Barros.

Bastante difundidos e vendidos nas feiras nordestinas, os livretos de cordel apresentam um gênero literário popular em forma de poesia.

CAPOEIRA E LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel exerce grande fascínio e influência sobre os capoeiristas. Trechos de folhetos famosos como "A Peleja de Riachão com o Diabo", "A Vida de Pedro Cem", "O Valente Vilela", "A Donzela Teodora" entre outros são cantados desde, pelo menos o início do século passado pelos velhos mestres baianos como Bimba, Pastinha, Traíra, Cobrinha Verde, Waldemar da Paixão e outros.

XILOGRAVURA

A xilogravura é a arte de gravar em relevo na madeira. Depois de gravada a matriz recebe uma camada de tinta que possibilita a impressão sobre papel. São muito usadas para ilustrar as capas dos folhetos de cordel brasileiros.

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

A Peleja de LAMPIÃO com BESOURO MANGANGÁ

Vou narrar para vocês
Uma história arrepiante
Poucos ficaram sabendo
Deste encontro importante
Entre dois cabras da peste
Uma coisa impressionante

Dois cabras muito arretados
Valentes como ninguém
Hoje em dia como eles
Duvido que encontrem alguém
Eram bravos, destemidos
E bons de briga também

Os dois eram naturais
Do nordeste brasileiro
Um era capoeirista
O outro era cangaceiro
Mas os dois fizeram fama
No Brasil e no estrangeiro

Um vivia no recôncavo
E o outro no sertão
Um era Besouro Preto
O outro era Lampião
Os dois cabras mais valentes
Feito a imagem do cão

Lampião era o apelido
De Virgulino Ferreira
Besouro foi batizado
Manoel Henrique Pereira
Os dois homens mais valentes
Da história da Terra inteira

Um dia se encontraram
Dentro de um armazém
Um encostou-se ao balcão
O outro encostou também
O povo à volta com medo
Fugiu, não sobrou ninguém

O dono do armazém
Escondeu-se no porão
Lampião olhou Besouro
Besouro olhou Lampião
Ficaram se encarando
Lampião cuspiu no chão

Besouro olhou aquilo
Perguntou pra Lampião:
- Cangaceiro onde é que está
Sua boa educação?
Sua mãe não lhe ensinou
Onde é que se cospe não?

Lampião lhe respondeu:
- Eu cuspo onde eu quiser
E não se meta comigo
Pois nada do que eu fiz
Não devo satisfação
A homem e nem a mulher

(Lampião)

- E vou logo lhe avisando:
É melhor ficar na sua
Pois senão eu lhe expulso
Desse armazém pra rua
E lhe deixarei sangrando
Muito mais que carne crua

(Lampião)

- Pois acho que tu não sabes
Com quem é que estás falando
Se não sabe quem eu sou
Eu vou logo lhe avisando
Sou Capitão Virgulino
Lampião se apresentando!

Besouro deu um sorriso
Do lugar não se moveu
Olhou para Lampião
E assim lhe respondeu:
- Você já se apresentou
Vou te contar quem sou eu

(Besouro)

- Se você é Lampião
Prazer em lhe conhecer
Se não sabe quem sou eu
Agora tu vai saber
Vou lhe dizer quem eu sou
Mas não precisa correr

(Besouro)

- Sou Besouro Mangangá
Capoeira mandingueiro
Temido e respeitado
Por esse Brasil inteiro
E aviso: não tenho medo
Nem mesmo de cangaceiro!

Lampião muito zangado
Puxou logo seu punhal
Besouro numa das mãos
Segurava um berimbau
Mas não se intimidou
E achou aquilo normal

(Besouro)

- Lampião escute bem
Vou lhe dar esse recado
Não adianta mostrar
O teu punhal afiado
Meu couro ele não fura
Pois tenho o corpo fechado

(Lampião)

- Se seu corpo é fechado
Agorinha eu vou abrir
Besouro cabra da peste
Tu não vai me escapulir
Minha faca no teu bucho
Agora tu vai sentir

(Besouro)

- Lampião tu não me assusta
Com essa sua faquinha
De descascar macaxeira
Pra modo de fazer farinha
E já estou me aborrecendo
Com toda essa ladainha

(Lampião)

- Besouro voe daqui
Ou então desapareça
Senão eu vou lhe rasgar
Dos pés até a cabeça
É tua última chance
Antes que isso aconteça

(Besouro)

- Lampião vou lhe dizer
Ouça aqui meu bom rapaz
Você é muito atrevido
E já foi longe demais
Vou lhe mandar para o inferno
Pra visitar satanás

E Lampião avançou
Com o seu punhal na mão
Querendo furar Besouro
Que desarmou Lampião
Tomando o seu punhal
No meio da confusão

Besouro na mão esquerda
Segurava o berimbau
Encostou o seu querido
Instrumento musical
Ficou com uma mão livre
E na outra o punhal

Lampião tinha nas costas
Pendurado o seu fuzil
Puxou a arma e apontou
Pra Besouro que sorriu
O cangaceiro com o dedo
No gatilho advertiu:

(Lampião)

- Besouro largue o punhal
Senão eu vou atirar
Vou lhe mandar para o inferno
Pois lá é que é seu lugar
Mas acho que nem por lá
Vão querer lhe aceitar!

Besouro na mesma hora
Largou no chão a peixeira
Lampião foi apanhá-la
E marcou uma bobeira
Besouro lhe aplicou
No queixo uma calcanheira

Calcanheira é um golpe
Batido com o calcanhar
Lampião cambaleou
Mas não chegou a tombar
Besouro então iria
O serviço completar

Um veloz rabo-de-arraia
Besouro lhe aplicou
Na orelha de Lampião
O seu golpe acertou
E a pancada foi tão forte
Que o cangaceiro tombou

Lampião se levantou
Mas Besouro desferiu
Uma forte meia lua
Soltou o seu golpe a mil
Acertou o cangaceiro
Que novamente caiu

Virgulino era valente
Caía mas levantava
Fosse do jeito que fosse
O seu fuzil não largava
Pois uma oportunidade
Paciente ele esperava

- Besouro piscou os olhos
E Lampião nem pensou
Apontou o seu fuzil
E em Besouro mirou
Pôs o dedo no gatilho
Na mesma hora atirou

E o estampido do tiro
A duas léguas se ouviu
Besouro caiu no chão
E Virgulino sorriu
Levantou-se e assoprou
O cano do seu fuzil

Lampião foi se ajeitando
Sacudindo a poeira
Agora era ele de pé
E no chão o capoeira
Prova que corpo fechado
Era uma grande besteira

Lampião virou as costas
Do armazém foi saindo
Besouro abriu os olhos
Pois estava só fingindo
O tiro havia raspado
Nó seu ouvido zunindo

Besouro se levantou
Sem Lampião perceber
Cutucou as suas costas
Lampião virou pra ver
Tomou um susto tão grande
Que chegou a estremecer

(Besouro)

Lampião eu lhe avisei,
Que meu corpo é fechado
Vou lhe falar outra vez
Ouça bem cabra safado
Desista de me acertar
Com esse rifle enferrujado

(Besouro)

Parabelo, fuzil, garrucha
Nunca hão de me acertar
Navalha, faca, espada
Jamais irão me cortar
Se você é macho mesmo
Largue as armas pra brigar

Lampião muito invocado
Largou as armas no chão
Aceitou o desafio
De enfrentar o valentão
Ia mostrar pra Besouro
Quem mandava no sertão

Virgulino avançou
E acertou-lhe um murro
Na orelha de Besouro
Que na hora deu um urro
Pois o soco foi mais forte
Que o coice de um burro

Mangangá caiu pra trás
Bateu as costas na porta
Se contorcendo de dor
Com cara toda torta
Lampião gritou: - Besouro
Tu vai virar mosca morta!

(Lampião)

- Levante Besouro Preto
Pare com esse gemido
Fique em pé, pois eu não bato
Em homem no chão caído
A briga mal começou
Você nem está ferido!

Besouro deu um aú
E caiu em pé gíngando
Pulou de um lado pro outro
Lampião parado olhando
Parecia que Besouro
Ia lhe hipnotizando

Lampião se distraiu
Com a gíng de Besouro
Que lhe deu uma cabeçada
Como chifrada de touro
Fazendo até voar longe
Seu velho chapéu de couro

A cabeçada no peito
De Lampião acertou
Virgulino meio tonto
Mesmo assim se levantou
Deu um soco no estômago
De Besouro, que arriou

Mesmo arriado puxou
Os dois pés do cangaceiro
Que deu com a bunda no chão
Amassando o seu traseiro
Besouro até deu risada
Da cara do bandoleiro

Besouro e Lampião
Brigaram mais uma hora
Nenhum deles se entregava
Nem pensava em ir embora
Mas de repente escutaram
Algum barulho lá fora

Pararam por um instante
E ouviram alguém gritar:
- Besouro e Virgulino
Podem parar de brigar
Pois agora vocês vão
Pra cadeia descansar!

Em volta do armazém
Cento e cinquenta soldados
Da volante da polícia
Fortemente bem armados
Besouro e Lampião
Agora estavam cercados

As volantes eram tropas
Criadas pra perseguir
Cangaceiros do Nordeste
Que viviam a fugir
Às vezes os bandoleiros
Conseguiram escapulir

Lampião de todos eles
Era o mais procurado
Quem conseguisse o prender
Seria recompensado
E como um animal
Lampião era caçado

Besouro apesar de não
Ter sido um cangaceiro
Também era perseguido
Pra ser feito prisioneiro
Pois o capoeira era
Visto como arruaceiro

Neste tempo a capoeira
Era mesmo perseguida
Pelo código penal
Tinha sido proibida
E Besouro assim não tinha
Sossego em sua vida

A volante que cercava
Mangangá e Virgulino
Estava sendo chefiada
Pelo tenente Firmino
Homem muito violento
Nada tinha de mofino

O Tenente Zé Firmino
Berrou então outra vez:
- É melhor vocês saírem
Ou atiro em vocês
Já estou lhes procurando
Há muito mais de um mês!

Lá dentro os dois valentes
Bufavam muito cansados
Brigaram a tarde inteira
Estavam bem machucados
E parece que agora
Estariam arruinados

Em volta do armazém
A volante traiçoeira
Descansada e bem armada
Havia uma tropa inteira
Sedentos para prender
Lampião e o capoeira

Um olhou para o outro
Sem nada pronunciar
Os dois já se entenderam
Simplesmente no olhar
Teriam que se unir
Se quisessem escapar

Com o cerco da volante
Teve trégua o duelo
Lampião pegou o seu
Rifle de papo amarelo
Pra Besouro ofereceu
Seu querido parabelo

E mais uma vez ouviram
Lá de fora o tenente
Gritando e ameaçando:
- Vou mandar lhes chumbo quente
Vocês vão virar peneiras
Se entreguem logo pra gente!

Besouro e Lampião
Deram uma gargalhada
Lampião gritou: - Firmino
Eu não me entrego por nada!
Besouro disse: - O Tenente
É mesmo bom de piada!

Lampião pela janela
Botou o fuzil pra fora
Disse: - Tenente Firmino
Pode começar agora!
Dez soldados já correram
Com medo foram embora

E pela outra janela
Besouro apareceu
Apontou o parabelo
Mas nem um tiro ele deu
E metade da volante
Se apavorou e correu

O Tenente Zé Firmino
Não queria recuar
Cabra macho e valente
Não ia se intimidar
Deu a ordem pra volante
Fazer fogo, atirar

Começou a barulheira
Naquele exato instante
Para cima do armazém
Atirou toda a volante
Foi uma chuva de balas
Um tiroteio constante

As paredes do armazém
Estavam igual peneira
Lampião numa janela
E na outra o capoeira
Riam como se estivessem
Numa grande brincadeira

Os valentes na verdade
Adoravam confusão
Aquele guerra pra eles
Era como diversão
E gritavam: - Ninguém pode
Com Besouro e Lampião!

Todo tiro que eles davam
Mais um macaco caía
Era outro que deitava
E de morto se fingia
Cada vez que eles gritavam
Algum soldado fugia

Vários soldados tombaram
Feridos, ensangüentados
Dezenas deles correram
Fugiram apavorados
E daqueles cento e cinquenta
Restaram trinta soldados

Os valentes no armazém
Não tinham nem arranhão
Só que agora acabara
Toda a sua munição
E a polícia lá fora
Persistia na missão

A volante ainda tinha
Munição até de sobra
O tenente era tihoso
Como peçonha de cobra
Mas Lampião e Besouro
Eram pau pra toda obra

Com suas armas de fogo
Não podiam mais contar
A volante lá de fora
Não parava de atirar
Deitaram-se os dois no chão
Começaram a rezar

Todo homem quando reza
Quase sempre obtém
Uma inspiração divina
E a ajuda do além
E a idéia que tiveram
Foi sair do armazém

Naquele fogo cruzado
Saíram os dois valentes
Vocês podem até pensar
Que foram inconseqüentes
Mas Lampião e Besouro
Eram muito inteligentes

Quando saíram pra fora
Toda a volante tremeu
Largaram as suas armas
Soldado algum entendeu
Como naquele ataque
Nenhum deles dois morreu

Besouro e Lampião
Começaram a bater
Nos soldados da volante
Que estavam a tremer
E um por um deles todos
Desandaram a correr

Era macaco correndo
Para tudo quanto é lado
E o tenente Firmino
Totalmente assombrado
Com sua arma na mão
Estava paralisado

Tinha soldado chorando
De tanto que apanhava
Tinha um outro ajoelhado
Que até "Mamãe!" chamava
E o tenente Firmino
Parado somente olhava

Besouro Preto batia
Nos macacos sem ter dó
Lampião acompanhava
Olhando com um olho só
Achava muito engraçado
Soldado gritar: - Vovó!

Muitos soldados caídos
Pelo chão desacordados
Dezenas deles fugiram
Totalmente acovardados
De pé só sobrou Firmino
Com os olhos arregalados

Tremendo feito bambu
O tenente estava aflito
Pensava consigo mesmo:
- Eu agora estou frito.
Esses dois vão me matar
Como se mata um mosquito!

Virgulino olhou pra ele
Segurando-o pelo braço
E lhe disse: - Zé Firmino
Deixe de tanto cagaço
Mas nunca se meta com
Lampião, rei do cangaço!

E Mangangá segurou
No outro braço do tenente
Cochichando em seu ouvido:
- Nunca mais mexa com a gente
Nem interrompa uma briga
De Besouro, o valente!

- Agora tenente saiba
Porque lhe aliviamos
É que um grande favor
De você nós precisamos
Então preste atenção
Pois senão nós nos zangamos

(Besouro)

- Precisamos que você
Avise ao mundo inteiro
O perigo que se corre
Ao mexer com cangaceiro
Ainda mais se ele for
Lampião, o justiceiro!

- Mas espere que ainda
Não terminei de falar
Ainda tem outra coisa
Que você tem que espalhar
Prevenindo as pessoas
Pra ninguém se machucar

(Besouro)

- Avise ao povo todo
Pois todos devem saber
Espalhe pro mundo inteiro
Para não se arrepender
Com nenhum capoeirista
Ninguém deve se meter

(Lampião)

- Ainda mais se o capoeira
For o valente Besouro
Besourinho Mangangá
Besouro Cordão de Ouro
Homem que nunca levou
Para casa um desaforo

O tenente balançou
A cabeça e disse: - Sim!
Saiu correndo gritando:
- Misericórdia de mim!
E agora a nossa história
Está quase chegando ao fim

O tenente Zé Firmino
Acabou enlouquecendo
Com medo dos valentões
Até hoje está correndo
E o pedido dos dois
Ainda está obedecendo

Besouro e Lampião
Viraram grandes amigos
Juntos ainda enfrentaram
Diversos outros perigos
Depois entraram pra história
Desde os tempos antigos

Pra terminar o cordel
Só mais uma informação
O local onde Besouro
Se encontrou com Lampião
Isso aconteceu somente
Na minha imaginação.

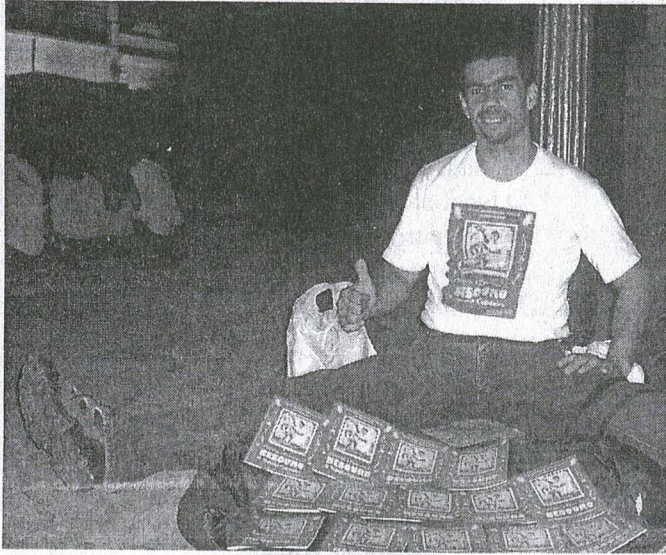
FIM
Outubro/2006

O AUTOR

Victor Alvim Itahim Garcia nasceu no Rio de Janeiro em 21 de dezembro de 1973.

Iniciou-se na capoeira nas aulas ministradas por Mestre Camisa no bairro das Laranjeiras, onde recebeu o apelido de "Lobisomem", sugerido pelo saudoso amigo Pantalona.

Alem de capoeirista, compositor e cantador, vem também se dedicando a escrever folhetos de literatura de cordel, sempre procurando divulgar e elevar o nome da capoeira e da cultura popular brasileira.



Email:

victorlobisomem@yahoo.com.br

PATROCÍNIO:



MUSEU DA REPÚBLICA



Associação de Apoio
ao Museu da República



LITERATURA DE CORDEL

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões e outros, a literatura de cordel já existia tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). O verbete cordel se refere ao cordão ou barbante em que eram pendurados os folhetos para a venda.

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Originária de Portugal, a literatura de cordel chegou no Brasil no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador, primeira capital do Brasil. Daí se irradiou para os demais estados do Nordeste. Os primeiros livretos impressos no Brasil datam do final do século XIX como "A PELEJA DE MANOEL RIACHÃO COM O DIABO" escrito por Luscelo Gomes de Barros.

Recebeu difusão e vendidos nas feiras nordestinas, os livretos de cordel apresentam um gênero literário popular na forma de poemas.

CAPOEIRA E LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel exerce grande fascínio e influência sobre os capangas. Trechos de folhetos famosos como "A Peleja de Riachão com o Diabo", "A Vida de Pedro Cabral", "O Visconde Vieira" entre outros são cantados desde, pelo menos, o início do século passado pelos

Victor Alvin Itahin Garcia
(Lobisomem)

MESTRE CAMISA

50 Anos de Lutas e Vitórias

- 1 - Cá estou caros colegas
Me atrevendo a escrever
Expressando em palavras
E no meu modo de ver
A história de um homem
Que me orgulho em conhecer
- 2 - Através destes meus versos
Venho homenagear
O grande Mestre Camisa
Quero parabenizar
Pelos seus cinquenta anos
Que agora vem completar
- 3 - Na velha Itapeipú
Jacobina, na Bahia
Dona Edésia deu a luz
Recebeu com alegria
A mais um filho menino
Que Tadeu se chamaria

- 4- O parto auxiliado
Por Mari-inha parteira
Que aparou em suas mãos
Um futuro capocira
Que marcara a história
Da cultura brasileira
- 5- A vinte e oito de outubro
Esse fato aconteceu
No ano cinquenta e cinco
Nascia José Tadeu
Segundo a certidão
A data em que nasceu
- 6- Seu pai era Seu Lindolfo
Cabra sério mas bondoso
Cuidava bem da família
Era honesto e generoso
De quem Tadeu herdaria
O sobrenome Cardoso
- 7- Conhecido como "Ioiô"
Lindolfo era fazendeiro
Ou então melhor dizendo
O homem era boladeiro
Comprava e tocava gado
Pelo Nordeste inteiro

- 8- Helena, Edvaldo
Noemia, Ermival
Noemilde, Elenilde
Eram os filhos do casal
Que com Tadeu somavam
Sete filhos no total
- 9- Depois de Tadeu nasceram
Antônio e Conceição
O primo Pedro também
Era tido como irmão
Completando a família
Tradicional do sertão
- 10- Como reza a tradição
O menino foi batizado
O Seu José Murici
Foi o padrinho ao lado
Da madrinha, sua esposa
Que o nome não estou lembrado
- 11- Na Fazenda Estiva
Zé Tadeu ia crescendo
Tomando banho de açude
Sempre brincando e correndo
Esbanjando energia
Ia se desenvolvendo

- 12 - Brincavam irmão e primos
Os filhos de Tio Dê
De Tio Pedro, Tia Tarcila
E de outros tios até
Caçavam, tocavam gado,
Brincavam de canga-pé
- 13 - Doenças daquele tempo
Tentaram lhe derrubar
Sarampo, febre aftosa
Motivo pra preocupar
Mas Tadeu tinha missão
E Deus vinha lhe curar
- 14 - Montar a cavalo era
Sua grande curtição
Brincadeira de criança
Um aprendiz de peão
Observava os mais velhos
Vaqueiros da região
- 15 - O seu primeiro cavalo
Licuri era chamado
Pra Fazenda Travessão
Tadeu nele ia montado
Pra ver pega de boi brabo
O menino ia animado

- 16 - Ouvia muitas histórias
Dos homens lá do sertão
Que lutavam muito bem
E enfrentavam um batalhão
Se livravam do perigo
Até de tiro e facão
- 17 - Histórias impressionantes
Mas nem sempre verdadeiras
Contadas pelos mais velhos
Dos valentes capoeiras
De grandes habilidades
Cabeçadas e rasteiras
- 18 - Tadeu ia imitando
O que os mais velhos faziam
Recordando as histórias
E tudo o que lhe diziam
Ele e outros meninos
Capoeira aprendiam
- 19 - O seu irmão Edvaldo
Pra Salvador tinha mudado
Foi treinar com Mestre Bimba
E foi logo apelidado
Edvaldo Camisa Roxa
Agora era assim chamado

- 20 - Nas férias quando voltava
Pra velha Fazenda Estiva
Camisa Roxa ensinava
E Tadeu criança viva
Aprendia a armada
O aú e a negativa
- 21 - Treinava o corta-capim
A ginga e o salto mortal
Tadeu vivia treinando
No pasto e no curral
O que o irmão lhe ensinava
Da Capoeira Regional
- 22 - Dona Edésia e os filhos
Mudaram pra Jacobina
Para o bairro da Serrinha
Pé de serra pequenina
Seu Ioiô continuava
Na Fazenda, sua sina
- 23 - Mas a hora de Seu Ioiô
Agora havia chegado
Deixou a Fazenda Estiva
E para o céu foi montado
Num alazão imaginário
Num lindo cavalo alado

- 24 - Então toda a família
Se mudou para a cidade
Terra de São Salvador
Pro bairro da Liberdade
E agora Jacobina
Era lembrança e saudade
- 25 - A Roça do Chico era
Sua nova moradia
Loteamento aonde
Havia uma vacaria
Um campo de futebol
Onde Tadeu brincaria
- 26 - No Liceu Salesiano
Tadeu tomava a lição
Quando não estava na escola
Tava na vadiação
Nas rodas dos mestres Traira
E Waldemar da Paixão
- 27 - Reunia os amigos
No bairro onde morava
Aos amigos da Lapinha
José Tadeu ensinava
O jogo da capoeira
Que ele tanto amava

- 28 - Pirajá da Silva
Era a escola municipal
Onde se reuniam
E treinavam no local
Neco, Antônio de Porfíria,
Zé Tadeu, Lhô e Galgal
- 29 - Sem esquecer de Luizinho
Reizinho e Ivomar
Pulavam o muro da escola
Ou então iam treinar
No Campo da Usina
Ou qualquer outro lugar
- 30 - Tadeu também gostava
Das festas tradicionais
Das rodas que se formavam
E dentro das mesmas tais
Viam-se capoeiristas
E jogos fenomenais
- 31 - No Largo da Lapinha
Janeiro era esse o mês
Tudo ano acontecia
Por volta do dia seis
A famosa e esperada
A grande Festa de Reis

- 32 - Tadeu chegava na festa
E corria logo pra ver
A roda de capoeira
Que começava a nascer
Ao lado da Igrejinha
E logo iria "ferver"
- 33 - A festa ia enchendo
E o menino não parava
De um lado para o outro
Capoeira procurava
Quando podia jogava
Não pudesse só olhava
- 34 - Tinha a roda no coreto
Com toda a rapaziada
Tinha a roda pelo mestre
Caçara comandada
Boca Rica também tinha
A sua roda formada
- 35 - E assim vivia o menino
Na velha São Salvador
Treinando capoeira
Com todo o seu fervor
A arte que se tornou
O seu grande amor

- 36 - O famoso Mestre Bimba
Tadeu já conhecia
Quando apertou sua mão
Sentiu toda a energia
E Manoel dos Reis Machado
Seu mestre se tornaria
- 37 - Foi treinar com Mestre Bimba
Entre grandes capoeiras
No Terreiro de Jesus
Na Rua das Laranjeiras
No bairro do Pelourinho
Dos sobrados e ladeiras
- 38 - Aprendia as seqüências
Pelo mestre era querido
Por Calango foi batizado
E ganhou seu apelido
Agora era Camisinha
Seu nome de guerra escolhido
- 39 - Treinava com Onça Negra
Torpedo e Macarrão
Formiga, o Demerval
Alegria, Nenel, Canhão
Quebra-Ferro, Malvadeza
Sariguê e Pimentão

- 40 - Na época também treinavam
Louva-Deus e Bolãozinho
Curinga e Sariguê
O Xampu e o Durinho
E o filho caçula de Bimba
Que se chamava Luizinho
- 41 - No dia da formatura
Do jovem Camisinha
A sua irmã Noemilde
Foi escolhida a madrinha
No Nordeste de Amaralina
A emoção não se continha
- 42 - Começou a fazer shows
Mostrando o que sabia
Na velha São Salvador
O povo sempre aplaudia
O Grupo Ogundelê
E o Grupo Viva Bahia
- 43 - Junto com Vilobaldo,
João Grande de Pastinha,
Pomponê, Mistura Fina
Boa Morte e também tinha
Manoel Pé de Bode,
Lucídio, Lua e Cobrinha

- 44 - Viajou pelo Brasil
Com o Olodumaré
Junto com Camisa Roxa
Irmão e amigo de fé
Os "Furacões da Bahia"
Sempre aplaudidos de pé
- 45 - De norte a sul do país
O show ficava famoso
Camisa Roxa, Camisinha,
Sariguê, Flecha, Lustroso
Diógenes e Jacinto
Mais um grupo numeroso
- 46 - Também tinha o Roberto
O Nogueira e o Martinho
O Filho do Mestre Gato
Que era chamado Gatinho
E o aluno de Caiçara
Que era o Fernandinho
- 47 - No Rio de Janeiro
O sucesso foi total
Sucesso em Niterói
No Teatro Municipal
O público aplaudia
E achava sensacional

- 48 - Se apresentaram também
No Teatro Opinião
Chegaram até ao palco
Do famoso Canecão
Também foram a programas
De rádio e televisão
- 49 - Os Furacões da Bahia
Sucesso nacional
Partiam agora para
Carreira internacional
Almejando que o sucesso
Se tornasse mundial
- 50 - Mas ficou combinado
Que Camisinha não iria
Pra viagem de navio
Que todo o grupo faria
E quando todos partissem
Voltaria pra Bahia
- 51 - Seu pai já tinha partido
Pra morar no firmamento
Bimba iria pra Goiás
Já tinha conhecimento
Seu irmão pra Europa
Partia nesse momento

- 52 - Refletiu e decidiu
Que no Rio de Janeiro
Cidade maravilhosa
Do povo hospitaleiro
Por enquanto ficaria
O jovem aventureiro
- 53 - Só tinha alguns trocados
E uma passagem na mão
Passagem que foi rasgada
Como prova da decisão
Que pra Bahia agora
Ele voltaria não
- 54 - Um rapaz do interior
De muito pouca idade
Sem casa e sem família
Sozinho na grande cidade
Parece até mentira
Mas é a pura verdade
- 55 - Ficou sem onde morar
E sem lugar pra dormir
Dormiu na rodoviária
Até a idêla surgir
De procurar um amigo
Que pudesse lhe acudir

- 56 - Com um sujeito nordestino
Tinha feito amizade
Seu nome era Artur
Trabalhador de verdade
Que ajudou Camisinha
Na hora da necessidade
- 57 - O Artur lhe ajudou
Oferecendo-lhe abrigo
Disse: o meu quarto é pequeno
Mas eu divido contigo
Pois como diz o ditado
Pra isso é que serve amigo
- 58 - Na Rua das Laranjeiras
Numa antiga hospedaria
Onde o Artur morava
E Camisinha dormia
Escondido, pois se a dona
Descobrisse brigaria
- 59 - Camisinha se lembrou
De Haroldo e Maranhão
Que tinham uma academia
E procurou-os então
Para ensinar capoeira
Se houvesse a intenção

- 60 - Na Rua Cardoso Júnior
Fez trabalho e moradia
Nissei era esse o nome
Da primeira academia
Que Camisinha ensinou
E por lá também dormia
- 61 - Um jovem gaúcho foi
O primeiro a se inscrever
Na Academia Nissei
Pra capoeira aprender
Mas jamais imaginaria
Que um marco iria ser
- 62 - Logo assim que recebeu
Seu primeiro pagamento
Camisinha foi ao bar
E deu adiantamento
Pra pagar as refeições
Garantindo o alimento
- 63 - Já tinha onde dormir
E como se alimentar
Já tinha também trabalho
E aluno pra ensinar
Treinava com muita raça
E ia pras rodas jogar

- 64 - Com as praias e o samba
Logo se identificou
Em toda roda existente
Capoeira ele jogou
Enfrentou dificuldades
Mas a todas superou
- 65 - Foi fazendo amizades
Por muitos era querido
Capoeira respeitado
Valente e destemido
Por alguns era invejado
Por todos reconhecido
- 66 - Havia o Grupo Senzala
De um povo inteligente
Matutaram, decidiram
Uma idéia tinham em mente:
"Camisinha é muito bom
tem que se juntar com a gente"
- 67 - Camisinha se tornou
Mestre em capoeira
Um bamba da cabeçada
Da ginga e da rasteira
Tesoura, banda de costas
Banda traçada e ponteira

- 68 - Meia lua, benção, pisão
Gancho, martelo, armada
Vingativa, galopante,
Negativa e queixada
De tudo ele faz bem
Nesse jogo de pernada
- 69 - É exímio tocador
Um fera no berimbau
Sabe cantar e compor
No atabaque é genial
No pandeiro ele arrasa
Nunca vi ninguém igual
- 70 - Camisa além de ser
Um ímpar capoeirista
No cinema, no teatro
Se mostrou grande artista
É matéria de tevê
Até capa de revista
- 71 - Na cultura popular
Como ele não se vê
Sabe puxada de rede
E digo mais a você:
É bom de samba, xaxado,
Jongo e maculelê

- 72 - Já ensinou a capoeira
Na roça e na cidade
Em clube, academia,
Quartel, universidade,
No asfalto, na favela,
Escola e comunidade
- 73 - No Clube Guanabara
De frente para a Baía
Casa do Estudante
E Clube Santa Luzia
Saga, Mazza, Faixa Preta
Falando de academia
- 74 - No Ginásio Samurai
E ainda tem outro local
Na Academia Dukan
E na Escola Naval
Clube Jardim Guanabara
E Clube Internacional
- 75 - Escola de Belas Artes
Esquecer não posso não
Da Escola de Engenharia
Lá da Ilha do Fundão
Scret, Lagoa Esporte
E Colégio Souza Leão

- 76 - Muito tempo ensinou
Dentro da Associação
Dos Servidores Civis
Ao lado do Canecão
No bairro de Botafogo
Que é lugar de tradição
- 77 - Divina Providência
Colégio tradicional
CIEP Agostinho Neto
Escola municipal
E em Sambaetiba
Lá na região rural
- 78 - Durante todo esse tempo
Ensinou a muita gente
Gente de todo o tipo
E de classe diferente
Pobre, rico, gordo, magro
Ele trata igualmente
- 79 - No ano Setenta e Sete
Três homens abençoados
Cláudio Moreno, Arara e Mula
Foram os primeiros formados
Primeiros cordas vermelhas
Por Camisa graduados

- 80 - No cinema interpretou
Papel pouco comum
Grande responsabilidade
Que não é pra qualquer um
Camisa fez o papel
Do grande Orixá Ogum
- 81 - No ano de oitenta e dois
Na Praia do Arpoador
Houve a inauguração
Do tal "Circo Voador"
E Camisa deu um show
Aplaudido com louvor
- 82 - No ano de oitenta e quatro
um evento bem marcante
Mestre Camisa realizou
Encontro emocionante
Que reuniu no Rio
Muita gente importante
- 83 - Em plenos Arcos da Lapa
No velho Circo Voador
Os bambas da capoeira
Reunidos todos por
O jovem Mestre Camisa
O rapaz tão sonhador

84 - Canjiquinha, Zacarias
Atanilo saudades traz
João Pequeno, Onça Tigre
Valdemar da Pero Vaz
Gato Preto, Bom Cabrito
Paulo dos Anjos e outros mais

85 - Desde que chegou ao Rio
Morou em muitos lugares
Vários cantos da cidade
Os mais variados ares
Gostou de todos os bairros
Apesar de alguns pesares

86 - Primeiro morou na Lapa
Logo que ao Rio chegou
Depois foi pra Laranjeiras
Como aqui já se falou
Pra Praia de Botafogo
Depois ele se mudou

87 - Foi morar na Praça Seca
Lá pela Rua Barão
Depois para Botafogo
Voltou novamente então
Pra Barão de Macaúbas
Na subida do morrão

88 - Por muitos anos morou
Lá no Morro de Mangueira
Junto com Cléber e Quinho
Amigos da capoeira
Dona Elza e Seu Altivo
Amizade verdadeira

89 - No bairro Riachuelo
Ele mora atualmente
Onde é muito querido
E conhece muita gente
Vive com sua família
Alegre e tranquilamente

90 - Trabalhando, pesquisando
E usando seus talentos
Aumentava seu saber
E os seus conhecimentos
Renovando a capoeira
Dentro dos seus fundamentos

91 - Foi seguindo seu caminho
E fazendo a sua parte
Divulgando a capoeira
Como luta e como arte
Criou o seu novo grupo
Chamado CAPOEIRARTE

- 92 - O trabalho foi crescendo
Aumentou de tal maneira
Surgiu a ABADÁ
Associação Brasileira
Pra apoiar, desenvolver
Nossa arte capoeira
- 93 - ABADÁ-CAPOEIRA
Por Camisa foi fundada
Foi ganhando o Brasil
Pelo mundo é respeitada
E hoje em todo o planeta
Ela está representada
- 94 - Graças a Mestre Camisa
E a sua inteligência
No mundo da capoeira
ABADÁ é referência
Sinônimo de qualidade
Confiança e competência
- 95 - Gravou seu primeiro disco
No ano noventa e três
No Rio, Estúdio Lagoa
Setembro era esse o mês
Com músicas bem cantadas
Que vou citar pra vocês

- 96 - "Mestre dos Mestres" é
A primeira do elepê
Logo após tem as cantigas
"Bahia que tem Dendê"
E "Galo Já Cantou"
Para acordar você
- 97 - "Eu não sou daqui"
E a valente "Onça Pintada"
"Chora Capoeira" chora
Homenagem emocionada
Depois vem "Cuidado Moço"
Numa bonita levada
- 98 - Do saudoso Edson Show
"Iaiá Ioiô" ele cantou
De Carlinho Olho de Gato
Um canto também gravou
"Hoje tem Capoeira"
Quem ouviu se arrepiou
- 99 - "É Bimba" de Valdir Sales
É uma bonita canção
"Bate o Machado", "Lavadeira"
"Alô Maria" e "Lei do Cão"
E "Abadá Capoeira"
Encerrando o "bolachão"

- 100 - Tanta coisa importante
Pela capoeira faz
Este homem inteligente,
De pensamento sagaz
Faz campanha contra a fome
E campanha pela paz
- 101 - Mestre Camisa é
Guardião da natureza
Fervoroso protetor
Digo com toda a certeza
Nos lembrando a importância
E toda a sua beleza
- 102 - De seu sonho e pensamento
Tanta idéia emana
Veja você o "aulão"
Que idéia mais bacana
Milhares de pessoas
Gingando em Copacabana
- 103 - Sempre pensando em
Melhorar a humanidade
Ele luta pelo povo
E pela dignidade
Ajudando quem precisa
Com solidariedade

- 104 - Como todo ser humano
Muitos defeitos tem
Como ninguém é perfeito
Ele erra muito também
Mas a sua intenção
É sempre fazer o bem
- 105 - Sorte para seus filhos:
A mais velha é Táfiana
O segundo se chama Pedro
E a caçula é Luana
Cuidadoso, carinhoso
Exemplo de pai bacana
- 106 - Recebe sempre homenagens
Sem deixar de ser modesto
Já recebeu as medalhas
Tiradentes, Pedro Ernesto
Pelo reconhecimento
De seu trabalho honesto
- 107 - Nos quatro cantos do mundo
Seu trabalho hoje está
E onde ainda não chegou
Com certeza chegará
O mundo inteiro vestindo
A camisa da Abadá

- 108 - Seu trabalho já chegou
Veja só mas que façanha
No Japão e na Coréia
Áustria, Itália, Alemanha
Israel, França, Inglaterra
Em Portugal e na Espanha
- 109 - Nos Estados Unidos
México e Canadá
África do Sul, Angola
Tem capoeira Abadá
Na Suíça, na Suécia
Abadá também está
- 110 - Na Bélgica, na Polônia
Na Eslováquia e Holanda
Tem gente da Guatemala
Da Tailândia e de Uganda
Tem gente de todo canto
Tem gente de toda banda
- 111 - Por tudo o que já citei
Mais outros motivos mil
Mestre Camisa é hoje
Um símbolo do Brasil
Filho qual muito se orgulha
Nossa pátria mãe gentil

- 112- Essa aqui foi a história
De um cidadão brasileiro
Filho de Lindolfo Silva
E de Edésia Carneiro
Um homem chamado José
Admirado no mundo inteiro
- 113- Meu poema é homenagem
Mas aproveita e avisa
Pessoas assim como ele
O mundo tanto precisa
Que Deus ilumine sempre
O nosso Mestre Camisa

FIM

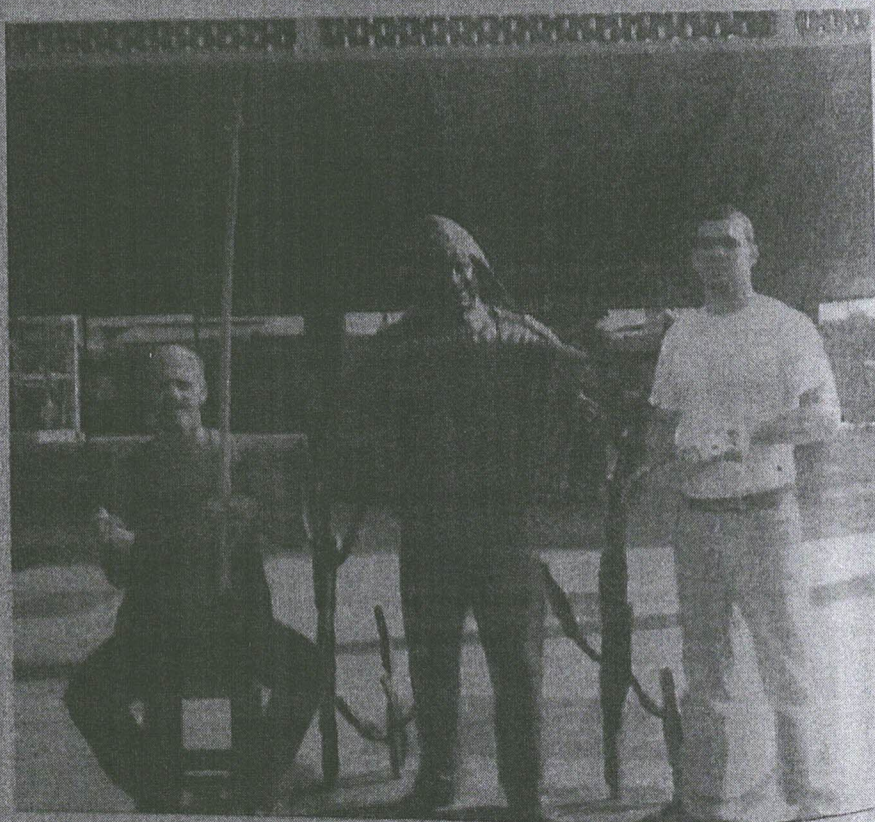
Autor:
Victor Alvim I. Garcia (LOBISOMEM)
Agosto / 2005.

BIOGRAFIA DO AUTOR

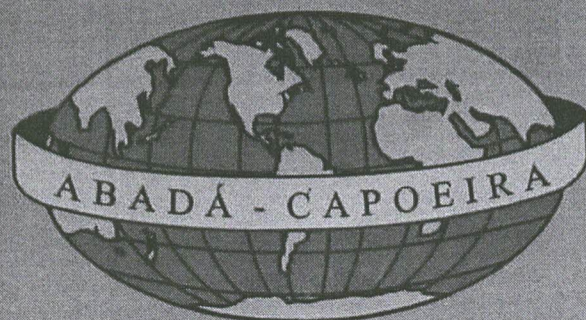
Victor Alvim Itahim Garcia nasceu no Rio de Janeiro em 21 de dezembro de 1973.

Iniciou-se na capoeira em janeiro de 1993 nas aulas ministradas por Mestre Camisa no bairro de Laranjeiras, onde recebeu o apelido de "Lobisomem", sugerido pelo saudoso capoeirista Pantalona.

É cantador e compositor de sambas e cantigas de capoeira. Participa de apresentações, shows, festivais de música, campanhas e projetos sociais, produção e gravação de cds, programas de rádio e televisão, matérias de jornais e revistas, sempre divulgando e procurando elevar o nome da capoeira e da cultura popular brasileira.



REALIZAÇÃO:



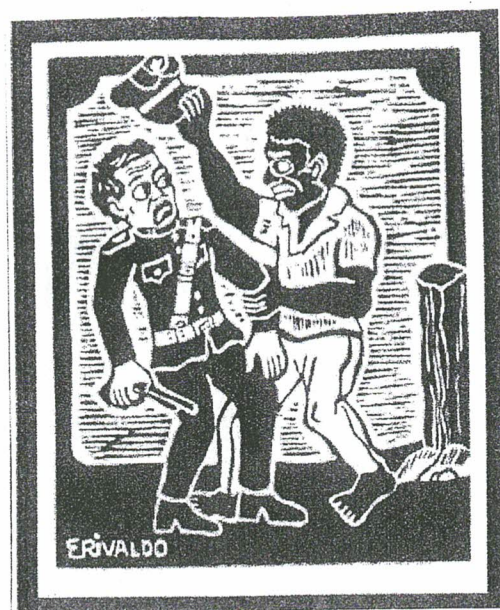
Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira
Rua Visconde de Inhaúma, 39/105 - Palácio dos Esportes - Centro
CEP 20.091-007 Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel/Fax: 55 (21) 2263-8202
www.abadacapoeira.com.br

APOIO:



Academia Brasileira de Literatura de Cordel
Rua Leopoldo Fróes, 37 - Santa Tereza - Rio de Janeiro - RJ
Tel: 55 (21) 2232-4801 www.ablc.com.br

Victor Alvim Itahim Garcia
(LobisOMEM)



★ Histórias e Bravuras de ★
BESOURO
O Valente Capoeira

Victor Alvim I. Garcia
(Lobisomem)

Histórias e Bravuras de

BESOURO

O Valente Capoeira

LITERATURA DE CORDEL

Aqui estou novamente
Improvizando e versando
Esperando que meus versos
Estejam lhes agradando
Seja para passar o tempo
Distraindo ou informando

Vou falar de um personagem
Da história da capoeira
Muitos ainda duvidam
Se essa história é verdadeira
Desse homem batizado
Manoel Henrique Pereira

A história deste homem
De mistérios é cercada
Muita gente ainda pensa
Que é uma lenda inventada
Mas a sua existência
Já foi mais que comprovada

Nas rodas de capoeira
Seu nome é muito cantado
Fora das rodas também
Ele é bastante lembrado
Como um grande capoeira
Que tinha o corpo fechado

Dizem que era valente
E bravo como um touro
Chamavam Besouro Preto
Besouro Cordão de Ouro
De Besouro Mangangá
Ou simplesmente "Besouro

Dessa espécie de inseto
Surgiu o seu apelido
No estado da Bahia
Ele foi muito temido
Sua fama corre o mundo
Jamais será esquecido

Mangangá é espécie de
besouro de cor escura
Que fura qualquer madeira
Seja ela a mais dura
Madeira boa, de lei
O Mangangá vai e fura

Não queira nunca sentir
Sua forte ferroada
Que deixa qualquer pessoa
Na cama adoentada
Com febre, com calafrio
Totalmente derrubada

Nascido em Santo Amaro
No estado da Bahia
Não se sabe ao certo o mês
E nem tampouco o dia
Só ouvi falar o ano
Mas sem muita garantia

Em Hum mil e oitocentos
E noventa e cinco o ano
Que dizem nasceu Besouro
Mas que pode haver engano
Pois a certidão sumiu
No Recôncavo baiano

Foi lá perto do distrito
De Oliveira de Campinho
No Quilombo Urupe
Que nasceu Manoelzinho
E lá o menino foi
Recebido com carinho

Dona Maria José
E João Matos Pereira
Eram os pais do lendário
Besouro da capoeira
Das terras de Santo Amaro
Nas bandas de Cachoeira

No tempo em que Besouro
Era apenas um menino
Um dia houve o encontro
Traçado pelo destino
Do velho africano Alípio
E aquele rapaz franzino

Alípio que foi cativo
Do engenho Pantaleão
Crescido no sofrimento
Do negro na escravidão
Sobrevivendo a tudo
Até vir a abolição

Tio Alípio era um negro
De muita sabedoria
Que ensinou para Besouro
Bastante do que sabia
E tudo o que ele ensinava
Besouro sempre aprendia

Aprendia os segredos
Da velha capoeiragem
Os mistérios desta arte
A malícia, a malandragem
As mandingas, artimanhas
A destreza e a coragem

Dentro dos canaviais
No meio das plantações
Besouro ouvia atento
A todas essas lições
Do jogo da capoeira
Das facas e orações

Besouro foi bom aluno
Discípulo obediente
Foi crescendo e se tornou
Capoeira expoente
O menino agora era
Forte, ágil e valente

Começou a trabalhar
No ofício de vaqueiro
Amanava burro brabo
Cuidou de gado leiteiro
Assim era que Besouro
Arrumava o seu dinheiro

Trapiche de Baixo era
O lugar por onde andava
Localidade aonde
Por certo também morava
Provavelmente por lá
Capoeira ele jogava

Já ouvi sobre Besouro
Histórias de arrepiar
Cada caso assombroso
Difícil de acreditar
Tratando-se de Besouro
Jamais irei duvidar

Depois que entrava em briga
Então não havia jeito
Besouro não se aquietava
Nem ficava satisfeito
Enquanto não maltratasse
O coitado do sujeito

Podia ser qualquer um
Paisana ou policial
Fosse soldado, sargento
Coronel ou general
Quem se metesse com ele
No certo se dava mal

Não tinha homem valente
Que ele não derrotasse
Não tinha faca, facão
Que o seu couro perfurasse
Nem bala de qualquer arma
Que ao seu corpo alcançasse

Podia ser de garrucha
Revolver ou carabina
De fuzil ou espingarda
Ou qualquer outra menina
Erravam sempre o alvo
Confirmando a sua sina

Mas se o cerco apertasse
Nunca pagava para ver
Transformava-se em inseto
Para desaparecer
E o inimigo ficava
Sem conseguir entender

Transformava-se em Besouro
Saía logo voando
E o inimigo ficava
Bem tonto, lhe procurando
Mas ele já estava longe
Da façanha se gabando

Me garantiram que ele
Não era arruaceiro
Que só era valentão
E cuidava de um saveiro
E também que foi soldado
No exército brasileiro

"Deus- Me- Guie" era a lancha
Que Besouro trabalhava
Certo dia um polícia
Que Zé Costa se chamava
Não sabia a armadilha
Que pra si mesmo armava

O cabo José da Costa
Por ordem do delegado
Saíu atrás de Besouro
Que logo foi encontrado
No antigo Largo da Cruz
Sozinho e desarmado

Quando avistou Besouro
Zé Costa então gritou:
- Venha cá Besouro Preto
Que a sua hora chegou!
Besouro ficou parado
E não se intimidou

Besouro lhe respondeu:
-É melhor você voltar
Não quero lhe fazer nada
Não venha me incomodar
Me deixe aqui quieto
Que eu não quero brigar!

O cabo então gritou:
- Eu sou a autoridade
E vou prender o senhor
Que tem fama na cidade
Vou mostrar que também sou
Um valentão de verdade

Besouro então partiu
Para cima do abusado
Aplicou-lhe uma rasteira
E o deixou estatelado
Também tomou o revólver
E o chapéu do coitado

Zé costa bem assustado
Foi tentar se aprumar
Mas tomou outra rasteira
Antes de se levantar
Caiu todo atrapalhado
Viú Besouro se afastar

Besouro saiu sorrindo
Pelo Beco do Xaréu
O cabo atrás gritando:
- Pelo Amor de deus do Céu
Me devolva meu revólver
E também o meu chapéu

Mais dez soldados estavam
Naquela dura missão
E não podiam passar
Toda aquela humilhação
Miraram o tal Besouro
Saíram em perseguição

Besouro atravessou
A ponte lá do local
A polícia atrás querendo
Vingar o policial
Caçando Besouro como
Se caça um animal

Chegaram bem perto dele
E quase lhe alcançaram
Mas Besouro disparou
Dois tiros que acertaram
O braço de José Costa
E nunca mais o pegaram

Numa outra ocasião
Besouro andava a pé
Passeando pela margem
Lá do rio Subaé
A polícia lhe abordou:
- Me diga você quem é?

Besouro lhe respondeu:
- Se querem saber quem sou
Vão ter que adivinhar
Pois falar é que não vou
E agora eu vou embora
Pois com muita pressa estou!

E os soldados não sabiam
Onde estavam se metendo
A casa de marimbondo
Na qual estavam mexendo
Pior que panela quente
Cheia de água fervendo

Besouro não teve medo
Deste grupo de soldados
Eram seis ou oito praças
Que ficaram revoltados
Lutando contra Besouro
Com seus sabres empunhados

Besouro se esquivava
Dos golpes negaceando
Zombava dos oito praças
De "macacos" os chamando
Tomou o chapéu de um deles
E depois fugiu nadando

E mesmo enquanto Besouro
Ao exército servia
No trigésimo Primeiro
Batalhão de Infantaria
Não mudava o seu jeito
Nem a sua valentia

Numa tarde de domingo
De setembro, dia oito
O ano era hum mil
Novecentos e dezoito
Um fato aconteceu
Que o deixou meio afoito

Em São Caetano havia
Um posto policial
Nesse domingo, Besouro
Passou em frente ao local
E encostou-se à janela
Da parede principal

Pela janela do posto
Observou lá de fora
As armas apreendidas
Avistou na mesma hora
Mas um outro objeto
Não o deixou ir embora

No meio de tantas armas
O que chamou-lhe a atenção
Não foi faca, nem navalha
Revólver ou munição
Foi um berimbau que estava
Jogado ali pelo chão

O Besouro então chamou
Ao soldado de plantão
Seu Argeu Cláudio de Souza
O nome do cidadão
Que era praça da Brigada
Do primeiro batalhão

Olhando para o soldado
Besouro lhe disse assim:
-Me dê esse berimbau
Que dele eu fique afim!
O soldado disse:- Isso
Não é decisão para mim

- Sem o subdelegado
Nada posso decidir
E objeto nenhum
Que o senhor vier pedir
Nem arma, nem berimbau
Daqui não irão sair!

Besouro entrou no posto
Como fosse uma invasão
Além do soldado Argeu
Também estava de plantão
Paulo Clemente Cerqueira
Nessa mesma ocasião

Besouro aproximou-se
De Cerqueira e de Argeu
E o képe de Cerqueira
Besouro o suspendeu
Disse: - Recruta, você
Não sabe onde se meteu!

O Doutor Simões que era
Da área, o escrivão
Chegou querendo saber
Da desorganização
Procurando entender
O porquê da confusão

Besouro ao Doutor Simões
Disse educadamente:
- O que pedi ao soldado
Peço ao senhor novamente
Só quero esse berimbau
Pra ir embora contente

Doutor Simões respondeu
Que o berimbau não daria
Então Besouro esqueceu
Toda a diplomacia
Insultando o escrivão
Da subdelegacia

A Argeu e a Cerqueira
Doutor Simões ordenou:
- Prendam logo esse homem
Que a mim desacatou!
Besouro ouvindo isso
O seu sabre então puxou

Besouro saiu pra fora
Sabre desembainhado
Três amigos de Besouro
O aguardavam ao lado
Do posto policial
Do qual ele havia entrado

E os amigos de Besouro
Juntaram-se ao companheiro
Entraram também na briga
Com espírito guerreiro
Pois também eram soldados
Do Exército brasileiro

O povo em São Caetano
Que passava no momento
Olharam aquela baderna
Uma guerra em andamento
Decidiram se unir
E fazer um movimento

Aliados à polícia
Estavam os populares
Na direção de Besouro
Vinharam pedras pelos ares
Pedradas e cacetadas
Vinharam de vários lugares

Besouro e seus amigos
Iam sendo apedrejados
Pelos muitos moradores
Que estavam indignados
Pelo escrivão Simões
E os dois outros soldados

E a pequena discussão
Por causa do berimbau
Tornou-se um arranca- rabo
De tamanho colossal
Uma tremenda guerrilha
Um enorme quebra-pau

Besouro e a sua turma
Ficaram sem opção
Saíram correndo todos
Numa mesma direção
Foram em sentido ao Largo
Do Engenho da Conceição

Depois que estavam longe
E ter corrido demais
Do povo arreliado
Também dos policiais
Pararam para bolar
Um plano pra logo mais

Besouro foi ao quartel
Pedi reforços aos amigos
Para voltar e prender
Os tais guardas inimigos
E também se defender
De quaisquer outros perigos

Voltaram trinta soldados
Ao comando de um sargento
No posto, o soldado Argeu
Sozinho nesse momento
Tremendo de medo estava
Rezando em pensamento

Diversas autoridades
Correram para o local
Incluindo o comandante
Da Guarda Policial
E do quartel de Besouro
Chegou lá o General

Com tantas autoridades
A coisa lá ficou feia
Mandaram Besouro Preto
Direto para a cadeia
Pra não armar algazarra
Nem zombar da vida alheia

Logo após ele foi solto
Deram-lhe uma guarida
Mas Besouro foi expulso
Do exército em seguida
E foi seguir de outro jeito
O rumo de sua vida

Sempre foi trabalhador
Nunca foi um vagabundo
Foi trabalhar no Engenho
Sant'Antônio Rio Fundo
Seu patrão era Seu Zeca
Cunhado de Seu Raimundo

Coronel Zeca Teixeira
Era um homem educado
Não usava a violência
Mas era bem respeitado
E contratou o Besouro
Para ser seu empregado

Besouro com gratidão
Cumpria o seu papel
Se tornou um empregado
Responsável e fiel
Conquistou a confiança
Do patrão, o coronel

No trinta e um de dezembro
Último dia do ano
Pelas terras de Seu Zeca
Passava um tal Caetano
Um vendedor de laranjas
Um tabaréu sergipano

Na porteira da fazenda
Era grande o movimento
O entra e sai, abre e fecha
Não parava um só momento
Causando assim em Besouro
Um certo constrangimento

Besouro passou o dia
Fechando e abrindo a porteira
Já estava se irritando
Com aquela trabalhadora
Decidiu que agora ia
Agir de outra maneira

Quem desejasse cruzar
A porteira da estrada
Que descesse do cavalo
E a abrissem na entrada
E aí daquele infeliz
Que a deixasse escancarada

Mas vamos voltar agora
Ao homem antes citado
Caetano Zé Diogo
Também vinha acompanhado
De um rapaz, seu ajudante
Cujo nome era Conrado

Os dois saíram bem cedo
De um pequeno vilarejo
Chamado de Igreja Nova
Apenas com um ensejo
Venderem suas laranjas
Era dos dois o desejo

Caetano Zé Diogo
Mais o menino Conrado
Voltavam de Jacuype
Onde tinham trabalhado
Vendendo suas laranjas
E arrumando um bom trocado

Quando passavam bem perto
Da usina Paranaguá
Um grupo de meninotes
Disseram: – Cuidado há
Ali na frente um homem
Da espécie de um mangangá

O homem é perigoso
E com ele ninguém pode
E tem uma cabeçada
Que é pior que a de um bode
O sujeito mais valente
Corre dele e se sacode

Ele bate com a cabeça
Com a mão e com o pé
É melhor tomar um tiro
Que sentir seu ponta-pé
Cuidado Seu Caetano
Quem avisa amigo é

Caetano respondeu:
– Dele eu não tenho medo
Pois meu murro amarga mais
Que qualquer limão azedo
E só com o meu ponta-pé
Eu derrubo um arvoredor!

Foi seguindo em seu cavalo
E Conrado acompanhando
Da porteira da fazenda
Foram se aproximando
Cruzaram pela porteira
E seguiram cavalgando

Besouro olhou aquilo
E de longe ele gritou:
– Cabra feche essa porteira
Por onde você passou
Que não sou seu empregado
Nem a mãe que lhe criou

E de cima de seu cavalo
Caetano respondeu:
– Não fecho essa porteira
Pois quem abriu não fui eu
Se você também não fecha
O problema então é seu

Besouro se aproximou
Irritado e revoltado
Caetano acovardou-se
Deixou sozinho Conrado
Tremendo de medo olhava
Com cara de assustado

Conrado que carregava
Numa das mãos um porrete
Na cabeça de Besouro
Desferiu o seu cacete
Mas Besouro parecia
Que usava um capacete

Besouro não sentiu dor
Com aquela cacetada
Só olhou para Conrado
Dando uma gargalhada
E Conrado outra vez
Desferiu-lhe outra pancada

Da segunda cacetada
O Besouro se esquivou
E por cima da cabeça
A porretada passou
Aí que Conrado então
Mais assustado ficou

Besouro disse a Conrado
Com firmeza e altivez:
– Você se responsabiliza
Por isso que você fez
Agrediu-me com porrete.
Agora é a minha vez!

Só que eu vou lhe bater
Primeiro só com a mão
Depois vou usar os pés
Para dar-lhe uma lição
Só depois você irá
Conhecer o meu facão

Besouro lhe deu um tapa
Que o menino então rodou
Deu uma cambaleada
E no chão se estabacou
Ficou com cara de bobo
E o porrete ele largou

Besouro disse:- Levante
Seu moleque atrevido
Vê se você se dá conta
De onde é que está metido
Se meteu foi com Besouro
Da Bahia o mais temido!

Nisso volta Caetano
Montado em seu cavalo
e disse para Besouro:
– Agora vou massacrá-lo
Pois o que fez foi pior
Do que pisar em meu calo!

E quis agredir Besouro
Com um pedaço de pau
Mas Besouro foi mais ágil
Pulou num salto mortal
E agora era Caetano
Quem iria se dar mal

Besouro deu um sorriso
E puxou o seu facão
Conrado se levantou
E tomou logo um pisão
Deu um gemido de dor
De novo caiu no chão

Besouro partiu pra cima
De Caetano Diogo
E disse:- Agora vai ver
Quem é que ganha esse jogo
Se está de cabeça quente
A minha já pegou fogo!

Besouro com o seu facão
Desferiu-lhe um golpe forte
Caetano defendeu-se
Para sua grande sorte
Mas chegou a passar perto
Da hora de sua morte

No porrete de madeira
O facão bateu em cheio
Pois se pega na cabeça
O estrago ia ser feio
Na certa dividiria
O Caetano no meio

Enquanto isso Conrado
De novo se aproximou
Veio por trás de Besouro
Em seu pescoço agarrou
Besouro até achou graça
E um balão lhe aplicou

Besouro lhe jogou longe
Com grande facilidade
Conrado até parecia
Que voava de verdade
Caiu distante uns três metros.
Fugiu em velocidade

Conrado saiu correndo
Achou melhor desistir
Percebeu que com Besouro
O melhor era fugir
Aproveitou essa chance
De com vida escapular

Caetano em seu cavalo
Não sabia o que fazer
Seu ajudante Conrado
Não parava de correr
Achou que era preferível
Ser covarde que morrer

Besouro partiu pra cima
Com seu facão novamente
Caetano com o porrete
Defendeu-se bravamente
Mas um golpe acertou
A sua mão fatalmente

Do cavalo ele caiu
Com a sua mão sangrando
Ao olhar pra mão direita
Um dedo estava faltando
Ao ver se desesperou
E saiu também gritando

Besouro ficou parado
De longe apenas berrou:
– Esqueceu o seu cavalo!
Mas o homem não voltou
E desta vez ao sair
A porteira ele fechou

O cavalo foi entregue
Por Besouro ao seu patrão
Ao doutor Zeca Teixeira
Ele deu explicação
Do fato acontecido
Pra evitar mais confusão

Todos tinham por Besouro
Respeito e simpatia
Gostavam de ouvir seus causos
De bravura e valentia
Suas brigas com os maiores
Valentões lá da Bahia

Contava também histórias
E todo povo gostava
Da profissão de vaqueiro
Dos bichos que ele laçava
De cavalos, burros brabos
Dos animais que amansava

Os dias iam passando
Dentro da normalidade
Na rotina da fazenda
Na maior tranqüilidade
Um dia Seu Zeca teve
Que viajar pra cidade

Seu Zeca e Besouro tinham
Uma boa relação
Baseada em confiança
Respeito e admiração
Uma grande amizade
De empregado com patrão

Pra cidade da Bahia
Seu Zeca foi viajar
Enquanto estava ausente
Colocou no seu lugar
Seu filho chamado Orlando
Pra fazenda ele cuidar

Da fazenda de seu pai
Orlando cuidava então
Cumprindo as obrigações
Conforme a orientação
Dada por Zeca Teixeira
Nesta mesma ocasião

Certo dia Orlando ouviu
Coisa que não lhe agradou
Logo que aos seus ouvidos
A má notícia chegou:
"Besouro faz arruaça"
Outro empregado contou

Contaram-lhe que Besouro
Na Vila estava bebendo
Arrumando confusão
E algazarra fazendo
Orlando então ordenou:
- Tragam ele aqui correndo!

Besouro então foi chamado
Para vir se explicar
Orlando lhe perguntou:
- Onde é que quer chegar
Com toda essa bebedeira
Onde você vai parar?

Besouro o olhou nos olhos
E assim lhe respondeu:
- Cuide só da sua vida
Que da minha cuido eu!
É só isso que eu lhe aviso
E acho que me entendeu!

14

Com a resposta de Besouro
Orlando se espantou
Num misto de raiva e medo
O seu rifle ele pegou
Apontou para Besouro
E pra ele assim falou:

- Besouro Cordão de Ouro
Besouro Preto do cão
Mangangá tu me respeite
Que eu sou o seu patrão
Ou então lhe meto o chumbo
Desse rifle em minha mão

Besouro lhe respondeu:
- Orlando está enganado
Meu patrão não é você
Seu moleque malcriado
Meu patrão é o seu pai
E prove se estou errado!

- E ainda tem outra coisa
Que esqueci de lhe dizer:
De rifle não tenho medo
É melhor você esquecer
Pois senão dou-lhe uma surra
Que tu vai se arrepender!

- E agora eu vou- me embora
E aqui não vou mais voltar
Nunca mais nesta fazenda
Voltarei a trabalhar
Dê lembranças a seu pai
Logo assim que ele chegar

Besouro virou as costas
E saiu tranqüilamente
Recolheu as suas coisas
Deu adeus a toda gente
Colocou o pé na estrada
Caminhando calmamente

Em busca de algum serviço
Partiu pra Maracangalha
Pois tinha a certeza que
Deus ajuda quem trabalha
E que logo encontraria
Alguma nova batalha

Por Seu Heliodóro Santos
Besouro foi contratado
Embora Seu Heliodóro
Estivesse preocupado
Mas Besouro se mostrou
Sujeito bem educado

Com a fama de Mangangá
Seu Hélio era receoso
Sempre ouvia que Besouro
Era um cabra perigoso
Um faquista arruaçeiro
Um homem muito tinoso

Mesmo assim Seu Heliodóro
Resolveu foi arriscar
Contratou Besouro Preto
Pra seis burros amansar
E logo a desconfiança
Que tinha veio acabar

15

A família de Heliódoro
Com ele fez amizade
Esposa, filhas e filhos
Sentiam sinceridade
Nas atitudes do homem
Só viam honestidade

A noite todos queriam
Conhecer suas histórias
Sob a luz do candieiro
Escutavam suas glórias
Admirados gostavam
De ouvir suas memórias

Em certa noite Besouro
Saiu para espairecer
Na vendinha do profeta
Parou para conhecer
Pedi alguma bebida
E começou a beber

Quando Besouro bebia
Ficava bem alterado
Se alguém lhe provocasse
O zum zumzum tava armado
E ninguém o segurava
Quando estava enfezado

Besouro sempre manteve
Sua postura correta
Mas sempre há alguém que mexa
Com a pessoa que está quieta
E foi o que aconteceu
Na vendinha do profeta

Besouro estava bebendo
Encostado no balcão
Quando chegou um sujeito
Metido a valentão
E perguntou a Besouro:
– Quem é você cidadão?

Besouro lhe respondeu:
– Não lhe interessa quem sou
Não conheço o senhor
E nem sei quem lhe chamou
Para vir falar comigo
Se quieto eu aqui estou

O homem lhe disse assim:
– Você parece valente
Mas aqui na minha terra
A coisa é bem diferente
Está em Maracangalha
Quem manda aqui é a gente

O Besouro então falou:
– Quem manda em mim sou eu
Agora me deixe quieto
Que esse assunto já morreu
Eu quero é beber sozinho
Vá cuidar do que é seu!

O homem quis agredir
Besouro com um facão
Mas Besouro o desarmou
O facão caiu no chão
Nesse instante adentrou
No bar outro valentão

E o valentão que chegou
Quis entrar também na briga
Besouro lhe deu um soco
Com a mão fechada em figa
Depois também lhe acertou
Um pontapé na barriga.

E vários homens surgiram
E entraram no armazém
Querendo agredir Besouro
Que gritava: – aqui não tem
Homem pra lutar comigo
Vocês não valem um vintém!

A briga continuava
Eram sete contra um
Besouro enfurecido
Já achava isso comum
E no fim, dos sete homens
Em pé não sobrou nenhum

O Besouro se aprumou
E pagou o que bebeu
Olhou os homens no chão
Pensou no que aconteceu
E antes de ir embora
Um recado ainda deu:

– Homem pra brigar comigo
Nessa terra aqui não há
Podem vir tentar a sorte
Mas aviso que não dá
Se querem saber quem sou
Sou Besouro Mangangá

Despediu-se do profeta
E ainda se desculpou
Por todo o prejuízo
Que a briga lhe causou
Mas o profeta assustado
Para isso nem ligou

O profeta nunca tinha
Visto nada assim igual
Um homem bater em sete
Ele achou sensacional
Besouro voltou pra casa
Como num dia normal

Nesse dia ao dormir
Algo estranho aconteceu
Besouro teve um sonho
Logo assim que adormeceu
No sonho encontrou Ogum
Que um aviso lhe deu

No sonho Ogum falou:
– Besouro tenha cuidado
Estou a lhe proteger
E vivo sempre ao seu lado
Mas você deve manter
Seu corpo sempre fechado

– Há muita gente que quer
Acabar com sua raça
Preste atenção no que digo
E o que eu disser você faça
Cerca de arame farpado
Embaixo você não passa

-- E tome muito cuidado
Com as mulheres que anda
Tenha sempre fé em Deus
Que vence qualquer demanda
O bom filho sempre faz
Aquilo que seu pai manda

Então Besouro acordou
Do sonho meio assustado
Tentando lembrar daquilo
Que Ogum tinha lhe falado
Mas não lembrava de tudo
E levantou preocupado

Se lembrava do aviso
Da fé em Deus não faltar
Mas dos dois outros avisos
Não conseguia lembrar
Se arrumou pois já estava
Na hora de trabalhar

E passou o dia todo
Trabalhando pensativo
Que apesar dos perigos
Ele ainda estava vivo
Pois era um capoeira
Com seu axé positivo

Pensava na sua infância
Quando rodava pião
Pensou também em seu pai,
Velho e querido João
Dormelinda e Caetano
Sua irmã e seu irmão

Lembrou-se de sua mãe
A saudosa mãe Maria
Lembrou-se dos seus carinhos
E dos doces que fazia
No velho fogão a lenha
Enquanto a tarde caía

Ao mestre negro Alípio
Tinha muita gratidão
Por tudo que lhe ensinou
Esse sábio ancião
Lembrava de cada encontro
De cada uma lição

Das rodas de capoeira
Com toda a rapaziada
Batuque, maculelê
E depois a galinhada
Do samba de palmeado
Com viola afinada

Lembrava de seu avô
E até da bisavó
Saudades de seus amigos
Noca, filho de Jacó
Lembrou de Canário Pardo,
E agora ele estava só

De Pé de Onça, Antunes
E de Paulo Barroquinha
Lembrou do primeiro amor
Da namorada Ritinha
E tantas lembranças boas
O que Besouro mais tinha

18

Não tinha nem trinta anos
Já tinha vivido tanto
Cada coisa que até nele
Às vezes causava espanto
Perigos que se livrara
Somente por seu encanto

Das vezes que se livrou
De tiros e de facadas
Foram muitos os perigos
Foram tantas emboscadas
Mas sempre saiu ileso
De todas as enrascadas

Do dia que se escondeu
Por detrás de um cruzeiro
Rezando aquela oração
Para São Jorge Guerreiro
E se livrou das rajadas
De um batalhão inteiro

De uma outra ocasião
Que dentro de um matagal
Foi totalmente cercado
Por tropa Policial
Transformou-se em um toco
Dentro do canavial

Naquele dia Besouro
Lembrou-se da vida inteira
Também lembrou da cantiga
Das rodas de capoeira
Aquele que mais gostava
E cantava a sua maneira

A cantiga que dizia
Que no dia em que morresse
O que ele mais queria
Que ninguém se esquecesse
Era que depois de morto
Seu nome sobrevivesse

O dia foi diferente
Povoado de lembranças
Desde o tempo da infância
Lá no meio das crianças
Até a vida de adulto
E as mais recentes andanças

O entardecer foi caindo
E o sol então se escondeu
O pôr do sol mais bonito
Que Besouro conheceu
Pelo céu avermelhado
Lua cheia apareceu

E quando a primeira estrela
Lá no céu então brilhou
Besouro fechou os olhos
Suas duas mãos juntou
Fazendo uma oração
Em voz baixa ele falou:

-- No dia em que eu morrer
Não quero ninguém chorando
Quero que o berimbau
Esteja sempre tocando
E que meu nome nas rodas
Alguém esteja cantando

19

- Meu corpo pode dormir
Pode desaparecer
Mas o nome de Besouro
Ninguém irá esquecer
Minha fama a cada dia
Muito mais irá crescer

Besouro nesse momento
Já estava ajoelhado
Pedindo que o seu nome
Pra sempre fosse lembrado
Ao final disse Amém
E que Deus Seja Louvado!

Besouro passou em casa
Pra poder se arrumar
Tomou um banho e foi
Uma mulher encontrar
Passou a noite com ela
Bem cedo veio acordar

Logo que amanheceu
Besouro então se vestiu
E daquela linda moça
Mangangá se despediu
Colocou o seu chapéu
E pelos fundos saiu

Queria sair dali
Sem deixar ninguém o ver
Pensou no melhor caminho
Que deveria escolher
Acho que pelo portão
Alguém ia perceber

Decidiu então sair
Lá por detrás do roçado
Passou embaixo da cerca
Feita de arame farpado
Depois de passar lembrou
Do que havia sonhado

Mas nesse mesmo instante
Um homem por trás chegou
Uma faca de aticum
Na barriga lhe enfiou
Besouro nem teve tempo
De olhar quem lhe emboscou

O homem saiu andando
Besouro caiu no chão
Nem sabia quem havia
Lhe feito essa traição
Enquanto o sangue descia
Lembrou-se de uma oração

Mas sabia que era tarde
Que chegara sua hora
Sua missão no planeta
Chegava ao fim agora
Partiria para Aruanda
Era tempo de ir embora

Mangangá sangrava muito
O sol já brilhava forte
Besouro tinha vivido
A vida com muita sorte
Mas parece que chegara
A hora de sua morte

20

A notícia se espalhou
Besouro estava ferido
Mas ninguém acreditava
Naquele fato ocorrido
E o povo vinha ver
Conferir o acontecido

Eram oito da manhã
Que no relógio marcava
O dia oito de julho
Que o calendário indicava
O ano mil novecentos
E vinte e quatro passava

Pra Porto das Almas foi
Por amigos carregado
De lá para Santo Amaro
De barco ele foi levado
Em busca de hospital
Pra tentar ser ajudado

Em Santo Amaro que era
A sua terra natal
Do cais de Araújo Pinho
Foi direto pro hospital
Levado numa carroça
Mas estava muito mal

Em Santo Amaro, o povo
Não queria acreditar
Tinha gente que chorava
As mulheres a rezar
Mas tinha gente também
Que estava a comemorar

Chegaram na Santa Casa
Bem antes do meio dia
Esperando por socorro
Mas Besouro já sabia
Que para faca de aticum
A mandinga não valia

E a tarde foi passando
Num clima de despedida
Sabia que aquele dia
Era o último nesta vida
Que a sua missão na Terra
Por ora estava cumprida

As seis da tarde ouviu
Na igreja bater o sino
Rezou a Ave Maria
Que aprendeu quando menino
E pediu à Virgem Santa
Que olhasse o seu destino

O Pai Nosso ele rezou
Por todos os seus amigos
Orando pediu perdão
A todos os inimigos
Rezou pela capoeira
Também pelos mais antigos

E às dezenove horas
Fechou os olhos e deu
O seu último suspiro
De uma vez adormeceu
E a notícia se espalhou:
Besouro Preto morreu!

21

A tristeza era tamanha
Caçou-se o seu zum zum zum
Mataram Besouro Preto
Com uma faca de tucum
E outro igual a ele
Nunca existirá nenhum

Mas quem é capoeirista
De corpo e alma também
Quem conhece os segredos
E quem realmente tem
No seu sangue a capoeira
Me entenderá muito bem

Se você se emociona
Quando ouve uma canção
Se carrega a capoeira
Dentro do seu coração
Sabe do que estou falando
E entende essa emoção

A emoção que eu sinto
Quando escuto alguém contar
Uma história de Besouro
Ou quando eu vou cantar
Cantigas de capoeira
Para lhe homenagear

No que depender de mim
Será para sempre exaltado
Nas rodas em que eu cantar
Besouro será lembrado
E quando eu for jogar
Estará sempre ao meu lado

Só não sei se eu consigo
As lágrimas segurar
Pois quando ouço seu nome
Chego até me arrepiar
E sempre peço a Deus
Para lhe abençoar

Se está me entendendo
Sabe tão bem quanto eu
Conhece a realidade
E sabe o que aconteceu
Que Besouro Mangangá
Na verdade não morreu

E ele está mais perto
Do que pode imaginar
Besouro é uma estrela
Que no céu vive a brilhar
Outras vezes se transforma
E as rodas vem visitar

Chega em forma de cantiga
No berimbau ancestral
Eu sinto a sua presença
Energia sem igual
E tenho a plena certeza
Que Besouro é imortal.

FIM

Victor Lobisomem
Maio/2006

22

23

O AUTOR

Victor Alvim, conhecido também como "Lobisomem" é capoeirista discípulo de Mestre Camisa e membro da ABADÁ CAPOEIRA;

Poeta popular membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel onde ocupa a cadeira 27;

Compositor e cantador tem dois cds gravados:

"Capoeira Popular Brasileira" e "Tem Capoeira no Samba".



Contatos:
victorlobisomem@yahoo.com.br
(21) 99883-8945

Meu amigo Victor, batizado Lobisomem na capoeira, é, também como eu, fascinado pela história do Besouro Cordão de Ouro. Fiz diversos sambas pra esse personagem e uma peça teatral. Ele escreveu este cordel. Bem feito, por sinal. Especializado nessa literatura de origem nordestina, Victor tem se destacado sempre. Gosto de como ele cordeliza e das figuras que escolhe. Costumam ser seus mitos, gente do seu mundo, do seu ambiente de capoeiragem. Seus cordéis valem pelos versos e acima de tudo pelo resgate de nomes importantes dessa manifestação genuinamente brasileira. Nascimento Grande, Manduca da Praia, são exemplos disso. E o Besouro Mangangá. Vai, Lobisomem, registra teus heróis, teus espelhos e referências. Um dia os historiadores talvez precisem disso pra falar do povo da rua, alicerce do Brasil.

Paulo César Pinheiro

Muniz

“Victor Alvim, o Lobisomem das rodas de capoeira, é fera em vários e bons outros sentidos. Verseja como se jogasse, ou seja: bem. Por isto, realiza a proeza de juntar a arte do cordel com a arte brasileira do corpo. Não é o primeiro: o baiano Bule Bule também pôs em rimas a vida de Zumbi. Mas Lobisomem tem estilo próprio e merece leitura continuada. Um toque de Cavalaria pra ele!”

*Muniz Sodré **

* Muniz Sodré é capoeirista, discípulo de Mestre Bimba. Escritor com mais de 30 livros publicados, entre eles “Mestre Bimba – Corpo de Mandinga”. Foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional, é professor doutorado em Letras pela UFRJ. É Obá Aressá no Axé Opô Afonjá, sendo um dos primeiros obas de Mãe Stella de Oxossi.

Visite nosso blog:

Quintal do Lobisomem

www.quintal-do-lobisomem.blogspot.com

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)



ZUMBI & BIMBA

Símbolos da Resistência

Afro Brasileira

LITERATURA DE CORDEL

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

ZUMBI & BIMBA

Símbolos da Resistência Afro Brasileira

A história do Brasil
Que nos livros é contada
Muitas vezes se apresenta
De uma forma equivocada
Omitindo ou distorcendo
De maneira enganada

É claro que não podemos
Nunca generalizar
A minha intenção não é
De querer polemizar
Pois todos têm liberdade
Pra sua versão contar

Por isso em meus cordéis
Procuro sempre escrever
Histórias que muitos homens
Insistem em esconder
Mas que a memória do povo
Jamais irá esquecer

Zumbi dos Palmares foi
Um negro muito guerreiro
Lutou pela liberdade
Do povo afro brasileiro
Este sim, posso dizer
É um herói verdadeiro

Mestre Bimba é outro herói
Da história brasileira
Um negro também guerreiro
Que lutou a vida inteira
Buscando a dignidade
Da arte da capoeira

Zumbi e Bimba viveram
Duas épocas distantes
Mas tiveram em comum
Muitos pontos semelhantes
Vou tentar citar aqui
Alguns dos mais importantes

Os dois eram brasileiros
Eram negros, nordestinos
Descendentes de africanos
E ainda quando meninos
Escolheram seus caminhos
E traçaram seus destinos

Também eram lutadores
Corajosos e valentes
Nasceram pra liderar
Eram muito inteligentes
Lutavam pra seus irmãos
Viverem vidas decentes

Dedicaram sua vida
Defendendo um ideal
O Quilombo de Palmares
E a Capoeira Regional
E hoje são conhecidos
A nível internacional

Simbolizam até hoje
A marca da resistência
De um povo oprimido
E da nossa consciência
Da luta, da ousadia
Coragem e inteligência

Zumbi nasceu no quilombo
Mais famoso que existiu
O Quilombo dos Palmares
O maior desse Brasil
Durante mais de 100 anos
O quilombo resistiu

Palmares se situava
Onde fica hoje em dia
O estado de Pernambuco
Que era capitania
E até as Alagoas
O quilombo se estendia

Mil seiscentos e cinqüenta
E cinco pode ter sido
O ano por volta que
Zumbi deve ter nascido
Mas saber a data certa
Hoje é caso perdido

Há muitas informações
Que no tempo se perderam
E versões desencontradas
Dos fatos que aconteceram
Vou contar rapidamente
Como as coisas ocorreram

Dizem que Zumbi foi neto
De Aqualtune, a princesa
Que era mãe de Ganga Zumba
Seu tio por natureza
Portanto em suas veias
Já corria a nobreza

O nome de sua mãe
Eu nunca ouvi falar
Muito menos de seu pai
Não ousou especular
Informações relevantes
Díficeis de se encontrar

Alguns historiadores
Nos contam uma versão
Que Zumbi fora levado
Durante uma invasão
Quando ainda era bebê
Não sei se é verdade ou não

Segundo essa história
O menino foi levado
Pra vila de Porto Calvo
Por um padre foi criado
Pelo nome de Francisco
Ele foi rebatizado

Antonio Melo era o nome
Do padre que o criou
Para Zumbi ou Francisco
Muita coisa ensinou
Até que aos quinze anos
Pro Quilombo ele voltou

Em outras versões da história
Nada disso aconteceu
Zumbi nasceu em Palmares
E por lá também cresceu
No meio dos quilombolas
Foi que tudo aprendeu

Qual é a história certa?
Não sou eu que vou dizer
Cada um analisando
Os fatos vai escolher
Em quem vai acreditar
Qual versão você vai crer

Em Palmares ele foi
Um homem de confiança
De Ganga Zumba que era
Do quilombo a liderança
E para o negro cativo
Representava esperança

Zumbi não se conformava
Com os negros escravizados
De saber que nos navios
Viajavam amontoados
Em condições desumanas
Viviam acorrentados

Zumbi nunca foi escravo
Mas isso não lhe bastava
Liberdade para todos
Era o que ele almejava
Essa era a razão
Desta vida que levava

Ganga Zumba recebeu
Do governo um chamado
Pra que fosse a Recife
Para fazer um tratado
E um acordo de paz
Assim ficou combinado

Todos que lá em Palmares
Tivessem sido nascidos
Viveriam livremente
Não seriam perseguidos
Mas isso não valeria
Para os escravos fugidos

Quem fosse negro fugido
Voltaria a ser cativo
Zumbi discordou, pois esse
Não era o objetivo
Queria que a escravidão
Cessasse em definitivo

Ganga Zumba ainda tentou
Com Zumbi argumentar
Mas este irredutível
Nem pensou em aceitar
Pelo fim do cativoiro
Continuaria a lutar

Pras terras de Cucaú
Ganga Zumba, o rei partiu
Um grupo de palmarinos
Seu chefe também seguiu
Zumbi ficou em Palmares
E o reinado assumiu

Zumbi o líder maior
Tornou-se a partir de então
Não iria se render
Ao governo da nação
Sua meta era acabar
Com toda a escravidão

Palmares era invadido
Atacado cruelmente
Destruíam os mocambos
E morria muita gente
Mas Zumbi e os palmarinos
Resistiam bravamente

Zumbi vivia em Macaco
O mocambo principal
Que tinha mais segurança
E estrutura geral
Macaco era como fosse
De Palmares, capital

Ficava localizado
No alto de uma serra
Serra da Barriga, o nome
Desta abençoada terra
Mas que pra se defender
Vivia sempre em guerra

Foram tantas as batalhas
Incontáveis invasões
Destruíam muitas casas
Queimavam as plantações
Matavam muitas pessoas
E prendiam aldeões

Acabar com os quilombos
Ninguém nunca conseguia
Tentavam de muitas formas
Mas Palmares só crescia
Com Zumbi na liderança
O quilombo resistia

Algumas autoridades
Pensavam em desistir
Já achavam impossível
Palmares se destruir
Tentavam fazer acordos
Para com Zumbi se unir

Zumbi nunca aceitou
Acordo e nem tratado
Enquanto ainda existisse
Algum negro escravizado
Continuaria lutando
Não iria ser comprado

Não queria a liberdade
Para uma minoria
Somente uma proposta
Rei Zumbi aceitaria:
Que todo negro ganhasse
Sua carta de alforria

Lá de Portugal, o rei
Do outro lado da costa
Tentava negociar
Para Zumbi fez proposta
Ele ignorava ou dava
Sempre "NÃO" como resposta

Todas as autoridades
Buscavam uma maneira
Pra acabar com Palmares
De uma forma certa
E achar a solução
Que fosse a derradeira

Tentavam diversas formas
Várias iniciativas
Mas sempre eram frustradas
Todas suas tentativas
Já estavam se esgotando
Todas as alternativas

Decidiram então pedir
A ajuda de um mercenário
Um bandeirante paulista
Com fama de sanguinário
E Domingos Jorge Velho
Foi chamado pro calvário

Jorge Velho organizou-se
Pra fazer a invasão
Partiu rumo a Palmares
Com sua expedição
Pra acabar com Zumbi
E toda a sua nação

Mas Zumbi mais uma vez
A todos surpreendeu
Armou-lhe uma emboscada
Outra batalha venceu
E Domingos Jorge Velho
Com sua tropa correu

O povo acreditava
Que Zumbi era invencível
E o Quilombo dos Palmares
Parecia imbatível
Mas Domingos Jorge Velho
Não achava isso possível

E depois de alguns meses
Jorge Velho insistiu
Uma tropa gigantesca
A ele se reuniu
E outra vez pra Palmares
O bandeirante partiu

Era um clima de guerra
Que pairava pelos ares
E Domingos Jorge Velho
Foi seguido por milhares
De homens dispostos a
Acabarem com Palmares

Eram centenas de homens
Vindos do Nordeste inteiro
Tinha branco, negro e índio
Brasileiro e estrangeiro
Havia mestiço e também
Tinha até ex-prisioneiro

Foram dias caminhando
Até que enfim chegaram
Em Macaco, a capital
De Palmares encontraram
Uma imensa fortaleza
Quase não acreditaram

E Domingos Jorge Velho
Estava surpreendido
Zumbi e os Palmarinos
Eram um povo muito unido
Uma cerca gigantesca
Também tinham construído

A cerca foi construída
Toda de pedra e madeira
Em volta da grande cerca
Havia uma trincheira
Envolvendo e protegendo
A fortaleza inteira

A cerca era muito grande
Seis quilômetros media
A trincheira era profunda
E, além disso, escondia
Lanças bem pontiagudas
Quem caísse morreria

Apesar de assustado:
Jorge Velho avançou
O exército quilombola
De Zumbi contra atacou
E o ataque a Palmares
Mais uma vez malogrou

Mas alguns dias depois
Novamente avançaram
Na muralha de Palmares
Os soldados encostaram
E lá do alto da cerca
Os negros lhes atacaram

Jogavam água fervendo
Para cima dos soldados
Pedaços de pau em brasa
Também eram arremessados
E até com ganchos de ferro
Os homens eram fisgados

A tropa não conseguia
Atacar nem recuar
Com muita dificuldade
Conseguiram escapar
Dos ataques quilombolas
Que iriam lhes massacrar

Jorge Velho era insistente
E buscava soluções
Mandou buscar mais reforço
Mais armas e munições
Vieram 200 homens
E trouxeram seis canhões

Teve uma nova idéia
Que colocou em ação
Fazer uma contra cerca
Que lhe desse proteção
E durante a madrugada
Fizeram a construção

A contra cerca foi feita
Toda na diagonal
Quando amanheceu estava
Na sua etapa final
Zumbi avistando aquilo
Previu o pior, o mal

Os palmarinos ficaram
Numa tremenda agonia
Buscaram uma saída
Durante todo o dia
Decidiram então fugir
Pelo abismo que havia

Planejaram sua fuga
No meio da madrugada
Fugindo pelo abismo
Sem ninguém perceber nada
Até que em certo momento
A tropa foi alertada

Os militares então
Abrem fogo sem cessar
Mais uma nova batalha
Para Zumbi comandar
A mais sangrenta de todas
Pra história iria entrar

Mulheres caem no abismo
Muitos negros baleados
Crianças morrem chorando
Guerreiros são degolados
Centenas de palmarinos
Morreram assassinados

Um verdadeiro massacre
Desta vez aconteceu
A guerra contra Macaco
Domingo Velho venceu
Mas Zumbi por um milagre
Fugiu e sobreviveu

Lá na Serra Dois Irmãos
Zumbi se refugiou
Não iria desistir
Da missão que começou
Para libertar seu povo
A luta continuou

O quilombo dos Palmares
Queria reconstruir
Novos guerreiros valentes
Começou a reunir
E a esperança dos negros
Voltava a existir

Voltou a se organizar
De forma inteligente
Novos quilombos na mata
Surgiam frequentemente
Iam se fortalecendo
Para crescer novamente

Mas Zumbi foi descoberto
Voltou a ser perseguido
E um de seus companheiros
Foi preso e coagido
A denunciar aonde
Zumbi estava escondido

O negro Antônio Soares
É que foi capturado
Era amigo de Zumbi
Mas quando foi torturado
Não agüentou e assim
Zumbi foi denunciado

Para a Serra Dois Irmãos
Antônio foi conduzindo
A Furtado de Mendonça
Que estava perseguindo
Há muito tempo Zumbi
E agora ia conseguindo

Antônio chega a Zumbi
Desfere-lhe uma facada
E Furtado de Mendonça
Abre fogo na negrada
Zumbi luta bravamente
Mas sua hora é chegada

Mesmo ferido a faca
Zumbi não se entregou
Contra os homens de Mendonça
Ele ainda guerreou
Mas foi cravado de balas
E morto no chão tombou

Zumbi dos Palmares teve
Sua cabeça cortada
Por Furtado de Mendonça
Pra Recife foi levada
E em uma praça pública
Ela foi dependurada

Dia 20 de novembro
Foi o dia em que morreu
O maior guerreiro negro
Que o mundo já conheceu
Assassinaram Zumbi
O ideal sobreviveu

Matarem somente o corpo
Pois a alma é imortal
E também não conseguiram
Derrubar seu ideal
Zumbi dos Palmares hoje
É nosso herói nacional

Há mais de 300 anos
Zumbi vem simbolizando
A luta de todo o povo
Que continua lutando
Quanto mais o tempo passa
Sua fama aumentando

Mil seiscentos e noventa
E cinco Zumbi morreu
Duzentos e cinco anos
Depois que ele faleceu
No mesmo mês de novembro
Mestre Bimba então nasceu

Era 1.900
O dia foi 23
Como eu já disse antes
Novembro era o mês
Que nasceu mais um herói
Que o nosso Brasil fez

Maria Martinha do Bonfim
No ventre lhe carregou
Luiz Candido Machado
Foi o pai de quem herdou
O gosto pelo batuque
Que tanto o ajudou

O seu nome de batismo
Manoel dos Reis Machado
Mas logo assim que nasceu
De "Bimba" ele foi chamado
Como a mãe e a parteira
Já haviam apostado

Engenho Velho de Brotas
Era um bairro popular
Aonde Bimba passou
Sua infância a brincar
Até que aos doze anos
Sua vida ia mudar

Conheceu um homem negro
De origem africana
Seu nome era Bentinho
Sujeito muito bacana
Capitão da Companhia
De Navegação Baiana

Bentinho ensinou a Bimba
O que ele mais queria
Aprender a capoeira
Arte de grande valia
Talvez sem imaginar
Quem Bimba se tornaria

Durante uns 4 anos
Bimba passou aprendendo
As lições de Seu Bentinho
E também ia vivendo
Nos arredores do cais
Muita gente conhecendo

No cais ele convivia
com malandros, carroceiros
Muita gente da pesada
Trapicheiros, carvoeiros
E o pessoal da estiva
Conhecidos por doqueiros

Nesse tempo a capoeira
Era muito perseguida
E por uma lei do código
Penal era proibida
Pelos homens da polícia
Ela era combatida

Bimba ainda muito jovem
Conheceu a repressão
Por ser um capoeirista
Sofria perseguição
Mas ele não concordava
Com aquela situação.

Era um rapaz humilde
Honesto e trabalhador
Tinha pela capoeira
Muito respeito e amor
Decidiu mostrar ao mundo
Todo o seu real valor

Começou a ensinar
O que tinha aprendido
Mas pela polícia ainda
Era muito perseguido
Certas vezes agrediu
Para não ser agredido

A luta continuou
Com muita dificuldade
Buscando pra capoeira
O seu lugar de verdade
Para que a arte tivesse
A sua dignidade

Bimba teve uma idéia
Que foi sensacional
Renovou a capoeira
De uma forma natural
E disse a sociedade:
Essa é a Luta Regional!

Luta Regional Baiana
Era a própria capoeira
Com todos seus fundamentos
E a essência verdadeira
Que Bimba adaptou
De uma nova maneira

Mestre Bimba sempre agiu
Com um sábio pensamento
De trazer renovação
Sem fugir do fundamento
Daquilo que lhe ensinou
O Mestre Nozinho Bento

Da capoeira antiga
Manteve os fundamentos
Do batuque ele trouxe
Vários outros movimentos
Unindo a tradição
Aos seus novos pensamentos

E a Luta Regional
Foi ganhando aceitação
Sem "capoeira" no nome
Não sofreu perseguição
Ganhando até documento
Pra sua liberação

Mestre Bimba recebeu
Licença pra trabalhar
Sua Luta Regional
Já podia ensinar
Sem que nada ou ninguém
Pudesse lhe importunar

Algumas exibições
Começaram a acontecer
Sem que a polícia pudesse
Ao menos se intrometer
Muito menos ter a ordem
Para vir alguém prender

Mestre Bimba foi quebrando
Todas aquelas barreiras
E conquistando o respeito
Pra todos os capoeiras
Mas ele ainda romperia
A muitas outras fronteiras

Bimba já tinha sofrido
A muitas perseguições
Agora era convidado
Pra fazer exibições
E mostrou a sua arte
Ao deputado Simões

Deputado Simões Filho
Também era o fundador
Daquele jornal A TARDE
Famoso em Salvador
E aplaudiu Mestre Bimba
Exaltando lhe o valor

No ano de 32
Mestre Bimba conseguiu
A primeira academia
De capoeira surgiu
A primeira oficial
De todo nosso Brasil

O Brasil vivia um tempo
Político conturbado
Ditadura violenta
Um momento delicado
Mestre Bimba recebeu
A visita de um soldado

Um dos guardas do palácio
Lhe trouxe uma intimação
E Mestre Bimba pensou
Que iria pra prisão
Mas o governo queria
Ver Bimba em exibição

Mestre Bimba apresentou-se
Ao então governador
Do Estado da Bahia
Chamado de interventor
Seu Juracy Magalhães
Um respeitado senhor

E a arte da capoeira
Saiu da ilegalidade
Deixando de ser tratada
Como marginalidade
Conquistando seu espaço
Com muita dignidade

Ensinou a capoeira
Em diferentes lugares
Para gente mais humilde
Dos bairros mais populares
Passando pelos quartéis
E colégios militares

Até para a presidência
Ele fez exibição
Getúlio Vargas que era
Presidente da nação
Elogiou Mestre Bimba
No apertar da sua mão

Foram anos e mais anos
Trabalhando sem parar
Fez viagens, gravou disco
Tudo para divulgar
Colocar a capoeira
No seu devido lugar

Um artista talentoso
Em tudo o que fazia
Tocava o seu berimbau
Com imensa energia
Com sua voz poderosa
Cantava a sabedoria

Fez tanta coisa importante
Que aqui não dá pra citar
Pois se eu começar agora
E escrever sem parar
Chego ao fim deste cordel
Sem conseguir terminar

O tempo passou pra Bimba
E foi chegando a idade
Junto com ela chegou
Tempo de dificuldade
Faltou reconhecimento
Em sua própria cidade

Promessas falsas vieram
De vida nova em Goiás
Bimba deixou a Bahia
Partiu sem olhar pra trás
Em Goiânia ele sofreu
Dificuldades demais

Foi traído e enganado
Por alguém que confiou
Com toda sua família
Até fome ele passou
Chorou de tanta tristeza
Até que desencarnou

E assim como Zumbi
Morreu pela traição
Bimba também faleceu
Por causa da ingratidão
Mas entraram para a história
E não sofreram em vão

Jesus Cristo foi traído
Preso e crucificado
Foi xingado, foi cuspidado
E até apedrejado
Por tentar salvar o mundo
De todo o seu pecado

Zumbi dos Palmares foi
A vida inteira atacado
Foi traído, esfaqueado
Baleado e degolado
Por lutar para que o negro
Não vivesse escravizado

Mestre Bimba também foi
Enganado e traído
Morreu longe da Bahia
Em Goiânia esquecido
Por lutar pro capoeira
Ter seu lugar merecido

Zumbi e Bimba morreram?
Isso eu não acredito
Com certeza estão agora
Em algum lugar bonito
Ao lado de Jesus Cristo
Nas terras do infinito

Mestre Bimba está no céu
Junto com Zumbi Guerreiro
Sorrindo só por saberem
Que acabou o cativoiro
E que hoje a capoeira
Já está no mundo inteiro

Todo ano em novembro
Eles vêm nos visitar
Nos dão força e coragem
Pra viver e pra lutar
Salve Zumbi & Bimba
Que Deus ponha em bom lugar

FIM
NOVEMBRO/2006

Autor:
Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

Este cordel foi publicado
com recursos do projeto:



O AUTOR:

Nascido no Rio de Janeiro em 1973, o autor é capoeirista, aluno de Mestre Camisa e membro da ABADÁ-CAPOEIRA; Poeta Popular membro da ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Compositor e cantador, estreou em gravações no ano de 1999 quando participou da gravação do CD em homenagem ao centenário de Mestre Bimba. Por essa época, passou a participar de muitas outras gravações de músicas de capoeira em CD, como intérprete, compositor, instrumentista e produtor. Em 2006 estreou como ator e músico do musical "Besouro Cordão de Ouro", de Paulo César Pinheiro, com direção musical de Luciana Rabello, vencedor do "Prêmio Shell", na categoria de "Melhor Música" naquele ano. Em 2009 lançou seu primeiro CD solo "Capoeira Popular Brasileira", no qual mesclou instrumentos tradicionais da capoeira ao cavaquinho e ao violão. Em 2007 sua composição "Água pra viver", em parceria com Cebolão, foi tema da encenação "Água de beber", do grupo teatral Intrépida Trupe. Em 2010 participou tocando berimbau em todas as faixas do CD "Capoeira de Besouro", de Paulo César Pinheiro. O disco foi indicado ao "Grammy Latino" e ganhador do "22º Prêmio da Música Brasileira", na categoria "Melhor Álbum Regional".

www.quintal-de-lobisomem.blogspot.com

Contato:

victorlobisomem@yahoo.com.br

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)



MANDUCA DA PRAIA

○ Lendário Capoeira do Rio Antigo



Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)



MANDUCA DA PRAIA

O Lendário Capoeira
do Rio Antigo



PROJETO



2007



LITERATURA DE CORDEL

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, artagineses, saxões e outros, a literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século VI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes "pliegos ueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). O erbeite cordel se refere ao cordão ou barbante em que eram endurecidos os folhetos para a venda.

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais recisamente em Salvador, primeira capital do Brasil. Dali se radiou para os demais estados do Nordeste. Os primeiros livretos impressos no Brasil datam do final do século XIX como "A PELEJA DE MANOEL RIACHÃO COM O DIABO" escrito por Leandro Gomes de Barros.

Bastante difundidos e vendidos nas feiras nordestinas, os livretos de cordel apresentam um gênero literário popular em forma de poesia.

CAPOEIRA E LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel exerce grande fascínio e influência sobre os capoeiristas. Trechos de folhetos famosos como "A Peleja de Riachão com o Diabo", "A Vida de Pedro Cem", "O Valente Vilela", "A Donzela Sedutora" entre outros são cantados desde, pelo menos o início do século passado pelos velhos mestres baianos como Bimba, Pastinha, Traíra, Cobrinha Verde, Waldemar da Paixão e outros.

XILOGRAVURA

A xilogravura é a arte de gravar em relevo na madeira. Depois de gravada a matriz recebe uma camada de tinta que possibilita a impressão sobre papel. São muito usadas para ilustrar as capas dos folhetos de cordel brasileiros.

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

MANDUCA DA PRAIA

O Lendário Capoeira do Rio Antigo

Vamos viajar no tempo
E na história nacional
Quando o Rio de Janeiro
Ainda era a capital
Cidade mais importante
Do Brasil Imperial

Foi bem antes da República
Ter sua proclamação
Nessa época ainda
Existia a escravidão
Voltemos 40 anos
Antes da abolição

Capoeiras valentões
Assombravam o Rio antigo
Organizavam-se em maltas
E ofereciam perigo
Não respeitavam polícia
E nem temiam castigo

As maltas eram temidas
Por suas atrocidades
O povo, os militares
E até as autoridades
Fugiam dos capoeiras
E suas barbaridades

Mas havia um valentão
Que não temia ninguém
Andava sempre sozinho
Sem temer nenhum porém
As maltas o respeitavam
E a polícia também

Todos o cumprimentavam
E isso era intrigante
As maltas mais perigosas
Respeitavam o brigante
O valente andava só
E sempre bem elegante

Ele usava na cabeça
Chapéu branco de castor
Seu cabelo avermelhado
E a barba da mesma cor
Um olhar desconfiado
Sério e desafiador

Nunca deixava de lado
O seu casaco comprido
Cobrindo até os joelhos
Feito de grosso tecido
E no bolso do casaco
O seu punhal escondido

E só saía de casa
Levando sempre a mão
Seu "petrópolis" que era
Um tipo de bengalão
Que virava uma arma
Nas horas de precisão

Trazia o seu relógio
De ouro dependurado
No bolso de sua calça
Feita de linho importado
E uma navalha afiada
No bolso do outro lado

Era forte e também
Tinha grande estatura
Devia medir um metro
E noventa de altura
Mas não era do tamanho
Que vinha sua bravura

Quando passava nas ruas
Seu nome o povo dizia
Sempre na boca pequena
O comentário surgia:
- Lá vem Manduca da Praia
O maior na valentia!

E o alerta era feito
Para os desavisados:
- Manduca na capoeira
É um dos mais afamados!
Deixa seus adversários
Caídos, desconsertados

E o povo todo contava
Histórias a seu respeito
Os contos sobre Manduca
Cada um conta de um jeito
Até aumentando um ponto
Porque ninguém é perfeito

Dizem que ainda menino
Começou sua carreira
Demonstrando a coragem
Durante uma brincadeira
De pular touros bravios
Com saltos de capoeira

Num curro que existia
Em pleno centro do Rio
Lá na Rua do Senado
Esquina com Lavradio
Com touros muito agressivos
Mexia por desafio

E quando o touro vinha
Querendo lhe acertar
Manduca negaceava
Para o bicho enganar
Livrava-se das chifradas
E conseguia escapar

Então o bicho ficava
Ainda mais enraivecido
E novamente mirava
O valente destemido
Que dava um salto mortal
Sobre o touro enfurecido

E em volta do curral
O povo que assistia
A cada salto do jovem
O público aplaudia
Admiravam o rapaz
E a sua valentia

Manduca da Praia tinha
O seu trabalho honrado
Banca que vendia peixes
Lá na Praça do Mercado
Tainha, xaréu, sardinha
E um bom filé de pescado

Era a Cidade Nova
O bairro em que morava
Entre o centro e o Estácio
Que a sua casa ficava
Mas era na Praça Quinze
Que Manduca trabalhava

Fazia da capoeira
Sua outra profissão
Políticos importantes
Contratavam o valentão
Para ser o guarda costas
E fazer sua proteção

Nos dias de eleição
No bairro de São José
Manduca pintava o sete
Armava o maior banzé
E se alguém reclamasse
Saía largando o pé



Kalixto

Os terríveis capoeiras
Do antigo Rio de Janeiro
Pedro Cobra, Quebra Coco
Mamede, Aleixo Açougueiro,
Bem-Te-Vi e outros também
O achavam o mais ligeiro

Não lhe faltava coragem
Agilidade e destreza
Qualidades que Manduca
Trazia por natureza
Manejava a navalha
Com calculismo e frieza

O punhal e a bengala
Ele usava com malícia
A banda e a rasteira
Aplicava com perícia
Se fosse preciso até
Em soldado da polícia

Andava no meio de
Gigolôs e rufiões
Sempre estava metido
Em brigas e confusões
Respondeu a 27
Processos por agressões

Mas de todos se livrou
Devido aos conhecimentos
E influências que tinha
Em todos os segmentos
Por medo ou necessidade
De usar dos seus talentos

A festa de Santa Penha
É uma festa anual
Que acontece em outubro
No bairro de nome igual
Com romaria e batuque
Sempre foi tradicional

Certa vez Manduca estava
Na festa em que citei
Meteu-se em um briga
Por motivo que não sei
Vou contar dessa história
A versão que escutei

A Igreja da Penha fica
No alto de uma pedreira
Embaixo ficam armadas
As tendinhas de madeira
Tem barraca de comida
Bebida e brincadeira

Foi numa dessas barracas
Que a encrenca começou
Um romeiro que passava
Com Manduca encrespou
Mas tomou uma rasteira
No chão ele desabou

O romeiro foi pra cima
Querendo lhe revidar
Largou um soco em Manduca
Que abaixou pra se esquivar
E puxou as duas pernas
Do romeiro para o ar

O homem subiu um metro
Bateu no chão o traseiro
Manduca da Praia riu
Com seu jeito sorrateiro
Chegaram cinco amigos
Pra vingar seu companheiro

Os outros cinco romeiros
Entraram pra dar ajuda
Ao amigo que estava
Com a cara carrancuda
O barulho aumentou
E foi um Deus-Nos-Acuda!

Manduca avistou os 5
E preparou o levante
No primeiro a sua frente
Ele deu um **galopante**
Na orelha do sujeito
Que caiu no mesmo instante

Um outro veio pra cima
Manduca **cambaxirrou**
Deu lhe uma **lamparina**
E outra vez floreou
O homem "**caiu na ébia**"
Com uma banda arriou



Kalixto

Vieram 3 de uma vez
E Manduca disse: - Venha!
Comecem logo a fazer
Promessa pra Santa Penha
Pra ver se vocês escapam
De cair na minha lenha!

(Manduca)

- Eu sou **urubu malandro**
Briga é meu divertimento
É melhor vocês correrem
Pra evitar constrangimento
Eu não gosto de bater
Em homem que não tem tento!

Os romeiros arriscaram
De enfrentar o seu aço
Manduca passarinhou
Figurou, jogou o braço
Ladeou, caranguejou
Derrubou os 3 num passo

Mais romeiros e beatas
De paus vieram armados
Pra comprar o prejuízo
Dos que estavam **tungados**
Manduca com a bengala
Deixou mais 4 estirados

Foi barraca desabando
Romeiro lanhado no chão
Um tropeçando no outro
Pra fugir do valentão
E até os comerciantes
Entrando na confusão

No meio do arranca-rabo
Não se entendia mais nada
Manduca no **jocotó**
Saltou em **passarinhada**
Disfarçou e foi embora
Rindo e dando gargalhada

Já era bem afamado
Em todo Rio de Janeiro
Sua fama ultrapassou
Além do chão brasileiro
E chamou a atenção
De um valentão estrangeiro

Santana e Vasconcelos
Deputado português
Em luta era especialista
Não perdera uma só vez
Falou que Manduca iria
Ser seu próximo freguês

O deputado Santana
Desafiou pra uma luta
Manduca da Praia que
Aceitou logo a labuta
Marcou local, dia e hora
Onde seria a disputa

No dia se encontraram
E deixaram combinado
Que a luta não teria
Juiz, nem tempo marcado
Ganharia quem deixasse
O outro nocauteado

Santana era tão forte
Quanto Manduca ou mais
Puseram-se frente a frente
Os dois homens colossais
E começaram a luta
Ferozes como animais

Tentando agarrar Manduca
Santana avançou primeiro
Com maldade, o português
Deu seu bote traiçoeiro
Manduca **fazendo letras**
Lustrou e escapou ligeiro

Santana partiu de novo
Querendo **agaturrar**
Veio com velocidade
Tentando lhe derrubar
Manduca com muita astúcia
Danou-se a **rabejar**

Manduca enganou Santana
Gingando e **rabeando**
O português **trastejou**
Manduca foi lhe calçando
O pé por detrás do seu
E a rasteira foi puxando

Santana cambaleou
Caindo com a rasteira
Antes de chegar ao chão
Tomou uma **calçadeira**
Um forte **bute** com a perna
Canhota do capoeira

O português levantou
Pensando em reagir
Mas tomou uma **chifrada**
Para outra vez cair
Do nariz desceu melado
Manduca pôs se a sorrir



Kalixto

Com a **caveira no espelho**
Que Manduca lhe aplicou
Santana de Vasconcelos
Caiu no chão, desmaiou
E com essa cabeçada
O combate terminou

Santana de Vasconcelos
O lutador invencível
Agora podia crer
O que achava impossível
Encontrar em seu caminho
Um valente mais terrível

Depois de alguns minutos
Retomou a consciência
Conseguiu abrir os olhos
E com muita paciência
Levantou-se devagar
Ajeitou-se com decência

Manduca da Praia estava
Parado em sua frente
Ofereceu a Santana
Ajuda rapidamente
Auxiliou seu rival
Agindo elegantemente

O deputado Santana
Ainda amarrotado
De tanto que apanhou
Estava meio lesado
Com o olho direito roxo
E o nariz amassado

Mesmo perdendo a luta
Fez questão de apertar
A mão de Manduca e
Também de lhe convidar
Pra beber boa champanhe
E a vitória brindar

Entre os dois valentões
Surgiu grande amizade
Provando que para ser
Um lutador de verdade
Deve-se estar preparado
Pra toda adversidade

Têm tantas outras histórias
Que ainda não contei
Sobre Manduca da Praia
E nem sei se o farei
Pois muitas informações
Por enquanto ainda não sei

E tudo que lhes contei
Desde o verso primeiro
Sobre Manduca da Praia
Do meu Rio de Janeiro
De nada tenho certeza
Nem sei se é verdadeiro

Portanto caro leitor
Uma missão vou lhe dar
Pesquise sobre Manduca
Pra também me ensinar
Descubra outras histórias
Depois venha me contar

Pois a vida é assim
Ninguém nunca sabe tudo
Uma mão lava a outra
Tu me ajuda, eu te ajudo
Pois sei também que não sou
Nenhum "Câmara Cascudo"

Uma coisa é fato e afirmo
Nesta estrofe derradeira
E todos concordarão
Pois a coisa é verdadeira:
Manduca da Praia entrou
Pra história da capoeira.

FIM
Março/2007

Gírias dos capoeiras no Rio Antigo

Cambaxirrar - negacear

Lamparina - bofetada

Cair na ébia - Cair na cilada, no engano

Urubu malandro - experiente, astuto

Figurar - fintar

Ladear - recuar para melhor se defender ou atacar

Caranguejar - o mesmo que ladear

Tungado - ferido

Jocotó - passo maneiroso de capoeiragem

Passarinhada - saltar agachado

Fazer letras - Fazer meneios, gingar

Lustrar - fintar, enganar

Agaturrar - Agarrar, pegar a unha o adversário

Rabear ou rabejar - gingar o corpo acocorado

Trastejar - dar um golpe falso

Calçadeira - golpe com o pé

Bute - chute

Chifrada - cabeçada

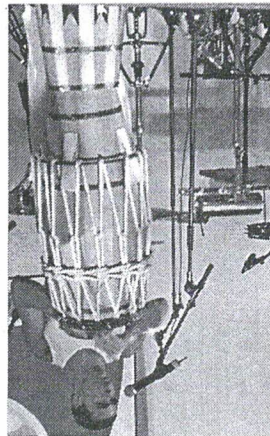
Caveira no espelho - cabeçada na cara



Ilustração:
Kalixto

victorlobisomem@yahoo.com.br

Email:



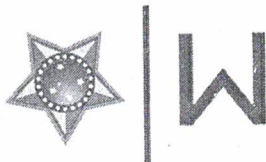
nascido em 1973 no Rio de Janeiro, Victor Alvim Itahim
 arcia iniciou-se na capoeira nas aulas ministradas por Mestre
 amisa no bairro das Laranjeiras, onde recebeu o apelido de
 Lobisomem", sugerido pelo saudoso amigo Pantalone.
 Além de capoeirista, compositor e cantor, vem também
 e dedicando a escrever folhetos de literatura de cordel,
 sempre procurando divulgar e elevar o nome da capoeira e da
 cultura popular brasileira.
 E autor de: "Mestre Camisa - 50 Anos de Lutas e Vitórias",
 Histórias e Bravuras de Besouro - O Valente Capoeira",
 "Zumbi & Bimba - Símbolos da Resistência Afro
 brasileira",
 "A Peleja de Lampião com Besouro Manganga", "O
 encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no Cêu"
 entre outros títulos.

OAUTOR

Este cordel foi publicado com recursos do projeto:

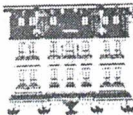


PATROCÍNIO:



MUSEU DA REPÚBLICA

Associação de Apoio ao Museu da República



PETROBRAS





Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira

Rua Visconde de Inhaúma, 39/105 – Centro
CEP: 20.091-007 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel/Fax: (21) 2263-8202 / 2263-8209
www.abadacapoeira.com.br



Academia Brasileira de Literatura de Cordel

Rua Leopoldo Froes, 37 – Santa Tereza
CEP: 20241-330 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel: (21) 2232-4801 – contato@ablcc.com.br
www.ablcc.com.br



PATROCÍNIO:



Associação de Apoio
ao Museu da República



Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

**O DEBATE DE
PADRE
CÍCERO
COM
MESTRE
CAIÇARA
NO CÉU**

PROJETO



LITERATURA DE CORDEL

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões e outros, a literatura de cordel já existia, tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). O verbete cordel se refere ao cordão ou barbante em que eram pendurados os folhetos para a venda.

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador, primeira capital do Brasil. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. Os primeiros livretos impressos no Brasil datam do final do século XIX como "A PELEJA DE RIACHÃO COM O DIABO" escrito por Leandro Gomes de Barros.

Bastante difundidos e vendidos nas feiras nordestinas, os livretos de cordel apresentam um gênero literário popular em forma de poesia.

CAPOEIRA E LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel exerce grande fascínio e influência sobre os capoeiristas. Trechos de folhetos famosos como "A Peleja de Riachão com o Diabo", "A Vida de Pedro Cem", "O Valente Vilela", "A Donzela Teodora" entre outros são cantados desde, pelo menos o início do século passado pelos velhos mestres baianos como Bimba, Pastinha, Traíra, Cobrinha Verde, Waldemar da Paixão e outros.

XILOGRAVURA

A xilogravura é a arte de gravar em relevo na madeira. Depois de gravada a matriz recebe uma camada de tinta que possibilita a impressão sobre papel. São muito usadas para ilustrar as capas dos folhetos de cordel brasileiros.

O DEBATE DE PADRE CÍCERO COM MESTRE CAIÇARA NO CÉU

Desde que era criança
Eu sempre ouvi falar:
Foi Deus quem criou a Terra
Os seres, o céu, o mar
E que Deus também estava
Em todo e qualquer lugar

Eu também ouço falar
De seus santos seguidores
Promessas que o povo faz
Em troca de seus favores
Entre os homens e a Deus
Eles são intercessores

Parece que cada santo
Desempenha uma função
Não sei bem como é isso
Nem entrarei na questão
Para não falar besteira
Nem entrar em confusão

Mas é só sobre um santo
Que eu quero comentar
Pra contar a minha história
Eu preciso lhe citar
E sobre suas funções
Que vive a desempenhar

Esse santo é São Pedro
Digo com todo respeito
Fará parte dessa história
Não existe outro jeito
Espero que não se zangue
E nem fique insatisfeito

Esta história se passa
Na entrada do firmamento
E todos sabem que o céu
É o seu departamento
Pois Deus o designou
Com o seu consentimento

Quando o dia faz sol quente
Ou se está a chover
São Pedro é o responsável
O povo sempre a dizer
Quem morre e vai pro céu
São Pedro vai receber

E é no céu que acontece
Essa história interessante
Que eu ouvi há muitos anos
De um velho retirante
Que trazia a experiência
Estampada no semblante

Vou contar para vocês
O que ele contou pra mim
Sem mudar nem o começo
Nem o meio e nem o fim
Pois tenho boa memória
A história começa assim:

São Pedro estava no céu
Há séculos trabalhando
Coordenando os seus anjos
E quem estava chegando
Cuidava também do tempo
Ia assim se desdobrando

Um dia sentiu vontade
De fazer uma viagem
Tirar férias, descansar
Mas achou que era bobagem
Pensou: - Santo não descansa
Nem vive na malandragem

Mas Deus estava lhe ouvindo
E leu o seu pensamento
E disse: - São Pedro pode
Sem nenhum constrangimento
Tirar férias, pois você
Tem muito merecimento!

São Pedro disse: - Meu Pai
Lhe digo muito obrigado
Estive a pensar melhor
E acho muito arriscado
Pra me substituir
Não há ninguém indicado

Deus então lhe respondeu:
- Eu também já pensei nisso
Não se preocupe meu filho
Chamarei pro compromisso
Cícero Romão Batista
O famoso: Padim Ciço!

São Pedro ficou contente
E começou a sorrir
Pra gozar as suas férias
Já poderia sair
E teria Padre Cícero
Pra lhe substituir

Padre Cícero chegou
Pois recebeu o recado
Pra ir à porta do céu
Deus havia lhe chamado
São Pedro lhe encontrando
Deixou tudo combinado

São Pedro lhe orientou
De como se trabalhar
Ali no portão do céu
Quem poderia entrar
E também os cidadãos
Que deveria barrar

Depois de tudo explicado
São Pedro se despediu
Entregou o seu chaveiro
E tranqüilo ele partiu
Padre Cícero faria
Tudo aquilo que pediu

São Pedro estava saindo
Para 30 dias fora
Padre Cícero pensou:
- Esse tempo não demora
Vou cumprir este trabalho
Sem pressa de ir embora

O céu é muito agitado
Não pára de chegar gente
Todos querendo entrar
Pra viver tranqüilamente
A fila para a entrada
Vive cheia normalmente

Padre Cícero estava
Na entrada do portão
E cada um que chegava
Pedindo autorização
O padre interrogava
Para dar a permissão

Muita gente gaguejava
Durante o interrogatório
Com medo de ser mandado
De volta pro purgatório
Quando isso acontecia
Era um grande vexatório

As pessoas que chegavam
Sem ter nada a temer
De todos os seus pecados
Vieram se arrepender
Foram todos perdoados
Para lá no céu viver

Na fila para a entrada
Padre Cícero avistou
Um homem com um cajado
E um pouco estranhou
Daqui a alguns instantes
A vez do homem chegou

Padre Cícero olhou
O homem com o cajado
Lhe perguntou: - De onde vem ?
A cidade e o estado?
Seu nome e profissão
Também lhe foi perguntado

O homem tinha nas mãos
A bengala de madeira
Na cabeça um chapéu
Tipo boina estrangeira
E vestia uma camisa
Estampada: CAPOEIRA

O homem lhe respondeu:
- Sou Antonio de Moraes
Mas chame de Caiçara
Que assim eu gosto mais
Estou vindo da Bahia
Terra boa por demais!

"Nasci em 8 de maio
24 foi o ano
Com muito orgulho eu sou
Cidadão cachoeirano
Fui ao mundo em Cachoeira
No recôncavo baiano"

"Sou mestre de capoeira
De ofício e profissão
Aprendi com Aberrê
Que me ensinou a lição
Ser capoeirista é
Para nós uma missão!"

O padre ouviu atento
E depois continuou:
- Foi solteiro ou casado?
A quantos filhos gerou?
Quantas vezes por semana
A igreja frequentou?

Caiçara respondeu:
Filhos tive 3 dezenas
Mulheres, perdi a conta
Mas sei que foram centenas
Na igreja eu não era
Acostumado a novenas

- Pois nasci e fui criado
No meio do Candomblé
Em todos os orixás
Sempre tive muita fé
Por isso fui protegido
E carrego muito axé

Padre Cícero Romão
Num caderno anotava
As respostas recebidas
Do que ele perguntava
E com a testa franzida
Atento tudo escutava

Caiçara perguntou:
- E então? Posso entrar?
Eu já respondi tudinho
Que o senhor quis perguntar
Agora quero saber
Se no céu tenho lugar?

Padim Ciço respondeu:
- O seu caso é complicado
Por tudo que me contou
Acho que está enrolado
Pelo jeito o senhor
Vai ficar mesmo barrado

Caiçara bem surpreso
Foi pedindo explicação:
- Por que é que o senhor
Quer me barrar no portão?
Me diga qual o motivo
Dessa discriminação!

Padre Cícero olhando
O caderno respondeu:
- O motivo é a vida
Que lá na Terra viveu
E o excesso de pecados
Que o senhor cometeu

O senhor me confessou
Viver da capoeiragem
E que eu saiba: capoeira
É o mesmo que vadiagem
É coisa de vagabundo
Que vive na malandragem!



12

O senhor tá enganado
Não seja cabeça dura
Pois esse seu pensamento
É ignorância pura
Capoeira é arte, luta
Educação e cultura!



13

(Padre Cícero)

- O senhor me confessou
Viver da capoeiragem
E que eu saiba: capoeira
É o mesmo que vadiagem
É coisa de vagabundo
Que vive na malandragem!

(Caiçara)

- O senhor tá enganado
Não seja cabeça dura
Pois esse seu pensamento
É ignorância pura
Capoeira é arte, luta
Educação e cultura!

(Padre Cícero)

- Capoeira eu sempre soube
Ser coisa de marginal
Inclusive é proibida
Pelo código penal
Desde os tempos do compadre
Deodoro, o marechal

(Caiçara)

- Padre Cícero, o senhor
Pode ter meia razão
Realmente a capoeira
Já sofreu perseguição
Mas há muito tempo já
Recebeu liberação

- Essa sua opinião
Está muito ultrapassada
Desde a década de 30
Ela é legalizada
E hoje no mundo inteiro
Capoeira é praticada

- Por homens e por mulheres
Das mais diversas idades
Nas escolas e quartéis
Clubes, universidades
E até mesmo nas igrejas
De centenas de cidades

- Se o senhor quer saber
Eu vou logo lhe contando:
São Pedro aqui no céu
Também já está gingando
Os mestres Bimba e Pastinha
A ele estão ensinando!

Padre Cícero espantado
Com essas informações
Rabiscou no seu caderno
Algumas anotações
E sobre a capoeira
Tirou novas conclusões

(Padre Cícero)

- Tudo bem, a capoeira
Não é mais impedimento
Pra ninguém ficar barrado
No portão do firmamento
Mas ainda tenho queixas
Sobre o seu comportamento

- E continua difícil
A sua situação
Sua freqüência à igreja
Foi pouca para um cristão
Além disso, ainda por cima
Mudou de religião

- Em vez de ir pra igreja
Você ia pro terreiro
Desculpe a expressão
Mas você foi macumbeiro
Portanto aqui no céu
Não pode entrar mandingueiro

(Caiçara)

- Padre Cícero, cuidado
Nunca fale desse jeito
Pois posso lhe processar
Por crime de preconceito
Discriminação de credo
É um grande desrespeito

- Me responda uma coisa:
Que diferença é que faz
Rezar pros santos da igreja
Ou então pros orixás?
O respeito entre as crenças
Traria muito mais paz

- Tantas guerras acontecem
Por causa das diferenças
Diversas religiões
Desrespeitam outras crenças
Será que isso é motivo
Para tantas desavenças?

- Todos nós fomos criados
E filhos do mesmo Deus
Os católicos, budistas,
Umbandistas ou judeus
Evangélicos, espíritas
E até mesmo os ateus

- Nosso Deus será que aprova
Toda essa intolerância?
Criada pelos humanos
Por vaidade e ganância?
O respeito entre as crenças
É de suma importância!

Padre Cícero coçou
A cabeça e refletiu
Ficou calado pensando
Naquilo tudo que ouviu
Concordou com Caiçara
E a ele se dirigiu:

(Padre Cícero)

- Caiçara você tem
Realmente a razão
Perdoe-me o desrespeito
A sua religião
Com certeza Deus reprovava
Toda discriminação.

- De agora em diante
Não darei essas mancadas
Todas as religiões
Merecem ser respeitadas
Mas você ainda tem
Muitas faltas anotadas

- Caiçara você tem
30 filhos espalhados
Com mulheres diferentes
Que arrumou por vários lados
Devem estar por aí
Sofrendo desamparados

(Caiçara)

- Padre o senhor me perdoe
Mas está muito enganado
Tenho mais de 30 filhos
E estive sempre ao lado
Dando amor e carinho
Conforme fui educado

(Padre)

- Mas você a vida toda
Praticou poligamia
Andou com muitas mulheres
Era uma a cada dia
E até por cabarés
E bordéis você vivia

(Caiçara)

- Padre eu não vou mentir
Muitas mulheres amei
Perdi a conta de quantas
Realmente eu não sei
Mas posso lhe garantir
Que a todas respeitei

- Antes que o senhor pergunte
Mais coisas vou confessar
Também já gostei de jogo
De baralho e bilhar
Gostei muito de beber
Farrear e de brigar

- Me meti em confusões
Tive a vida desregrada
Vou chegando à conclusão
Padim Ciço camarada
Que muita coisa que fiz
Não leva mesmo a nada!

(Padre Cícero)

- Caiçara meu amigo
Quem sou eu pra te julgar?
Também tive meus pecados
Mesmo sem querer pecar
Jesus Cristo ensinou
Que devemos perdoar!

- Outras oportunidades
Você terá, eu espero
Pois falou toda a verdade
Foi honesto e sincero
Por isso lhe admiro
E a sua amizade eu quero

- A sua entrada no céu
Está mais que garantida
Bem vindo a nova morada
Da "vida após a vida"
Tome a benção da Nossa
Senhora de Aparecida

Caiçara agradeceu
E apertou a sua mão
Na linda entrada do céu
Cruzou o grande portão
Despediu-se do amigo
E seguiu sua missão

Foi assim que o debate
Teve um belo final
E ao fim desta história
Não há lição de moral
Deixo apenas um recado
Que acho fundamental:

A você caro leitor
Cumpra bem o seu papel
Valorize a capoeira
E os folhetos de cordel
Para não ficar barrado
Na hora de entrar no céu!

FIM

Abril/2008

O AUTOR

“Lobisomem” é o apelido de Victor Alvim Itahim Garcia nascido no Rio de Janeiro em 21 de dezembro de 1973, filho de Joe Garcia e Nádja Itahim Garcia.

É capoeirista, discípulo de Mestre Camisa e membro da Abadá-Capoeira. Compositor e poeta popular, foi eleito em 2007 para ocupar, na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a cadeira de nº. 27, tendo como patrono o poeta Severino Milanês.

Tem como objetivo maior sempre divulgar e elevar o nome da capoeira, da literatura de cordel e de toda a cultura popular brasileira.

É autor de:

- Mestre Camisa – 50 Anos de Lutas e Vitórias
- Histórias e Bravuras de Besouro – O Valente Capoeira
- Zumbi & Bimba – Símbolos da Resistência Afro Brasileira
- A Peleja de Lampião com Besouro Mangangá
- O Encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no Céu
- Nascimento Grande - Um Gigante da Capoeira Pernambucana
- Manduca da Praia – O Lendário Capoeira do Rio Antigo
- ABC da Capoeira para Crianças
- O Desafio de Jackson do Pandeiro com Mestre Canjiquinha
- Era Uma Vez um Planeta
- A Turma do Lobisomem Contra o Monstro da Destruição
- A Luta do Mestre Gigante contra o Lubizone

entre outros títulos.

Este cordel foi publicado com recursos do projeto:



PATROCÍNIO:



MUSEU DA REPÚBLICA



Associação de Apoio
ao Museu da República



PETROBRAS



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

*Victor Alvim Itahim Garcia
(Labisemem)*

ABC DA CAPOEIRA PARA CRIANÇAS



LITERATURA DE CORDEL

PANA O
GRANDE
PROFESSOR
PAULO
QUE MUITO BEM LIDA
COM AS LETRAS E
A CAPOEIRA,
ABRACAO

veja o BISOMET
29
2021

LITERATURA DE CORDEL

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões e outros, a literatura de cordel já existia, tendo chegado a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). O verbete cordel se refere ao cordão ou barbante em que eram pendurados os folhetos para a venda.

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador, primeira capital do Brasil. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. Os primeiros livretos impressos no Brasil datam do final do século XIX como "A PELEJA DE MANOEL RIACHÃO COM O DIABO" escrito por Leandro Gomes de Barros.

Bastante difundidos e vendidos nas feiras nordestinas, os livretos de cordel apresentam um gênero literário popular em forma de poesia.

CAPOEIRA E LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel exerce grande fascínio e influência sobre os capoeiristas. Trechos de folhetos famosos como "A Peleja de Riachão com o Diabo", "A Vida de Pedro Cem", "O Valente Vilela", "A Donzela Teodora" entre outros são cantados desde, pelo menos o início do século passado pelos velhos mestres baianos como Bimba, Pastinha, Traíra, Cobrinha Verde, Waldemar da Paixão e outros.

XILOGRAVURA

A xilogravura é a arte de gravar em relevo na madeira. Depois de gravada a matriz recebe uma camada de tinta que possibilita a impressão sobre papel. São muito usadas para ilustrar as capas dos folhetos de cordel brasileiros.

ABC DA CAPOEIRA PARA CRIANÇAS

A **LEGRIA** é a palavra
Perfeita e mais indicada
Pra começo de conversa
No ABC da criançada
Pra roda de capoeira
Ficar sempre animada

armada

atabaque

Abadá

aú

Angola

agogô

B **RINCADEIRA** é o jeito
mais gostoso de aprender
brincando a gente aprende
Às vezes sem perceber
Na capoeira se brinca
E se aumenta o saber

berimbau benção
baqueta bananeira
Benguela
Bimba Besouro

C **ORPO** se movimentando
Na roda saudavelmente
Cabeça sempre pensando
De maneira inteligente
Capoeira é harmonia
Perfeita entre corpo e mente

camarada cabaça
caxixi cabeçada
cultura
cocorinha
corta capim
cobra

DANÇA que parece luta
Luta que parece dança
Capoeira é brincadeira
Pra adulto e pra criança
É cultura brasileira
É vida, é esperança

dobrão dendê

discípulo

EDUCAÇÃO é direito
Para todo cidadão
Pra criança e pro adulto
Terem boa formação
Capoeira é ferramenta
Perfeita pra educação

escola

esquiva

escravidão

F **LOREIOS** são movimentos

Pra enfeitar a capoeira
Aú, pião de cabeça,
Pião de mão, bananeira,
Macaquinho, beija-flor
Que bonita brincadeira

finta feijoada

folclore

G **INGA** é um movimento

Bonito e fundamental
Para o capoeirista
A ginga é essencial
Vamos gingar garotada
De forma bem natural

golpe gato
gancho
gunga guaiamum
graduação

HARMONIA é equilíbrio
Mas também quer dizer paz
Vários significados
Essa palavra nos traz
Harmonia é coisa boa
Isso é o que importa mais

homem

Humaitá

humano

INTELIGÊNCIA é preciso
Pra todo capoeirista
Para ser um bom atleta
E também um bom artista
Quem usa a inteligência
Na vida tudo conquista

Idalina iaiá
improvisar

lúna

instrutor

ioiô

JOGO é aquele momento
Que a gente vai praticar
O que aprendeu nas aulas
Quando na roda entrar
Apertar a mão do amigo
E começar a jogar

joelho **jongo**

João Juazeiro

Jacobina jeito

.....
jacaré

KAMANGÚLA e Bassúla
São lutas dos angolanos
N'Golo é dança da zebra
Nos rituais africanos
Da origem da capoeira
Há muitos e muitos anos

L **LIÇÃO** é o que nos ensinam

Os mestres e professores
Eles são nossos amigos
Grandes incentivadores
Os mestres Bimba e Pastinha
Foram dois grandes valores

ladainha luta

Lapinha lampião

Luanda ladeira

liberdade

M **MÚSICA** anima a roda

Berimbau toca primeiro
O atabaque acompanha
Com agogô e pandeiro
Cantoria bem bonita
Contagia o povo inteiro

martelo maculelê
médio

moleque mulhe

mortal macaco

menino mestre
mangangá marimbondo

NATUREZA e capoeira

São amigas com certeza
Tanto uma como a outra
Possuem rara beleza
Todo bom capoeirista
Preserva a natureza

negativa

negro

navegar

Nigéria

OLHAR de capoeirista

É um olhar bem atento
Que acompanha com os olhos
Qualquer acontecimento
O olhar na capoeira
Faz parte do fundamento

orquestra

observar

P

ANDEIRO é um instrumento
que acompanha o berimbau
Responda o coro cantando
Pra levantar o astral
Batendo palmas também
Pra roda ficar legal

pião Palmares

pisão pulo

pernada

Pernambuco

Paraná

Q

UEIXADA é um dos golpes
Que eu aprendo e que faço
Tem meia lua de frente
Meia lua de compasso
A armada é girando
O corpo depois de um passo

quadra

quilombo

queda

quilombola

R **ESPEITO** a gente aprende

Que nunca pode faltar
Em casa, na capoeira
Na escola, em todo lugar
Respeitamos todo mundo
Pro mundo nos respeitar

rolê

reco-reco

rasteira

roda regional

S **ÁUDE** e capoeira

De mãos dadas vão andando
Quem pratica capoeira
Da saúde está cuidando
Da cabeça e do corpo
Sempre nos exercitando

samba siri

Salvador

salto

sequência

Senegal

T **ALENTO** na criançada
Nunca deixa de existir
Capoeira sempre ajuda
A gente a descobrir
Talentos desconhecidos
Que começam a surgir

tico-tico

tesoura

tambor

U **RUCUNGO** também é
O instrumento musical
Que comanda a nossa roda
Como manda o ritual
É um jeito africano
De chamar o berimbau

urucum

Uganda

V **IOLA** é o berimbau
Que tem o som mais agudo
O médio fica no meio
E o gunga comanda tudo
Com baqueta e o dobrão
E um caxixi bem bojudo

verga verdade

valorizar

vatapá

W **ALDEMAR** da Liberdade
Passou a vida cantando
Fazia seus berimbaus
E depois ia pintando
Este mestre e cantador
A todos ia alegrando



XIQUE xique é o som
É assim que o caxixi faz
Um chocalhinho trançado
Que muitas sementes traz
Construa seu caxixi
Pois eu sei que é capaz

xequerê

xilogravura

YPIRANGA é um clube
De futebol da Bahia
Pelo qual Mestre Pastinha
Tinha apreço e torcia
E escolheu suas cores
Para a sua academia

ZUM-ZUM-ZUM é o barulho

Que o Besourinho fazia
Um grande capoeirista
Que viveu lá na Bahia
Se transformava em inseto
Voava e depois sumia

Zumbi

zabumba

zebra

GLOSSÁRIO

GOGÔ - Instrumento musical feito de metal ou madeira com cascas de castanha do Pará

ARMADA - Golpe de capoeira

BAQUETA - Espécie de vareta de madeira utilizada para percutir o arame do berimbau

MASSÚLA - Luta praticada por pescadores em Angola.

BESOURO - Apelido de Manoel Henrique Pereira, capoeirista que viveu em Santo Amaro da Purificação - Bahia. Diz a lenda que ele se transformava num besouro para escapar de emboscadas e que seus golpes eram como errodas de mangangá.

BIMBA - Apelido de Manoel dos Reis Machado, mestre de capoeira criador da Capoeira Regional ou Luta Regional Baiana e, que foi um dos principais responsáveis pela liberação da capoeira que, havia sido proibida em 1890 pelo código penal.

CAXIXI - Instrumento musical, espécie de chocalho, pequeno cesto de palha trançada, fechada por uma rodela de cabaça com sementes no seu interior. É usado principalmente como acompanhamento do berimbau.

DOBRÃO - Pedra ou moeda de metal utilizada para tocar o berimbau.

FLOREIOS - Movimentos acrobáticos que tem a finalidade de deixar o jogo de capoeira mais bonito ou distrair seu oponente.

GINGA - Movimentação básica do jogo da capoeira.

GUNGA - Berimbau com a cabaça maior e som mais grave. É ele que rege a roda de capoeira.

KAMANGULA - Luta africana, que consiste em aplicar somente golpes de braço e mãos.

MÉDIO - Berimbau com a cabaça e som intermediário entre o gunga e o viola.

MEIA LUA - Golpe de capoeira. Existem a meia lua de frente e a meia lua de compasso.

N'GOLO - Luta africana também chamada de dança das zebras. Alguns pesquisadores afirmam que ela é uma das lutas que originou a capoeira.

PASTINHA - Vicente Ferreira Pastinha, mestre que é uma das maiores referências na capoeira. Foi o maior representante da Capoeira Angola.

QUEIXADA - Golpe de capoeira

URUCUNGO - Um dos nomes utilizados em regiões da África para designar o berimbau.

VIOLA - Berimbau com a cabaça menor e o som mais agudo.

WALDEMAR - Waldemar Rodrigues da Paixão, um dos mestres de capoeira mais conhecidos e respeitados. Considerado um dos maiores cantadores e tocadores de berimbau.

YPIRANGA - Esporte Clube Ypiranga, tradicional clube de futebol da Bahia. Suas cores são o amarelo e o preto, motivo que levou o mestre Pastinha a escolher estas mesmas cores para os uniformes de sua academia de capoeira.

O AUTOR

Victor Alvim, conhecido também como "Lobisomen"
é capoeirista discípulo de Mestre Camisa e membro
da ABADÁ CAPOEIRA;
Poeta popular membro da Academia Brasileira
de Literatura de Cordel onde ocupa
a cadeira 27;
Compositor e cantador tem dois
cds gravados:
"Capoeira Popular Brasileira"
e "Tem Capoeira no Samba".



Contatos:
victorlobisomen@yahoo.com.br
(21) 99883-8945

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)



NASCIMENTO GRANDE
Um Gigante da Capoeira Pernambucana

Victor Alvim Itahim Garcia
(Lobisomem)

NASCIMENTO GRANDE

Um Gigante da
Capoeira Pernambucana

Há pessoas que já nascem
Com dom de fazer história
Muitos cidadãos comuns
Marcam a nossa memória
Vivendo sem pretensões
Criam reinados de glória

E um desses cidadãos
Que nasceu pra virar mito
Na história pernambucana
Deixou seu nome escrito
Nasceu, viveu e partiu
Para as terras do infinito

O seu nome era José
Antônio do Nascimento
O destino lhe fez "Grande"
No tamanho e no talento
Além de bom capoeira
Era alto e corpulento

No século dezenove
Em Recife ele viveu
Mil oitocentos e pouco
A época que nasceu
Mas pra sempre na história
Seu nome ele escreveu

Como "Nascimento Grande"
Ele ficou conhecido
Por todo o Recife antigo
Respeitado e temido
Por chefões e por políticos
Ele era protegido

Era alto e muito forte
Moreno e sempre usava
Bigode preto e longo
Que o seu rosto enfeitava
Mais de 130 quilos
O Nascimento pesava

Na cabeça tinha sempre
Um chapelão desabado
No braço ele carregava
O seu casaco dobrado
E também sua bengala
Nunca deixava de lado

A bengala que usava
Era grande e pesada
Com tamanha agilidade
Ela era manejada
Nascimento lhe deu nome:
De "Volta" era chamada

Sobre a companheira "Volta"
Ele sempre avisava:
Se fosse uma bengalada
Um homem ela derrubava
Com duas desacordava
E com três até matava!

Nascimento Grande era
Quase uma fortaleza
Mas era cortês e sempre
Vivia na gentileza
Só entrava em confusão
Por legítima defesa

E todos confirmam que
Era muito educado
Mas por muitos valentões
Sempre foi desafiado
E ninguém o segurava
Quando estava zangado

Trabalhava na estiva
Vivia na honestidade
Carregava grandes cargas
Com muita facilidade
Era conhecido em todas
As regiões da cidade

Meteu-se em várias brigas
Umhas bobas, desprezíveis
Outras muito perigosas
Sanguinolentas, terríveis
Contadas de pai pra filho
Tornaram-se inesquecíveis

Os valentões do Recife
Viviam a procurar
Sempre um bom capoeira
Pra poder desafiar
E assim a sua fama
Em cima dele aumentar

Nascimento Grande era
O maior dos capoeiras
E os brabos do Recife
Buscavam várias maneiras
Pra que ele se irritasse
E perdesse as estribeiras

Pois o que eles queriam
Era vencer Nascimento
Uma coisa impossível
De total descabimento
Tentaram dezenas deles
Nenhum teve esse talento

No princípio arriscavam
Brigar só na capoeira
Nascimento Grande vinha
De cabeçada e rasteira
Deixou todos esticados
No chão feito uma esteira

E com o tempo chegaram
A uma mesma conclusão:
Vencer Nascimento Grande
Não dá pra ser só na mão
O homem é um gigante
Vai ser sempre campeão

Viram que o único jeito
Era enfrentá-lo armado
Foi aí que um tal "Pajéu"
Um marginal descarado
Bolou um plano macabro
Pra ficar mais afamado

Nascimento Grande vinha
Andando pela estrada
No bairro de São José
Numa noite enluarada
E o facínora escondido
Pra lhe armar uma emboscada

Pajéu era um covarde
Metido a valentão
Explorava as mulheres
Era dado a cafetão
Além de explorar, batia
E ainda era ladrão

E o Nascimento Grande
Justamente defendia
Tratava bem as meninas
E a todos repetia:
- Quem maltratar uma delas
Comigo quer arrelia!

Pajéu já sabia disso
Porém era atrevido
Agredia as meretrizes
E achava divertido
Já havia apanhado
Mas não tinha aprendido

Bateu em outra mulher
Mesmo pra desafiar
Pois de Nascimento Grande
Pretendia se vingar
E esperou escondido
O capoeira passar

Nascimento Grande vinha
Ao gigolô procurava
Quando dobrou a esquina
Pajéu já lhe esperava
Com uma faca na mão
O canalha o aguardava

Nascimento Grande atento
O perigo pressentiu
Pajéu atacou por trás
Nascimento escapuliu
A faca passou raspando
Por pouco não lhe feriu

Se esquivou da facada
Virou-se rapidamente
Reconheceu o Pajéu
E ficaram frente a frente
Nascimento deu um bote
Veloz como uma serpente

Em menos de dois segundos
Nascimento o desarmou
Jogou sua faca longe
Pajéu não acreditou
Arregalou os dois olhos
E correr ainda tentou

Mas Nascimento o pegou
Pela nuca apertando
Com uma das mãos somente
Puxou e foi levantando
Pajéu sem os pés no chão
Ia se desesperando

Nascimento Grande disse:
- Tu queria me matar
Agora pelos seus atos
Você vai ter que pagar
Vou lhe dar uma lição
Pra nunca mais se engraçar!

Nascimento Grande deu
Uma surra no sujeito
O homem gritava: - Chega
Vai me matar desse jeito!
Mas Nascimento ainda
Não estava satisfeito

Depois da coça ainda
Quis lhe desmoralizar
Pro canalha do Pajéu
Aprender a respeitar
As mulheres do local
Nunca mais as maltratar

Juntou gente para ver
Pajéu tomando lição
Todos estavam gostando
Daquela agitação
Ia chegando mais gente
Fazendo aglomeração

Pajéu estava caído
Nascimento ordenou:
“- Levanta seu cabra frouxo
Que a sova já terminou
Já cansei de lhe bater.”
Pajéu então levantou

Todo lanhado saiu
Andando pra ir embora
Mas Nascimento falou:
- Ainda não está na hora
A surra já terminou
Mas vamos brincar agora!

Pedi a uma mulher
Uma roupa emprestada
Da janela ela jogou
Uma blusa avermelhada
Um sutiã cor de rosa
E uma saia rendada

Nascimento ordenou:
- Pajéu pode se vestir!
E a mulherada em volta
Desandou toda a rir
E ao Nascimento Grande
Começaram a aplaudir

Foi vestido de mulher
Que o Pajéu saiu andando
Nascimento ainda gritou:
- Quero que vá rebolando!
E o povo de São José
Só ficava gargalhando

Muitos outros valentões
Do Recife e redondezas
Contra Nascimento Grande
Planejavam malvadezas
Pois invejavam o valente
Com todas suas proezas

Os valentes e brigões
Já estavam convencidos
Que se lutassem sozinhos
Sempre estariam perdidos
Planejaram um ataque
Sete deles reunidos

Sete cabras arrogantes
De ideais audaciosos
Perversos, muito covardes
Maus e inescrupulosos
Procuraram Nascimento
Os bandidos perigosos

Nascimento Grande estava
Caminhando distraído
Mas capoeira dos bons
Nunca está desprevenido
Capoeira distraído
Continua precavido

Quando então percebeu
Que iria ser atacado
Gingou e negaceou
Mas logo estava cercado
Os bandidos recuaram
Com medo do seu gingado

Estavam os 7 armados
Com navalhas e facões
Estavam enfurecidos
Fora de suas razões
Pareciam possuídos
Por monstros, assombrações

Logo um desses bandidos
Largou uma navalhada
Nascimento defendeu
Abrindo a mão espalmada
O sangue então desceu
Da sua mão machucada

E logo em seguida foi
Atacado novamente
Um outro armado de faca
Veio impiedosamente
Mirando sua garganta
Num golpe surpreendente

Nascimento deu um pulo
Pro lado e se esquivou
A gola de seu casaco
A faca ainda rasgou
Foi por pouco desta vez
Que Nascimento escapou

Um dos marginais puxou
Um revólver da cintura
Nascimento Grande viu
Que a parada estava dura
Largou uma bengalada
Pra cima da criatura

Nascimento arriscou
Num movimento perfeito
Acertou com a bengala
Bem no seu punho direito
Que o revólver caiu
Da mão daquele sujeito

O seu golpe impecável
Foi a sua salvação
Mas ainda estava longe
De acabar a confusão
Por trás veio outro canalha
Para meter lhe o facão

O capoeira virou-se
E lhe deu uma ponteira
Emendou e acertou
A bengala na moleira
O homem ficou caído
Estendido na poeira

O Nascimento saiu
Largando as bengaladas
Ninguém chegava mais perto
Com receio das porradas
Nascimento derrubou
Mais dois com suas pancadas

O revólver que havia
Caído antes no chão
Foi pego pelo bandido
Que puxou pra trás o cão
Atirou no Nascimento
Mas só pegou de raspão

Nascimento foi pra cima
Arriscou no tudo ou nada
Pegou no braço do homem
E na mão que estava armada
E no rosto do safado
Deu-lhe uma cabeçada

O homem caiu no chão
Sangrando e desacordado
Tomou a arma da mão
Do bandido desmaiado
Mas um outro mal feitor
De pistola estava armado

Sacou a sua pistola
Pra Nascimento apontou
O indivíduo nervoso
O primeiro tiro errou
Num instinto, Nascimento
Grande também atirou

O homem estava em pé
Segurando a pistola
Nascimento acertou
Um tiro em sua cachola
Não teve nenhuma chance
Estraçalhou toda a bola

Nascimento por instinto
Matou para não morrer
Não estava acreditando
No que acabou de fazer
Nunca quis matar ninguém
Só queria era viver

Enquanto isso os outros
Seis malandros assombrados
Corriam mais que um trem
Fugiram apavorados
Vendo um homem derrotar
Sete bandidos armados

O povo que estava em volta
Muito assustado ficou
Com toda aquela batalha
Brutal que ali se passou
Tinham mulheres gritando
E uma até desmaiou

A briga foi violenta
Com sangue, tiro e facadas
Deixou os homens com medo
Mulheres apavoradas
E as crianças chorando
Totalmente assustadas

Quando a briga terminou
O povo chegou mais perto
Vendo o corpo do defunto
Caído, ainda descoberto
Falaram pra Nascimento:
- Tu mataste o cara certo!

Nascimento respondeu:
- Nunca é certo matar
Pois se Deus nos dá a vida
Só Ele pode tirar
A Tábua dos Mandamentos
Está aí pra comprovar

Um outro caboclo disse:
- Ele era um delinqüente
Já foi tarde e sua morte
É um alívio pra gente
Não vale nada e merece
Um enterro de indigente

Nascimento Grande ouviu
E depois lhe respondeu:
- O morto é filho de Deus
Assim como tu e eu
Se ele foi bandido ou não
O problema não é meu!

(Nascimento Grande)
- Portanto caros senhores
Vamos providenciar
Velas brancas pra acender
E o defunto iluminar
Mandem chamar o vigário
Pra sua alma encomendar

(Nascimento Grande)
- Quero que este homem tenha
As honras de um cristão
Arrecadem um dinheiro
Pra comprar um bom caixão
E vamos todos rezar
Em volta do cidadão!

Nascimento ajoelhou
E começou a orar
Pela alma do sujeito
Que iria lhe assassinar
Mas que ele por defesa
Acabara de matar

Com a sua atitude
Todos se admiraram
A ordem de Nascimento
Nem ao menos questionaram
E ali ao lado dele
Ajoelhados rezaram

Em um outro zum zum zum
Que certa vez se meteu
A polícia de Recife
Atrás de Grande correu
Mas não arrumaram nada
Pois ele se escondeu

Voltaram para o distrito
Sem prenderem o sujeito
O delegado ordenou:
- Procurem de qualquer jeito
Enquanto não o prender
Não me dou por satisfeito!

Porém tragam ele vivo
Cuidado pra não matarem
Vão lá e prendam o Grande
Sem um tiro dispararem
Mas atenção com o homem
Pra vocês não apanharem

E a diligência saiu
Para o Porto de Recife
Um polícia comentou:
- Hoje eu prendo esse patife
Vou lhe mostrar que eu sou
Um guarda que tem cacife!

Quando Nascimento ia
Largando do seu batente
Saindo do seu trabalho
Após o expediente
A viatura freou
E parou na sua frente

Lhe deram voz de prisão
Primeira e segunda vez
Nascimento nem olhou
E o policial refez
A ordem gritando assim:
- Você vai para o xadrez!

Nascimento disfarçou
E disparou a correr
Sabia que o delegado
Queria era lhe prender
E no alto de uma casa
Conseguiu se esconder

Mas os policiais viram
Onde ele tinha subido
Em cima de um telhado
O avistaram escondido
E gritaram: - Se entregue
Pois senão está perdido!

Lá do alto do telhado
De cinco metros de altura
Nascimento se jogou
No teto da viatura
Provando a sua audácia
Neste ato de bravura

E baixou a bengalada
Nos quatro policiais
Que ficaram abismados
E correram por demais
E com Nascimento Grande
Não se meteram jamais

Mas a luta mais difícil
De toda a sua vida
Foi com João - Sabe-Tudo
Batalha muito aguerrida
Agora lhes contarei
Sobre a luta acontecida

João - Sabe - Tudo era
Seu maior adversário
Um brigador dos melhores
Ligeiro e temerário
Não tinha medo de nada
Era um cabra sanguinário

Havia bastante tempo
Que os dois não se encontravam
Mas num dia de domingo
Os valentes passeavam
Sem jamais imaginar
Que tão perto eles estavam

Mas o destino dos dois
Foi o grande responsável
De armar nesta manhã
Este encontrou implacável
E então aconteceu
O que era inevitável

Toda Recife sabia
Que quando se encontrassem
Seria coisa impossível
Que os valentes não brigassem
Por isso é que há anos
Talvez eles se evitassem

Mas este dia chegou
E foi o que ocorreu
Nascimento Grande vinha
Sabe Tudo apareceu
Não houve uma só palavra
E a briga aconteceu

Quando João Sabe Tudo
Avistou o capoeira
Tomou um susto e na hora
Puxou a sua peixeira
Nascimento Grande tinha
Na mão sua companheira

Nascimento como sempre
Com sua "Volta" na mão
Companheira inseparável
Das horas de precisão
A legendária bengala
Levantou o valentão

Sabe Tudo parecia
Que estava com a "macaca"
Mirou Nascimento Grande
E na mesma hora ataca
Desferiu com rapidez
Um golpe com sua faca

Nascimento deu um pulo
Pro lado e se esquivou
A lâmina afiada
Da faca ainda passou
Raspando em sua barriga
E quase que lhe furou

Mas ele era vacinado
Contra toda malvadeza
Assim que a faca passou
Com a mesma ligeireza
Rodou a bengala "Volta"
Com sua imensa destreza

Meteu a sua bengala
Pela altura da canela
Nas pernas do Sabe Tudo
Que saltou feito gazela
Por cima da bengalada
Conseguiu livrar-se dela

Quando João Sabe Tudo
Voltou com os pés no chão
Nascimento lhe acertou
No peito um forte pisão
Carimbou com seu sapato
O paletó de João

A pisada jogou longe
Uns quatro metros distante
O Sabe Tudo pra trás
Tropeçou cambaleante
Mas não chegou a cair
E avançou no mesmo instante

O João em seu semblante
Demonstrava-se irado
Tinha ódio nos seus olhos
E o rosto avermelhado
Pulou sobre Nascimento
Com o seu ferro afiado

Nascimento conseguiu
Imobilizar-lhe a mão
Que segurava a faca
Mas não impediu João
Com a mão esquerda livre
De acertar-lhe um bofetão

No queixo de Nascimento
João acertou em cheio
Um soco de mão fechada
Que fez um estrago feio
Mas ele nem sentiu nada
Nessa hora de aperreio

Sabe-Tudo aproveitou
E conseguiu se soltar
Do punho de Nascimento
Que estava a lhe segurar
Recuou, tomou distância
Pra novamente atacar

Investiu a sua faca
Pra cima de Nascimento
Que entortou negaceando
Pulando a todo o momento
Utilizando a bengala
Com perícia e talento

Com ajuda da bengala
Estava se defendendo
Das facadas que João
Sabe Tudo ia metendo
E largava as bengaladas
Do jeito que ia podendo

A briga estava quente
Cada vez mais inflamava
Juntou gente para ver
E o povo se admirava
Conforme o deslocamento
O povo acompanhava

Os dois já estavam longe
De onde a briga iniciou
A mais de 500 metros
Do local que começou
Avançavam ainda mais
E o tempo também passou

Havia mais de uma hora
Que a luta acontecia
Uma multidão em volta
Vibrava e aplaudia
Cada vez que na rasteira
Um dos valentões caía

As facadas de João
Iam zunindo no ar
Saíam até faíscas
Quando vinham a acertar
Um anel de Nascimento
Em seu dedo anular

As bengaladas também
Riscavam o ar zunindo
Cada vez mais violenta
A batalha ia seguindo
E a cada grande lance
O povo ia aplaudindo

Um combate de gigantes
Violento e perigoso
O povo apreciava
O duelo belicoso
Como fosse um espetáculo
De porte bem grandioso

Os homens continuavam
Na peleja colossal
Prosseguiam pelas ruas
Num impulso animal
Até que foram descendo
Pela Rua Imperial

Sinal algum de cansaço
Chegavam a demonstrar
Já faziam duas horas
Que estavam a brigar
Parecia que a luta
Nunca iria terminar

Na Praça Sérgio Loreto
O João se distraiu
Nascimento acertou
Sua faca que caiu
Mas a bengala também
De sua mão escapuliu

A faca e a bengala
Ficaram no chão largadas
Os valentes nem ligaram
Prosseguiram nas pancadas
As suas armas ficaram
Para trás abandonadas

Da Matriz de São José
Estavam se aproximando
Chegaram em frente a igreja
Continuaram brigando
Pelo portão da matriz
Acabaram adentrando

E atrás também entrou
Toda aquela multidão
Que ia seguindo a briga
Na maior agitação
E lotaram a igreja
Aumentando a confusão

Com todo aquele barulho
O padre veio correndo
De dentro da sacristia
E chegou logo querendo
Descobrir rapidamente
O que estava acontecendo

Avistou os valentões
Logo em frente ao altar
Ali se degladiando
Os dois quase a se matar
E a multidão barulhenta
Não parava de berrar

O vigário da matriz
Ficou muito indignado
Com aquele sacrilégio
Que estava sendo operado
Brigar na casa de Deus
Um gravíssimo pecado

No meio da multidão
O padre foi empurrando
As pessoas para o lado
E acabou se aproximando
De João e Nascimento
Que ainda estavam brigando

Suando excessivamente
E com o rosto enrubescido
O padre observava
Com olhar embravecido
De repente o seu brado
Por todos foi bem ouvido:

- Parem com essa baderna
Aqui é casa sagrada
Aonde Nosso Senhor
Na Terra faz a morada!!!
Será que enlouqueceram
E não respeitam mais nada???

Naquele exato momento
O silêncio então se fez
Nem uma mosca se ouvia
E João por sua vez
Largou Nascimento Grande
Que na hora se refez

Os dois valentes ficaram
Olhando paralisados
Não tinham o que dizer
Ficaram os dois calados
Abaixaram as cabeças
Totalmente envergonhados

E o padre continuou
Dirigindo se aos dois:
- Vocês trocaram chifradas
Como se fossem dois bois
Lá fora e não satisfeitos
Entraram aqui depois!

- Façam-me logo um favor
Ponham-se daqui pra fora
A missa vai começar
Já está na minha hora
Apertem as suas mãos
Depois podem ir embora!

Nascimento e João
Depois de tanto brigarem
Até em alguns momentos
De quase que se matarem
Teriam sem reclamar
Que as suas mãos apertarem

Jamais Nascimento Grande
Iria desrespeitar
A uma ordem do vigário
Isso nunca, nem pensar
E nem João-Sabe-Tudo
Não iria nem ousar

Então os dois brigadores
Os ânimos acalmaram
Exaustos e ofegantes
Os dois se entreolharam
E obedecendo ao padre
As suas mãos apertaram

E foi mais uma batalha
Que ele sobreviveu
Até o fim de sua vida
Derrota não conheceu
Em luta de capoeira
Ninguém nunca o venceu

Chegou a sua velhice
Satisfeito com a vida
Com mais de 90 anos
Morreu de "morte morrida"
Mas a sua trajetória
Jamais será esquecida

Seu nome até hoje brilha
Nas rodas feito brilhante
Orgulho que Pernambuco
Guarda como um diamante
Na história da capoeira
Nascimento é um gigante.

FIM Maio/2007



O AUTOR:

Nascido no Rio de Janeiro em 1973, o autor é capoeirista, aluno de Mestre Camisa e membro da ABADÁ-CAPOEIRA; Poeta Popular membro da ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. Compositor e cantador, estreou em gravações no ano de 1999 quando participou da gravação do CD em homenagem ao centenário de Mestre Bimba. Por essa época, passou a participar de muitas outras gravações de músicas de capoeira em CD, como intérprete, compositor, instrumentista e produtor. Em 2006 estreou como ator e músico do musical "Besouro Cordão de Ouro", de Paulo César Pinheiro, com direção musical de Luciana Rabello, vencedor do "Prêmio Shell", na categoria de "Melhor Música" naquele ano. Em 2009 lançou seu primeiro CD solo "Capoeira Popular Brasileira", no qual mesclou instrumentos tradicionais da capoeira ao cavaquinho e ao violão. Em 2007 sua composição "Água pra viver", em parceria com Cebolão, foi tema da encenação "Água de beber", do grupo teatral Intrépida Trupe. Em 2010 participou tocando berimbau em todas as faixas do CD "Capoeira de Besouro", de Paulo César Pinheiro. O disco foi indicado ao "Grammy Latino" e ganhador do "22º Prêmio da Música Brasileira", na categoria "Melhor Álbum Regional".

A PELEJA DE BOA VOZ COM O CANTADOR MISTERIOSO



Autor: Victor Alvim Itahim Garcia (Lobisonem)

Victor Alvim Itahim Garcia
(LOBISOMEM)

**A Peleja de
Boa Voz
com
O Cantador
Misterioso**

PROJETO



LITERATURA DE CORDEL

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões e outros, a literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). O verbete cordel se refere ao cordão ou barbante em que eram pendurados os folhetos para a venda.

LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Vinda de Portugal, a literatura de cordel chegou ao Brasil e no coração de nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador, primeira capital do Brasil. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. Os primeiros livretos impressos no Brasil datam do final do século XIX como "A PELEJA DE RIACHÃO COM O DIABO" escrito por Leandro Gomes de Barros. Bastante difundidos e vendidos nas feiras nordestinas, os livretos de cordel apresentam um gênero literário popular em forma de poesia.

CAPOEIRA E LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel exerce grande fascínio e influência sobre os capoeiristas. Trechos de folhetos famosos como "A Peleja de Riachão com o Diabo", "A Vida de Pedro Cem", "O Valente Vilela", "A Donzela Teodora" entre outros são cantados desde, pelo menos o início do século passado pelos velhos mestres baianos como Bimba, Pastinha, Traíra, Cobrinha Verde, Waldemar da Paixão e outros.

XILOGRAVURA

A xilogravura é a arte de gravar em relevo na madeira. Depois de gravada a matriz recebe uma camada de tinta que possibilita a impressão sobre papel. São muito usadas para ilustrar as capas dos folhetos de cordel brasileiros.

Victor Alvim I. Garcia
(Lobisomem)

A Peleja de
Boa Voz

CUM
U Cantador
Misterioso

Boa Voz tava cantando
Na roda de capoeira
Quando apareceu um homem
Dizendo dessa maneira:
- Desafio o cantor
Pra versar a noite inteira!

O homem apareceu
Ninguém viu de onde veio
Era alto e corcunda
Tinha o rosto muito feio
Os olhos esbugalhados
E uma cicatriz no meio

(Homem)

- No dia que eu amanheço
Com vontade de cantar
Afino minha viola
E começo a procurar
Um cantador afamado
Para eu desafiar

Se você é cantador
Eu lhe lanço o desafio
Vamos cantar em sextilhas
Por várias horas a fio
Seja dia ou seja noite
Chuva, sol, calor ou frio

(Boa Voz)

- Eu aceito o desafio
De cantar não tenho medo
Nunca vi um cantador
Que me guarde algum segredo
Começo a cantar de noite
Só paro de manhã cedo

(Homem)

- Eu gostei desse enredo
Você é bem corajoso
Pois para cantar comigo
Só vejo cabra medroso
Que treme as pernas de medo
Com meu canto poderoso

(Boa Voz)

- O seu canto é venenoso
Mas eu estou bem atento
Pois pra cobra venenosa
Conheço encantamento
A poderosa oração
De Nosso Senhor São Bento

(Homem)

- Mas não terá livramento
Pois tenho muito poder
Faço o pobre enriquecer
Faço o rico empobrecer
Já fiz mulher se casar
Já fiz homem se perder

(Boa Voz)

- Eu respeito o seu poder
Mas conheço um bem melhor
O poder do Criador
Não existe outro maior
Com Deus no meu coração
Não me acontece o pior

(Homem)

- Mas você é bem menor
Pra poder cantar comigo
Não vá se amedrontar
Não te ofereço perigo
Se você fugir de mim
Te aplico um castigo

(Boa Voz)

- Eu para cantar contigo
Não sinto medo nenhum
Eu já canto há muitos anos
Não vejo problema algum
Minha fama corre o mundo
Eu canto com qualquer um

(Homem)

- Já ouvi um zum-zum-zum
Falam muito de você
Mas eu já cantei com Bimba
Pastinha e Mucungê
Com Traíra, Caiçara
E Raimundo Aberrê

(Boa Voz)

- É assim que a gente vê
Quem só vive escondido
Pois nunca te vi mais gordo
Seu cantador atrevido
Disso tudo que tu fala
Eu escuto, mas duvido

(Homem)

- Você é bem esquecido
Pois me conhece também
Já andou muito comigo
Agora me tem desdém
Finge que não me conhece
Me trata de “zé-ninguém”

(Boa Voz)

- Você sabe muito bem
Que nunca me conheceu
Rodei o Brasil inteiro
Junto com o berimbau meu
Não existe atualmente
Cantador maior que eu

(Homem)

- Pois você se esqueceu
Mas não tem problema não
Cantador maior sou eu
Pelejei com Riachão
Já cantei com Camafeu
Já briguei com Lampião

(Boa Voz)

- O meu brado é de leão
O meu canto é ancestral
Estremece até o chão
E quebra qualquer cristal
Como a fúria de um vulcão
No toque do berimbau

(Homem)

- O meu canto é maioral
Quem escuta nunca esquece
Corta mais do que punhal
O impossível acontece
O meu canto é colossal
Tudo em volta emudece

(Boa Voz)

- O meu canto é uma prece
Com letra e melodia
Ninguém nunca se Entristece
Meu cantar tem harmonia
A roda se enobrece
Com a minha poesia

(Homem)

- Agora chegou o dia
De você ser derrotado
Vai chorar de agonia
Vai sofrer angustiado
Gaguejar na cantoria
Se esconder envergonhado



(Boa Voz)

Você está muito enganado
Quem você pensa que é?
Sou cantador afamado
Sou homem de muita fé
Tenho o corpo fechado
Jesus, Maria e José

(Homem)

- Eu sou lá do Abaeté
Mas viajo o mundo inteiro
Corro sem usar o pé
Venço todo mandingueiro
Sei voar alto e até
Posso andar sobre um braseiro

(Boa Voz)

- Isso é papo bem fuleiro
Mentira, enganação
Se você é feiticeiro
Me prove isso então
Quero ver brotar dinheiro
Se plantar algum tostão

(Homem)

- Eu faço adivinhação
Tenho tudo o que eu quiser
Me diga Sebastião
O que é que você quer?
Coloco na sua mão
Carro, dinheiro e mulher

(Boa Voz)

- Procure outro qualquer
De você não quero nada
Trabalho o mais que puder
Dê o fora camarada
Pois haja o que houver
Não caio nessa cilada

(Homem)

- Vou cantando essa toada
E uma proposta lhe faço
Me acompanhe pelo mundo
Lhe transformo num ricaço
E nós dois cantando juntos
Ninguém causa embaraço

(Boa Voz)

- Eu não caio nesse laço
E não quero parceria
Tudo que vem muito fácil
A cobrança chega um dia
Quando a esmola é demais
Logo o cego desconfia

(Homem)

- Fique em minha companhia
E terá muita riqueza
Sua fama aumentará
Entrará para a nobreza
Será chamado de rei
Majestade, Vossa Alteza

(Boa Voz)

- Eu não temo a pobreza
Quero só o que mereço
Nunca vi facilidade
Que não tenha o seu preço
O que é meu está guardado
Ninguém muda de endereço

(Homem)

- Eu também lhe ofereço
As mulheres mais formosas
Grandes fazendas de gado
Embarcações luxuosas
Prata, ouro, diamante
E as funções mais poderosas

(Boa Voz)

- Propostas indecorosas
Não fazem minha cabeça
Tire o cavalo da chuva
Por favor desista, esqueça
Eu não faço parceria
Com alguém que não conheça

(Homem)

- Pense bem, amadureça
A proposta que lhe fiz
Seremos os dois maiores
Cantadores do país
E você também terá
Tudo o que sempre quis

(Boa Voz)

- Eu já sou muito feliz
Pois tenho Deus do meu lado
Só canto contigo hoje
É assunto encerrado
É melhor andar sozinho
Do que mal acompanhado

(Homem)

- Você é mal educado
E pode se arrepender
Não sabe o que sou capaz
Pois tenho muito poder
Faço você virar sapo
E o seu vozeirão perder

(Boa Voz)

- Eu vou me aborrecer
Seu papo é torto e chato
Cismou com a minha cara
Grudou feito carrapato
Eu vou lhe deixar sozinho
E vou embora pro mato

(Homem)

- Tu é o maior barato
Não precisa ir embora
No mato tem lobisomem
Boi Tatá e caipora
É melhor você ficar
Comigo aqui agora

(Boa Voz)

- Eu já estou dando o fora
Já cansei dessa agonia
Com homem desconhecido
Não faça mais cantoria
Procure outro parceiro
Vá pra outra freguesia

(Homem)

- Eu não quero ingrisia
De você gostei bastante
Eu passava por aqui
E parei no mesmo instante
Assim que te avistei
E olhei no seu semblante

(Boa Voz)

- Que cisma mais irritante
Procure outro cantador
Você acabou com a roda
Ao povo trouxe pavor
Parece até que saiu
De um filme de terror

(Homem)

- Eu vim fazer o favor
Para lhes dar um recado
Mas quando o povo me viu
Correu muito assustado
Tinha gente me chamando
De homem mal assombrado

(Boa Voz)

- Pois qual era o recado
Que você veio nos dar?
A roda de capoeira
Conseguiu atrapalhar
Dê logo o seu aviso
E pode se retirar

(Homem)

- Eu só vim para lembrar
Aquele seu camarada
Para sempre pedir licença
Com respeito na chegada
Quando for armar a roda
Na beira da encruzilhada!

O dobrão caiu no chão
Boa Voz se distraiu
Olhou pra baixo e em seguida
Seu olhar logo subiu
E foi neste mesmo instante
Que o tal sujeito sumiu

Não se viu pra onde foi
O homem misterioso
E assim como chegou
De um jeito espantoso
Também desapareceu
O cantador assombroso

Boa Voz ficou sozinho
Olhando para os lados
Foi saindo de mansinho
Com os olhos arregalados
Disfarçou, saiu correndo
Tropeçando nos calçados

Chegou em casa bufando
Rosto pálido e suado
Totalmente esbaforido
Com cara de assustado
Relembrando a peleja
Com o homem mal assombrado!

E deste dia em diante
Nunca mais quis arriscar
Com gente desconhecida
Prometeu não mais cantar
Para não topar de novo
Com figuras de assombrar

FIM

Setembro/2008

NOTA DO AUTOR

Este folheto é inspirado nos grandes desafios entre cantadores e repentistas, que foram transformados em folhetos de cordel, como A Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho, Romano do Teixeira com Inácio da Catingueira, Serrador e Carneiro, Pinto com Milanez, entre centenas de outros.

Um dos maiores clássicos da literatura de cordel de todos os tempos é “A PELEJA DE MANOEL RIACHÃO COM O DIABO”, de autoria do poeta LEANDRO GOMES DE BARROS. Trechos desta “peleja” transformaram-se também em algumas das mais clássicas e conhecidas ladainhas, cantada há décadas nas rodas de capoeira.

“A PELEJA DE BOA VOZ COM O CANTADOR MISTERIOSO” é uma pequena homenagem que faço a este amigo e talentoso artista e a todos os grandes cantadores da capoeira, através da linguagem popular da literatura de cordel brasileira.

O AUTOR

“Lobisomem” é o apelido de Victor Alvim Itahim Garcia nascido no Rio de Janeiro em 21 de dezembro de 1973, filho de Joe Garcia e Nádia Itahim Garcia.

É capoeirista, discípulo de Mestre Camisa e membro da Abadá-Capoeira. Compositor e poeta popular, foi eleito em 2007 para ocupar, na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a cadeira de nº. 27, tendo como patrono o poeta Severino Milanês.

Tem como objetivo maior sempre divulgar e elevar o nome da capoeira, da literatura de cordel e de toda a cultura popular brasileira.

É autor de:

- Mestre Camisa – 50 Anos de Lutas e Vitórias
 - Histórias e Bravuras de Besouro – O Valente Capoeira
 - Zumbi & Bimba – Símbolos da Resistência Afro Brasileira
 - A Peleja de Lampião com Besouro Mangangá
 - O Encontro de Luiz Gonzaga com Mestre Waldemar no Céu
 - Nascimento Grande - Um Gigante da Capoeira Pernambucana
 - Manduca da Praia – O Lendário Capoeira do Rio Antigo
 - ABC da Capoeira para Crianças
 - O Desafio de Jackson do Pandeiro com Mestre Canjiquinha
 - Era Uma Vez um Planeta
 - A Turma do Lobisomem Contra o Monstro da Destruição
 - A Luta do Mestre Gigante contra o Lubizone
- entre outros títulos.

Contatos:

Tel: (21) 9883-8945

e-mail: victorlobisomem@yahoo.com.br

ZUMBI BAHIA

Adalberto Conceição da Silva, nascido em Salvador-BA. Coreógrafo, Cantor, Compositor Percussionista, Professor e Pedagogo. Por suas atividades de preservação da Capoeira na Paraíba e Recife, ganhou Prêmio outorgado pelo IPHAN (2010/2011) denominado "Patrimônio Imaterial Vivo". A sua experiência coreográfica aconteceu inicialmente com o Grupo "Filhos de Obá" na Bahia, onde a sua formação tem início, mantendo contato com outros grupos e pessoas de renome na década de 1960, que contribuíram para a sua formação como: Mestre Boa Gente que lhe graduou Mestre de Capoeira no ano de 1977. Estudou Licenciatura em Pedagogia com Habilitação em Magistério Superior e Gestão Educacional. Coursou Especialização em Docência da Educação Superior. Tornou-se professor acadêmico de algumas Instituições de Ensino Superior no Estado do Maranhão e atua como Coordenador Pedagógico do Instituto Oficina Affro/MA. Em 2018 é Pós-Graduado em Lisboa – Portugal, com o grau de Mestre em Ciências da Educação.

CORDEL EM DESTAQUE:

História da capoeira no Recife.

2BAHIA, Zumbi; AVESTRUZ. História da capoeira no Recife. (encontrado em vídeo e transcrita)

BAHIA, Zumbi; AVESTRUZ. História da capoeira no Recife



Vou contar uma história que no Brasil sucedeu
Na Capitania de Pernambuco
Foi onde aconteceu
A Criação da Capoeira.
Em função da resistência
Ela ainda não morreu
Negros fugiam para as matas
Em quilombos se formavam
E no período da invasão Holandesa
Muitos aproveitaram
Domingos Jorge Velho
Em Pernambuco procurou
O quilombo dos Palmares foi ele quem incendiou
Negro que voltou para o Engenho
No pelourinho apanhou
Antigamente era uma dança
E o negro se divertia

Porem com necessidade
E com grande euforia
Dos chicotes dos senhores
Jogando capoeira
Negro se defendia
Passaram-se os anos e disseram que os negros
Ganharam a liberdade
Porem marginalizados
Eles ficaram na cidade
Sendo vitimas de afrontas
E através da Capoeira
Mostravam suas habilidades
Foi pelas banda do recife
Que a coisa ficou feia
Foi pernada, navalhada
Faca e facão costeleta
Um dos primeiros a combater a capoeira
Foi Manoel Deodoro da Fonseca
No Recife a Capoeira era um Brasão de valentia
Nem mesmo a própria polícia com eles não se metia
E onde houvesse um folguedo
Um bando deles surgia
Manifestavam felizes
Preferência pela musica
Que entre todas as artes para ele era a única
Que usavam para fazer
Jogando Capoeira
Uma exibição publica
Tinha seu código de honra
Nunca falar com ninguém de perto
A não ser com mulher bonita

E sustentavam um harém
Por quem nutriam grande paixão
E amizade também
E em meio a serenatas
Eles aprontavam das suas
Seguiam as grandes bandas de musicas
Que vinham as ruas
Havendo até mesmo a morte
Quando se encontravam duas
Fosse o Fandango ou o Coco
Serviam-lhe de brinquedo
Bumba meu Boi ou pastoril
Ou outro qualquer folguedo
As capoeiras se faziam
Presentes por lá sem medo
O apuro no vestuário
Todos de ponto em branco
O paletó sempre aberto
No rosto um sorriso franco
Botina de bico fino
Vestiam se bem, no entanto
Afirmavam se pela trunfa do pixaim
Ao Mulherio sempre simpático
Ao homem macho de fato e de brio
Com toda virilidade mostravam seu poderio
Em Recife muitos Capoeiras ficaram famosos
Entre o frevo e o Estrudo
Como "Nascimento Grande", "Amarao Preto"
E "Sabe tudo" Bentinho de Lucas e Bontinho
Um Capoeira Sisudo
Entre as agremiações

Carnavalescas, havia rivalidade
Os exercícios que eles praticavam
Na verdade, eram de Capoeiragem
Rasgando os bombos e se agredindo
Pelas ruas da cidade
Haveria de chegar
Castigo para todos eles
O governo e a Polícia
Tentaram dar um fim neles
E até para o cemitério
Andou mandando alguns deles
O mais pobres continuaram
Sempre a saracotear
Como uma tropa de choque
Nas ruas, em qualquer lugar
Em frente a todos os desfiles
E pronta para bagunçar
Mas procurando evitar
Da polícia as bordoadas
Foram maneirando os golpes
"Rabos de arraias" e Pernadas
E toda agressividade
Dos "Pisões" e "Cabeçadas"
E sempre fui aumentando
O combate a Capoeira
Era preso e condenado
Quem fizesse tal besteira
E já em outros estados
Fingia-se em brincadeira
Noutras danças se espalhou
No Maracatu rural

E no Bumba meu boi ficou
Mas foi no "passo" do frevo
Onde mais se perpetuou
Meus senhores e senhoras
Vejam o que sucedeu
Na sede do boi castanho, em Recife
A capoeira renasceu
É o mestre Zumbi Bahia
Quem diz que ela não morreu
A Capoeira é para homem
Para menino e para Mulher
Pura arte brasileira
Não aprende quem não quer
Procure um professor, pode ser Zumbi Bahia
Se acaso você quiser

APÊNDICE

PAULO CÉSAR DA SILVA GONÇALVES

Esta obra foi produzida por mim para homenagear Waldemar Rodrigues da Paixão, o Mestre Waldemar do Barracão da Liberdade. Mesmo sem conhecer esse grande capoeira e tocador de berimbau, em minhas memórias de capoeira a figura dele sempre se fez presente. Além disso, sou nascido e criado no bairro da Liberdade, uma das localidades mais negra da Bahia. Por estas razões, achei por bem apresentar esse cordel como um produto de minha tese.

CORDEL EM DESTAQUE:

MESTRE WALDEMAR: De Ilha de Maré ao Corta-Braço

Local de produção

Oficina de Cordel: Tradições e Modernidades ministrada pela socióloga Eliene Diniz e promovido pela Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC).

Oficina de Literatura de Cordel - Criação e Confecção ministrada pelo poeta Osmar Machado Jr, no Ponto de Cultura Boiada Multicor.

APDIOS

Espaço Cultural Conversa de Capoeira Mestre Cafuné
Fundação Mestre Bimba

Agradecimento: Ao Cordelista e Professor Antônio Barreto pelas dicas preciosas sobre oração, rima e métrica.

Contatos

e-mail: gsilva.paulo@gmail.com
71-98760-3807



FUNDAÇÃO
MESTRE
BIMBA



US FAGED 50
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



Impressão e arte final
Gráfica e Editora Vento Leste
71-99932-7446.

Literatura de Cordel MESTRE WALDEMAR: De Ilha de Maré ao Corta-Braço



PAULO GONÇALVES (MINISTRO)
SALVADOR - BA
OUT, 2020

Bimba e Pastinha licença,
Agora vou versejar
A história de um grande mestre
E sua vida elevar
Saberes de povos negros
Que não puderam contar.

O seu nome é Waldemar
Ilha de Maré a beldade
Caribe de Salvador
Foi sua localidade
Água límpida e brilhante
A qual lhe dá a majestade.

Mil novecentos dezesseis
É o ano do nascimento
Capoeira da Bahia
Homem de muito honramento
Suas histórias bravias
Que gerou contentamento.

Cidade ficou pequena
Pois tinha muito a ensinar
Capoeira e berimbau
Pessoas deliciar
E Deus sabe sua luta
Para a polícia driblar.

No início não foi fácil
Capoeira era banida
Assim muitos tinham medo
Dessa mandinga temida
Salve nossos grandes mestres
Que não a acharam vencida.

De Maré pra Capital
O caminho se firmou
Foi jogando capoeira
Muito bamba derrubou
Seja preto, seja branco
Capoeira se afamou.

2

No bairro Periperi,
dos mestres teve a lição:
O Neco Canário Pardo
E Telabi a precisão
Também Ricardo da Ilha
Ensinou com discrição

E também Siri do Mangue
Outro Mestre magistral
A rasteira, vingativa
A chamada original
Capoeira da Bahia
Evento fenomenal

Subúrbio ferroviário
Pro bairro da Liberdade
Mestre Waldemar mudou
Bairro preto da cidade
De cultura e resistência
E muita notoriedade

3

Berimbau, seu grande amigo
Promoveu a evolução
Pois do berimbau de casca
O verniz lhe deu função
O aço do pneu de carro
Tirava com afirmação.

Berimbau branco ele fez
Por muito tempo a alegria
De gente de toda cor
No Corta Braço-Bahia
Saudade do velho tempo
De grande galanteria.

Os seus berimbaus em cores
Esses sim a sua fama
Vermelho, branco e azul
Brilhantar o panorama
De quem queria jogar
A Capoeira da trama.

4

Pero Vaz no Corta-Braço
Levantaram barracão
Local que todos domingos
Tinha muita jogação
Capoeira lá e cá
Jogava e dava a mão.

Jorge Amado com as letras
Pierre Verger, pintura
Odorico no jornal
Todos iam a fartura
Barracão de Waldemar
Promovendo essa mistura.

Mário Cravo, Alceu Maynard,
Caribé, Eunice Catunda
Todos iam ao Corta-Braço
Expiar dança fecunda
Queriam mesmo entender
Se era ordem ou barafunda.

5

Encontraram grandes mestres
Pastinha, João Pequeno
Caigara, Bimba, Pelé
Noronha, talvez, ameno
Outros Mestres se chegavam
Jogando com seu veneno.

Eu passo a contar um caso
Mais engraçado da prosa
E vale a pena escutar
Tal história melindrosa
Preste atenção capoeiras
Que coisa demais jocosa.

Pediram a Waldemar
100 berimbaus coloridos
Rolou lá no Pero Vaz
E tudo bem escondido
Ao chegar lá no estrangeiro
Não fizeram alarido.

6

Waldemar muito tihoso
Não podia preparar
Tantos berimbaus pra gringo
Que queriam impressionar
Fez com cabo de vassoura,
Sem biriba colocar.

Bonitos, ficaram sim,
Mas sem som pra ressoar
Tentaram de toda forma
Esse berimbau agradar
Seja rico, seja pobre
Tal cabo não pode usar.

Capoeira que se preze
Biriba sabe no olhar
Nosso Deus do céu o perdoe
Capoeira secular,
Na Liberdade fez fama
Por saber tanto jogar.

7

Não se zanguem com o desfecho
Pois mais nobre é o legado
Waldemar do Berimbau
Homem forte e abnegado
Barracão do Corta-Braço
Eu lhe deixei situado.

Bimba e Pastinha despeço
Breves as palavras são
De Waldemar eu contei
Mestre de grande lição,
Os mais jovens desconhecem
Tamanha façanha e ação.

Leitores, muito obrigado
Por poderem escutar
História de um grande mestre,
O saber nos fez criar
Na volta que o mundo deu,
Na volta que o mundo dá.

FIM!

8